

CLÁUDIA LEMES



EU VEJO KATE

O DESPERTAR DE UM SERIAL KILLER

| E | M | P (Í) R | E | O |

PERIGOSAS

CLÁUDIA LEMES

EU VEJO KATE

O DESPERTAR DE UM SERIAL KILLER

SÃO PAULO

| E | M | P | (Í) R | E | O |

2015

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

CLÁUDIA LEMES

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

EU VEJO KATE

O Despertar de um Serial Killer

NACIONAIS-ACHERON

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Copyright © 2015 Cláudia Lemes
Copyright © 2015 Editora Empíreo

Editor
Filipe Nassar Larêdo
Coordenação Editorial
Adriana Chaves
Assistente editorial
Lucas Raspante

Capa
Project Nine

Ilustração de capa
Poul Carrion

Projeto gráfico & diagramação
Project Nine

Revisão
Project Nine

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA
(DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lemes, Cláudia
Eu vejo Kate : a história de um serial killer / Cláudia Lemes. -- São Paulo : Empíreo, 2015.
ISBN 978-85-67191-14-0
ISBN 978-85-67191-27-0 (E-book)
1. Ficção brasileira 2. Ficção de suspense
I. Título.
15-09032 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção de suspense : Literatura brasileira 869.93

2015
TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À
EDITORIA EMPÍREO
RUA CAJAÍBA, 451

PERIGOSAS

VILA POMPEIA

05025-000 - SÃO PAULO – SP
TELEFONE (11) 2309 2358
WWW.EDITORAEMPIREO.COM.BR
CONTATO@EDITORAEMPIREO.COM.BR

Todo livro deve ser mantido ao alcance de
qualquer pessoa e em contato com os olhos.

Conservar na temperatura do seu ambiente.

Para Leandro

NACIONAIS-ACHERON

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos que me aturaram durante o momento mais difícil de minha vida: o falecimento da minha querida mãe. Como as personagens deste livro, descobri que encarar sua metade mais obscura e seus medos é a única estrada para a recuperação verdadeira, e agradeço àqueles que compreenderam minha jornada.

Sou grata aos meus leitores beta: Glaucia Arize, Larissa Padovan, Leandro Lemes, Juliana Malta, Fabíola Alves Labbé, Nathália Novikovas, Karyne Oliveira, Juliana Maciel, Abraão Fonseca, Marcela Mello e a Larissa Azevedo, pelos elogios e puxadas de orelha. Obrigada à Anna Gabriella Barbosa e Marcelo Rocha pela dedicação na divulgação do livro.

Minha gratidão eterna para quem mostrou preocupação e me deu força nesse ano imprevisível, entre essas pessoas: Mônica e Airtton Bartolotto, Roseli e Ivan Buzon, Maurício Condrad, Roberto e Katty Bravo Zapatta, Pamela Guariso, Wallace Lima Dutra e a família Lemes.

Este livro só encontrou sua casa editorial ideal por intermédio de uma grande incentivadora da literatura nacional, e uma pessoa que tenho um imenso prazer em chamar de amiga, Nathália Novikovas. Para você, infinitos obrigadas.

Um agradecimento especial vai para meu irmão, Rafael, meus doces filhos Cauê, Morgana e Eduardo, minha irmã, Luíza, e a família Sobreira: Bruno, Rafaela, Renata, Juçara, José Ricardo e todos que já se foram.

Adriana Chaves e Filipe Larêdo: obrigada por acreditar e embarcar na jornada comigo.

INTRODUÇÃO

Uma vez li que escrever um livro é como cozinhar: todos gostam de sal, todos gostam de açúcar, mas se você colocar sal ou açúcar demais na receita, a comida não vai ficar muito boa.

Diversas vezes, enquanto escrevia *Eu vejo Kate*, parei e pensei no conteúdo de violência que colocava na minha receita. Temia que fosse sal ou açúcar demais. Eu certamente poderia guardar as mutilações, estupros, mortes e sangue para o clímax apenas, e ter um livro mais elegante como resultado. Por que decidi não seguir esse caminho? É simples: **este é um livro sobre assassinos em série**.

Não há forma de ser realista em relação a serial killers sem sujar as mãos. Depois de mais de dez anos estudando suas histórias, seus crimes e os dados coletados e analisados sobre eles, percebi que os outros livros de ficção, os filmes e os seriados nos pouparam do que são realmente capazes de fazer e têm feito há séculos. As obras mais fantasiosas já existem e estão aí para a apreciação de todos, inclusive minha. *Eu vejo Kate* é diferente. É uma história com um lado emocional e uma veia sobrenatural em determinados momentos. Mas, sobretudo, é uma obra que fala de serial killers, como são e o que realmente fazem. E, nessa receita, não poupei sal, açúcar, pimenta; nem sangue. Também não escrevi um livro que “ensina” sobre serial killers. Embora os tenha pesquisado à exaustão, não acredito ter qualificação para isso. Livros muito melhores, para quem quer entender do assunto, já foram escritos. Recomendo alguns citados nesta obra.

Se você em algum momento parar a leitura e pensar: isso não é possível, ninguém iria tão longe, garanto que está enganado. Os crimes aqui retratados foram cometidos por diversas vezes na história da humanidade e neste livro não se faz qualquer tipo de apologia a eles. Pelo contrário, acredito que quanto menos mitos e glamour cercarem o assunto, mais conscientes as pessoas estarão de assassinos assim à sua volta, mais pesquisa e recursos serão injetados para capturar esses indivíduos e, conseqüentemente, menos vítimas existirão.

PERIGOSAS

Cláudia Lemes

NACIONAIS-ACHERON

PARTE UM

O DESPERTAR



Eu vejo Kate. Ela não me vê.

Uma das dúvidas constantes em relação à minha condição – e a dela – é se ela poderia me ver se acreditasse em mim. Ou se não me ver não é, e nunca foi, decisão dela.

Kate está fazendo uma pesquisa neste exato momento. Ontem à noite, ela decidiu escrever minha biografia. A história da minha vida, dos meus crimes e, consequentemente, minha morte.

O que Kate não sabe é que ao decidir escrever o livro, ela me atraiu.

Aqui estou eu, você pode escolher do que me chamar. Fantasma, espírito, aparição, energia residual. Não importa. Sou Nathan Bartham Bardel, também conhecido como “O Esfaqueador de Damas de Blessfield”. Esse é provavelmente o apelido mais preguiçoso que poderiam ter me dado. Eu o odeio. Até gosto que identifique a cidade onde eu cresci e assassinei minhas vítimas, mas “damas” é ridículo. E “esfaqueador”, embora deixe explícito a escolha da minha arma, limita a compreensão do meu modus operandi. Para simplificar: eu acredito que deveria ter recebido um apelido mais sinistro, original, esclarecedor e autoexplicativo. Não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. E acredite em mim, eu tentei.

NACIONAIS-ACHERON

Meu pai me chamava de Nathan.

Minha mãe me chamava de Nate.

Minha irmã me chamava de B.B.

Meu padrasto, mais tarde, simplesmente não me chamava.

Alguns garotos me chamavam de bundão, seja lá o que isso de fato signifique.

X X X

Concentro-me em Kate agora.

Aproximei-me quando ela disse meu nome, em voz alta, pela primeira vez. Está radiante com a ideia e empolgada por ter um novo projeto. Kate estava sentada com as pernas flexionadas, pés sob a bunda, falando ao telefone com sua editora e amiga Savannah. Está sorrindo quando diz, cigarro na mão:

– O interessante é que o cara é de Blessfield e isso é no estado. Serial killers estão na moda. Quero fazer algo tão detalhado e substancial quanto Zodíaco, mas muito menos entediante como leitura. Eu quero o sangue, as tripas e o sexo da coisa. Isso é o que as pessoas querem também.

Ela ficou calma enquanto ouvia Savannah na linha. Fiquei feliz por ainda não ter começado a me xingar. Feliz pelo seu interesse. Sim, sinto coisas. Tenho emoções. E confiem em mim, sempre tive. Na verdade, assassinar sempre foi algo emocional.

Kate desliga e fica ali, imóvel, fumando. Sua mente tenta organizar as ideias. Ela está linda. Sei que, se estivesse vivo, não descansaria até tirar sua vida. Eu não dormiria até sentir sua pele quente contra a minha. Teria sonhado com a sensação do calor de seu sangue pingando em mim, e teria tido ereções perigosamente intensas e duradouras com esses pensamentos.

Kate apaga o cigarro. Ela caminha com os pés descalços até a mesa da cozinha, onde o seu caro notebook está aberto com a tela preta esperando por algo. Seu teclado desejando, como eu, ser tocado. Senta e move o mouse em rápidos e pequenos círculos, trazendo a tela para vida. Kate começa a sua investigação sobre mim. Toma nota de todos os livros (não muitos) que mencionam meu nome ou meus crimes. É por aí que vai começar, mas antes faz algo que tem um impacto forte e definitivo sobre mim. Kate salva uma imagem minha, uma fotografia colorida em tons de magenta e amarelo profundo do julgamento que confesso adorar, na qual estou piscando para meu advogado, e a define como fundo de tela.

Isso me faz sorrir.

Eu não sorrio mais com os lábios, é um sorriso da alma, de tudo o que sou.

Kate é uma mulher pequena. Tem vinte e nove anos e odeia sua pele pálida e branca. Gostaria de ter um bronzeado dourado que pudesse mostrar em calças capri brancas. Acha que, se tivesse essa cor, esfregaria apenas uma

gota de óleo de bebê nas pernas e elas adquiririam um brilho bronze. Para Kate, isso “seria a coisa mais sexy”.

Ela tem cabelos pretos e brilhantes que passam ligeiramente dos ombros. Eu absolutamente estou apaixonado pelo cabelo dela.

Seus olhos verdes são minha característica favorita. Eles têm os mais grossos e longos cílios que me lembro de ter visto. Seus lábios são carnudos, e hoje estão secos. Sua família é composta de caipiras babacas e ignorantes e eu sei disso porque Kate sabe disso. Ela sente vergonha do fato de que eles não têm cultura suficiente para compreender sua obra. Quando ela menciona o nome de um autor popular contemporâneo, como Dan Brown, eles não têm ideia de quem ela está falando. Envergonha-se de sua irmã ter feito papel de idiota quando ficou grávida na escola e teve que sair no primeiro ano do colegial para cuidar de seu sobrinho Morris. Sua família reside em Blessfield até hoje. Gostaria de saber se por acaso cheguei a conhecer alguma dessas pessoas no minimercado local. Eu me pergunto se já coloquei os olhos em sua irmã e a desejei febrilmente.

Kate gosta de correr, não por causa dos resultados em seu corpo, mas porque a atividade a bombeia com hormônios que a deixam mais animada e eufórica. Isso a moldou e, embora seja magra, ela tem braços, abdômen e coxas durinhos. Ela tem peitos pequenos que terminam em mamilos castanhos-claros. Suas unhas são curtas porque as rói. Há finas cicatrizes, praticamente invisíveis, em seu corpo porque costumava se cortar quando era adolescente. Ninguém sabe desse fato. Kate tem vergonha disso. Sempre que o assunto surgiu no passado, durante um jantar com amigos ou algo do tipo, ela permaneceu em silêncio. Cortar-se não é tão absurdo ou doloroso como a mídia gosta de mostrar. Algumas pessoas nem sequer sabem que são cortadoras. Depois de ter feito isso por muito tempo, a dor é secundária. Kate sabe disso. Kate já pesquisou sobre a química que nosso cérebro libera em nossos corpos quando frequentemente nos expomos à dor. Ela acredita que o corte liberta os demônios interiores, pelo menos por um tempo. Ela leu sobre tribos da África cujos membros se cortam como parte de rituais espirituais de purificação. Um de seus livros favoritos, *Love: A História de Lisey*, de Stephen King, fala basicamente a mesma coisa.

Kate foi dormir quase às quatro da manhã quando estava satisfeita com a pesquisa. Tomou uma ducha. Observei-a e percebi que ela gosta de água bastante quente, quase fervendo. Acho que ela deve se sentir suja por algum motivo que ainda não consegui captar dos seus pensamentos, porque é para

isso que serve água fervendo, não é? Purificação. Ela sai e se seca, metodicamente, com uma velha toalha azul. Envolva o cabelo com a toalha e caminha para o quarto sem olhar para si mesma no espelho. Passa direto por mim, e eu desejo com toda minha vontade ser capaz de tocá-la.

Vejo como ela desliza em si uma calcinha branca e abre três gavetas em busca de uma camiseta que não encontra. Ela murmura e escuto:

– Ele levou? Porra, não acredito que ele levou! – E sinto o quão nervosa e triste ela está. Concentro-me e entendo que ela ama alguém. Alguém que recentemente a deixou e levou sua camiseta preferida.

Kate suspira, fecha os olhos e não se move por um tempo. Adoro quando fica nua. Reabre sua segunda gaveta e tira um top de algodão estilo nadador que comprou na liquidação de uma loja de departamento três meses atrás. Ela o veste e vai até a cômoda. Aperta brutalmente os botões de um telefone celular com os polegares. Eu leio o que está escrevendo enquanto acha as palavras: “O desgraçado pegou minha camiseta do Frankenstein”, e pressiona enviar. Vejo que está pensando em Savannah. Há mais nessa história, mas eu não sou capaz de compreendê-la agora. Sou limitado.

Kate recebe imediatamente uma mensagem. Eu vejo como está aliviada. A mensagem diz: “Mate-o”.

Eu sorrio com toda a minha alma novamente. Kate sorri também.

Nós já temos tanto em comum.

Kate dorme com a televisão ligada, sem escovar os dentes. Tomou sorvete enquanto assistia a um episódio de sua série favorita, algo sobre investigação criminal e completamente irreal. Fumou um cigarro e adormeceu. Eu me aproximo e sento em sua cama. Observo-a. O tempo para mim não é o mesmo que o tempo para aqueles que, como Kate, estão vivos. Eu não me canso de vê-la. Fico lá até ela acordar.

Quando isso acontece, ela se senta no vaso sanitário e urina. Lava o rosto e as mãos, escova os dentes e faz café na cozinha. Assim que sente o gosto da bebida, ela acende um cigarro e fuma um pouco mais. Está calma e contente. Sua felicidade é como um cobertor de esperança sobre uma camada de tristeza. A tristeza está relacionada ao homem que a deixou. A felicidade está relacionada com o novo homem em sua vida.

Eu.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

X X X

Uma semana se passou.

Savannah está interessada no livro de Kate, que publicou dois até agora. Seu primeiro não vendeu muito, mas teve algumas boas críticas, enquanto seu segundo foi muito melhor, embora ela ainda seja uma escritora desconhecida. Este será seu primeiro de não ficção. Ao contrário de Savannah, Kate não vê muita diferença entre escrever romances e biografias.

Eu amo estar aqui. Ela decorou toda a sua sala de estar comigo e com o meu trabalho.

Ela imprimiu abundantes artigos sobre mim, decorou suas paredes com fotos de minhas vítimas. Logo abaixo dessas, ela tem colado fichas com seus nomes completos, datas de nascimento e morte, cidades de origem, locais da morte, modus operandi. Acho isso fascinante.

Sua casa está se tornando um museu sobre mim. Ninguém nunca se importou tanto comigo quanto Kate. Tive manchetes em abundância nos jornais, mas após minha morte fui esquecido até Kate ter sua brilhante ideia.

Ela é metódica. Acredita que isso tem a ver com o fato de que nasceu com o signo de virgem. É possível. Acho isso bobagem, mas sou um homem de mente aberta.

Kate está fazendo uma linha do tempo da história da minha vida. Ela tem que fazê-lo fisicamente, não consegue visualizá-lo no computador. Arrasta um longo fio de lã contra a parede, logo abaixo das fotos. Sua cor é vermelha. Prensa tachinhas nele para fixá-lo à parede. Parece estranhamente fora de lugar quando termina, mas está satisfeita. Sua intenção é traçar linhas em ordem cronológica, colar cartões na ponta de cada uma, onde vai escrever fatos importantes da minha vida. Isso será uma surpresa para mim. Kate vai organizar fatos e eventos até encontrar conexões importantes entre eles. Estou ansioso para isso.

Esta noite ela decide parar de trabalhar mais cedo. Acaba de entrar no apartamento, carregando algumas sacolas de compras. Não se preocupa em trancar a porta. Começa a retirar os itens das sacolas plásticas. Eu vejo coisas pouco saudáveis. Três pacotes de cigarros, pipoca de micro-ondas, refrigerante de cereja, burritos congelados. Ela enfia um cigarro entre os

lábios e fuma à medida que arruma as coisas, desfrutando do silêncio de seu apartamento. Esta é outra coisa que temos em comum. Eu amo o silêncio.

Kate comprou quatro cervejas. Ela gosta das alemãs. Abre uma enquanto coloca dois burritos no micro-ondas. Há alguém em sua mente. Eu não consigo ter uma ideia clara de quem poderia ser. Ela antecipa alguma coisa.

Em minutos, a campainha toca e Kate está animada. Descubro-me intrigado quando vejo que é sua amiga Savannah. É a primeira vez que a vejo.

Savannah é uma dessas mulheres vulgarmente bonitas. Do tipo que me atraía imediatamente quando estava vivo. Ela tem pele bronzeada e longos cabelos loiros. Está, no entanto, perdendo sua juventude. Nota-se que não tem mais dezoito aninhos. A maternidade fez isso com ela. Quando sorri, algumas rugas de expressão aparecem. Há um ligeiro inchaço sob os olhos azuis. Savannah sabe que é bonita. Sabe que é mais bonita do que Kate, e isso é uma constante fonte de alívio para ela.

Ao olhar a sala do apartamento, com uma verdadeira expressão de choque, Savannah pensa que sua amiga pode estar cruzando a linha da insanidade. Eu sei que Kate ainda é muito sã, e ela parece orgulhosa por causar preocupação na amiga.

– Isso não pode ser saudável. – É o primeiro comentário de Savannah.

Todos nós podemos ouvir o zumbido baixo do micro-ondas.

Kate lhe entrega uma cerveja e admira seu trabalho.

– Você não pode esperar que eu não me envolva.

– Então ainda não superou Dale e está deprimida.

– Foda-se – murmura Kate. Ela bebe cerveja.

Savannah solta um suspiro.

– Vai, fala sobre esse monstro.

– Estou surpresa que ele não tenha recebido mais atenção do que conseguiu. Ele matou pelo menos doze pessoas de maneiras insanamente cruéis. É um serial killer clássico, com manias, assinatura e uma boa dose de sadismo e crueldade. Há fotos, depoimentos de policiais. Posso escrever essa história de uma forma que pode torná-lo o próximo Ted Bundy.

Eu não sei como me sentir sobre isso. Ela está fazendo tudo parecer tão simples. Sou grato por sua motivação, sua dedicação, sua paixão. No entanto, tenho medo de que ela não vá, mesmo depois de toda a sua pesquisa, compreender-me.

Savannah se senta.

– Fala sobre o Dale.

Dale é o galã que partiu o coração de Kate, eu sei disso instantaneamente. Ele a magoou. E Kate não quer falar sobre ele. Por isso olha para a parede com as fotos de minhas queridas vítimas.

– Dale está morando com uma vagabunda chamada Alice.

– Como você sabe disso?

– Internet. Redes sociais. Eu bisbilhoto, tenho meu jeitinho. Ele toca violão para ela, ela fica molhada. Eles postam fotos de sua casa e suas viagens para o Havaí e Nova York.

É interessante como isso a deixa irritada. Ela se sente completamente inútil, mal-amada, rejeitada, humilhada. Eu conheço a sensação.

Savannah bebe um gole de cerveja, sentada na beirada do sofá com os joelhos unidos. Ela brinca com a tampa da garrafa.

– Ele me ligou na quinta-feira.

Isso surpreende e irrita Kate, que finge não se importar.

– Pra quê?

– Perguntou como você está.

– Filho da puta – Kate murmura para si mesma. – Você disse que eu estava bem, certo?

– Disse que você estava seguindo em frente.

Kate fica completamente satisfeita com a resposta, mesmo sendo uma mentira da amiga.

– Quanto tempo tenho para terminar o livro?

– Diga você. Quanto tempo vai demorar?

– Não mais de cinco meses, espero.

– Seu prazo será de seis, então. Quando ele foi executado?

– No dia sete de maio.

– Eu quero o lançamento como uma comemoração de um ano da morte.

Comemoração. Palavra interessante.

Kate concorda.

– Dá pra ver o potencial de comercialização disso.

Savannah está perdida em seus pensamentos. Ela olha para minha parede novamente, mas não quer lê-la. Eu começo a entender as coisas que está pensando. Estou surpreso ao saber que ela conheceu Kate na faculdade e em saber que dormiram juntas naquela época. Durante três anos, perderam contato. Agora se consideram melhores amigas. Savannah pensa sobre sexo com Kate. Detesta a sensação de sentir saudades disso, e de saber que o

marido é entediante na cama.

Decido que não vou com a cara de Savannah. Ela é uma puta superficial com graves tendências narcisistas. Fantasio sobre cortar sua barriga devagar e meticulosamente, com um estilete, e mandá-la correr pela sua casa suburbana enquanto os intestinos deslizam para fora, batendo nas coxas nuas.

As duas discutem sobre outras pessoas que conhecem. Então Savannah encontra uma maneira de trazer Dale para a conversa mais uma vez:

– Se você quiser sair, tomar uma bebida, conhecer um cara...

Kate considera isso. Então se inclina para trás no sofá.

– Não agora. Obrigada pela oferta.

– Você não fez nada de errado. As pessoas acabam se afastando.

– Ele não precisava transar com ela enquanto estávamos juntos.

– Ele pensou que poderia ter as duas por um tempo.

– Tenho certeza que teve.

Essa conversa me entedia. Vou para a minha parede.

Elas continuam a falar atrás de mim enquanto concentro minha energia na parede.

Kate encontrou artigos curtos sobre cada crime. Escreveu resumos:

1º Episódio conhecido: vítima sexo feminino. Candace Wilkins, vinte e dois anos, nascida em Blessfield, FL. Encontrada morta na cena do crime, área arborizada a três quilômetros do supermercado onde trabalhava como caixa. Mercado Sav-Sum. Cena desorganizada, morta no local. Dezenove facadas com faca curta (overkill); agressão sexual post mortem, sem DNA (lubrif. preservativo). Nada tirado da vítima.

Incomoda-me a forma como isto está resumido. Até mesmo Kate sabe que há um monte de outros detalhes que tem que considerar. Eu penso sobre Candace, que matei dezenove anos atrás, aos vinte e um anos. Na verdade, ela foi minha primeira vítima, mas não o primeiro ser vivo que torturei. Lembro-me de Candace como sendo bonita. Eu só matava as bonitas. Sempre me surpreendeu como outros conseguem direcionar tanta energia, planejamento e esforço para matar asiáticas, negras e gordas. Não sentia nada em relação às mulheres que não eram lindas. Talvez seja por isso que não fiz muitas vítimas. Mas tenho certeza de que meus momentos com elas foram muito mais gratificantes do que os assassinatos cometidos pelos meus colegas.

Sei que sou superior a eles. Sei que sou mais esperto, e que sou melhor do

NACIONAIS-ACHERON

que eles em tudo. Só fui pego porque, bem... Perdi o controle.

Voltando à Candace, recordo-me dos seus cabelos castanhos, olhos azuis muito brilhantes e a maquiagem pesada que costumava usar. Ela voltava do trabalho para casa a pé, todas as noites, às oito horas. Candace queria ser pega por um cara como eu.

Kate destacou com uma caneta amarela néon passagens dos artigos que acredita serem importantes. Hora, data do sequestro, quanto tempo eu devo ter passado com o corpo *etc.* Não fiquei muito tempo com Candace. Eu estava com medo naquela noite, suando dentro da minha blusa preta. A adrenalina me fazia sentir como se minha cabeça se expandisse. Minhas mãos tremiam e eu estava com muito, muito medo de ser pego. Tinha receio que ela fosse correr, bater em mim, gritar. Mas ela não fez nada disso. Depois que a joguei dentro da minha velha picape ela lutou um pouco, até que lhe dei um tapa, fraco e desengonçado. Ela silenciou, embora eu não tenha lhe dito nada. Ela chorava baixinho enquanto eu dirigia.

Eu estava animado e fisicamente excitado. Lembro de não querer que ela olhasse para o meu rosto. Não por medo de ser identificado. Eu sabia que a mataria. Soube disso assim que a vi. Só não a queria me olhando. E eu também precisava viver aquilo, ver se a sensação era tão boa como quando eu fantasiava com o ato. Então gritei e ela olhou para o lado, deixando escapar alguns gritinhos nervosos. Lembro-me do som tão bem.

Eu não me lembro de tudo o que aconteceu naquela noite. Tenho lembranças borradas e desconectadas de matar. A noite estava mais quente do que o normal e eu sentia muito calor. Eu conhecia bem aquela mata, costumava passar muito tempo lá quando adolescente, fumando, pensando, bebendo às vezes. Levei-a diretamente para aquele ponto, e ela estava chorando. Tagarelou e falou sobre seu nome e onde tinha estudado e que tinha um cachorro. Ela me implorou para não machucá-la e eu não a estava escutando. Estava curtindo o silêncio das árvores ao meu redor, as árvores que me abrigavam, que sempre me confortavam, e que agora eram mais do que testemunhas para a minha primeira vez. Elas eram cúmplices. Estavam ali para assistir.

Sobre matar... Lembro-me que foi rápido. Lembro-me de puxar a faca do meu bolso de trás e esfaqueá-la. Eu sinceramente não tinha ideia de quantas vezes fiz aquilo até agora. Kate escreveu dezenove. Ela pode estar certa. Se eu tivesse que adivinhar, teria dito sete ou oito. Entendo que o número dezenove deve ter sido informado a mim por algum policial, investigador ou

pelo agente do FBI Ryan Owen. Mas eu não tenho lembrança disso.

Lembro-me da reação física às facadas. Poder é difícil de descrever. Foi mais do que isso. Mais do que controle, mais do que vingança. Quando ela estava morta, entendi que me precipitara. Agressão sexual post mortem soa como algo tão diferente do que foi. Seu corpo ainda estava quente, eu tinha a sensação dela estar viva. Mas, embora o meu desejo sexual nunca tenha sido mais forte, eu estava nervoso demais para atingir o clímax. Depois de cerca de... quanto tempo tinha passado? Quinze minutos? Larguei-a lá, já com saudades, perguntando-me se deveria voltar para ela. Ela era minha, afinal.

Este é o momento em que minha memória fica embaçada. Não me lembro de dirigir de volta para casa.

Lembro-me do dia seguinte, e como ao mesmo tempo real e nebulosa a experiência parecia. Assumi um grande risco e voltei para onde a havia deixado, mas já era tarde demais. Candace já havia sido descoberta. Eu dirigi por lá, lentamente, olhando para o grupo de cerca de vinte pessoas que estavam perto. Dois policiais conversavam e tomavam notas. Um outro falava no rádio.

E o próximo sentimento foi de orgulho. Disso eu me lembro.

Algo está acontecendo. Não tenho ideia de quanto tempo se passou enquanto eu pensava em Candace, porque Savannah está à porta e ela e Kate estão trocando algumas palavras de preocupação e gratidão. Kate está fechando a porta e olhando diretamente para mim, agora. Eu estou quase esperando que ela diga: “Você não gosta dela, não é?”, mas, em vez disso, ela vem andando em minha direção com uma expressão cansada. Ela para na minha frente com os braços cruzados e olha para a foto de Candace.

Quero que ela saiba. Quero sentar com ela e dizer-lhe como foi com Candace. Eu quero contar cada pequeno detalhe daquela noite. Desejo que saiba como o sangue jorrou da garota quando eu puxei a faca. Quero que saiba que levantei minha blusa para que pudesse receber seu sangue em meu abdômen enquanto eu metia dentro dela, repetidamente. Quero ter o talento para expressar, em palavras, como tinha sido matá-la, a sensação que me proporcionou. Kate não está me ouvindo. Kate está movendo seu braço e tocando o rosto de Candace na fotografia impressa, com as pontas dos dedos. Em seguida, ela pergunta:

– Foi rápido?

E eu me dou um momento. Ela está verbalizando essa dúvida. Eu sinto uma conexão com Kate que nunca senti antes, exceto com minhas vítimas.

Eu digo: “Muito rápido!”, numa voz alta que nunca sai de mim. É apenas um pensamento alto. Como minhas vítimas, Kate e eu estamos compartilhando este momento único, singular. Ela suspira. É um som significativo, exausto.

Então, ela dá alguns passos ao redor da sala. Sua mente está borbulhando com as coisas que Savannah disse sobre o cara, Dale. Ela sente falta desse desgraçado. Em seguida, Kate decide agir. Pega um novo livro de uma pilha de outros, senta no sofá e começa a ler.

Este é um livro escrito por profilers do FBI e mostra pesquisas e entrevistas com assassinos e estupradores em série, com estatísticas documentadas sobre a infância do indivíduo entrevistado, seus traumas e como eles viviam em um mundo agressivo de fantasia sádica e um monte de outras coisas.

Eu quero dizer à Kate que não é tão simples.

A pesquisa está consumindo Kate. Ela está realmente interessada. Esta semana terminou de ler o livro escrito por profilers, e mais dois escritos por Robert Ressler. O que mais gostou até agora foi Homicídio sexual: padrões e motivos. Ela fez uma caralhada de notas.

Agora tem A enciclopédia dos serial killers aberta na sua frente. Grifa e escreve comentários com um lápis. Eu amo seus comentários e começo a respeitá-la um pouco mais. Para quase tudo que lê, escreve uma referência. Às vezes é uma frase de um filme, em outras, o refrão de uma música, e muitas vezes algo que leu em outro livro. Ela tem uma memória incrível.

Esta semana ela não saiu. Não foi correr, o que me intriga. Ela falou distraidamente com sua mãe no telefone e mal podia esperar a mulher desligar. Recebeu um telefonema de Savannah, que disse que tinha conseguido uma entrevista com um cara chamado Mark Gambatto, o filho da puta que conduziu a investigação sobre mim. Trabalha para o Departamento de Polícia de Miami.

Kate está animada e suas perguntas para a entrevista já estão preparadas.

Eu a observo e começo a me perguntar por que é tão imperativo que eu fique aqui, que a estude. Sinto-me atraído por Kate, algo como um fascínio pela sua alma tão comum e bela.

Kate não é especial. Não para a sociedade, não para o namorado dela, não para sua melhor amiga. Certamente não para sua família. Mas ela é especial para mim.

Ela está lendo sobre cenas de crimes sexuais ou não sexuais, quando há

NACIONAIS-ACHERON

uma batida na porta. Intrigada, Kate se torna autoconsciente. Ainda não tomou banho hoje, e suas roupas são confortáveis, soltas no corpo, mas não atraentes. Penteia o cabelo com os dedos e faz o caminho até a porta.

– Quem é? – Estou muito emocionado por ouvir sua voz novamente.

– Sou eu, gata, abra!

Ela está surpreendida, assustada, com o coração acelerado. É o filho da puta.

De repente, ela odeia sua aparência. Mas abre a porta.

Eu vejo o tal do Dale entrar. Ele é o cara, o cara atleta por quem as meninas da minha escola costumavam se molhar, o cabelo loiro escuro cuidadosamente penteado, os músculos. Ele lhe dá um sorriso terno e esfrega as mãos. Kate está fechando a porta e olhando para ele, e eu não posso deixar de sentir repulsa por ela agir como uma vagabunda.

– O que você quer? – Ela tenta deixar firme e impaciente o som de sua voz.

– Vim para ver como você está.

Não, ele veio para trepar. Sabe que Kate vai deixar. Veio para sentir o poder que tem sobre ela. Eu entendo esse babaca melhor do que ele entende a si mesmo. Esse cara, não eu, é um psicopata.

Kate responde:

– Eu estou bem, tenho um novo projeto. Como está sua nova puta?

Ele sorri, sem jeito.

– As coisas não estão tão legais entre nós, Kate. Ela sabe que ainda penso em você.

Ela está dividida entre o desejo de beijá-lo e o desejo de abrir seu saco escrotal com uma navalha.

– Vai me deixar sentar? Vamos conversar?

Kate apenas balança a cabeça positivamente. Ele se senta e, quando vê minha história na parede, solta um assobio:

– Que porra é essa?

– Meu trabalho.

– Posso ver, mas quem são essas pessoas? – Ele está desconfortável.

– Vítimas de Nathan Bardel.

Eu o vejo atentamente. Já ouviu meu nome antes, talvez no noticiário. Ele franze a testa.

– O serial killer? Aquele executado alguns meses atrás? Você vai escrever algo inspirado nele?

Kate está incomodada com as perguntas. Eu gostaria que ela o mandasse

embora para que pudéssemos estar sozinhos novamente.

– Não, estou escrevendo sua biografia.

Dale pisca duas vezes.

– Esse é seu projeto?

– Agora é – ela murmura, como resposta. Ainda está de pé.

– Isso é saudável? – Ele aponta para a parede.

– Não. – Ela suspira. – Mas namorar com você também não era. Eu sou autodestrutiva, lembra-se, querido?

Ele sorri. Dá um tapinha no lugar vago do sofá ao lado dele. Acho esse gesto tão absurdamente arrogante. Sinto o impulso de morder seu pescoço, observá-lo gritar como uma vagabunda e tentar parar a dor e o sangramento com sua mão de atleta.

Kate vai.

Senta-se.

– Sinto sua falta – diz ele. – Eu só quero saber se você está bem, se você precisa de alguma coisa.

Ela coça o queixo.

– Eu queria que você não viesse aqui novamente. É difícil... – Não sabe como continuar.

– Katherine – diz ele em voz baixa. – O que posso fazer agora? Eu estraguei tudo. Está feito e não posso desfazê-lo.

– Nós conversamos... – Ela ri nervosamente. – Estávamos falando, você e eu, sobre morar juntos, você ainda se lembra disso? E enquanto estávamos pensando em dar um passo definitivo como parceiros, você estava transando com outra mulher. Como pôde fazer isso? Éramos honestos um com o outro.

Eu não estou entediado, por algum motivo. Eu sinto a agonia, a dor dela. Não é o melodrama forçado que eu tinha imaginado. Pergunto-me como ela não vê quem esse cara realmente é. Pergunto-me por que ela simplesmente não o substitui. Essas pessoas são patéticas, estão interpretando um papel em alguma novela projetada para dar-lhes um senso de propósito. Mas eu nunca consigo ficar bravo com Kate por muito tempo.

Eu olho enquanto Dale pede desculpas. Vejo que não está sendo sincero. Age como se ela fosse um pão que ele está preparando para devorar. Fala sobre os sonhos de se casar com ela e ter filhos. Em seguida, diz que não se sente pronto, que está confuso. Ele diz que dormir com Alice foi imaturidade da parte dele, uma tentativa desesperada de escapar das pressões dos planos que eles estavam fazendo. Ele faz com que ela, facilmente, se sinta como se

uma parte do comportamento dele fosse sua culpa.

Enquanto vejo isso, meu ódio pelas mulheres e como são burras me aperta com força surpreendente. Lembro-me das inúmeras vezes em que senti esse ódio.

Então Kate permite que ele a beije.

O cara tira a roupa dela e eles transam no sofá. Estou intrigado com a facilidade com que ela cedeu. Acho interessante que as fotos na parede não a assustam da maneira como deveriam.

Ele posiciona o corpo dela de costas e a fode por trás enquanto ela segura no encosto do seu sofá e fecha os olhos. Kate sente algo que mal pode ser classificado como prazer. É o contato com ele que deseja. Para ela, esse ato físico puramente animalesco tem um apelo emocional. Kate é uma idiota. Deixa-o transar como se fosse qualquer boceta ordinária, que sei que ela não é. Esta ação leva cerca de sete minutos, e ela não sente o clímax. Nos dez minutos seguintes, Dale está falando em sussurros doces e caindo fora.

Estou alarmado agora. No silêncio, Kate está sentada no vaso sanitário limpando-se. Então, de repente, ela para de se mexer completamente. Acho que vai chorar.

Mas então ela faz algo completamente diferente.

De calcinha, vai com passos rápidos e firmes para a cozinha. Pega uma faca enorme e absurdamente afiada e a leva para o banheiro. Senta-se sobre os azulejos frios e toca a ponta da faca no lado de fora de seu tornozelo. Muito devagar, com cuidado, Kate esculpe um pequeno X em sua pele. Ela sangra muito pouco. Estou comovido com sua homenagem. Tornei-me conhecido, nos meus dias de glória, por esculpir um X perfeito sobre os mamilos de minhas vítimas. Leva dois deslizes profundos de uma faca afiada, um vertical e outro horizontal. Era a minha assinatura. Não era o ato em si que eu gostava. Era assinar o meu trabalho.

Ela se sente como uma vítima? É a culpada, afinal de contas, pelo que aconteceu aqui. Poderia ter dito não.

Kate agora está admirando o X na pele. Sente-se um pouco envergonhada por tê-lo feito e ao mesmo tempo aliviada. Até um pouco orgulhosa por ter aguentado a dor do jeito que fez.

Ela olha para o corte por um longo tempo. Não é nada além de um pequeno X em vermelho escuro.

Está frio agora que o sol está se pondo, posso ver isso em sua pele e a forma como está rígida e arrepiada. Seus mamilos estão duros como uma

resposta para o ar frio ao seu redor. Mas, ainda assim, ela não se move até as sombras se tornarem mais longas e desaparecerem.

No escuro, eu a vejo finalmente reunir coragem suficiente para ficar em pé e entrar numa ducha escaldante.

Sim, eu entendo isso agora. É um ritual de purificação. Não disse?

X X X

Quando ela entra na delegacia eu a sigo. Kate não parece em nada com uma mulher que cortou um X na própria pele uma semana antes. Parece uma profissional, de forma bem forçada, deliberada. O cabelo está brilhando, ela usa jeans e um top preto bonito com botões vermelhos. Estas roupas mostram seus belos braços e indicam seios firmes. Ela quer que os homens a admirem. É fácil. Eles admiram.

No interior, as coisas parecem muito com uma agência de correios. Ela entra na fila e permanece lá, olhando ao redor e fazendo suposições sobre as pessoas que vê, por cerca de dez minutos. Quando chega sua vez, identifica-se para uma grande mulher negra com olhos caídos. A mulher entrega uma ficha de identificação e a manda esperar.

Mark Gambatto é um grande homem com cabelos vermelhos, cílios transparentes e olhos verdes. Ele tem tantas sardas nos braços, peito e rosto que parece estar enferrujando.

Quando ele se aproxima, caminha diretamente para ela, como se já tivesse visto uma foto dela em algum lugar, e estende a mão:

– Senhorita Dwyer? – diz, sério. – Detetive Gambatto.

Kate se levanta e sacode sua mão. Entendo que ela gosta de autoridades. Sente-se segura aqui.

– Oi. – É sua resposta.

– Por aqui, por favor.

Ele se afasta dela e ela o segue, olhando ao redor, ao entrarem no grande escritório, onde dezenas de pessoas papeiam, falam ao telefone, digitam em computadores.

Não sinto nada por estar aqui. Absolutamente nada. Não tenho ódio de policiais.

Kate e Gambatto estão tomando os lugares em frente um do outro. A mesa é arrumada, o que indica que ele é um policial organizado.

– Está escrevendo um livro sobre Bardel? Por quê?

– Quero ser a primeira a fazê-lo. – Kate sorri um pouco.

Gambatto a observa por um tempo.

– Pode fazer suas perguntas.

Ela não puxa para fora um monte de fichas e sou grato por isso. Mas saca

um dispositivo de gravação e o liga. Os olhos de Gambatto repousam sobre ele, mas não mostra que está descontente.

– O que você lembra mais sobre o caso? – É a sua primeira pergunta.

– A entrevista com ele. Conduzi-a juntamente com o agente Ryan Owen do F.B.I.

Lembro-me de Ryan. Até que tenho saudades do filho da puta.

– Qual é a posição de Owen dentro da agência?

– Ele é um profiler, no BAU4, a Unidade de Análise Comportamental do FBI, seção que lida com crimes contra adultos. Ou... era.

Quando ele diz isso, fico intrigado. O que será que Owen aprontou para não estar mais na unidade? Mas antes de conjurar divertidas possibilidades, distraio-me porque Kate está curiosa sobre meu corpo.

– Você pode descrever Bardel? Fisicamente?

– Assim como as fotos indicam, tinha cerca de um metro e oitenta, o peso ficava entre uns setenta quilos. Tinha o cabelo preto com grisalho nas têmporas, o rosto magro, maçãs do rosto salientes. Olhos azuis, um nariz bem modelado, bons dentes. Nenhuma tatuagem. Algumas cicatrizes finas aqui e ali. Seus olhos eram muito intimidadores. Ele nunca desviava o olhar.

– Tipo forte?

– Não o suficiente para subjugar uma vítima, não. Ele as controlava com ameaças e armas.

– Como era seu discurso?

– A voz lisa, quase aveludada. Boa gramática, boa construção de estruturas, amplo vocabulário. Os palavrões de praxe que eles usam. Arrogante, orgulhoso, seguro de si mesmo.

– Narcisista?

– Não... Patologicamente, não, eu não posso afirmar isso. Alguns diriam que sim.

– Como foi a entrevista? Você tem uma transcrição que eu possa olhar?

– Vou precisar de permissão, mas suponho que você poderia imprimi-la, sim.

– Ele confessou rápido?

Gambatto a fita por um tempo.

– Não de imediato, queria brincar com a gente por um tempo.

– Ele perdeu o controle em qualquer momento das entrevistas?

– Não. Nunca.

– Como se referia às vítimas?

– Surpreendentemente, falou sobre elas por seus nomes quando se lembrava deles. Não surpreendentemente, chamou todas de putas, vagabundas, falou sobre o quanto seus comportamentos mostraram-lhe que estavam pedindo por aquilo. Ele odiava as mulheres, quase todos odeiam.

– Quem as vítimas substituíam?

– Acreditamos que fosse a irmã. Natalie Bardel.

Eu reajo ao nome da minha irmã. Sinto-me desconfortável, perto de algo escuro, como um vazio que quer levar a minha energia e bem-estar. Eu luto contra este sentimento e me concentro neles. Minhas vítimas nunca foram substitutas para a minha irmã!

– Conte-me sobre ela.

– Ela tinha o cabelo muito parecido com o seu. Era mais velha do que ele três ou quatro anos, não me lembro agora. Era a mãe da casa a maior parte do tempo, já que a mãe de Bardel raramente estava sóbria ou consciente o suficiente para desempenhar o seu papel.

– Continue.

– Quando sua mãe se casou de novo, seu padrasto começou o abuso em Natalie. Ele nunca tocou em Nathan. Tudo indica que o padrasto nunca reconheceu a presença de Nathan. Quando a mãe estava bêbada ou desmaiada, ele estuprava Natalie.

– O que aconteceu com ela?

– Ela está viva. Pesa uma tonelada, tem três filhos, um marido. Ela é algum tipo de fanática religiosa agora.

Kate faz uma pausa. Ela sente o absurdo. Eu não gosto de ouvir nada disso, mas não consigo sair.

Uma memória tenta me puxar para o lugar escuro onde sei que vou ver essas coisas acontecerem. Eu luto para ficar lá com Kate. Concentro-me em suas mãos, que repousam em seu colo. Ela fala:

– É um ambiente horrível.

– Quase todos eles compartilham isso, senhorita Dwyer.

Kate para um pouco e pensa.

– Quanto material você pode me dar?

– Como eu disse, preciso de permissão. Se conseguir, vou lhe dar todos os meus arquivos e as transcrições de todas as entrevistas.

– Eu adoraria falar com Owen.

Gambatto pensa sobre isso. Então diz:

– Owen não está mais com o FBI, senhorita Dwyer. Ele surtou depois que

sua esposa pediu o divórcio cerca de um ano atrás. Estragou tudo e foi suspenso das suas funções. Ele mora em Fort Lauderdale hoje em dia. Não sei como ele pode ajudar.

– Eu gostaria de tentar.

X X X

Compartilhamos silêncio naquela noite.

Kate fuma enquanto pensa em mim. Ela está se colocando no meu lugar. Como eu, ela entende que fiquei do jeito que fiquei por causa da maneira como fui criado. Ela levanta a perna da calça um pouco e olha o X com tristeza. Passa os dedos sobre sua seca e fina crosta de sangue.

Gostaria de saber se ela pode escrever sobre mim de uma forma que mostra como nada disso foi minha culpa. Que ninguém se importava o suficiente para me ajudar quando eu ainda podia ser salvo. A sociedade desempenhou o papel principal. Eu apenas tentei mostrar isso a eles.

Kate pensa em tantas coisas. O tempo urge e ela tem que começar a escrever. De repente, ela senta e, equilibrando um cigarro entre os lábios, puxa um pedaço de papel do bolso traseiro. Olha para seu relógio de pulso e disca alguns números. Acende o cigarro e espera.

– Oi, meu nome é Katherine Dwyer, falo com Ryan Owen?

Ela está ligando para Owen. Que interessante.

– Sou uma escritora e estou escrevendo sobre Nathan Bardel – diz ela em voz baixa. Há uma pausa. Continua: – Só preciso de algumas horas. Poderia ser almoço, eu pago.

Estou inseguro sobre meus sentimentos. Lembro-me de Owen também. Ele me superou, eu sei disso. Não tenho nenhum ressentimento, eu o admiro. Ao mesmo tempo, não gosto da ideia dele falando com Kate.

Eu meio que sinto falta do cara. Já disse isso, né?

– Obrigada, agente Owen. Sim, eu entendo.

Ela desliga o telefone, sorrindo. Kate tem uma maneira de conseguir o que quer. Exceto quando se trata de Dale.

Eu leio suas primeiras palavras.

Uma vida dedicada à materialização de perversas, sádicas fantasias, Nathan Bardel não era nem um homem, nem um monstro. Meu objetivo neste livro é retratá-lo com a maior precisão possível, para que o leitor tenha as ferramentas necessárias para pelo menos começar a entender como a criança doce, cuja irmã chamava de B.B., pôde crescer e se tornar o homem que cuidadosamente planejou e realizou alguns dos crimes mais horríveis da

NACIONAIS-ACHERON

história da nossa nação.

Olha, não há maneira alguma dela ter descoberto como minha irmã me chamava. Ela não falou com Natalie, não falou com nenhum outro membro da família que poderia saber disso. Não está em qualquer relatório, livro ou artigo que leu até agora. Kate pode me ouvir? Pelo menos um pouco? A ideia é intrigante.

É isso o que acontece quando as pessoas dizem que ouvem vozes em sua cabeça, obrigando-as a matar? Posso transformar Kate em uma ferramenta do mal? Para matar em meu nome? Essas ideias me fascinam. Não tenho a intenção, num primeiro momento, de fazer uma coisa dessas. Mas a ideia de que seria possível...

Kate está escrevendo rápido hoje. Ela começou seu primeiro capítulo falando sobre o conhecimento e suposições sobre serial killers em geral. Vejo que Kate não quer fazer isso. Ela acha que um capítulo não é suficiente para descrever a complexidade do assunto, mas ao mesmo tempo não quer simplesmente começar o livro sobre mim sem mencionar os criminosos semelhantes e o esboço geral da história do crime serial. Ela tem um monte de citações de serial killers e profilers. Quando está finalmente satisfeita com o primeiro capítulo, prometendo voltar mais tarde para analisar e rever, está pronta para começar a escrever sobre a minha vida.

É nesse momento que tento. Eu fico bem próximo a ela, desejando poder sentir o cheiro dela, e falo ao seu ouvido: “A casa tinha sido pintada de azul-claro e era uma cor que eu sempre odiei. A pintura estava descascando e o pátio era sujo e cheio de ervas daninhas.”

Eu espero.

Kate escreve o seguinte:

Bardel cresceu em uma pequena casa no lado pobre da cidade. Ninguém se preocupava em cuidar dela. Era pintada de azul-claro e isso é uma cor fácil de odiar em uma casa. A pintura estava lascada e o quintal não era cuidado: era um lugar fértil para ervas daninhas e um lugar de descanso para brinquedos velhos.

Eu sorrio com tudo o que sou. Ela pode me ouvir. Em algum nível, ela pode me ouvir. Minha biografia vai acabar sendo coescrita por mim. Um

NACIONAIS-ACHERON

literal escritor-fantasma.

Minha mente corre. Eu me pergunto se depende de mim, do quanto quero me comunicar com ela. Então me pergunto se talvez Kate tem alguma habilidade inata para me ouvir. Ou talvez seja nosso nível de conexão.

Eu não gosto de pensar sobre a minha infância, mas não tenho escolha agora. Kate está começando o livro dessa forma, e sou obrigado a enfrentar alguns demônios tão cedo neste jogo.

Ela mantém a escrita:

Nesse lar, se pode ser chamado de lar, a mãe, Dolores Greene Bartham, uma mulher frágil de pouca estatura, passava seus dias sonhando acordada na cozinha. Ela era uma coisa passiva que deixava as crianças correrem livres e comerem tudo o que queriam, enquanto se sentava ao lado da janela, fumando, talvez sonhando em estar em outro lugar.

“Não. Ela sonhava em ser outra pessoa”, eu digo.

Kate complementa, os dedos tão ágeis no teclado:

Ou talvez ser outra pessoa.

Isso não é fácil para mim. Mas me forço a continuar.

Ela escreve:

O pai biológico de Nathan um dia decide que aquela rotina de caos silencioso não era a sua ideia de um felizes para sempre, arruma suas coisas e vai embora. Nathan tinha dez anos. Ele não tem agora oficialmente nenhuma figura de pai ou mãe. Ele projeta uma mãe em sua irmã Natalie, que cuida dele o melhor que pode, mas só quando é conveniente.

A memória está me puxando para baixo. Eu luto contra isso, e sei do que se trata. É como saber exatamente o que está em uma caixa antes mesmo de abri-la. Eu sou mais forte e permaneço onde estou, usando as fotos na parede para me fundamentar a este tempo e lugar. Mas tive um vislumbre da memória. É da minha irmã estar na garagem, numa tarde de verão. Ela se

encontra em um canto com um menino de cabelos negros e eles estão se beijando quando eu passo. Vejo que ele tem as mãos dentro dos seus shorts, e elas se mexem como gatinhos brincando embaixo de um lençol. Ela grita para eu sair e deixá-la em paz.

Passei a tarde inteira sozinho no quintal, com raiva porque, assim como a minha mãe, ela não se importava o suficiente para passar um tempo comigo. Como vingança, peguei seu bicho de pelúcia favorito, um jacaré, e o rasguei em pedaços.

Antes de me dar conta, Kate está escrevendo sobre isso, sabendo, no fundo de sua mente, que provavelmente terá que excluí-lo mais tarde, porque não tem prova alguma para ir adiante. Ela descreve o incidente do jacaré. Eu me sinto acelerado.

Então para e acende um cigarro. Morde a unha do polegar. Eu ouço seus pensamentos:

O que estou fazendo? Eu não posso escrever por instinto, isso é uma biografia.

Diz isso em voz alta:

– Mas eu me sinto tão ligada a este filho da puta.

E ri disso.

Kate se levanta e decide parar de escrever por agora. Liga a televisão e encontra um filme que já viu antes. É tarde da noite e ela não está com sono. Ela pensa em mim. Eu fico com Kate até que finalmente feche os olhos.



Eu leio novamente os dois primeiros parágrafos. Tenho o material e as entrevistas com Nathan agora. O que preciso fazer é encontrar uma maneira de organizar tudo, e pôr no papel. Estou satisfeita com as minhas primeiras vinte páginas e isso é intrigante. Raramente fico satisfeita com o que escrevo.

Fiz a minha lição de casa sobre serial killers. Não sou arrogante o suficiente para pensar que sei tudo o que há para saber sobre eles, mas me sinto pronta para escrever o livro. Ainda tenho algumas entrevistas cara a cara para conduzir, e estou considerando visitar a irmã de Bardel, mas isso virá mais tarde.

A minha parede é agora uma colagem de mulheres assassinadas, detalhes sobre modus operandi, datas, nomes e ferimentos. A visão é terrível, especialmente agora que eu tenho acesso às fotos das cenas dos crimes e dos cadáveres. Eu ainda não estou acostumada a olhar para eles e preciso trabalhar nisso.

As imagens que mais me chocam são as de Rita Franklin, vinte e cinco anos, e Jordana Connoy, de trinta. Rita foi a sexta vítima de Bardel. Choca-me porque ela estava grávida de três meses. Não há indicação alguma de que Bardel soubesse disso. Ela está lá, na foto colorida, completamente despida, com os olhos bem abertos. Tem cabelos loiros e está ensanguentada. O que foi feito com seus seios arrancam uma careta de mim. Um está rasgado e é todo rosa e amarelado por dentro. O outro está intacto, com exceção do x de assinatura. Ele removeu sua vulva. Li que ele enfiou uma faca dentro dela e a rasgou aberta, serrando para cima. Ela me faz pensar numa versão horrível, grotesca de Sheela-na-Gig, a deusa irlandesa que abre a vagina para abraçar o mundo. Suas pernas estão bem abertas. Ela morreu de seus ferimentos, da perda de sangue, o que significa que estava viva quando ele fez tudo isso.

Gostaria de saber exatamente em que momento a criança morreu.

A foto de Jordana é nojenta. No mesmo tipo de paisagem na floresta, ele posou seu corpo sobre uma rocha grande, de modo que ela está de barriga para baixo, e podemos ver suas nádegas mordidas e sangue pingando, em

uma poça, de seu ânus. Ela era tão linda. Odeio esta foto porque ele esculpiu um rosto sorridente em suas costas.

Doente, filho da puta doente.

Quando escrevo e leio sobre sua infância tenho vontade de embalá-lo, amá-lo, dizer-lhe que nada do que aconteceu em sua vida foi culpa dele. É por isso que mantenho as fotos onde possa vê-las sempre. Quando as vejo, entendo que ele se tornou um demente. Eu o odeio quando vejo as fotos.

Eu me sinto mais deprimida do que o habitual este mês. Deve ter algo a ver com o livro, com a parede, com tudo. Já perdi quatro quilos, mesmo comendo apenas fast food.

Eu me odeio por Dale, por deixá-lo me comer da última vez que esteve aqui. Ele não telefonou uma vez sequer.

Tenho sentimentos ambíguos por Savannah. Às vezes sinto que preciso dela, falar com ela, pedir-lhe conselhos, sentir-me conectada com alguém. Outras vezes me pergunto quando nos tornamos tão distantes, quando começamos a filtrar o que falamos uma para a outra.

Eu quero transar com ela de novo, mas principalmente porque sinto muita falta de sexo agora que Dale sumiu. Ela nunca seria a minha primeira escolha. Sei que ela pensa o mesmo. Eu a odeio por insinuar toda hora, pela forma como ela sempre encontra uma desculpa para colocar a mão suavemente na minha coxa e me abraçar com frequência. Ela é uma covarde e às vezes me pergunto se a nossa amizade é algo que acabamos inventando.

Estou lendo a entrevista de Ryan Owen com Nathan Bardel e parece voyeurismo.

OWEN: Conte-me sobre a mulher grávida, Rita, número seis.

BARDEL: Eu não sabia sobre o bebê.

OWEN: Agora que sabe, como se sente?

BARDEL: Nada diferente.

OWEN: Como aconteceu?

BARDEL: Eu a vi em uma loja de ferramentas. Lugar estranho para ela estar. Ouvi ela dizer que estava comprando algumas coisas para o seu marido. O fato dela ser casada me despertou. Eu queria fazer o marido sofrer sua perda. Então eu a segui. Eu vi o carro dela, memorizei a placa, e vi onde ela morava. Observei-a por cerca de três dias, até a noite... era uma quinta-feira, não era? Esperei por ela em sua garagem. Seu marido tinha deixado a porta da garagem aberta para que ela soubesse, quando chegasse, que ele já estava

NACIONAIS-ACHERON

em casa. Estava escuro quando ela saiu do carro... era uma SUV Lexus, não era? Bem, ameacei ela com a faca, sabe? Eu disse que não a machucaria se ela não gritasse e cooperasse. Ela nunca me contou sobre o filho. Deveria ter contado.

OWEN: Acha que você teria parado?

BARDEL: Quem sabe?

OWEN: E então... Você a levou para a floresta? Tinha planejado levá-la lá?

BARDEL: Sim, tinha. Ela dirigiu, estava chorando. Liguei o rádio para que pudéssemos ouvir música clássica. Era Chopin, Nocturne op. 9, número 2. Fez ela chorar ainda mais. É curioso como é deprimente aquela porra de música. Você não acha, Ryan?

OWEN: Eu não sei nada de música clássica, Bardel. Por favor, continue.

BARDEL: Eu a levei para a área arborizada e a comi. Então eu a cortei, lentamente. Peitos primeiro.

OWEN: Você cobriu sua boca?

BARDEL: Não, deixei ela gritar. Sabia que ninguém viria. Ela gemia, era um som agudo, histérico, eu diria. Era a hora de parar, eu notei, e assim nos separamos.

OWEN: Você a fotografou?

BARDEL: Sim. E você também, Ryan.

OWEN: O que você fez com as fotos?

BARDEL: Guardei por anos.

OWEN: Você se sentia excitado quando as via?

BARDEL: Eu olhava para elas enquanto estava planejando sequestros futuros, sim. Eu me masturbava com elas.

OWEN: Alguma coisa saiu do plano com Rita? Ela fez qualquer coisa que o irritou, ou o compeliu a agir de forma diferente do que você tinha planejado originalmente?

BARDEL: Bem, arrependime de ter deixado ela gritar do jeito que gritou, quer dizer, em algum momento tinha certeza de que ninguém estava por perto, mas quem sabe, né? Então eu tive que matá-la mais rápido do que pretendia. Eu tinha planejado passar mais tempo com ela, foder ela mais algumas vezes.

OWEN: Houve uma razão, além de evitar a detecção, para você ter usado camisinha? Ela era casada, ao contrário das outras vítimas, ela não era alguém que se associa a um estilo de vida promíscuo ou arriscado.

BARDEL: Foi apenas para evitar a detecção. Ossos do ofício.

OWEN: O que sente por ela agora?

BARDEL: Nada.

Todas as suas entrevistas tem esse tom. Todas as vítimas são associadas a uma peça de música clássica. Pesquisei a fundo a referência e descobri que era um interesse de seu pai antes dele abandonar a família. Acho estranho que um cara em uma família de classe baixa tivesse interesse em música clássica. Mas esse é o jeito que é. Estou ouvindo agora um CD que gravei com todas as músicas que ele mencionou nas entrevistas. Também estou começando a associá-las a cada vítima.

Penso sobre Ryan Owen. Eu o pesquisei também.

Esse cara teve uma carreira brilhante. Ele sabia o que queria fazer desde o primeiro dia. Estudou psicologia e passou a se especializar na área criminal e profiling. Trabalhou na unidade BAU 2, que lida com ameaças, crimes de colarinho branco e crimes cibernéticos, antes de ir para a 4, que investiga crimes contra adultos. Ele logo se tornou regularmente procurado por muitos departamentos de polícia quando confrontados com assassinatos em série complicados. Owen começou a dar treinamento sobre o uso dos bancos de dados do F.B.I. e de técnicas de profiling em todo o país. Eu sinto que já o admiro. Sinto que o conheço um pouco, depois de ler todas essas entrevistas.

Estou ansiosa para falar com ele. Se alguém conhece Bardel, é Owen.

Mas há algo em minha mente também, algo que está me fazendo sentir fisicamente doente, e não tem nada a ver com Nathan Bardel.

O aniversário de Morris, meu sobrinho, está chegando. Não vou a Blessfield há um ano e é hora de voltar, ver minha irmã e meus pais. Devo isso a Morris. Ele vai fazer doze anos e eu o amo.

Esta noite me sinto tão sem vida, tão triste, e eu não sei por quê. Eu acho que talvez possa estar clinicamente deprimida, mas eu prontamente me convenço de que estou apenas cansada. Desde que comecei a escrever este livro é como se houvesse uma sombra em volta de mim, envolvendo-me, puxando-me para algum tipo de lugar escuro e úmido, onde tudo é terrivelmente real, sem sonhos, privado de amor ou esperança.

Sei que vou a Blessfield na próxima semana e tenho que enfrentar a minha família. E sei que quando estiver lá vou ter que ver a casa onde Bardel cresceu. Tenho que estar lá, para ver onde a negligência transformou uma criança pequena em uma pessoa capaz de cortar outro ser humano para

NACIONAIS-ACHERON

satisfação sexual.

Estou bebendo hoje à noite. É minha quarta cerveja.

Estou em um lugar que nunca vi. Árvores. Árvores altas em torno de mim. É escuro e quente. Olho para baixo e estou sem roupas. Ouço água gotejando em uma superfície plana. Sinto que alguém está atrás de mim. “Eu vejo você, Kate. Eu conheço você, Kate”, e eu sei que é ele quem está falando. Tenho tanto medo. Eu quero gritar, mas tenho medo que ele vá me machucar se eu o fizer.

Há algo à frente e eu sei o que é. É o corpo de Rita, na mesma posição em que ele a deixou. Não quero estar aqui. Não quero ver isso. Ah, sinto seu sofrimento, mesmo que ela esteja morta. Sei o que ele fez com ela. Sinto como a deixou triste saber que nunca veria o rosto de seu bebê. Ele toca meu ombro e eu sei que o momento chegou, eu vou morrer aqui. Vou gritar, chorar e implorar, mas não vai fazer diferença alguma. Vou morrer sozinha.

Eu quase salto do sofá quando acordo. Fecho meus olhos e digo as palavras em voz alta para me confortar:

– Apenas um sonho, apenas um sonho. – Mordo meu lábio para conter um grito de medo.

A parede diante de mim ainda é a mesma. Estou segura.

Algo me acordou.

O que me acordou?

O som da campainha.

Olho ao meu redor e são 22h09.

Levanto-me e caminho lentamente para a porta. Através do olho mágico vejo a figura disforme de Savannah.

Sua presença aqui me intriga. Mas não quero ficar sozinha.

Eu abro e ela parece... diferente.

– Eu sei que é tarde, temos que conversar – diz, enquanto entra.

Fecho a porta, peças do sonho ainda na minha cabeça. Savannah olha para a minha parede.

– Que porra é essa? – Ela aponta para as fotos das cenas dos crimes.

– As vítimas, o que mais?

– Jesus Cristo, Kate... – ela sussurra. Está agitada. – Tire essas coisas daí, são horripilantes.

Cruzo meus braços.

– Por que você está aqui?

Savannah leva um segundo olhando fixamente para minha parede, então ela se força a olhar para mim.

– Acabou, esse projeto, essa coisa toda. Pare de escrever o livro. Estou desligando isso da tomada.

– O quê? – É tudo o que consigo dizer.

Savannah balança a cabeça.

– Está além de mim, Kate. É a editora, eles não querem o livro. Na verdade, eles me enviaram aqui para mandar você parar de escrevê-lo.

Eu tento entender como isso pode estar acontecendo. Estou decepcionada.

– Mandar? Vou escrever a merda que eu quiser e se você não vai publicá-lo tenho certeza de que vou encontrar alguém que o faça.

Ela esperava essa resposta, eu vejo isso. Ainda assim, ela está descontente e decepcionada.

– Kate... Algo está acontecendo aqui. Essas ordens vêm do alto. Eles estão pedindo para enterrar essa história sobre Bardel. Disseram que vão pagar a você trezentos mil dólares antecipadamente para seu próximo romance. O que você queria escrever sobre a rainha e seu fantasma.

– Savannah. Seja sincera. O que é isso, de verdade? – Minha cabeça está flutuando. É a surpresa, a raiva, o sonho, o adiantamento da grana.

– Isso é tudo que eu sei. – Ela suspira. – Eles não querem o livro. Mas também não querem perder você.

Gostaria de saber se ela está sendo sincera.

Não posso parar agora. Fui longe demais.

Savannah se aproxima.

– Olha para você. Isto não está lhe fazendo bem, Kate. Olha para aquela parede grotesca, aquelas pobres mulheres. Você está tão magra, tão pálida...

– É por isso que eles vão me foder? Preocupação?

– Não, isso é política, isso é... – Ela para. – Não sei por que, eles só querem que você pare.

– Estou respirando essa história, Savvy. Eu li vinte e um livros. Li todas as entrevistas. Da primeira até aquela em que ele confessa, e todas as suas descrições dos assassinatos. Tenho uma entrevista com Ryan Owen marcada!

– Não mais. – É tudo o que ela diz.

Estou quieta e odiando esse momento. Savannah toca meu cabelo.

– Tome um banho, você precisa de um. Vamos conversar, você vai se

acalmar, e vamos descobrir o que fazer. Talvez possa colocar esse projeto em alguma gaveta e voltar a ele mais tarde. Mas, por ora, apenas pare. Aceite esta oferta e escreva o seu romance.

Savannah está sorrindo para mim. Ela puxa o celular do bolso e o coloca na orelha enquanto eu estou lá, tentando entender o que isso significa. Vou ter que esquecer Nathan e sua história com terríveis e atraentes detalhes e voltar a escrever uma ficção histórica que nem me interessa mais.

Savvy está no telefone:

– Sim, eu sei, vou estar aí antes de você sair para o trabalho amanhã. Vou levá-los para a escola... Sim, eu sei disso. Tchau. – Ela desliga o telefone. Era o marido Jim. – Vou passar a noite aqui. – Ela sorri. – Vá tomar seu banho e faça o jantar. Ok?

Eu odeio ser tratada como um bebê, mas entendo por que ela está fazendo isso. Ela acha que eu ainda estou sofrendo com o rompimento com Dale. A verdade é que eu não dei muita atenção ao filho da puta desde que ele esteve aqui pela última vez. Continuo deprimida, mas agora não tenho certeza que ele tenha alguma coisa a ver com isso.

Eu vou ao banheiro, sentindo seus olhos nas minhas costas. Ouço-a mexer nos armários da cozinha.

Isso não faz sentido.

O chuveiro me relaxa. Lavo-me por um tempo, gostando de estar limpa, e por uns momentos me sinto melhor.

Fito o espelho. A mesma velha Kate, talvez um pouco magra demais e mais velha.

Visto uma camiseta e caminho de volta para a sala onde Savannah está sorrindo para mim de forma maternal. Sinto cheiro de comida de verdade. É arroz integral e bife. Ela está bebendo vinho.

Sento-me e a observo. Ela não parece muito chateada com a coisa do livro.

– Desmonta essa parede, Kate. É doentia.

– Estou acostumada com ela. – Dou de ombros.

– Essas pobres mulheres – ela sussurra. – Como pode uma pessoa ter realmente feito isso com elas?

– Ele se convenceu de que a sociedade não dava a mínima para ele quando precisou de ajuda. Ele se vingou, suponho. Além disso, o único lugar seguro para ele ficar, desde criança, era a sua própria mente, dentro de suas próprias fantasias, onde tinha controle. Logo, para continuar a viver, as fantasias se tornaram seu refúgio e ele teve que começar a agir. Essa parede, os

cadáveres, foram o resultado.

Savvy está em silêncio. Ela toma um gole do vinho e fala:

– Ele era um psicopata, em outras palavras.

– Não. – Eu balanço minha cabeça. – Ele era 100% saudável, sabia o que estava fazendo e tenho certeza de que era capaz de sentir empatia. Não louco, Savvy, ele era cruel. Há uma diferença.

Savannah dorme comigo, na cama. Isso me deixa profundamente chateada com ela. Ela quer o lento e suave sexo que tivemos na faculdade e não é mulher o suficiente para pedir. Então me abraça e até beija meu pescoço, e dormimos. Estou confusa enquanto flerto com o sono. Meu último pensamento antes de adormecer profundamente é que não vou parar minha pesquisa.

X X X

Tenho uma reunião na editora. Dois homens e Savannah estão numa sala de reuniões banhada a luz branca, observando-me. Eu digo a eles sobre a minha pesquisa, sobre minhas razões para escrever a biografia, dou os números sobre a popularidade dos livros e programas de TV sobre assassinos em série, mas não adianta. São pacientes e sorridentes, mas firmes enquanto me dizem para enterrar a história por enquanto. Falam sobre meus livros anteriores com elogios, como se eu não fosse inteligente o suficiente para ver a falsidade nisso, e sobre o adiantamento financeiro para eu escrever o próximo romance. Minhas mãos estão atadas e Savvy não move um dedo para me defender.

Vou embora e, quando percebo, estou dentro de uma livraria onde compro mais coisas sobre criminologia. É mais forte do que eu. Depois vou a uma cafeteria e bebo um latte grande, enquanto leio algumas páginas.

Bardel é sempre uma presença agora. E eu não posso simplesmente esquecê-lo. Convenço-me de que devo isso às suas vítimas, mas sei que no fundo é uma desculpa furada.

Em casa, por algum motivo estranho para mim, eu me descontrolo e choro. Odeio chorar, detesto a forma como me sinto aos prantos. Mas choro. Sento-me no meu sofá e choro, e enquanto o faço tento encontrar razões para isso. Talvez seja Dale, mas eu sei que não é. Talvez esteja me sentindo sozinha. Ou as fotos na parede.

Vou dormir encolhida no sofá.

X X X

Quando acordo tudo é muito diferente.

Trabalho na minha parede um pouco mais, e agora todas as vítimas estão lá.

Eu quero ir mais fundo, e para minha própria surpresa, pesquiso na internet por pornografia. Procuro em sites pornô, palavras como estupro, morte e hardcore. O que eu vejo são alguns vídeos pornográficos básicos, a maioria deles caseiros. Não há nada neles remotamente semelhante a qualquer um dos crimes de Nathan.

Assisto a pornô por duas horas.

Assisto às mesmas expressões de loiras artificiais enquanto chupam pau, aquela expressão idiota onde estreitam os olhos para a câmera e abrem os lábios. Fecho meus olhos e tento me colocar no lugar de Nathan. Quero ver aquelas mulheres com ódio. Percebo que sou incapaz. Eu ainda as vejo como seres humanos e não sinto desejo algum de vê-las sofrer.

Posso chegar a entender Nathan, verdadeiramente, se eu ainda sou tão sensível, tão normal?

Eu não sou normal, eu me lembro. Corto minha pele, assisto à pornografia na internet e me deixo ser tratada como uma boneca inflável pelo meu ex-namorado.

O pornô me deixou molhada, mas eu ignoro isso e me forço a dormir novamente.

Em dois dias tenho uma reunião com Ryan Owen e não quero perdê-la.

X X X

É um dia bonito em Fort Lauderdale e dirigir não me cansa. Chego mais tarde do que o esperado, porém. São quase três horas.

Ryan Owen vive numa casa agradável comum em um bairro tranquilo. Há um Land Rover na garagem.

Eu mordo a macia carne interna da minha bochecha, meu carro estacionado do outro lado da rua, e observo tudo por um tempo.

Eu não sei como ele vai me tratar. No telefone ele parecia de saco cheio de mim, desinteressado em minha história. Mas concordou em falar comigo, por algum motivo.

Eu arrisco um olhar no espelho retrovisor. Estou bonita hoje, usando calças jeans pretas e uma camiseta confortável American Eagle, de um cinza escuro que é velho e gasto que eu absolutamente adoro. Arrisquei um pouco de maquiagem, principalmente rímel preto, para que meus olhos fiquem enigmáticos, e brilho labial ameixa, algo que eu ainda considero feminino demais para mim. Saio do carro com meus óculos escuros e faço o meu caminho até a porta da frente. Quero que ele me ache inteligente para se abrir comigo.

Tenho que tocar a campainha duas vezes antes de um homem abrir.

Ele não é o que eu esperava. É bronzeado, loiro escuro e parece ter cerca de quarenta anos. Ele tem boa aparência e isso me pega de surpresa. As poucas fotos dele que eu vi não eram tão boas e definitivamente não mostravam como é bonito.

Sinto-me como uma menina idiota ao perceber que ele está esperando que eu diga alguma coisa. Suas calças jeans e camiseta amarrotada são tão surpreendentes para mim quanto seu cabelo bagunçado e barba por fazer.

– Agente Owen? – pergunto, respeitosamente. – Sou Katherine Dwyer, temos uma reunião hoje?

Ele faz uma cara.

– É ... – ele murmura. – Entre.

Ele deixa a porta aberta e faz menção para eu entrar.

Entro e olho ao redor. Vejo caixas de papelão, abertas e fechadas, vejo livros no chão. Um sofá ainda embrulhado em plástico e uma enorme TV fina na parede. Está ligada na CNN. Fecho a porta e ele se endereça a mim.

– Vou vestir uma roupa decente e já desço.

Concordo com a cabeça.

– Tudo bem, posso esperar.

– Não toque em nada – ele adverte, e sobe as escadas.

Eu gostaria que ele tivesse sido mais educado. Mas então me lembro que ele está passando por um momento difícil.

Ando devagar enquanto olho ao redor. Na sala, há uma cerveja aberta no chão. Estou impressionada com quantos livros estão por aí. As caixas têm rabiscos como:

Livros de direito - Ryan

Cozinha - Ryan

Roupas - Ryan

E eu sei que uma mulher escreveu isso.

A mulher latino-americana de meia idade na CNN está falando sobre o sistema de saúde em um tom monótono.

Olho em volta e vejo os pesos que ele deve usar para se exercitar. De onde estou, vejo a cozinha, que é limpa, mesmo havendo uma caixa de pizza fechada sobre o balcão e duas outras latas de cerveja.

Confiro os nomes dos livros. Há de tudo. Vejo O Labirinto, de Jorge Luis Borges e livros sobre direito penal e psicopatia. Leio um título em azul: Assassínatos em Série da Mulher Idosa e estou pensando sobre isso quando ouço seus passos.

Eu endireito as costas e Ryan Owen apresenta-se nos mesmos jeans, cabelo penteado, sapatos de camurça marrons com borracha amarela nas solas, tipo vou acampar, e uma camiseta branca que estava cuidadosamente dobrada cinco segundo atrás; vejo pelos vincos.

Ele me inspeciona pela primeira vez e me pergunto o que pensa.

– Então, Katherine, você é a mulher que achou que seria uma boa ideia escrever sobre a vida e os crimes de Nathan Bardel. Como está indo?

Há raiva e ironia na voz dele.

– É difícil, mas estou conseguindo. Só quero algumas palavras suas.

Ele sorri e me surpreende novamente.

– Você disse que pagaria o almoço?

– Sim. – Sorrio também. – O que gosta de comer?

– Vamos comer no meu bar de esportes preferido e vamos conversar – diz

ele enquanto abre a porta para mim.

Nós entramos em um bar escuro e acolhedor, com uma dezena de TVs de LED nos cantos superiores, mostrando um jogo de futebol americano. Há poucas pessoas lá, e Owen escolhe um canto isolado que eu teria escolhido também.

Ele pede um hambúrguer e uma cerveja e faço o mesmo.

Quando estamos sozinhos, Ryan se inclina para trás e me observa.

– O quanto já escreveu do livro?

– Acho que tem 70% da pesquisa, mas apenas cerca de um terço do material escrito.

– Por que Nathan?

Eu suspiro e penso sobre a minha resposta.

– Ele é de Blessfield, como eu.

– E?

– E eu li sobre seus crimes e eles me chocam.

– E você acha que se fizer bastante pesquisa em algum momento vai entendê-lo, compreender quem ele é.

Estou surpresa. Mas balanço a cabeça afirmativamente.

– Talvez.

– Não vai.

Ele me considera uma idiota, uma menina curiosa.

– Você tentou?

– Baseei minha vida nisso.

– Li as transcrições de suas conversas com ele – eu digo, e não sei por quê. Eu só quero que ele goste de mim, respeite a mim e o que estou fazendo. Porra, sei que são sentimentos infantis.

– Que bom para você. Como posso ser útil, senhorita Dwyer?

– Falando sobre ele. Ajude-me a sacar quem ele realmente era.

Ryan olha ao redor por um tempo.

– Quando você começar a achar que o entende, senhorita Dwyer, quando começar a sentir simpatia, ou mesmo que sabe como ele deve ter se sentido em alguns momentos de sua vida patética, faça o que eu faço: converse com as famílias das vítimas.

Cara, ele é amargo. Eu me pergunto qual é sua história, por que sua esposa o deixou.

– Deixa eu ver se entendi – digo, finalmente, incapaz de ser indiferente à sua grosseria. – Você acha que eu não deveria escrever sobre ele. Você acha

que é melhor eu enterrar toda essa merda.

Agora tenho a sua atenção.

– Não, eu nunca disse isso. – E soa como um pedido de desculpas. – Pergunte o que quer perguntar.

– Eu quero a sua opinião sobre ele, apenas isso. Clínica e pessoal.

Ele é servido de sua cerveja e eu da minha. Bebo um gole e ele faz o mesmo.

– Seus primeiros crimes foram os de um adolescente curioso – diz ele. – Tem elementos de um assassino organizado, porque ele tinha o seu próprio veículo, levou a própria arma para a cena do crime, planejou... Mas tem também a desorganização de um assassino inexperiente, que tem medo, que estava excitado demais para se conter. Com o tempo, Bardel se desenvolveu e aprendeu e ficou mais frio, mais controlado, mais organizado, e, claro, mais cruel. Ele tem inteligência acima da média, mas está longe de ser um gênio. Ele é como muitos outros assassinos em série que conheci e estudei. Não há nada de especial sobre Bardel. Havia, porém, algo de especial sobre cada uma de suas vítimas. Os que deixaram para trás nunca vão superar a perda. Você as estudou? Suas cenas de crime?

– Sim – eu digo. – Vi as fotos. Fechei os olhos e tentei me colocar no lugar delas. Mas lamento, Owen, se nunca vou sentir o que elas sentiram. Sinto muito que lhe incomoda tanto.

Ele me olha e eu sei que estou agindo como uma criança.

– Senhorita Dwyer, você me entendeu mal. – Ele sorri. – Tudo o que eu estou dizendo é que pessoas como nós não conseguem entender pessoas como ele. A não ser que estejamos prontos para ser como ele. Nos aproximar demais.

– É por isso que você era tão bom? – atrevo-me a perguntar. – Se aproximou demais?

Ele está pensando em minhas palavras e há tristeza em seus olhos.

– Talvez – responde.

Eu quero conversar com ele. E quero dormir com ele.

Nossos hambúrgueres são servidos e o cheiro e aparência deles são divinos. Comemos em silêncio por um tempo.

– Acha que entende profiling? – ele finalmente pergunta.

– Eu acho que entendo como funciona.

– O que você já leu?

– Muitas coisas de seus amigos do FBI.

Ele balança a cabeça.

– Ok, mas leia Sherlock Holmes, Poirot...

Isso é inesperado.

– É apenas lógica, Dwyer, nada além de lógica. – E ele sorri.

– Tá. – Eu suspiro. – Então, impressione uma garota. Trace o perfil de alguém aqui.

Ele está olhando para mim como se eu fosse uma mulher pela primeira vez desde que nos conhecemos.

– Escolha alguém.

Eu olho em volta casualmente por um tempo. Não há muitas pessoas aqui, eu escolho uma mulher que está sentada sozinha perto de uma janela.

– A ruiva – digo.

Ele não move a cabeça, nem se mexe. Apenas fala, seus olhos nos meus.

– Ela não é ruiva de verdade, é loira. Está vestindo roupas que são confortáveis e profissionais ao mesmo tempo, a blusa, a saia leve e fluida abaixo dos joelhos, e tem manchas de tinta em seus braços, as unhas são curtas e tem um pingente de maçã em seu colar, então, obviamente, é uma professora da pré-escola School is Cool aqui perto. O período escolar acabou agora e ela está aqui para encontrar um amante. Ela não escolheu este lugar, foi ele, já que é escuro, por isso suponho que seja casado, no entanto, isso ainda deve ser confirmado. Este é um bar discreto, sua escolha, mas ela se senta ao lado da janela, porque sendo solteira, não se importa se for vista aqui e também porque está ansiosa para ele chegar. Quando chegamos ao bar ela estava apenas sentada, sua camisa abotoada até o pescoço. Agora estão desfeitos três botões para mostrar os seios, estou certo?

Movo meus olhos e confirmo tudo o que ele me disse. Na verdade, parece óbvio agora. Pressiono:

– Então como isso pode ser útil?

– Bem, eu só posso prever que, quando ele chegar vai ser um homem na casa dos trinta e tantos anos, vestindo um terno barato e um relógio falso, e vai passar reto por ela em direção à parte de trás, perto de nós, onde é mais escuro. Ela vai encontrá-lo aqui, tentar tocá-lo, ele não vai deixar ou será discreto. A confiança com a qual ele atuará nos dirá se este é o seu primeiro adultério ou não.

Eu penso sobre isso.

– Por que um terno barato?

– Não há certeza absoluta em perfis, amor. Isso é algo que você não vai ler

ou ver em programas de TV. É possível que ele seja o CEO de uma fábrica de automóveis. Mas eu aposto que, por causa da nossa região, por causa deste bar, por causa dessa hora do dia, ele é uma espécie de contador ou representante de vendas ou algo assim.

– Você me impressiona, Ryan. – Eu sorrio. – O que mais?

– Ele não a encontraria aqui para conversar. Homens não querem conversar com as amantes. Por isso eu digo que ele vai encontrá-la na parte de trás em algum lugar. Os banheiros neste restaurante são pequenos e desconfortáveis. Mas há uma sala de suprimentos. Neste caso, ele poderia ter um amigo garçom aqui, ou talvez até mesmo o gerente. Ele vai pegar as chaves antes de se sentar, se for o caso.

– Eles vão fazer sexo aqui?

– Algum tipo de atividade sexual, sim. Ela está usando uma saia, não é?

Eu sorrio.

Ryan me observa por alguns instantes e diz:

– Manda o que você tem. Do seu livro. Vou ler e envio algumas notas pra você, que tal?

Eu não consigo esconder meu sorriso.

– Obrigada. Isso é ótimo. Eu agradeço de verdade por isso.

Ryan balança a cabeça e come.

– Quando deixou Blessfield? – pergunta ele.

– Quando terminei a escola e fui para a faculdade.

– Você odeia. – Seu tom é casual. – Não está surpresa que a cidade possa produzir escória como Nathan. Você está escrevendo esta história como um ataque direto a Blessfield. Como seus pais se sentem em relação a isso?

Eu não tenho reação a princípio. Profiling foi divertido enquanto eu não era o objeto.

– Sim, você está certo. Mas meus pais não sabem sobre o livro.

Ele balança a cabeça afirmativamente enquanto me observa. Eu sei que está avaliando minhas unhas mastigadas e portanto sabe que sou ansiosa. Ele está olhando para minhas roupas. E está fazendo isso discretamente.

Quero Ryan dentro de mim agora. Talvez eu goste de ser tratada mal.

Mas não gosto.

– Então... – eu pergunto, um pouco impaciente comigo e com a forma como esta entrevista está indo. – Trace meu perfil.

Ele sorri.

– Fácil demais.

– Sou? – Eu me inclino para trás e cruzo os braços. Sei que esta é uma posição defensiva, então a desfaço. Isso o faz sorrir ainda mais. Eu me sinto como uma idiota.

– Traço seu perfil quando ler o livro, querida – diz ele.

Gosto que ele me chama de querida. Quero seduzi-lo.

– O que fez pra ser suspenso?

– Ah, você vai fundo mesmo. – Ele sorri. – Na verdade, eu não fiz nada de errado. Eu tenho uma ideia do que aconteceu e de onde as ordens vieram, mas ainda é o nosso primeiro encontro e você não tem o direito de saber.

– Então, por que sua esposa o deixou?

Mais uma vez, ele sorri.

– Ela estava com medo de mim.

– Por que, se você é um herói?

– É isso que eu sou, Katherine?

– Não é?

– De forma alguma.

Estou intrigada, mas não digo mais nada. Percebo com decepção que ele terminou seu sanduíche.

Ele pede a conta e quando ela vem, nem sequer me dá uma chance de pegar minha carteira. Ele deixa algumas notas sobre a mesa e se levanta.

Sei que ele quer que isso termine.

É então que um homem baixo, mas bonito, vestindo terno, entra no lugar. Ele hesita, então caminha para os fundos e senta bem atrás de nós. Ryan parece nem perceber que isso está acontecendo, mas eu não posso evitar e observo a ruiva movimentar-se da parte da frente do restaurante e sentar-se ao lado dele. Eles começam a sussurrar.

X X X

Eu dirijo enquanto ele me observa.

Estamos em sua casa em minutos e encosto o carro. Desligo o motor.

– Você realmente vai me enviar anotações? – finalmente pergunto, com medo que ele não vá.

– Claro. Se você me enviar o livro hoje à noite prometo que vou lê-lo até amanhã. Sou um leitor rápido.

Concordo com a cabeça.

Ele me olha por um tempo.

– Há mais alguma coisa, Katherine?

Será que ele sabe? Ele vê o óbvio desejo na minha cara? Eu balanço minha cabeça.

– Não, Owen.

Agora, ele franze a testa.

– Olha, tenha cuidado com quem você fala sobre este livro. Promete?

Isso é estranho. Eu olho para ele.

– Nathan Bardel está morto.

– Mas nem todas as pessoas ligadas a ele estão.

– Eu deveria ter medo da irmã?

– Não, mesmo ela sendo bem complicada. – Ele suspira. – Mas...

Ele sabe muitas coisas que eu não sei. Entendo isso agora.

Ele se vira para mim:

– Você gostaria de entrar? Para tomar um café?

Sem hesitar, eu digo:

– Sim, com certeza.

E nós saímos.

Nós dois sabemos o que queremos, mesmo sendo loucura total e cedo pra caralho.

Uma vez que ele abre a porta e eu entro, beijo-o, e ele não fica surpreso. Ele abre a boca sobre a minha, e sua língua é espessa e quente em mim, o beijo é imediatamente delicioso, sexual e avassalador.

Está silencioso lá dentro, ensolarado e claro. Ele pressiona seu corpo contra o meu. Sinto como ele é forte e sinto meu corpo reagir com o calor se espalhando entre as minhas coxas. Devolvo o beijo, me adaptando ao seu

ritmo lento e minha língua acaricia a sua. Há uma troca de saliva, um monte de saliva, entre nós, e isso me desperta. Eu sei que é uma ação idiota, sei que ele pensa que eu sou fácil e puta, mas neste momento eu não me importo. Suas mãos finalmente se movem para baixo no meu corpo e ele puxa minha camiseta de mim. Suas mãos vão direto para meus peitos, apertando, experimentando, e ele está afastando o sutiã deles, sua boca agora nos meus mamilos.

Eu olho para baixo para ver isso, minha mão perdida dentro de seu cabelo espesso. Vejo-o com os olhos fechados enquanto ele os chupa, meus peitos pequenos, deixando o mamilo molhado e rígido enquanto passa para o outro. Gosto disso.

Ele se move novamente e nos beijamos com mais força.

Mas eu não sei o que dizer. Eu não o conheço. Então, apenas verbalizo o que meu corpo quer:

– Nós podemos fazer rápido – eu sussurro. – Não me importo.

E Ryan inclina a cabeça para trás e olha para mim.

Antes que ele fale, puxo sua camiseta branca e olho para o seu peito. Ele é esbelto, duro, mas não é o tipo de homem que gosta de puxar ferro. Há alguns pelos loiros no peito e um fino caminho da felicidade. Isso me atrai mais e eu começo a abrir seu jeans. Ele está me olhando com um sorriso de sabe-tudo e chuta os sapatos para longe enquanto ajoelho.

A verdade é que estou fervendo de tesão e eu não me importo se ele acha que sou vagabunda, não o suficiente para me conter. Seu pênis é de boa aparência, com uma cabeça rosa que é um pouco triangular, completamente ereto agora. Eu não espero. Coloco-o em minha boca, satisfeita por ouvir seu gemido como reação. Adoro fazer isso, aprecio o gosto. Fecho minha mão em torno dele e o massageio enquanto lambo sua ponta, fecho os lábios sobre ele e continuo o movimento.

Depois de um tempo, Ryan me puxa pelos cabelos e me beija. Remove minha calça com um puxão para baixo e agora ela está apertada em torno de minhas coxas, me prendendo como se fosse uma corda. Enquanto nos beijamos, sinto sua mão direita contra meu sexo, deixo escapar um gemido. Não consigo controlar minha reação a esse toque. Quando mexe o dedo facilmente sobre a minha carne, sinto o quanto estou molhada. Ryan me puxa para baixo, sobre o piso de madeira clara de sua nova casa, e começa a tirar meus sapatos, assim como o jeans e a calcinha com ele. Gosto que nós dois estejamos completamente nus. Quando vejo uma gota de hesitação em seus

olhos, deslizo para baixo e afasto minhas pernas. Ele se move entre as minhas coxas e me chupa. Neste momento estou além da razão. Faz isso com a habilidade de um homem que foi casado por anos. Lambe, beija, suga e estou gemendo como uma vadia, mas eu gosto.

Ele está sobre mim com um sorriso e me beija novamente. Desta vez, o hálito dele é quente e úmido e tem meu gosto. Empurra o pau para dentro com a ajuda da mão e isso me faz fechar os olhos e gemer mais alto.

Meu sexo se fecha em torno dele com força, sem piedade, e eu aperto deliberadamente, para sentir tudo isso, e é quase demais por um momento. Ele mete, rapidamente, várias vezes e isso me faz fechar os braços em torno dele e sentir os músculos tensos em suas costas. É demais, e sinto o orgasmo vir e me dominar. Empurro minha cabeça contra o chão duro e mexo para receber tudo o que puder, é um orgasmo forte, que me deixa exausta. Ele sorri para mim e continua se movendo dentro.

Fecho meus olhos e as estocadas queimam um pouco, mas eu aguento. Estou sorrindo.

Quando ele começa a gemer mais alto, sussurra:

– Coloco uma camisinha?

E eu penso sobre isso, e sei que ele deveria, mas não quero que pare.

– Não, continue. – E para provocá-lo, sussurro em seu ouvido: – Goza dentro de mim, me fode gostoso, me enche de porra, vai. – E ele faz isso.

Eu gosto de vê-lo atingir o clímax, e então ele não está mais se movendo, estamos deitados juntos no chão.

Ryan sai do meu corpo e eu viro para o lado para prevenir que os fluidos vazem.

– Já volto – ele diz um pouco sem fôlego, e eu descanso minha têmpora na madeira. Eu sei que isso não foi prudente, mas estou me sentindo satisfeita. Digo a mim mesma para não esperar muito carinho dele.

Quando ele volta está vestindo shorts e me dá um pouco de papel higiênico. Veste sua camiseta enquanto eu me limpo e me visto. E por um momento o clima fica desconfortável.

– Ei – ele fala em voz baixa. – É uma viagem longa. Se você quiser ficar... Só não está tão confortável aqui ainda.

Sinto em sua voz o arrependimento.

– Está tudo bem, posso dirigir de volta. – Sorrio.

Agora eu gostaria que o sexo tivesse sido melhor. Desejo ter dado a ele um desempenho melhor, desejo que tivéssemos feito devagar, em posições

diferentes, e tudo o que deveria ser, de acordo com os filmes.

– Escute – ele começa.

Eu não quero que ele seja forçado a fazer isso, então eu estendo minha mão.

– Ryan. Tá tudo legal. Eu tenho que ir. Vou enviar um e-mail pra você.

Ele sorri para mim. Ele nunca pareceu tão bonito.

– Tudo bem. Vou esperar.

Educadamente abre a porta para mim e eu saio.

Enquanto dirijo, deixo um sorriso escapar.



A noite está chegando. Fecho as cortinas e apago as luzes. Outra coisa que incomodava Melissa, meu amor pelo escuro.

A TV está ligada e vejo comerciais e pessoas felizes. Sento-me confortavelmente no meu sofá novo, perguntando-me quando vou ser menos preguiçoso e retirar o invólucro de plástico. Dou uma mordida na pizza recém-chegada e penso em Katherine.

Sei que não deveria ter transado com ela, mas não me arrependo. Pergunto-me o que ela queria, o que realmente esperava. Não quero me enganar e pensar que ela me admira o suficiente para molhar a calcinha. Talvez tenha se sentido atraída por mim durante o nosso almoço. Talvez seja o tipo de garota que realmente não espera nada além de uma boa trepada. E agora me pergunto se foi. Eu certamente poderia ter feito melhor.

Sorrio quando penso nela e como minha pizza. Mas rapidamente minha felicidade se transforma em preocupação quando penso sobre o caso Bardel e todas as coisas que vieram com ele. Penso em seu rosto agora, seus sorrisos, seu discurso suave, suas palavras. Sua indiferença para com as vítimas. Recordo muitas tardes sentado em frente a ele na sala bege e nossas conversas, a muitas portas e portões fechados do mundo exterior.

Bardel deixou uma sobrevivente. Eu e talvez quatro outras pessoas saibam disso.

E eu não posso contar para Katherine Dwyer. Porque se esse conhecimento me custou minha carreira, o que poderia fazer com ela?

Coloco a TV no mudo. Ligo meu laptop e acesso meu e-mail.

Acho o dela bem no topo.

De: Katherine Dwyer

Para: Ryan Owen

Assunto: O Projeto

Oi, garanhão.

Aqui está o que eu tenho. Seja honesto quando você me enviar o seu feedback.

Kate.

Sorrio, não consigo evitar.

Abro o arquivo e começo a ler enquanto como minha pizza.

Quando termino, às duas da manhã, sinto respeito por ela. E vou dormir pensando nela.

Meus sonhos, como sempre, no entanto, são de sangue, dor e caos.

Na parte da manhã mando uma resposta:

De: Ryan Owen

Para: Katherine Dwyer

Assunto: Boa

Kate, você é boa. Eu não deveria estar surpreso, mas estou.

Você fez uma pesquisa completa e eu acho que tem um livro inovador e honesto em suas mãos. Tomei a liberdade de fazer algumas correções no texto, que estão em vermelho. São apenas detalhes que você deixou passar, que apenas pessoas com acesso aos locais do crime podem saber e lembrar. Espero que ajude.

Gostei do “garanhão”, mas me pergunto se realmente fui.

Se cuida,

Ryan.

Leio duas vezes antes de enviá-lo para ela.

Quando verifico minha caixa de correio, nove horas mais tarde, Kate respondeu.

De: Katherine Dwyer

Para: Ryan Owen

Assunto: Garanhão Modesto

Ryan, suas anotações são incríveis, ricas. Estou polindo o texto e estou animada com isso. Estarei fora da cidade por um tempo, preciso ir para

NACIONAIS-ACHERON

Blessfield. Vou dar uma olhada na casa de Bardel e, se possível, tirar algumas fotos. Serei cuidadosa. Você tem sido uma boa ajuda.

Acho que não deveríamos ter transado.

Mas também não me arrependo.

Espero vê-lo um dia.

Kate.

Estou preocupado com ela, mas não posso me envolver nisso. Eu simplesmente não posso, já tirou demais de mim. Não respondo seu e-mail, porque tenho que tirá-la da minha mente.



Dirigindo pelas ruas onde cresci, sinto a confirmação do quanto tudo mudou dentro de mim. Tudo em que consigo pensar é Bardel.

Blessfield é a mesma de sempre. São seis horas e não há muitos carros nas ruas, mas os mercados, farmácias e lojas de conveniência exibem um movimento contido. Penso sobre um jovem Nathan andando por aí, perturbado por seus devaneios sombrios de sexo e sangue. Estou com raiva que a Editora Sahara está me fodendo, e meus pensamentos às vezes deslizam para Ryan Owen, e o sexo apressado que tivemos no chão de sua casa. Gosto dos e-mails que trocamos. Suas ideias estão mudando meu texto, tornando-o mais rico, complexo. Não quero nada além de terminar este livro.

Viro à esquerda na Blueville Street, onde me tornei uma mulher de forma gradual, na qual partia todas as manhãs para ir à escola com minha irmã Amanda. Encosto o carro na frente da casa onde cresci. Cada vez que venho aqui, parece menor.

As luzes estão acesas e ouço os sons de pessoas quando piso no capacho. Toco a campainha com uma respiração profunda e tenho sentimentos mistos sobre estar aqui.

Minha mãe abre a porta. Roberta parece a mesma: o cabelo tingido de loiro, braços e pernas magros, mas seios grandes e um pouco de gordura no abdômen. Ela está vestindo uma camisa vermelha e os furos de botão são esticados um pouco sobre o peito. Seu cabelo é encaracolado e ela me abraça. Amo seu cheiro, sempre amei. Gosto do abraço. Espero que dure para sempre. Mas agora acabou e ela está me dando boas-vindas ao lar com palavras típicas.

Quando entro sinto o cheiro de comida e o amo.

Meu pai não se levanta do sofá, então vou até ele, sabendo que minha irmã está na cozinha.

– Papai – digo, inclinando-me e dando-lhe um beijo.

– Querida – ele diz, em sua voz profunda. Sua mão é quente no meu braço.

– Você parece magra.

NACIONAIS-ACHERON

E é a primeira crítica da noite.

– Eu sei – respondo, e me dirijo à cozinha, onde Amanda está falando em voz alta com Roman, seu marido, que está bebendo cerveja encostado no balcão.

– Manda – digo, e ela para de falar.

Sinto seu olhar no meu corpo, em seguida o beijo na minha bochecha. Ela tem cheiro de alguma loção da Victoria's Secret chamada Pure Seduction ou alguma merda assim.

– Você chegou bem na hora do jantar.

– Ei, Roman – forço-me a dizer. Odeio esse idiota com quem ela se casou apenas para calar as pessoas.

– Katherine – diz ele, abraçando-me de forma próxima demais. – Faz tempo que não a vejo.

– Um ano. – Eu suspiro à medida que recuo e confiro a comida. – Onde está Morris?

– Lá fora. – É a resposta de minha irmã. – Então, quais são as novidades?

Minha mãe entra e levanta as tampas das panelas, uma por vez.

– Está tudo bem – digo, abrindo a geladeira e retirando uma cerveja.

– Você ainda namora aquele rapaz bonito, Dale? – É a a-gra-dá-vel pergunta da minha mãe.

– Não, nós terminamos. – É tudo o que eu digo.

Amanda não vai deixar barato.

– Por quê? O que aconteceu? Eu não acredito que você não me contou isso!

Eu dou de ombros.

– Não estava dando certo.

– Então o que você está escrevendo agora? – pergunta Roman.

– Na verdade, sobre Nathan Bardel, o serial killer.

Sua risada sai como a de um porco. Agora minha mãe e Amanda estão olhando para mim.

– Sério? – É Amanda.

– Sim – digo, arrotando minha cerveja. – Sua biografia.

Mamãe está sacudindo a cabeça.

– Cristo, o que há de errado com você?

Você. Tudo isso, penso. Gostaria de alguém que pudesse me entender, quero Ryan Owen e seus lábios no meu sexo.

– É interessante – eu pressiono. – É um trabalho difícil.

Agora Roman bufa de novo. Amanda faz uma careta para mim.

– Trabalho difícil? Sentada com a bunda na cadeira todos os dias de pijama escrevendo em um computador? Você devia tentar ser garçonne, querida.

– Esses escritores têm a vida tão fácil – diz Roman. – Acordam a hora que querem, só trabalham se tiverem vontade, e recebem toneladas de dinheiro sem fazer nada o dia todo.

– Sim, é isso – respondo, porque não consigo me segurar. – Estou nadando em dinheiro para não fazer nada o dia todo.

Mamãe está agitando os braços.

– Ah, parem com essa conversa sobre escrever e assassinos. Kate, ponha a mesa.

Uau, é como ter quatorze anos novamente. Eu quero ir embora. Mas estou aqui por Morris.

Arrumo a mesa enquanto meu pai assiste à TV. Quando termino vou lá fora e enfio um cigarro entre os lábios. Enquanto fumo vejo Morris andando de skate no quintal. Ele dá um pisão e a coisa voa no ar e a agarra, enfiando-a debaixo do braço.

– Tia Kate. – Ele sorri.

Eu beijo sua testa.

– Ei, garoto.

– O que tá pegando?

Morris não mudou, é magro e tem uma franja comprida que cai em seus olhos. Eu o amo. Agora penso que talvez o ame mais do que a qualquer um dos outros.

– Nada de mais. O que está acontecendo com você?

Ele dá de ombros, enquanto brinca com o skate agora, daquele jeito tímido que tem.

– Nada.

Já aprendi a conversar com ele.

– O que tá curtindo hoje em dia?

– Skate, hip hop. – Ele encolhe os ombros novamente.

– Tá namorando?

– Não – ele murmura.

– Interessado em alguém?

Seus olhos dizem sim, mas ele não olha para mim.

– Nem. – Ele balança a cabeça.

– Está tudo bem em casa?

- Huh-hmm. – É a sua resposta.
- Está tudo bem entre você e Roman?
- Sim.

Eu sei que Morris sente falta do pai. Eu sei que ele não gosta de Roman. Ninguém gosta de Roman, exceto minha irmã idiota. Tenho a forte sensação de que ele bate nela às vezes, mas me sinto cansada demais para me importar. Talvez ela goste. Tenho certeza de que ela o defenderia se eu tocasse no assunto, então por que eu deveria me preocupar? Não sou melhor do que ela quando deixo Dale me comer, depois do que ele fez com nossa relação. As irmãs Dwyer: duas putas burras.

- Moleque, o que você quer para o seu aniversário?
- Novas rodas para meu skate? – Ele sorri para mim.
- Recebi um dinheiro para um livro que vou escrever – digo a ele. – Você pode pedir uma coisa legal.
- Um MP3 Player.
- Agora sim!

Ouçõ minha mãe gritando para entrarmos. Finjo que esqueci que ela odeia cigarros. Jogo o meu na grama e piso nele.

Dentro estão todos se sentando para comer.

Eu sento enquanto Amanda diz a Morris para lavar as mãos.

A comida da minha mãe é excelente. Há frango, purê de batatas, legumes e molho e percebo que não como comida de verdade desde que Savannah me fez o bife e arroz.

Papai fala:

- Pensei que você fosse trazer aquele cara legal, o jogador de futebol.

Mãe:

- Eles terminaram, Joe. – Com aquele tom.

Meu pai balança a cabeça.

- Por que, por que terminaram?

Isso mexe comigo e estou fazendo o meu melhor para controlá-lo, mas sai assim:

- Ele comeu outra mulher.

E isso faz com que a minha mãe me olhe com decepção, e meu pai balança a cabeça, Morris morde uma risada. Roman está olhando para mim como se eu fosse uma prostituta. Amanda parece satisfeita.

- Isso é necessário? – É o comentário da minha mãe.
- Você perguntou – eu respondo.

– Mas ele era um garoto tão bom – meu pai continua. – Você deve ter feito alguma coisa para irritá-lo.

– Devo. – Eu suspiro, odiando isso.

– A maneira como você age, Kate. – Minha mãe está sacudindo a cabeça. – Ninguém vai ficar com você por muito tempo.

Eu quero chorar e gritar com eles e reúno todas as minhas forças para não apunhalar todos com a minha faca. Mais uma vez penso em Nathan. E eu acho que talvez Owen esteja errado. Talvez seja possível compreendê-los.

X X X

No dia seguinte, acordo no meu antigo quarto, que é agora um quarto de hóspedes. Tomo um banho, visto-me e saio com meu mapa em minhas mãos.

Dirijo para a antiga casa de Nathan Bardel, sem certeza do que vou encontrar lá. Tenho uma imagem dela na minha cabeça. Enquanto dirijo, a cidade começa a mudar e vejo pequenas casas sem quintais, pessoas de conversa nas ruas, vivendo de programas do governo, pessoas negras ouvindo música. Vejo uma mulher pálida fumando do lado de fora de sua casa enquanto os filhos correm ao redor, felizes da vida.

Dou uma volta e encontro a casa.

Por um momento não tenho certeza se é a mesma. Foi pintada de branco, restaurada um pouco, mas ainda é pobre. As janelas estão abertas. Permaneço sentada no meu carro, desligo o motor e a estudo. Será que eles sabem, as pessoas que vivem lá? Será que sabem que é onde um assassino em série foi criado? Será que eles se importam? Será que eles sentem?

Um grande cão está farejando a grama. Mais uma vez eu me pego chorando, cansada e dolorida em minha alma.

Penso em uma criança sem amor, confusa, chorando sozinha, sem amigos. Tento imaginar uma mãe que nada fazia fora sonhar com outra vida. Tento me imaginar como uma jovem, assustada e intimidada quando meu padrasto chega do trabalho. Tento imaginá-lo me levando para o quarto e me fodendo enquanto eu fico ali, imóvel, fingindo que estou em outro lugar. Estou cheia de raiva, rápido. Cheia de desgosto com a raça humana, e uma noção infantil de que deve haver um motivo, uma razão espiritual, cósmica para coisas como essa acontecerem.

Minha dor é tão profunda que sinto que nunca vou sorrir novamente.

E tento desejar algo, mas eu não sei o que é. Eu não sei do que preciso para ser feliz.

Quando minhas lágrimas secam, saio do carro e caminho até a casa. A tristeza não me deixa temer nada.

Toco a campainha e uma mulher abre. Ela é um pouco gordinha. Sorri.

– Olá – eu digo. – Meu nome é Katherine Dwyer. Sou escritora. Estou escrevendo um livro sobre... – aqui eu hesito. – Nathan Bardel. Acho que você sabe de quem estou falando.

– Aquele cara. – Ela acena com a cabeça. – O que matou algumas mulheres. Ouvi dizer que ele morava aqui quando era criança.

– Sim, isso é verdade. Você se importa se eu der uma olhada? Na casa?

– Bem, eu não sei o que você acha que vai ver.

– É um pedido estranho, eu sei. Mas eu cresci por aqui. Meus pais moram a poucas ruas daqui. – Estou mentindo. – Seria apenas alguns segundos.

Ela me dá um olhar, mas se afasta para o lado.

Entro e vejo uma sala de estar mal decorada com muitas fotografias nas paredes, miniaturas de cavalos e unicórnios no rack de TV e um gato, olhando para mim. Vejo a mesma sala, na minha cabeça, como deve ter sido quando Nathan era um menino. A imagem que eu vejo é a que eu criei, tudo azulado e bege. Observo um jovem Nathan sentado no chão, brincando com seus brinquedos enquanto seu padrasto assiste à TV e bebe. Imagino uma Natalie silenciosa fazendo sua lição de casa em um canto.

Quero deixar este lugar.

Estou ciente de que a mulher está me olhando.

– Você quer ver o andar de cima, também?

Concordo com a cabeça, mas eu realmente não quero mais.

Eu a sigo pelos degraus de madeira escura e vejo o corredor. É pequeno lá em cima. Ela me leva para um quarto onde o sol derrama. Vejo uma máquina de costura e uma cama de solteiro. Na parede, um desenho emoldurado de um cavalo.

A casa cheira a frango e umidade.

– É aqui que costuro. – Acho que este é o lugar onde o assassino dormia, porque é o menor quarto.

Acho seu comentário curioso.

– Quero dizer. – Ela cruza os braços. – Se eu tivesse um filho é onde ele dormiria. E tem isso. – Ela aponta o queixo para a parede e vejo algumas marcas. Eu me ajoelho e vejo que alguém marcou as alturas do menino. As datas estão desbotadas, mas não importa. Isso foi feito apenas pelos primeiros anos de sua vida. Imaginar que Nathan tocou nesta parede... Eu me levanto e me sinto mal do estômago. Nada me fez sentir isso antes, nem mesmo as fotos das vítimas.

– Você nunca pintou este quarto?

– Não, não este – ela responde. – Mais alguma coisa que você queira ver?

Ela parece divertida comigo e minha curiosidade. Sinto vontade de vomitar e respiro fundo. Juro que posso senti-lo comigo. Há tanta tristeza nesta casa.

Quero sair.

Agradeço a ela e vou embora.

Vomito assim que entro na casa da minha mãe. Não a quero fazendo perguntas e finjo que nada aconteceu.

Nathan

Kate está trabalhando sem parar. Vem fazendo isso há dias. Desde que voltou de nossa cidade natal, ela praticamente não dormiu. Ela passa o dia inteiro na frente do computador tomando café e fumando, e nem sequer atende o telefone. Ryan Owen a tem enviado algumas notas e ela as incorpora em seu livro. Vejo-a com um sentimento misto de ódio e admiração.

Quando Kate fez uma completa idiota de si mesma por ser a trepada mais fácil da vida de Ryan Owen, eu nutri ódio por ela. Eu simplesmente não esperava aquelas atitudes de sua parte. Deixou-me enojado a forma como ela bancou a puta com ele, e desejei ser capaz de cortá-la por isso. Este é o tipo de mulher que sempre desencadeou os meus mais profundos pensamentos de raiva.

Por dias eu a observei, querendo gritar com ela, desejando poder espancá-la pelo que tinha feito. E não parou por aí. Ela pensou naquele filho da puta do Owen por longos períodos de tempo e tinha um sorriso estúpido e patético quando recebia seus e-mails.

Eu a odiei naqueles dias. Detestava como ela se sentia quando pensava no encontro sexual ridículo dos dois. Mas ela estava escrevendo e a história me fez ficar por perto. Ela estava escrevendo muito bem:

Nathan deve ter perseguido Karen Wakefield por dias, porque já havia decorado sua rotina na noite do ataque. Era uma noite quente, e Karen fechou a loja às oito, como sempre fazia. O que ela estava pensando naquela noite? Talvez sobre rituais triviais, como o jantar e um banho quente. Talvez sobre sua nova sobrinha, que havia nascido dois dias antes e que ela tinha visitado no hospital no dia anterior. Fosse o que fosse, Karen estava distraída demais para ver o homem dentro da caminhonete estacionada, a observá-la, antecipando o momento em que ele pudesse ficar sozinho com ela e saciar seus apetites obscuros. Ela estava caminhando para a casa, e pegou a mesma rua, aquela que era ladeada por árvores e casas baixas, aquela em que Nathan

parou e lhe pediu indicações. Ela deve ter sido amigável com ele, porque uma testemunha estava fechando as cortinas da sala de estar quando os viu conversando. Mas a vizinha se virou, e Karen nunca mais foi vista viva.

Ele disse algo e ela entrou no caminhão. Ela foi morta uma hora depois.

Eu estou apaixonado por Kate e sua maneira de escrever sobre a minha vida. Leio o livro que ela escreve, e que tornou-se nada menos do que uma obsessão para ela. Ela respira fundo e continua, praticamente sem olhar para suas anotações:

Karen foi estuprada duas vezes. Ninguém ouviu seus gritos, e talvez ela nem tenha gritado. Era típico de Bardel prometer às vítimas a libertação, se elas colaborassem. Em momentos como estes nossos velhos instintos assumem e ela queria viver. Depois dos estupros, foi estrangulada. Nathan brincou com seu corpo, esculpindo o seu mamilo esquerdo e deixando sua assinatura de X sobre o outro. Ele a esfaqueou sete vezes, sendo cinco no estômago e duas em sua vagina. Ele pegou uma corrente que ela costumava usar, valor monetário insignificante, e fugiu. O corpo de Karen não foi coberto e ela ficou exposta, para servir de banquete para insetos, até ser encontrada treze horas mais tarde por um estudante de dezoito anos.

Fotos de Karen foram posteriormente obtidas pelo agente do FBI Ryan Owen, no apartamento de Nathan. Ele tirou três dela, todas depois da morte. Em um mês de interrogatórios com Ryan, Nathan disse:

“Karen era doce e inocente. Eu queria ensiná-la sobre o mundo real. Ela manteve a esperança até o último momento, enquanto eu apertava sua vida, a respiração dela, enquanto seu rosto ficava vermelho, seus lábios abriam em busca de ar, as veias e seus olhos saltaram da cara dela. Karen morreu inocente, eu acredito. Sim, eu realmente acredito nisso. Tirei fotos dela. Eu me masturbei com elas durante semanas. Pesquisei nas lojas pelo perfume floral e doce que ela usava naquela noite, mas nunca o encontrei.”

Nathan escolheu “Lullaby” do Brahms para ser a música de Karen. A escolha é fria e cruel.

Sua irmã e sobrinha moram no Colorado agora. Eu me pergunto quantas vezes por dia pensam nela.

Sorrio com a forma como ela torna tudo melodramático. Mas ela é inteligente. Isto é o que vende. Mesmo que meu carinho por Kate cresça a

cada vez que se senta para escrever sobre mim, eu me pergunto por que ela está fazendo isso, se a sua editora não tem intenção alguma de publicar o livro.

Durante duas semanas, Kate escreve. Ela sai para viagens longas de carro e faz anotações mentais sobre as ruas, as pessoas nelas, as árvores, os carros. Ela come sozinha em lanchonetes, enquanto lê as transcrições de Ryan de nossas conversas. Gosto de ficar sentado à sua frente e fingir que somos namorados. Tenho momentos em que eu desejo que Kate pudesse me ver, falar comigo, perguntar como foram os crimes. E eu tenho a sensação de que ela adoraria isso.

Kate não se cortou novamente. Ela para de escrever, por vezes, para assistir à TV. Em duas noites ela se masturba antes de ir dormir. Gosto de ver isso, o jeito como ela toca nos peitos e apenas aperta os quadris por um tempo, até saber que está pronta, então afasta suas coxas e massageia a si mesma. As merdas que ela imagina variam de “leve” como suas noites na faculdade, para “obscuras” como estar amarrada enquanto vários tipos de pessoas, e até mesmo animais, a acariciam, com a finalidade de descobrir a melhor maneira de dar prazer a uma mulher. Eu detesto, mas às vezes ela pensa em Ryan Owen.

E então eu faço algo interessante. Decido visitá-lo.

Tudo o que tenho a fazer é desejar isso, e estou na sua sala de estar.

Ryan está organizando seus livros. De muitas maneiras, ele e Kate são semelhantes. Ele é tão organizado quanto ela. Ryan comprou uma estante barata em um tipo de loja faça-você-mesmo que os homens americanos amam. Eu o vejo com sua chave de fenda, suado, ouvindo Led Zeppelin, bebendo cerveja, montando essa coisa até estar boa e pronta para seus livros. Ele limpa o suor da testa e tira a camisa. Começa a fixar pequenas etiquetas nas prateleiras e organiza, meticulosamente, os livros por assunto e em ordem alfabética de título.

Ler seus pensamentos não é tão fácil.

Ele só pensa sobre os livros e seus conteúdos, por muito tempo, mas às vezes sua mente divaga. Ele está pensando sobre Selena Martinez com pesar. Eu não sei quem ela é no início, mas logo entendo que é uma colega de trabalho que ele pegava pelas costas da esposa. Algo aconteceu com Selena e ela está morta agora. Gostaria de saber se eu poderia encontrá-la por aqui se procurasse o suficiente.

Ryan pensa pouco em sua ex-esposa, Melissa. Ele sente falta de seu filho,

no entanto. Realmente sente.

Pensa em mim também. E eu gosto disso.

É fim de tarde quando há uma batida na porta.

Ryan se levanta e geme porque suas costas doem. Este desgraçado sabe que está ficando velho.

Ele abre e fica muito surpreso ao ver o colega do FBI, Douglas Bertelli. O homem tem quase a mesma idade de Ryan, está vestindo um terno que tem federal praticamente escrito nele e esboça um sorriso.

– Ryan.

– Doug – ele diz, claramente. – Confesso que não previ isso.

– Eu sei. Posso?

Ryan dá um passo para o lado e há dúvida e apreensão nele. Eu gosto disto. Pergunto-me como eles falam, pergunto-me o que eles têm a dizer. Eu realmente gostaria que eles falassem de mim.

Douglas Bertelli olha em volta com os olhos experientes de um companheiro profiler. Eles caminham para a sala e Ryan explica:

– Organizando minhas coisas.

Douglas concorda com a cabeça. Ryan remove alguns livros do sofá e convida seu colega para se sentar sobre o plástico. Ele o faz. Ryan se senta no chão e bebe sua cerveja. Percebo que ele não oferece uma para Douglas e o homem percebe a mesma coisa.

– Então, como tem passado? – Bertelli pergunta.

– Tudo bem. – É a resposta. – Como está o trabalho?

Ele sente falta. Demais.

– O mesmo. Estão cortando verbas aqui e ali, o café ainda é uma merda.

Ryan fala enquanto o observa.

– Você está aqui por quê...?

Douglas suspira.

– Temos que conversar. Tem uma mulher que está escrevendo um livro sobre Nathan Bardel. Ela entrou em contato com o detetive do departamento de polícia de Miami, Mark Gambatto e pegou um pouco de material dele, incluindo transcrições das entrevistas e as confissões.

Ryan permanece calmo.

– Sério?

– Sim. Houve algumas conversas e tive uma reunião com o Chefe Moore. Ele está preocupado com o livro e a investigação dessa mulher.

– Interessante. E você está aqui por quê...?

Douglas está desconfortável.

– Recebi ordens para lhe pedir que não revele nada sobre o caso se esta mulher, seu nome é Dwyer, bater na sua porta.

– O que eu poderia revelar que incomodaria tanto o FBI?

– Eu honestamente não sei. Recebo ordens, Ryan.

Ryan o estuda.

– Qual é o nome dela?

– Dwyer. Kathleen. – Então ele para. – Não, Katherine.

– Tudo bem. Se ela passar por aqui digo que tenho amnésia e não me lembro de uma única coisa sequer sobre a investigação Bardel. Acabamos?

– Ryan... Você não pode agir como uma vítima. Você fez besteira.

Ele está sentindo raiva. Esconde.

– Sim, eu suponho que fiz.

Douglas se levanta.

– Espero que se lembre onde sua lealdade deve estar.

Ryan abre a porta.

– Com o bureau, é claro.

Douglas sorri e enfia as mãos nos bolsos.

– Vamos almoçar um dia desses.

– É claro. – E uma vez que Douglas está fora da casa, Ryan fecha a porta e morde o lábio. Está se sentindo desconfortável.

Ele esquece o que estava fazendo antes e abre o seu laptop. Faz uma pesquisa rápida e descobre que Kate publicou seus dois primeiros livros através da Editora Sahara. Ele faz uma verificação sobre Kate e Sahara. Lê alguns comentários sobre seus livros anteriores. Sobe e toma um banho. Quando está vestido e pronto, pega as chaves e entra no carro. Ele é metuculoso nisso: verifica os bancos de trás, coloca o cinto de segurança, ajusta o espelho e, em seguida, liga o veículo. Dirige até uma livraria. Vou com ele.

Uma vez lá dentro, o ar-condicionado o incomoda um pouco e ele caminha até um funcionário. Pergunta onde pode encontrar os dois romances de Katherine e o rapaz o leva até a seção correta.

Ryan compra ambos. Ele os inspeciona. A foto dela na parte de trás, o logotipo da Sahara e os títulos:

Anseio de Morte e A Sala de Espera.

Quando ele está em casa, pega o telefone e disca um número por memória.

– Helen? Ryan Owen – diz. Ele sorri um pouco. – Igualmente. Como estão

as coisas?

Eu vejo isso com curiosidade crescente. Ele ouve Helen falar por um tempo. Então diz:

– É, você me pegou. É Katherine Dwyer, aqui da Flórida. Ela mora em Miami. Nasceu em Blessfield, em 1985. Sim, tudo o que você conseguir. Obrigado, amo você. – Ele ri um pouco da resposta e desliga o telefone.

Ryan está preocupado com Kate.

Estou começando a gostar dele.

São oito horas quando Ryan termina de organizar seus livros. Ele está cansado e com fome. Pede comida chinesa e abre outra lata de cerveja. Está de olho nos romances de Kate, mas não toca neles ainda. Desliga o rock, desta vez é The Blue Öyster Cult e liga a TV. Senta no sofá, levanta novamente e arranca o plástico, deixando-o no chão, e senta novamente. Ele liga o laptop e abre seu e-mail.

Há um e-mail de Helen com informações sobre Kate.

Ryan é um desgraçado sorrateiro.

Kate nasceu em Blessfield, no Hospital Good Hope, em 7 de setembro de 1985, filha de Roberta McGregor e Joseph Dwyer. Frequentou o jardim de infância Little Fingers e mais tarde o Fundamental, Ginásio e Colegial Blessfield, onde teve excelentes notas até seu oitavo ano. Durante dois anos, suas notas foram terríveis, depois melhoraram. Kate se juntou ao clube de debate e o clube de literatura e conseguiu se formar. Fez faculdade de Letras, na Flórida.

Ryan pensa sobre tudo isso. Lê um pouco mais, sobre seus pais e seus empregos e até mesmo a pouca informação que Helen conseguiu sobre Amanda Dwyer. Quando termina, pega o telefone e discar um número que vê na tela do computador.

Estou surpreso quando ele diz:

– Ei, Katherine. É Ryan Owen. – E coloca o telefone no viva-voz e o apoia em seu colo. Enquanto conversam, ele olha para a foto dela que abriu no Google Imagens.

– Ryan. Oi. Como vai?

– Estou bem. E você?

– Tudo bem. Como você conseguiu meu número?

Ele sorri um pouco.

– Tenho os meus meios.

– Sinistro. Gosto disso. Então...?

– Então, escute, lembra que eu lhe disse para ter cuidado com quem fala sobre o livro?

– Sim, eu tive.

– Bem, recebi uma visita de um federal, um colega meu, hoje. Algumas pessoas sabem o que você está escrevendo e isso as incomoda por algum motivo. Eu só quero que você me prometa que vai ser cuidadosa. Não abra a porta para quem não conhece, mesmo que seja um policial. Fica esperta quando estiver na rua, tá? E me liga se tiver razões para acreditar que alguém está observando você.

– Você está me assustando.

– É minha intenção. Eu quero que você seja muito cuidadosa.

– Ouça, a Sahara não quer publicar o livro. Estão me forçando a sair do projeto, dando dinheiro para eu escrever outro romance.

Ryan fica quieto por um tempo.

– Kate... Talvez você deva parar.

Não há uma resposta de Kate por um tempo. Ela finalmente diz:

– Talvez eu pare.

Ryan ouve a mentira em sua voz.

Então ele diz:

– Tudo bem. Tchau.

– Tchau. – É a resposta dela, e desliga o telefone.

Ryan leva os livros de Kate para cima com ele. Ele lê o primeiro, Anseio de Morte, na cama. É a história de uma mulher que perde a filha e é atraída para um culto com promessas de que será capaz de se comunicar com a menina morta. Conta a jornada da protagonista pelos rituais obscuros e secretos dentro da seita e como, no final, ela é capaz de escapar de um destino terrível nas mãos dos seguidores. Ryan não gosta da história, mas ele gosta da narrativa, o estilo da escrita e o conteúdo sexual do livro. Eu o vejo fazer o que faz de melhor: tomar anotações mentais sobre a psicologia de Kate.

Ele vai dormir pensando sobre a nossa querida e perturbada Katherine Dwyer.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Estou preguiçosa hoje. Usando pijamas, assistindo ao filme Seven: Os Sete Crimes Capitais no sofá, comendo macarrão instantâneo.

Estou pensando no telefonema de Ryan Owen na noite anterior. Ele conseguiu me apavorar. Por isso, hoje não estou escrevendo.

Brad Pitt e Morgan Freeman estão falando na tela, e eu pensando sobre as palavras de Ryan.

Em pensar que alguém do FBI sabe o que estou escrevendo e está tomando medidas para me parar... é desconcertante. Talvez seja isso o que aconteceu. Talvez eles pressionaram a Sahara para não publicar nada sobre Bardel. Por que fariam isso? Eu já passei por todas as vítimas da história de Nathan e os crimes e não há nada que possa arruinar a reputação de alguém ou alguma coisa do tipo.

Olho para minha parede. Talvez eu devesse desmanchá-la. Mas a megera em mim me diz para não fazer isso.

Há batidas na minha porta e estou alarmada.

Não me movo por um tempo, mas então escuto:

– Sou eu, gata, abra. – E eu não sei o que sentir. Dale.

Eu me levanto e abro a porta e o vejo ali.

Ele usa jeans e uma camiseta Polo Ralph Lauren que é apertada no seu peito e bíceps. Eu estranhamente não estou comovida por vê-lo ali. Ele tem um sorriso no rosto.

– Vai me deixar entrar?

Dou um passo para o lado e o observo passar e dar uma olhada ao redor. Ele está fitando minha parede.

– Posso ajudá-lo? – pergunto.

Ele olha para mim.

– Senti sua falta. Quer ir a algum lugar, almoçar?

Cruzo os braços e balanço a cabeça.

– Não. Já almocei.

– Você está bonita, Kate.

NACIONAIS-ACHERON

Sinto ódio por ele.

– Obrigada. Você também. Não entendo por que está aqui.

Seu rosto mostra que está surpreso com a minha atitude. Ele de fato está bonito, mas agora sua presença me irrita.

– Pensei que pudéssemos conversar. Alice e eu estamos passando por uma fase difícil e estou começando a perceber que cometi um erro.

Respiro profundamente, esperando que o ar venha com um pouco de paciência.

– Saia do meu apartamento.

– Você ainda está magoada, eu entendo. – Ele balança a cabeça. – Você tem todo o direito de estar. O que mais você quer que eu diga, Kate? Sinto falta de você, mesmo.

Estou prestes a dizer-lhe para se foder, quando ele diz:

– Eu falei com Savvy. Ela está preocupada com você. Ela diz que você está obcecada com essa história sobre a biografia do assassino e queria que eu viesse aqui falar com você sobre isso. Você costumava confiar em mim, lembra? Podemos conversar. Quero entender o que está acontecendo com você.

Eu sinto meu corpo esquentar de raiva. Quero telefonar para Savannah e gritar com ela até fazê-la chorar. Eu me orgulho do fato de que sei que posso fazer isso, sei quais palavras usar.

– Eu não estou mais escrevendo sobre o serial killer. Comecei um novo livro, Fantasma da Rainha. É sobre uma adolescente que tem sonhos sobre estar na corte de Henrique VIII. Ela acha que foi Ana Bolena em outra vida. – Eu quase dou risada enquanto falo isso. Realmente soa idiota.

Ele aponta para a parede.

– Por que isso está aqui? Por que você está assistindo Seven?

– Brad Pitt me excita.

Ele faz uma careta para mim. Eu gosto de foder com ele. O que vi em um homem como Dale?

– Quero a minha camiseta do Frankenstein de volta, por sinal – complemento.

Ele se aproxima.

– Kate, você é incrível. Não falo isso há um tempo, mas eu amo você. Continuo amando você.

Aquelas palavras me mudam. Porque sei que não são verdadeiras. O filho da puta está mexendo comigo. Eu entendo que Dale gosta de me machucar, é

o tipo de cara que ele é. Excita-o sentir o poder que tem sobre as mulheres as quais conquista. Eu sinto novamente, a sensação que não consigo explicar, o desejo de ser ferida.

Eu sei que vou deixar ele me foder. E sei disso com tanta certeza que dói.

Eu o faço comigo mesma, deliberadamente. Lembro de Ryan me dizendo para ter cuidado, mas eu não quero ter cuidado. Eu tiro minha camiseta e Dale não fica surpreso com isso. Ele olha para os meus peitos por um tempo. Então eu abaixo as minhas calças de pijama e fico lá, de pé, com minhas meias macias.

Dale me beija e é nojo o que sinto. Eu me afasto do beijo porque o desprezo. Eu me viro e me apoio no sofá e como da última vez, ele abre o zíper de seu jeans, entra em mim e me fode por um tempo. Eu fecho meus olhos e isso me excita. Então os abro e olho para minha parede. E eu faço uma coisa estranha. Finjo que isso é estupro.

Fito as fotos na parede e me levo para a floresta, para onde elas foram, e meu corpo para de sentir prazer. Faço isso comigo e não sei por quê. É vergonha, talvez, por ser tão fraca quando se trata de Dale. Eu não sinto nada quando ele mete dentro de mim. Então ele se afasta e fala comigo. Eu nem sequer ouço.

Vou ao banheiro e me limpo.

Não olho no espelho e volto para a sala de estar. Ele me observa colocar o pijama de volta e me sentar em frente à TV, como se ele não estivesse lá.

– O que há de errado com você? – pergunta ele.

– Muita coisa. – É a minha resposta. – Por favor, saia.

Dale olha para mim por alguns segundos.

– Kate...

– Sai, porra – murmuro novamente.

Mas então olho para ele. Ele parece genuinamente ferido.

– Fomos felizes por um tempo – diz ele.

Fomos. Sei que isso é verdade. Não me sentia sozinha quando éramos namorados. Sentia-me tão normal naquela época. Nós costumávamos ir a festas e eu tinha um monte de amigos.

– Você estragou tudo, não eu. – É tudo o que eu sou capaz de responder.

Ele balança a cabeça.

– Eu sei. Sinto muito.

– Está tudo bem – digo.

Na tela, Brad Pitt está chorando. O que há na caixa?, ele grita.

– A cabeça da sua esposa – respondo em voz alta.

Isso faz com que Dale fique lá, olhando para mim como se eu fosse louca.

– Katherine.

Olho para ele de novo. Sinto que estou prestes a chorar.

– Eu não vou voltar.

– Bom. – Eu me forço a dizer. – Não volte.

Ele está quieto, então sai, fechando a porta suavemente. O silêncio é bem-vindo.

Sento lá. Quero me cortar. Quero ver sangue.

Meu sangue.

Minha depressão está me dominando. É como uma presença em torno de mim, como uma sombra que se esconde.

Eu penso sobre as festas com Dale e os nossos velhos amigos. Para onde aquelas pessoas foram? Por que não ligaram? Entristecida, pego o telefone e disco para Savannah. A vadia atende no terceiro toque.

– Olá?

– Você é uma puta do caralho, sabia disso?

– Kate?

– Quem mais?

– O que está acontecendo?

– Você falou com Dale? Está preocupada comigo?

– Estou. Eu já disse isso antes. Mande o que você tem do novo livro, quero dar uma olhada.

Cerro os dentes. Desligo o telefone e o arremesso contra a parede, o som que faz parece distante de mim.

Destruí-o e sei disso, mesmo sem olhar.

Eu a odeio.

E sempre a odiei, não? Não era estar perto dela, íntima dela, outra manifestação da minha natureza autodestrutiva?

Isso não sou eu. Eu não sou assim. Eu não sou normal, sei disso, mas definitivamente não sou assim. Penso em Ryan. Sim, a mulher que eu fui quando estava perto dele, aquela era meu verdadeiro eu. Quero ligar para ele, mas não tenho coragem.

E agora a campainha toca novamente.

Sem pensar, eu me levanto para abri-la. Talvez seja a desgraçada, Savannah. Quero gritar com ela.

Mas quando abro, só vejo uma caixa.

Espio o corredor e não vejo ninguém.

Jogo um olhar por cima do ombro e Seven está em seus créditos finais.

Penso em Brad Pitt. Que há na ca-i-xaaa?

Porra, o que é isso?

Eu a levanto. É surpreendentemente leve.

Nervosa, fecho a porta com o pé. Pouso o cubo de papelão no meu balcão da cozinha e volto para trancar a porta.

Coloco um cigarro entre os lábios e fumo.

Fico olhando para ela. Não há nada que indique de onde veio, mas meu nome está escrito no topo. Assim: Katherine Dwyer.

Pego uma faca de cozinha e com o meu Marlboro equilibrado em meus lábios corto a fita marrom.

Quando eu abro a caixa, não há nada além de um envelope nela. Por que uma caixa, se é um envelope?

Eu o abro. É grosso.

Espalho o conteúdo ao longo do balcão. Há fotografias. Mas eu vejo a carta primeiro. É digitada, em papel branco comum. Lê-se:

Você não tem ideia de onde está se metendo.

Ninguém tem que se machucar. Basta parar com sua pesquisa e voltar à sua vida normal.

Algumas coisas são melhores quando esquecidas, Katherine. Esqueça Bardel.

Estou sendo ameaçada. Ryan está certo.

Com medo do que vou ver, seguro as fotos coloridas brilhantes em minhas mãos.

Já vi muitas destas antes. Elas estão nuas, mutiladas, mulheres mortas.

Vítimas de Bardel.

As fotos não me chocam porque estou acostumada a elas. Mas agora estão no mesmo contexto que eu.

Depois de sete delas, deparo-me com uma coisa que não entendo a princípio.

Quando compreendo, meu coração dispara.

As últimas cinco fotos são de Ryan Owen.

Elas têm um ângulo para baixo, como que tiradas de câmeras de vigilância.

Estão todas em sequência dentro de um escritório. Nelas, Ryan veste um terno, está fazendo sexo com uma mulher de cabelo preto e pele morena.

Umedeço meus lábios e deixo as fotos em cima do balcão. Afasto-me delas.

Acho que vou vomitar.



É o toque do telefone que me acorda.

Estendo meu braço e esbarro em algumas coisas sobre a mesa de cabeceira, enquanto tento encontrar a maldita coisa.

Pressiono talk e o encosto na orelha.

– Sim?

– Eu não entendo o que você está tentando fazer.

É Kate e sei disso imediatamente. Estou alarmado.

– Kate?

– Olha... Não sei a quem recorrer. Talvez seja você brincando comigo. Talvez seja outra pessoa. Não sei. Estou com medo.

– O que aconteceu? Kate, você pode confiar em mim.

Ela ri, nervosa.

– Posso?

– Sim. Conte-me agora.

– Recebi uma carta, dizendo para parar a pesquisa sobre Nathan Bardel. E fotos de suas vítimas.

– Não toque em nada. Estou a caminho.

– Ryan? Você jura que não é a pessoa que a enviou?

– Kate, vamos lá. Não sei o que dizer a você para confiar em mim. Então, eu só estou pedindo, ok?

Minha cabeça está nadando e agora sei que algo grave está acontecendo. Odeio que ela esteja apavorada. Por outro lado, tenho orgulho dela por duvidar de mim. Ela desliga o telefone.

Encho uma sacola de ginástica com um par extra de calças jeans e três camisetas, assim como a minha escova de dentes, pente, barbeador e algumas cuecas e meias.

Estou no meu carro dez minutos depois, com seu endereço no GPS, perguntando-me o que diabos está acontecendo.

Chego ao prédio de Kate, em Miami, às oito horas. Sinto o ar quente da
NACIONAIS-ACHERON

noite em torno de mim quando saio do carro. É um edifício baixo, de três andares, e entro direto porque a porta está aberta.

Toco a campainha, olhando em volta, e ela abre.

Vejo o medo no seu rosto.

É estranho que esta seja apenas a segunda vez que a vejo. É estranho que tenhamos feito sexo. Sinto que já conheço Kate. Ela dá um passo para o lado e eu entro.

O apartamento é limpo. É um pouco impessoal e isso nunca é um bom sinal.

A TV está ligada e vejo um seriado com muita gente bonita e risadas gravadas.

O cabelo de Kate está molhado e penteado. Ela veste um top preto e calças jeans e está com os pés descalços.

Sem maquiagem, ela é bonita para mim.

– Ei. Você está bem? – É o que pergunto enquanto ela fecha a porta e a tranca.

– Huh-hmm. – É a resposta dela enquanto assente.

Ela aponta com o queixo e me viro para ver a carta e as fotografias no balcão.

Aproximo-me com cautela.

Vejo um bilhete digitado e fotos das vítimas de Bardel. Reconheço Karen Wakefield, Martha Smithson, Cate Hills e Joan Coates. Há duas de Coates.

Leio a nota sem tocá-la. É uma ameaça evidente. Meu instinto me diz que a pessoa que fez isso nunca escreveu uma carta como esta antes e ele (não tenho dúvidas de que é um homem) usou as ameaças habituais de cinema para compor. Não há nada de pessoal nisso. É quase como se ele tivesse sido mandado escrevê-la.

– Você tocou nela?

Ela apenas balança a cabeça e fuma com os braços cruzados.

Viro-me para Kate e agora penso sobre o meu próximo passo.

Tomo a minha decisão.

– Preciso tirar o meu carro daqui. Ninguém pode saber que estou aqui, tudo bem?

Kate assente novamente.

– Tranque a porta quando eu sair. Já volto.

Saio e a escuto trancar.

Nos próximos vinte minutos dirijo e estaciono o carro na rua, a cinco

blocos do prédio de Kate. Tiro minha Glock do porta-luvas e a enfio no jeans. Agarro minha sacola de ginástica e caminho enquanto olho em volta para identificar qualquer idiota que poderia estar me seguindo. Não vejo qualquer pessoa assim.

Kate abre a porta quando eu bato.

Seu apartamento tem cheiro de fumaça de cigarro, mas não me incomoda.

Ela olha minha bolsa de ginástica. Coloco minha arma no balcão da cozinha. Ela também olha para a arma. Não quero assustá-la. Falo:

– A melhor coisa a fazer é ir para a polícia. Eu sei que neste momento não temos nenhuma ideia de quem é confiável, mas não podemos fazer as coisas fora da lei. Então amanhã você vai até a delegacia de polícia, pedir para falar com Mark Gambatto e contar tudo.

– Digo que conversei com você? Que você está aqui?

Penso sobre isso. Acho que posso confiar em Mark. Mas não tenho certeza.

– Diga a ele que você me viu, sim, mas não mencione que estou aqui.

Kate concorda. Vejo o medo no rosto dela.

– Vai ficar tudo bem – digo, sem ter certeza se estou mentindo para ela.

– Então você vai ficar aqui? – pergunta.

– Se você não se sente confortável com isso...

– Sinto sim. – Ela assente com a cabeça. – Quero que você fique.

É uma coisa boa de ouvir. Fico feliz que ela confia em mim, porque isso vai ser muito mais difícil se não o fizer. Agora estou ciente de que estou aqui no apartamento dela, e que ela está linda, e... E eu vejo a parede.

Vou até ela e me parece ser algo que não deveria estar aqui na casa desta garota.

É Bardel e seu ofício, é uma representação física de sua vida.

Vejo as fotos que já vi um milhão de vezes, vejo as datas e os nomes e as notas sobre modus operandi. Vejo tudo e temo que Kate tenha ultrapassado um limite, uma linha que a mudou, assim como me mudou.

Ela está fazendo o que eu costumava fazer. Está mergulhando de cabeça na piscina de horror que é a vida fora do ciclo restaurante – trabalho – cama – TV – shopping.

Balanço minha cabeça, temendo que seja tarde demais para ela.

Quando olho para Kate, ela se move um pouco, erguendo o queixo para me desafiar.

– Você vai tirar isso daí – digo, antes que possa me controlar.

Vejo-a apertar sua mandíbula. Ela está uma fera.

– Kate... – prossigo. – Para todo mundo, você não deveria estar mais interessada em Nathan Bardel. Você já memorizou tudo isso. Tire daí.

Não há uma resposta dela.

– Você vai me dizer o que está acontecendo? – ela finalmente pergunta.

Esfrego minha testa. Cacete, estou tão cansado. Meu corpo dói, estou com fome e essa história está me dando dor de cabeça. Não tenho certeza se estou contente por estar sendo arrastado de volta para a única merda que conheço, ou se estou perdendo a minha chance de paz e descanso.

– Eu quero. Eu vou. – Suspiro. Sei que isso é verdade. Sei que é perigoso, mas preciso jogar limpo com ela sobre tudo isso. – Tem alguma coisa pra comer aqui?

Ela balança a cabeça.

– Não podemos simplesmente ir a um restaurante juntos. Vamos pedir algo. Do que você gosta?

Kate se senta em seu sofá cinza escuro.

– Tanto faz. Peça cerveja também. Eles me conhecem e entregam.

Faço isso. Procuro em sua geladeira por ímãs e peço uma pizza e cerveja. Então encontro alguns sacos plásticos e enfio a carta e as fotos, assim como o envelope, dentro deles sem tocá-los.

Quando volto para a pequena sala de estar, Kate está desfazendo sua parede.

No meio da nossa refeição, nós dois ainda estamos esfomeados, ela diz:

– É estranho tê-lo aqui.

Sim, eu sinto o mesmo. Não tenho ideia onde Kate e eu nos metemos. Um mês atrás, ela era uma estranha que bateu na minha porta e nós compartilhamos uma refeição e orgasmos. Então, durante nossos e-mails, parecíamos amigos tímidos. Agora ela está atolada na merda que conheço bem demais e estou aqui.

– Temos que conversar.

– Sim. – Ela suspira. – Mas preciso que me conte o que aconteceu com você. Tenho que saber o que aconteceu.

– Nunca falei com ninguém sobre isso, Kate.

– Sinto muito. Mas tem que me contar.

Concordo com a cabeça. Ela está certa.

– Tudo bem. – Eu começo enquanto como. – Três coisas aconteceram comigo cerca de um ano atrás. A primeira foi que a minha mulher me deixou. Éramos estranhos com um filho e ela já tinha chegado ao limite com meu

trabalho e os meus... métodos. – Faço uma pausa. Eu estava no processo de esquecimento de tudo isso e agora tudo voltou para me atormentar. Suspiro e continuo: – Eu estava tendo um caso antes disso, e Melissa sabia, mas ela simplesmente não ligava mais. Este caso foi com uma colega, Selena Martinez. Selena... – Balanço minha cabeça, pensando nela. – Selena não estava bem, psicologicamente. O trabalho era demais para ela. Ela estava tendo problemas conjugais e estava tentando engravidar há muitos anos. Eu deveria ter visto o estado no qual ela estava, mas acho que... – Eu acho que o quê? A verdade vem à tona: – Acho que não quis. Nos descuidamos, erramos, e transamos em seu escritório algumas vezes. Estávamos sob vigilância. Recebi um puxão de orelha por isso. Ela, também. Mas Selena estava em um estado de espírito vulnerável na época, e o caso errado foi parar na mesa dela, sobre crianças vítimas de abuso e ela não conseguiu lidar, porque sabia quem era o cara, mas não tinha provas para prendê-lo. Ela cometeu suicídio dois meses depois.

– Caralho. – Kate suspira.

Faço uma pausa e mordo minha pizza. É doloroso falar sobre Selena. Não havia amor entre nós, mas é doloroso.

– Então – eu continuo. – Um pouco antes disso, em 2010, eu estava ocupado com a investigação do Bardel. Nós o pegamos uns meses depois, e quando foi condenado conseguimos que ele continuasse me concedendo entrevistas. Foi durante a última conversa que tivemos que ele disse algo que chamou a minha atenção. Ele estava me provocando, como sempre fazia. E ele disse: “Se você realmente quer saber como se sentiram, as mulheres, apenas fale com ela”. Eu nunca vou esquecer essas palavras. Quando lhe perguntei quem “ela” era, ele sorriu. Foi nesse momento que eu percebi que ele tinha deixado uma sobrevivente e eu não tinha ideia de quem era. Bardel não falou mais nada e nosso tempo esgotou. Eu nunca o entrevistei novamente e alguns meses depois ele foi executado. Mas... – Faço uma pequena bola com meu guardanapo de papel. – Apenas três dias depois daquela entrevista, quando comecei a investigar, eles jogaram o suicídio de Selena em mim como se eu o tivesse causado. Enfiaram as merdas das fotos do escritório na minha cara e fui forçado a sair. E aqui estou eu.

Kate me observa.

– Então ele deixou alguém viver. Ou... Ela fugiu dele. E, aparentemente, ninguém deve saber quem ela é. Quando tentou descobrir ferraram você. Agora que estou ficando curiosa e falando com você estão me ferrando

também. Duas perguntas: quem é ela e quem são eles?

– Sim, foi isso que pensei, também.

Nós ficamos sentados lá, e por um longo tempo, não sabemos o que dizer. Finalmente, Kate se levanta e vai até a parte de trás do apartamento. Quando volta, desliza algumas fotografias sobre a superfície da mesa e eu as reconheço instantaneamente.

– Vieram com a carta – ela confessa.

Isso me emputece ao extremo. Eles estão tentando manipulá-la, lhe fazer pensar que não sou confiável. Fico aliviado por ter sido sincero com ela, que agora sabe que não estou mentindo. Eu odeio ver Selena assim, na sua mesa, eu levantando sua saia e a comendo. Eu lamento agora, lamento tudo aquilo.

Olho para Kate.

– Isso faz você me odiar?

Ela balança a cabeça.

– Não.

Nathan

Estou verdadeiramente em estado de choque à medida que isso se desenrola diante dos meus olhos. Aqui temos o bom e velho detetive Ryan Owen, o homem com quem passei longas tardes, falando sobre minha vida e meus assassinatos. E aqui está a minha vítima favorita de todas, aquela que eu nunca vou ser capaz de foder e retalhar, Kate. E eles se sentam juntos e comem pizza e têm uma teoria da conspiração.

É hilário e deprimente. Não tenho ideia do que fazer com isso.

Eu nunca a teria deixado viva. Ela escapou. E porque ela fugiu, nunca soube seu nome.

Foi uma noite estranha e tudo deu errado. Eu fui desorganizado.

Estou distraído, porque Ryan Owen está tomando uma ducha no banheiro de Kate e ela está desfazendo a parede. Não posso descrever como isso me faz sentir. Eu quero gritar com ela e na verdade tento fazer isso, mas Kate não me ouve. Ela está descolando todos os papéis e jogando tudo dentro de uma pequena caixa de sapatos e isso me irrita. Estou tão puto que me imagino retalhando seus peitos, fazendo-a observar. Quem ela pensa que é para fazer isso com a gente?

Não é culpa dela, digo a mim mesmo. Ryan foi quem quis isso.

Eu sou um mar de sensações, sou feito de raiva e agonia agora. Penso em incendiar o apartamento e prendê-los aqui para assarem.

Leva muito tempo para me acalmar, e estranhamente, é a curiosidade que me faz seguir em frente, onde Ryan toma banho. Posso ver Ryan claramente agora. Ele se arrepende de ter dito à Kate sobre Selena, a vaca louca que ele comia no escritório. Ryan tem medo de estar colocando Kate em perigo, e tem medo que ela vá sacar o idiota que ele é. A maneira como ele pensa sobre Kate é patética. Ryan não vê e não consegue enxergar Kate do jeito que eu consigo. Acha que se importa com ela. Cara, eu tenho pena desses dois.

Kate entra, carregando a caixa. Ela a coloca sob sua cama e para quando ouve Ryan no chuveiro. Como a puta que é, como as cadelas no cio que todas elas são, Kate pensa em entrar e fazer sexo com Ryan. Mas ela não faz isso.

NACIONAIS-ACHERON

Ela vai para a cozinha, limpa tudo e lava os pratos para dar a impressão de que é tão limpa quanto ele.

Ryan vai até sua sacola de ginástica e se veste.

Ele encontra Kate na cozinha e, embora não diga, está aliviado que ela tenha desmontado a parede.

Ryan tem medo de Kate enlouquecer como ele.

Ela fuma.

Eles não sabem o que dizer um ao outro, então ele quebra o gelo:

– Estou lendo o seu romance, Anseio de Morte.

Kate se sente insegura.

– Não é tão bom.

– É legal, gostei dele, é bem escrito. Você é boa com detalhes, teria dado uma ótima profiler.

Kate esboça um sorriso fraco.

– Você foi à casa de Nathan – afirma.

Ela acena com a cabeça.

– Foi horrível lá, sujo, sabe?

Sim, eu estava com Kate quando ela fez aquela coisa ridiculamente estúpida. A casa não me fez bem. Estar lá foi bastante doloroso e trouxe muitas sensações esquecidas para a superfície.

Senti algo que só posso descrever como dor física quando estava lá, ouvi vozes do passado, e era como se todos os acontecimentos da minha infância estivessem ao meu redor, tudo de uma vez. Saí da casa antes de Kate. Mas, mesmo assim, memórias vinham até mim. O dia em que vi acontecer, o dia em que ele chegou em casa no período da tarde, porque tinha sido demitido. No dia em que deixou a porta entreaberta.

Lembro-me de estar ali, no corredor. Lembro que havia alguma janela aberta e eu estava com frio, mas não saí dali. Minha mãe não estava em casa.

Natalie permaneceu quieta, não ofereceu resistência alguma quando ele puxou o short dela e fez o que quis.

Natalie não disse nada. Apenas fechou os olhos.

Eu assistia a tudo.

– Eu imagino que sim – Ryan está dizendo. Ele quer dizer à Kate que sabe o que é ir longe demais. Mas se o fizer, ela vai fazer perguntas que ele não está pronto para responder.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

X X X

Ryan está dormindo no sofá.

Kate estava cansada e quando lhe entregou uma pilha de roupa de cama, ele entendeu que não transariam naquela noite. O que é interessante sobre isso é que ficou ligeiramente aliviado. Ele não está pronto para trepar com Kate após os últimos acontecimentos. Eu estou pensando que como um casal, os dois são tão ridículos quanto dois adultos podem ser.

Ambos levam um tempo para dormir. Kate está preocupada e ansiosa, mas feliz que há um homem na casa para que ela se sinta segura, o que só serve para mostrar o quão fraca ela é.

Ryan pensa no passado que o atormenta. Ele pensa em mim e em nossas conversas. Mas eventualmente, adormece também.

E é aí que coisas horríveis acontecem e nossa história de fato começa.



Eu acordo e penso que preciso me mexer. Estou com medo de escorregar para o mesmo estado de tédio e depressão que agarrou Kate. Saio de casa e levo as chaves.

Em uma loja de conveniências próxima compro um monte de comida. Olho em volta de vez em quando, mas não acredito que estou sendo seguido.

Uma vez de volta ao apartamento, eu vejo Kate ainda dormindo. A visão dela em sua cama me desperta e enche de pensamentos. Vou para a cozinha e faço torradas, despejo suco de laranja gelado em dois copos, organizo uma mesa agradável com tudo que acho necessário. Kate precisa ganhar cerca de sete quilos para voltar a ser a deliciosa mulher que sei que ela foi antes de começar a entrar na mente de Nathan Bardel.

Volto para o quarto e lhe dou uma sacudida leve.

– Kate, venha tomar café da manhã.

Ela está olhando para mim com os olhos sonolentos, mas se levanta.

Vai até o banheiro e começa a escovar os dentes. Eu lhe dou privacidade e ando até a cozinha, onde abro as janelas para entrar ar fresco no lugar. Eu também borrio um pouco de purificador de ar para tirar o cheiro de fumaça do apartamento. Ela entra com uma camiseta longa e meias, apenas.

Acho erótico, mas não digo nada.

Kate senta e sorri para mim.

– Querido, não precisava.

– Eu sempre tomo café da manhã.

– Escoteiro, hein? – Ela bebe o suco.

– Vou levá-la para a delegacia e esperá-la.

Ela concorda com a cabeça.

– Preciso perguntar algumas coisas.

– Vá em frente. – Ela está comendo como se não visse comida há semanas.

– Você tem pessoas com acesso fácil a este lugar? Amigos que têm as chaves, namorado...?

Ela olha para mim.

– Tenho uma amiga que vem frequentemente, mas ela não tem a chave. Meu namorado... e eu não estamos mais juntos. Se estivéssemos eu não teria dormido com você.

– Tudo bem. – Eu suspiro, tentando manter a calma. – Mas um ex-namorado é geralmente alguém que consideramos um suspeito.

– Eu pensei que tínhamos uma teoria.

– Temos, e isso é tudo o que ela é. Podemos estar errados. Como é que o namorado se sente em relação ao seu livro?

Ela parece insegura.

– Ele não gostou. Detestou a parede. Ele é um babaca, mas nunca faria algo assim. E como teria conseguido essas fotos?

– Qual foi a última vez que o viu? – Eu ignoro sua pergunta, porque não tenho resposta para ela ainda.

– Ontem.

Eu fico olhando para ela.

– Ontem.

– Ele veio para conversar. – Ela evita os meus olhos; vejo dor e vergonha no seu rosto. – Uns minutos antes da caixa chegar.

– O que ele queria? Você tem que me dizer.

– Ele queria me comer, Ryan.

– Conseguiu?

Ela está puta, mas eu não me importo. Eu não gosto de nada nessa situação.

– Sim, conseguiu, então foi embora, como sempre.

– Ele sabe alguma coisa sobre mim?

– Não. Como eu disse, ele é um babaca, mas não tem nada a ver com isso.

– Por que transa com ele se acabou?

– Porque sou burra, Ryan.

– Ele é um atleta, não é?

Ela estreita os olhos para mim.

– Ele é forte, em forma, bonitão... – prossigo, observando-a de perto. – Ele é o tipo de cara que pegava todas as meninas na escola. E ele a trata como lixo e você adora.

Kate tenta esconder sua raiva de mim. Mas ela é péssima em mentir. Eu como, calmamente.

Ela não tem nada a dizer, então come também.

Sinto que deveria pedir desculpas, mas realmente não estou no clima. Já saquei quem ela é, e isso não diminui em nada o que sinto por ela.

É nesse momento que ouvimos as sirenes.

Trocamos um olhar.

O som está crescendo. Nós o ouvimos parar e o barulho conhecido da abertura de portas de automóveis. Meu coração dispara e me pergunto o que diabos está acontecendo, e se a polícia está aqui para mim ou para ela. Kate está alarmada enquanto me levanto e estendo minha mão para que ela fique quieta.

Logo, ouvimos passos no corredor.

Depois de um tempo, percebo que os policiais estão indo para o apartamento ao lado.

– Ryan...

Olho para Kate.

– Fica aqui. Sério. – Abro a porta e vou até o corredor.

A porta para o próximo apartamento (18) está aberta e vejo três policiais lá dentro.

Um deles se levanta assim que me aproximo e estende as mãos:

– Você não pode entrar aqui, senhor, por favor, volte para o seu apartamento.

– Estou com o FBI – atrevo-me a dizer, embora as palavras soem ácidas para mim.

O policial olha para mim por um tempo e tenho um vislumbre de uma jovem mulher chorando, conversando com outro policial.

Outras pessoas estão saindo para o corredor.

O policial macho alfa fala para mim:

– Mostre-me a identidade.

– Não está comigo – digo, mas lentamente coloco minha mão dentro do bolso e retiro meu celular. Ele observa enquanto eu acesso a intranet da agência facilmente e encontro a minha própria foto na página. Ofereço a ele o meu telefone e ele o pega.

Devolve.

– Tudo bem, Owen, venha aqui.

Entro e vejo que eles estão agitados.

A garota está sentada no sofá e chora enquanto tenta dizer ao policial o que está fazendo aqui e sua relação com a vítima. Macho alfa está conversando com outro policial sobre mim, mas não escuto. Sinto novamente, sinto em

meus ossos.

Algo verdadeiramente ruim aconteceu aqui. Sei que foi no quarto. Como o policial não faz nada para me impedir, eu ando pelo corredor e olho para os lados. Há um banheiro, as luzes estão apagadas. Há uma sala com roupas femininas bagunçadas, um cesto de roupa suja, CDs. Macho alfa está em cima de mim:

– Mulher, 24, morta quando chegamos, múltiplas facadas no estômago e órgãos genitais. Sua colega de quarto nos chamou.

A descrição me deixa com vertigem. Vou até o cômodo e é déjà vu.

A garota está no chão, não na cama, embora a cama seja uma bagunça sangrenta. Ela é um pedaço de carne, toda sangue e tripas, e me preparo quando me aproximo, cuidadosamente, e olho seu rosto.

Seus olhos estão fechados, há hematomas no pescoço, assim como arranhões de unhas que ela deve ter feito enquanto tentava remover as mãos que a estrangulavam. Seu rosto está voltado para o lado, sem vida. Eu tremo quando vejo o X esculpido cuidadosamente em seu mamilo direito. Eu me afasto e encaro o macho alfa.

– Você é o especialista, Federal – diz ele para mim. – Que tipo de pessoa faz isso com outro ser humano?

Nathan Bardel.

Reprimo uma risada amarga e penso que alguém vai, mais cedo ou mais tarde, perceber que eu não deveria estar aqui. Preciso desse tempo com a cena do crime. Olho para ela e ao redor do quarto. É o quarto de uma jovem mulher. Ela é uma menina desorganizada. As cortinas são muito fechadas (demais até) e a cama revirada. Há ódio nessa cena, mas é contido, organizado.

– Vocês já encontraram uma arma? – pergunto.

Ele balança a cabeça.

– Não tocamos em nada e você também não vai até a perícia chegar.

Eu me aproximo de seu corpo e me ajoelho sob a supervisão do cuzão número um. Ela foi estrangulada, sem dúvida. Conto cerca de seis facadas no estômago. É impossível saber quantas na genitália. Olho para o cabelo, as unhas, a posição de suas mãos. Nenhum mobiliário parece ter sido movido ou usado no crime. Isso parece tão familiar que sinto meus pelos arrepiados. A menina era bonita, também.

Não posso fazer mais nada sem um relatório do laboratório de crime, mas sou ousado o suficiente para abrir o olho com o dedo. O contorno do disco

ainda não está embaçado, como ficaria depois de sete a dez horas após a morte. Vejo a leve coloração roxa onde o sangue assentou na parte inferior do seu corpo, que está contra o chão. Encosto um dedo e pressiono. A cor não muda. Eu olho para o sangue no quarto. Vou precisar de acesso ao relatório da autópsia, mas meu palpite baseado nesses pequenos indicativos é que ela morreu nas primeiras horas da madrugada.

Fico olhando para o X em seu seio e ele me assusta. Mais uma vez olho em volta, para as paredes, as molduras. Nada parece ter sido mexido. Preciso falar com sua companheira de quarto. Saio de lá e tomo ar fresco uma vez que chego à sala de estar. É como estar no apartamento de Kate, com uma decoração e energia totalmente diferente. Os policiais estão fechando a porta porque os vizinhos estão curiosos.

Eu me ajoelho perto da colega de quarto.

– Ei, qual é seu nome, querida?

Recebo um olhar bravo de um policial, e depois o macho alfa começa a explicar quem eu sou.

Ela olha para mim com maquiagem residual de uma noite na cidade e lágrimas.

– Eu sou Brenda – diz ela em voz baixa.

– Brenda, sou Ryan, do FBI, eu sei que você contou a estes senhores tudo o que sabe, mas eu poderia fazer algumas perguntas sobre sua companheira de quarto?

Ela assente com a cabeça.

– Qual o nome dela?

– Jennifer.

– E vocês eram amigas íntimas?

Ela concorda com a cabeça e morde o lábio.

– Você saiu na noite passada?

Ela hesita, depois assente.

– Ela ia encontrar alguém? Um menino, talvez?

– Não, ela ia estudar. – Ela soluça.

– Ela tem um namorado?

– Eu já disse a eles, não. Ela era... puritana.

– Tudo bem, ninguém está acusando ela, nem você, de qualquer coisa, ok?

Você acabou de chegar de sua noite?

Ela acena com a cabeça e está envergonhada.

Saber que isso aconteceu enquanto eu estava bem ao lado me fode.

– Que horas você saiu ontem à noite?

– Onze.

– Tudo bem. Preciso que faça algo que vai ser um pouco doloroso. Mas preciso de você, se vamos pegar a pessoa que fez isso. Preciso que você me diga se há alguma coisa de diferente em seu quarto.

Ela começa a chorar.

– Não me faça voltar lá.

Merda.

Os policiais estão me encarando agora.

– Tudo bem... Não vou fazer. – Eu me levanto e penso sobre o meu próximo passo.

Preciso falar com Kate. Mas não consigo me forçar a sair daqui.

A unidade de cena do crime chega, com os seus kits, com suas expressões sombrias. Os policiais começam a informá-los.

E então vejo um rosto familiar e sei que eu estou fodido até o osso.

Vejo Paula Abner e ela está feliz em me ver, embora confusa. Com ela está Douglas.

– Owen. – Paula sorri.

– Eu estava no prédio. – Coloco minhas mãos para cima quando olho para Bertelli. – Sério.

Ele não está feliz.

– Onde está o corpo?

– Por que estão aqui? Essa é uma investigação federal? – pergunto.

– É um homicídio sexual e estamos na área há três meses – ela responde.

– Se você está aqui tem havido mais como este.

– Você é espertinho demais para seu próprio bem – murmura Douglas. – E está errado.

Ele coloca luvas e fala com o bundão número um e eles desaparecem no corredor.

Paula está me encarando.

– Você vai ficar em apuros por estar aqui.

– Por que você está aqui, Paula?

– Sério, estamos treinando a polícia local em análise comportamental e assassinatos sexuais como esse não aparecem todos os dias. O chefe pediu a nossa ajuda na investigação, o caso não é nosso, é deles. – Ela aponta o queixo para a polícia. – Por que você está aqui?

Eu quero responder a ela quando Douglas volta, seu rosto mostrando

irritação.

– Venha cá – ele sibila, no seu caminho pela porta. Eu o sigo para fora, onde os vizinhos estão sussurrando.

Douglas desconta neles:

– Entrem nos seus apartamentos, por favor.

Eles nos olham assustados e depois somem.

Agora ele está olhando para mim.

– Que merda está acontecendo?

– Eu estava no prédio.

– Fazendo o quê? Você mora em Fort Lauderdale.

– Estou com uma amiga.

Ele faz uma careta para mim.

– Você viu o corpo.

– Sim, eu vi o corpo. Vi a assinatura.

– Bardel está morto. Você já está na merda. Conte a verdade pra mim.

– Estou com uma amiga. Ouvimos as sirenes e vim aqui para dar uma olhada. Eu queria ver a cena, estou tão surpreso quanto você.

– Onde está a sua amiga?

– Ao lado.

– Quem é ela?

Sei que não posso mentir.

– Katherine Dwyer.

Leva um momento, mas quando ele registra, fica furioso.

– Você... – Balança a cabeça.

– Ela entrou em contato, tomamos café e transamos, eu não falei nada pra ela, do jeito que você instruiu. Vocês têm um outro crime como este?

– Não. Paula estava falando a verdade. Estamos treinando esses caras, dando a nossa opinião sobre a cena e só isso. O caso é deles. Mas... Agora ...

– Agora é nosso.

Ele levanta o dedo para mim.

– Não há nosso, Ryan.

– Eu vou até o chefe de seção, sou o especialista em Bardel e esta é uma cena de crime de Bardel.

– Bardel está morto! – ele late para mim. – Não entende o quanto está ferrado? Você, aqui, é o suficiente para ser colocado em uma lista de suspeitos! Quando descobrirem que a vizinha desta menina está escrevendo uma biografia sobre Bardel ela se torna uma suspeita também, Ryan!

- Suspeita – eu gemo. – O que ela pode ter...
- Passou a noite com ela? Aqui no apartamento dela?
- Sim.
- Bom álibi, idiota.

Ele se afasta de mim e caminha de volta para o apartamento.
Estou tentando pensar direito.

Nós dois estamos em apuros, Kate e eu, e sei disso com uma certeza que é aterrorizante. Sei que Douglas foi comprado e sei que ele vai me ferrar. Estou prestes a voltar para o apartamento de Katherine, quando ele e Paula me encontram no corredor.

- Onde ela está? – Douglas pergunta.
- Quem...
- Ryan, corta o papo furado, onde está Katherine?

Eu aponto para a porta ao lado. Os dois começam a andar em direção a ela. Eu vou atrás deles. Douglas está batendo na porta.

- Senhorita Dwyer? FBI!

Kate abre, com medo.

Trocamos um olhar, mas não é o suficiente para eu dizer que tenha calma. Ela vestiu um par de calças de moletom.

Douglas mostra seu distintivo.

– Sou Douglas Bertelli, essa é Paula Abner, senhorita Dwyer. Podemos fazer uma busca no seu apartamento?

Kate está confusa por apenas um segundo antes de dizer:

- Não, não podem, vocês não têm um mandado para isso.

Douglas me lança um olhar.

- Consigo um em cinco minutos.

- Vá fazer isso – respondo.

Ele esbarra no meu ombro enquanto se afasta. Paula não parece que vai a lugar algum.

Entro no apartamento de Kate e fecho a porta em seus rostos.

- Ryan... – ela começa.

Coloco minhas mãos em seus ombros.

- Kate, acalme-se.

- Por que querem investigar meu apartamento?

- Houve um crime ao lado.

Ela arregala os olhos para mim.

- Jennifer? Brenda?

– Você as conhece.

– Sim, são minhas vizinhas.

Isso está ficando complicado.

– Qual é o seu relacionamento com elas?

– Não existe relacionamento. – Ela dá de ombros. – Falamos bom dia.

Devo ter alimentado o gato uma vez ou outra, mas isso foi meses, meses atrás.

– Então suas digitais podem estar no apartamento delas.

– O quê? – Ela me dá uma risada nervosa. – Ryan... O que está acontecendo?

– Jennifer está morta, Kate. Sinto muito.

– Morta?

Agora eu percebo que não vi gato algum lá dentro. Mas eu me concentro em Kate, que está prestes a surtar.

– Senta.

Ela balança a cabeça.

– Não me diga para sentar. O que aconteceu com ela? – Vejo como ela está nervosa, seus braços estão cruzados e ela está se afastando de mim. Os músculos ao redor de sua boca se contorcem um pouco quando tenta falar.

– Alguém... Enquanto estávamos aqui, entre as onze da noite passada e há meia hora atrás, esfaqueou e estrangulou Jennifer.

Kate engole e dá mais passos para longe de mim. Sinto como se nunca fosse alcançá-la novamente.

Ela se senta e começa imediatamente a comer as unhas, olhando à sua frente.

– Há mais – digo.

Ela não se move para isso.

– A cena do crime é completamente estilo Bardel. Até a assinatura.

Kate move a cabeça lentamente em minha direção. Eu a vejo receber isso, compreender.

– Eles vão entrar aqui em poucos minutos – prossigo. – Vão vasculhar este lugar. Existe alguma coisa da qual tenha que se livrar? Drogas? Alguma coisa?

Ela se levanta.

– Está falando sério? Drogas?

– Eu só estou tentando ajudar você.

Não a convenço. Talvez eu não devesse ter dito isso.

Kate encontra um cigarro e o acende, e anda de um lado para o outro enquanto fuma.

– Ela foi estuprada?

– Não há maneira de saber ainda – minto. Eu sei o que aconteceu lá.

Ela fecha os olhos.

– E Brenda foi quem a encontrou esta manhã?

– Sim, e ela chamou a polícia. Mas Jennifer já estava morta.

– Seus pais moram em Michigan.

– O quanto a conhece?

– Não muito bem, eu disse. Somos meninas, nos cumprimentamos, elogiamos nossas roupas, coisas desse tipo.

Batidas na porta.

Abro e vejo Douglas e Paula. Ele me entrega o celular e eu o levo à orelha.

– Owen.

– Ryan... – é a voz do chefe. Eu sinto falta do cara. – Apenas deixe os dois entrarem, diga à mulher Dwyer para dar permissão. Não se enterre em merda mais profunda do que já está. Eu quero você aqui hoje, para falar comigo.

– Não tenho nada a esconder, chefe, estarei aí.

– Ótimo. Deixe-os levar tudo o que quiserem de seu apartamento. Um mandado está a caminho.

– Excelente. Vocês trabalham rápido.

– Esteja aqui. – E ele desliga.

Kate está esperando o meu olhar, e eu apenas aceno para ela.

– Fale que podem entrar e procurar, Kate.

Ela está furiosa, mas escancara a porta.

– Entrem. – E ela engole o seus filhos da puta do caralho que está preso na sua garganta. Paula e Douglas entram. Estou radiante de felicidade que ela desmanchou a parede.

Eles entram e olham ao redor.

Kate odeia, ela odeia, é fácil de ver. Ela leva tudo para o lado pessoal. Quando Paula caminha para seu quarto, ela tem que morder o lábio.

Douglas se aproxima dela.

– Senhorita Dwyer, você ouviu alguma coisa fora do normal ontem à noite ou hoje pela manhã?

– Não.

– Você saiu na noite passada?

– Não.

– A que horas Ryan Owen chegou?

Ela olha para mim, eu apenas espero sua resposta.

– Ele chegou por volta das oito horas. Não saímos mais. Estávamos aqui a noite toda.

– Você conhecia a vítima?

– Ela era minha vizinha, eu a via por aí algumas vezes. Nós não éramos amigas nem nada.

– Você já esteve em seu apartamento?

– Algumas vezes, para alimentar seu gato quando ela e Brenda estavam viajando. A última vez deve ter sido há quase um ano.

– Ela tinha amigos que a visitavam?

– Muitos.

– O que vocês estavam fazendo aqui na noite passada? Assistindo a um filme...?

– Conversando – ela responde, e está furiosa.

– E você não ouviu nenhum grito?

– Eu já disse, eu não ouvi nada.

– Por favor, sente-se.

Kate obedece. Ele se ajoelha na frente dela.

– Kate, eu preciso da sua ajuda. Por favor, tente voltar para a noite passada. Você estava aqui, o que estava comendo?

Eu observo isso.

– Pizza. Ryan e eu estávamos conversando.

– Do que falavam?

Ela não hesita e diz:

– Falávamos em descer para as Keys juntos e passar alguns dias bebendo e trepando.

Douglas reage, franzindo os lábios.

– Que horas foi dormir?

– Cedo, estávamos cansados. Às onze estávamos na cama.

– Mas eu vejo lençóis e um travesseiro no sofá.

Ela acena com a cabeça.

– Sim, Ryan dormiu no sofá.

– Isso não me soa como a rotina de um casal que está morrendo de vontade de ir para as Keys trepar.

– Ele ronca. – Ela suspira.

Ele está com raiva e eu vejo isso. Ele está perdendo a compostura.

– Então, você estava dormindo no quarto e ele estava dormindo aqui. Isso significa que ele poderia facilmente ter saído do apartamento, sem você perceber, né?

Ela não responde.

– Uau. – Eu sorrio. – Douglas, você deveria ter sido advogado.

Ele se levanta.

– Você é um suspeito, Ryan.

– Isso é ridículo. – É tudo o que eu digo.

– Concordo. – Ele sorri. Olha para o computador portátil deitado silenciosamente na mesa de centro. Move-se para ele e Kate olha para mim com medo. Com a mão enluvada, ele o abre, mas a tela permanece preta. Ele o fecha novamente.

– Vou levar isso – diz.

– Não, não vai! – Kate pira.

Ele a encara.

– Observe, querida. – E ele o coloca numa sacola plástica.

Kate está cuspidando fogo. Tenho medo dela perder o controle.

Paula está voltando do quarto.

Nos dez minutos seguintes, há mais agentes federais da unidade BAU 4, e eles estão fazendo o caminho pelo corredor até o apartamento da vítima. É uma bagunça lá dentro, com a unidade de ciência tirando fotos e coletando material, e outro investigador forense de cenas de crime, chega em breve e sob a supervisão de Douglas, começa no nosso apartamento. Kate afirma que sua casa não é uma cena de crime, mas Paula diz que eles têm um mandado para o que estão fazendo, e não somente eu, mas também Kate fazemos parte de uma lista inicial de suspeitos.

Kate está prestes a explodir.

Ela vem até onde estou e sibila:

– Eles não podem levar o meu computador! Toda a minha vida está lá, meus livros, toda a minha pesquisa!

– Há mais alguma coisa?

Ela engole.

– Há alguns e-mails. E alguns vídeos.

Eu a pego pelo braço e puxo para mais perto de uma janela. Não quero esses idiotas ouvindo.

– Muito ruim?

Kate está à beira das lágrimas.

– Alguns vídeos que eu usei para a pesquisa, só pornografia. Tenho e-mails particulares salvos que troquei com Dale, meu ex, e alguns e-mails particulares que troquei com minha editora, Savannah.

– O que mais?

– Ryan, os meus livros! Eu não fiz o backup das coisas de Bardel, estava com preguiça de fazer isso, e eles vão apagar tudo!

Eu abaixo a minha voz.

– Está tudo bem, eu tenho isso no meu e-mail pessoal. Você não vai perder o livro.

Ela mostra um pouco de alívio. Mas está revoltada.

– Os vídeos...

– São muito pesados? Quantos são?

– Cerca de quatro ou cinco. São pesados.

– Kate...

– Alguns filmes pornográficos hardcore, alguns de bondage e sadomasoquismo.

– Seus livros têm conteúdo sexual forte, é pesquisa, eles não podem usar isso contra você.

Não a faz sentir-se melhor. Ela tem medo de julgamento, do que vão pensar dela.

– Eles vão levá-la para a delegacia, para prestar depoimento, mas você estará segura. Preciso ir para Quantico, em Virgínia, para o centro de treinamento do FBI.

– Quando você vai voltar?

– Assim que puder.

Vejo como ela está preocupada.

– Kate, é um voo de duas horas. Vou tentar estar de volta ao anoitecer.

Ela concorda com a cabeça.



Passei a tarde inteira na delegacia. Respondi às mesmas perguntas um milhão de vezes e eles anotavam tudo o que eu dizia. Como Ryan instruiu, entreguei as fotografias das vítimas e a carta enviada a mim. Não disse qualquer coisa sobre as fotos de Ryan. Trataram-me com desconfiança. Um detetive foi amigável, no entanto, e me disse para ir para casa, que analisariam o material enviado a mim e que eu deveria descansar um pouco. Há dois lados deste caso: em um deles eu sou uma suspeita, no outro, a próxima vítima. Eu não gosto de nenhum dos dois.

Eles me perguntaram sobre o meu relacionamento com Ryan. O que eu deveria dizer? Eu disse que transamos.

Estou em casa.

Não me atrevo a dar um passo adiante no corredor, não me atrevo a olhar para a porta delas. Pensar em Jennifer morta é insano. E pensar que eu estava dormindo profundamente na minha cama, enquanto a poucos metros ela estava sendo estrangulada e esfaqueada... É assustador e intimidante.

Meus pensamentos correm soltos. Uma pequena parte de mim está com receio do que o federal insinuou, que Ryan teve a oportunidade de cometer esse crime. E talvez os motivos: foder com o FBI, chamar a atenção, forçá-los a consultá-lo, porque ninguém conhece Bardel como ele, não são tão fantasiosos. Mas este é Ryan Owen, o homem que dedicou a vida e sacrificou o casamento para prender caras como Bardel. Penso sobre o que ele disse, sobre sua esposa ter medo dele, medo de seus métodos. Isso me faz perguntar se não estou cometendo um erro fatal em ficar tão próxima dele. E, novamente, minha mente grita: mas este é Ryan! Você confia nele! E você está começando a... a o quê, Kate? Se apaixonar por ele? Você não passa de uma puta idiota, sua otária. Sim, isso é o que você é.

Ryan falou sobre Dale ser suspeito. Eu não posso imaginar Dale fazendo isso. E por que faria?

Sinto dor de cabeça e estou exausta. E sim, com medo de ficar sozinha. Quero Ryan, isso é tudo que sei.

NACIONAIS-ACHERON

Estou começando a desejar nunca ter me interessado por Nathan Bardel.
Sinto falta do meu computador, que tem sido o meu melhor e talvez único verdadeiro amigo nos últimos anos.

Nathan

Isto é verdadeiramente interessante.

Estou na sede do FBI. Estou olhando para Ryan sentado cara a cara com o chefe de seção Anderson Moore. Este é um cara com uma barriga de chope e cabelos brancos que parece ser o pai de alguém.

Há agitação no lugar. As pessoas estão olhando para Ryan e se perguntando o que diabos ele está fazendo aqui. A maioria está feliz em vê-lo, gostam dele e o admiram. Outros não têm tanta certeza.

Ryan gosta desse cara Moore, sempre gostou, é fácil de sentir. Esse é o cara que recebeu ordens de alguém no alto escalão e despediu Ryan. Ele se odeia por isso.

Estamos em um escritório que nos separa das muitas mesas do andar, onde pessoas falam ao telefone ou mexem na internet. Este escritório parece sóbrio e entediante para mim. Vejo uma foto de Anderson Moore e uma mulher loira sorridente e gordinha que sei ser sua esposa. Vejo fotos de uma vadia gostosa com um suéter rosa apertado e eu estou supondo que é sua filha. Ela está segurando um cachorro e o beijando.

Quero espancá-la, vê-la chorar, forçá-la a engolir o sêmen de seu bichinho de estimação.

Concentro-me, porque eles estão conversando agora.

– Conte-me tudo. Não ouse mentir para mim. – Esta é a forma como Moore começa a conversa.

Ryan não tem intenção alguma de mentir.

– Nós dois sabemos que Bardel deixou alguns segredos. Como você pediu e ordenou, não tentei descobrir a verdade. Segui seu conselho e comprei uma casa agradável, estou seguindo em frente com a minha vida longe da única coisa que realmente importava pra mim. – Ele encosta a ponta do indicador na mesa de Moore. – Este departamento. Esta organização. Este trabalho. – Ele suspira. – Mas então Katherine Dwyer decide escrever um livro sobre Bardel. Ela me encontra, batemos papo. Eu nunca contei a ela sobre essa porcaria, sobre essa mulher que sobreviveu. Na verdade, acabei falando pouco que ela já não sabia. Mas nos demos bem.

– E você dormiu com ela.

– Sim. Então ela foi para casa. Acontece que sua editora a mandou desistir

e parar de escrever o livro. Eles estão tão desesperados para ela interromper sua pesquisa que depositaram trezentos mil em sua conta bancária como um adiantamento para um romance idiota sobre uma rainha. Aí, Kate recebe uma caixa na porta de sua casa. Nela há uma carta ameaçando-a, dizendo-lhe para parar de escrever o livro ou sairá machucada.

– Onde está a carta?

– Agora nas mãos da polícia de Miami. Então ela me telefona porque está com medo. Vou para o apartamento dela e conversamos. Passo a noite lá. Na manhã seguinte, hoje, sua vizinha é encontrada morta, eu entro na cena do crime e vejo o trabalho de Bardel.

Moore coça a cabeça.

– O que seu instinto diz?

– Parece ele. Mas ele está morto.

– Você está na merda. É simplesmente coincidência demais, você e ela e uma cena de crime a la Bardel.

– Estão armando para mim. Ou para ela. Eu não sei.

– Então nós temos um imitador. Ou...

– Alguém que quer foder Katherine Dwyer por enfiar o nariz onde não é chamada. – Não sei o que temos.

– Você acha que ela está realmente em perigo?

– Ela foi ameaçada e então sua vizinha apareceu morta. Sim, eu acho que ela está em perigo.

– Podemos colocar vigilância policial nela.

– Isso não é o suficiente.

– Ryan...

– Chefe, eu tenho que fazer isso.

– Você não trabalha mais para o FBI.

– Faça-me um consultor neste caso. Vamos.

– Você seria se não estivesse tão próximo da cena do crime.

– Coincidência, é circunstancial.

Anderson pensa um pouco.

– Receio que essa menina vai se machucar.

– Eu também. Gosto dela, chefe.

– Sim, você gostava de Selenia e olha o que aconteceu com ela.

Ryan engole sua raiva por essas palavras. Ele é sensível com a história dessa vagabunda. Ele realmente acha que foi responsável por sua morte precoce. Ryan não é de todo o homem que eu pensei que fosse. Esse cara

virou um herói por ter me capturado. Eu mereço mais do que isso.

– Olha, eu vou fazer de você um consultor neste caso...

Ryan está subitamente radiante.

– Mas você vai trabalhar com Bertelli e a polícia local.

– Por que Bertelli e Abner estavam lá?

– Sei que é difícil acreditar, mas, desta vez, realmente foi uma coincidência. Mandeí um pessoal da unidade 4 para a Flórida para treinamento e consultoria em crimes sexuais, faz parte de um programa. Tenho doze caras por aí dando cursos intensivos em profiling geográfico e vinte outros falando sobre VICAP. Bertelli e Abner deveriam estar em Miami só por mais três dias.

– Bertelli foi até minha casa e me disse para não abrir a boca para Dwyer sobre Bardel.

Anderson é surpreendido por isso.

– Então eu não posso confiar nele – Ryan complementa.

– Não, você não pode, mas eu não posso tirá-lo da equipe, o caso também é dele.

– Faça uma verificação sobre ele. Veja com quem está falando. Investigue esse desgraçado.

– Vou ver o que posso fazer. Não crie problemas para mim. Já vou levar um esporro daqueles por colocar você nisso.

– Valeu, chefe. – Ele sorri.

Anderson está pensando em se aposentar. E deseja que Ryan ainda estivesse no FBI.

Ele olha para Ryan.

– Só faça o que você faz de melhor e encontre esse cara.



Quando chego no apartamento de Kate, o relógio marca nove horas.

Eu bato e espero ela abrir. Começo a me preocupar à medida que o momento se arrasta, mas finalmente ela abre. Estou surpreso comigo mesmo pelo quão feliz me sinto quando ela aparece. Quero beijá-la.

Kate está de calça de moletom cinza, uma camiseta preta e meias quentinhas. Seu cabelo está puxado para trás.

– Ei – eu consigo dizer, enquanto ela fecha a porta atrás de mim e a tranca.

Ela começa a chorar. Faz isso fechando os olhos e espremendo o rosto e a visão é de desespero e cansaço.

Isto me pega completamente de surpresa e estou dando um passo em direção a ela.

– Kate... Está tudo bem?

Ela concorda com a cabeça, mas está cobrindo o rosto com as mãos.

– Sinto muito. É que você demorou tanto tempo e eu estava com medo e estava... – ela tenta se controlar. – Pensei sobre a menina, Jennifer. Ryan, eu não sou assim, não choro tão facilmente, mas estou apavorada. Pela primeira vez na minha vida sei o significado verdadeiro dessa palavra.

– Estou aqui. – É o que eu digo. Percebo que perdi minha maneira de lidar com mulheres que choram. Quero confortá-la, e não tenho nenhuma ideia de como fazer isso. Eu a abraço e ela esfrega o rosto contra meu peito. Porra, a sensação é ótima. Beijo sua cabeça e gosto do cheiro do seu shampoo cítrico. Quando ela olha para mim, não está mais chorando.

E, de repente, não há nada que eu queira fazer mais do que transar com ela. Dou um passo quase que para dentro dela e a beijo, e ela se abre para mim. Aqui estamos novamente: línguas e suspiros. Pressiono Kate contra a parede, com medo que ela queira parar, mas ela é receptiva. Dá um longo gemido e o som diz muito. Ele diz que está exausta e feliz ao mesmo tempo, com medo, mas querendo contato. É ela quem tira sua camiseta desta vez e eu estou feliz que não há nada por baixo. Meu corpo reage um segundo antes da minha

mente e estou apertando aqueles seios pequenos rudemente. Mais gemidos, ela parece gostar. Estou instantaneamente duro, mas quero ir com calma e fazer certo dessa vez. Ela está puxando minha camisa, beijando meu peito e descendo para meus jeans. Vejo-a abrir minhas calças, a expressão em seu rosto, os lábios entreabertos, a luxúria. Kate nunca pareceu tão bonita para mim.

Ela se ajoelha e lambe meu pau e é quase demais. Descanso minhas mãos na sua parede e fecho os olhos para sentir isso, e sentir suas mãos na minha bunda enquanto ela me enfia na sua boca. Não posso deixar de fechar a mão em torno de seu cabelo. Ela está gemendo enquanto faz isso e eu tento segurar. Consigo, mas não vai durar muito tempo se ela continuar.

É o instinto que me faz agarrá-la, puxá-la para cima, e ir para o sofá. Mas agora Kate me interrompe:

– Não, vamos fazer na cama.

Eu vou atrás dela, para o quarto onde o abajur no canto está aceso. Caímos na cama e estou em cima dela. Beijo-a, quero fazer isso devagar. Ela está beijando de volta e movendo seus quadris contra os meus.

– Me fode, me fode.

E eu a silencio com um shhh... movendo para baixo. Arranco suas calças e as jogo no chão. Ela está vestindo meias, mas isso não afeta meu tesão. Tento mover para baixo para sentir o gosto dela, não quero nada além da sua boceta contra a minha boca, mas ela me interrompe:

– Não, só me fode, vem.

Eu me movo para cima, e empurro contra ela, tão molhada que deslizo facilmente para dentro. Os dedos de Kate estão agarrando minhas costas, mas ela rói as unhas e portanto não sinto arranhões. Meto uma e outra vez, amando o quanto está apertada, observando sua cabeça para trás com os lábios entreabertos, gemendo alto, movendo os quadris para cima para encontrar os meus.

Amo seus peitos, seu cabelo, tudo nela.

Mas me recuso a terminar rápido desta vez. Retiro meu pau de dentro dela e ela está gemendo:

– Não, não...

Caminho à sua volta e a coloco de quatro, e lá está ela:

– Sim, me fode com força.

E eu obedeço.

Não consigo ver o rosto dela, mas adoro isso. Gosto da visão que tenho, da

sua bunda, gosto de puxar seus quadris para mim com impulso, e ouvir seus gritos curtos agora. Sem pensar, empurro meu dedo médio em sua boca e ela o suga obscenamente. Eu o retiro e tão suavemente quanto o meu desejo permite, o enfio em sua bunda. Kate deixa escapar um gemido, mas ela move seus quadris tão ferozmente que sei que ela gosta.

Tenho que parar depois de cinco minutos disso, com medo de gozar. Eu me afasto dela e ela está virando na cama, ofegante, olhando para mim. Tudo o que consigo pensar é que quero comê-la a noite toda.

Ela está me empurrando para baixo na cama e monta em mim. Mexe seus quadris em movimentos circulares e não consigo tirar os olhos dela. Ela rebola e fecha os olhos agora, com as mãos no meu peito.

Deixo que ela me cavalgue, relaxo e a observo.

X X X

Kate está dormindo e eu ainda estou olhando para ela.

Minha preocupação fica mais profunda, assim como o meu sentimento por ela.

Gosto da maneira como fica quando está dormindo, seu cabelo preto brilhante em seu rosto, o peito inflando e desinflando em um ritmo hipnotizante. Deslizo o lençol um pouco para baixo, o suficiente para ver seus seios e os mamilos que estão intumescidos por causa do ar frio neles. Beijo seu braço, mas ela não acorda. Gostaria de saber se isso significa que ela se sente segura comigo.

Minha mente volta para a constatação de que uma jovem inocente foi assassinada a poucos metros de distância. Isso aconteceu comigo tão perto, e me faz sentir derrotado e velho.

Gostaria de saber o que fazer a seguir. Talvez deva tirar Kate deste apartamento. Vou sugerir que ela vá para Blessfield para passar algum tempo com sua família. Sei que ela vai recusar. Talvez seja melhor eu levá-la para minha casa. Enquanto isso, tenho que pegar os resultados do laboratório sobre o assassinato de Jennifer. Preciso comparar o modus operandi do assassino, sequência do ataque, perfil da vítima, com tudo o que juntei sobre Bardel. Pergunto-me se tenho forças para isso.

De repente, um fluxo de fodão toma conta de mim. Quero crucificar os malditos filhos da puta que se atreveram a colocar a mim e Katherine nessa confusão. Prometo para mim mesmo que vou pegá-los, mesmo que tenha que morrer fazendo isso.

Não é um sentimento novo para mim, mas eu não o sinto há muito tempo.

Faço a coisa errada, mas não consigo me controlar.

Lentamente abro as gavetas de sua cômoda.

Vejo organização metódica, algo quase compulsivo. A primeira tem roupas de baixo. Ela tem muitas que parecem largas e confortáveis, em cores diferentes, algo que comprou em grande quantidade, por um ótimo preço. Ela tem as safadas, também, que variam de esposa gostosa a estrela pornô sem vergonha e isso me faz sorrir. Poucos sutiãs, com bojo. Ela tem uma coleção de meias macias e quentes.

A segunda gaveta tem as confortáveis camisetas que ela gosta. Ela tem

itens de colecionador, poucas são femininas, muito poucas são sexy e caras.

A terceira e última gaveta tem roupas mais quentes, outros jeans e calças, e a última guarda pijamas e roupas esportivas.

Em cima da cômoda ela tem uma foto emoldurada dela com uma amiga. A única outra foto é de uma criança no início da adolescência. Pelo queixo e olhos é seu sobrinho.

Vasculho sua caixa de joias, vejo algumas coisas interessantes, incluindo um antigo anel. Eu acho que foi um presente da avó. Kate ainda está dormindo quando abro o armário. Sapatos dentro de caixas, caixas de papelão de documentos, alguns livros por aí, algumas velas aromáticas e coisas do tipo. Em uma das caixas encontro coisas como cartas, cartões e fotos.

Levo isso para a sala de estar onde posso bisbilhotar, sem acordá-la.

Ela tem fotos do babaca do Dale. Eles parecem felizes em todas e a linguagem corporal exibida confirma meus temores de que ela estava realmente apaixonada por ele. É do tipo atleta bonitão, do tipo que eu amo odiar, vestindo a jaqueta do time do colégio. Eu gosto de vê-la nesses contextos, na praia com uma flor no cabelo e um grande sorriso, em um clube com vários amigos. Deus, Kate é bonita de uma forma... comum.

Pego as cartas. Passo os olhos rapidamente por elas, mas não vejo nada demais. Coisas de mulher.

Um guardanapo tem um coração desenhado com uma caneta esferográfica, é um guardanapo de papel de um lugar chamado The Pineapple Club.

Há um pequeno canivete suíço cor-de-rosa.

Um CD.

Gostaria de saber o que tem nele. Eu o coloco no volume mínimo do seu aparelho de som e ouço músicas comuns de mix-tapes, como “With or Without You”, do U2.

E então encontro um diário. Fico olhando para a capa de unicórnio por um tempo.

Sei que não tenho o direito, então o coloco de volta. Fecho a caixa e a devolvo ao seu armário.

Ela ainda está dormindo e eu decido deixá-la. Saio e fecho a porta e caminho pelo corredor, lentamente, até estar olhando para uma porta fechada com o número dezoito dourado, fita amarela CENA DE CRIME NÃO ULTRAPASSAR atravessada por toda parte.

É claro que eu vou ultrapassar.

Não está trancada. Viro a maçaneta com minha camisa cobrindo as mãos e

entro, deixando a fita amarela cair solta atrás de mim. Fecho a porta e acendo as luzes.

É tão vazio como um apartamento pode ser.

Dou passos lentos, apenas absorvendo a atmosfera. Fecho meus olhos e imagino ser ele. Não havia sinais de invasão, ela abriu a porta para ele, provavelmente. Será que Jennifer o conhecia? Ela é uma jovem mulher que estava sozinha e não abriria a porta para um cara qualquer.

A menos que...

A menos que ela o conhecesse. A menos que ele usasse um uniforme da polícia ou bombeiro, ou algo dessa espécie. A menos que ele...

Olho em volta. Há um prato cheio de comida de gato. Há água. Há areia para felinos. Onde está a porra do gato?

Não havia sinais de luta na cozinha. Vou para a pequena sala de estar.

Elas têm cartazes nas paredes, têm umas babaquices New Age, blusas e sutiãs rosas espalhados. Uma parede com dezenas de fotos de festas e amigos, bem como da família, é como o oposto da parede Nathan Bardel de Kate. É um passado feliz e a promessa de um futuro abençoado.

Vejo pelos de gato. Seguro alguns. O sofá está coberto com eles. Um gato branco e amarelo de pelo curto.

Eu me pergunto se ele está escondido em algum lugar, esperando eu abrir uma porta para que possa pular em mim e me causar um ataque cardíaco.

Sigo para o banheiro.

Acendo a luz.

Nele foi espalhado pó para impressões, foi fotografado, analisado através de óculos especiais, analisado com Luminol, a coisa toda. Abro o armário de remédios. Algumas coisas foram levadas pelos peritos, vejo pelos círculos sem pó nas prateleiras de vidro.

Então eu vou para o quarto.

As manchas de sangue são de um marrom-escuro no colchão e tapete. A unidade de ciência levou os lençóis.

Olho para onde seu corpo estava.

Penso sobre o básico.

Este é um bom bairro de classe média, havia risco para ele, andando tarde da noite, entrando em um prédio como este. Jennifer era uma vítima de baixo risco. Esta área em particular é de muito baixo risco para crimes como este. Ele provavelmente é caucasiano, organizado e confiante. Foi atrás dela por uma razão específica.

Quanto tempo permaneceu aqui? Como ele sabia que Brenda não voltaria? Ele simplesmente deduziu que não o faria? Ou será que sabia?

Tenho que saber se ele a estuprou, e como.

Nathan esfaqueou suas vítimas nos órgãos genitais, mas para ele não era substituição sexual, ele não era sexualmente incompetente. Nathan estuprava, em alguns casos, até três vezes, antes do esfaqueamento. Era raiva, pura raiva com ele. O que era para esse cara?

Quando volto, Kate ainda está dormindo.

Quero acordá-la, então a beijo, com mais força dessa vez. Ela geme e se vira e eu fecho minha boca em seu mamilo e o chupo. Ela me empurra, mas está sorrindo.

– Oi.

– Vamos comer. Temos uma longa viagem pela frente.

Kate está sentando, cobrindo-se com os lençóis.

– O quê? Para onde vamos?

– Para minha casa. Não posso deixar você ficar aqui enquanto eu estiver neste caso, e amanhã tudo começa. Não estarei por perto e quero você segura.

Ela está pensando sobre isso.

– Estou preocupado com você. Você terá acesso ao meu computador lá.

Faz ela sorrir um pouco.

– E tenho um sistema de alarme sofisticado. Você estará mais segura.

– Mas longe de você.

– Sim, só por um tempo.

Ela concorda com a cabeça.

Nathan

Estou no carro com eles.

É uma típica noite na Flórida, o céu escuro e calor sufocante, Kate está no banco do passageiro e Ryan dirige com cuidado, pensando no que dizer a ela. Ela tem o olhar perdido, para fora da janela, confusa, chateada consigo mesma por ter chorado na frente dele do jeito que fez. Está contente com o sexo e antecipa mais do mesmo. Assim como todas elas, Kate sabe que é uma vagabunda.

Ela quebra o silêncio quando diz:

– Eu invadi sua história ou você invadiu a minha?

Ele olha para ela.

– Não sei. Talvez nós dois invadimos a de Bardel.

Seu telefone está tocando. Ela atende.

– Alô?

E é o seu querido namorado, Dale.

– Kate, acabei de ouvir a notícia. Sobre sua vizinha.

Ryan a está encarando.

– Coloque no viva-voz – diz, baixinho.

Kate tem um momento de relutância, mas obedece.

– Kate, você está aí? Você está bem? – A voz de Dale sai robótica pelo telefone.

– Sim, estou bem. Um pouco assustada, mas tudo bem.

– Isso é loucura.

– Não posso falar com você agora.

– Só quero que você saiba que não quis dizer o que disse. Disse que nunca mais voltaria, mas isso não é verdade. Você sabe o que eu quero dizer? Fiquei pensando em você.

Kate suspira. Ela está pensando em Dale e Ryan sabe disso.

– Sim, eu vou ficar longe por um tempo, conversamos quando eu voltar, quando isso acabar.

– Aonde você vai?

Ryan balança a cabeça. Ele está fervendo de ciúme deste filho da puta. Eu acho isso hilário. Fantasio sobre Ryan colocando um travesseiro contra o rosto de Dale e atirando duas vezes.

– Não posso dizer. Tenho que ir. Tchau. – Ela desliga e aperta o telefone com a mão suada. Ela olha pela janela e o silêncio no carro fala por si. Eu os assisto com atenção.

– Por que você se importa com esse cara? – Ryan pergunta.

Ela encolhe os ombros.

– Eu costumava amá-lo.

– Ele é um babaca.

Ela olha para Ryan.

– Você não o conhece.

– Sim, conheço.

– Certo. Você conhece todo mundo – ela murmura.

Ryan dirige em silêncio por um tempo.

– Sei o que você está fazendo – diz ele.

– Você não sabe de nada. – É a resposta TPM de Kate.

– Você ainda acha que não foi estupro.

Kate olha para ele, uma ruga na testa dela. Ryan sabe que vai machucá-la, mas não se importa.

– O que você acha que foi, Kate? Um encontro ruim? Ele era provavelmente um atleta, um filhinho da mamãe como esse puto do Dale. E você estava no carro, e deram uns amassos, mas você não estava pronta para sexo e ele a empurrou para o banco de trás. Ele não bateu em você, por isso não foi estupro? Você estava no carro e estava excitada por causa dos beijos, por isso não foi estupro? Certo? – Ele olha para ela.

Kate está tão emputecida que acho que vai dar com o celular na cabeça dele. Seu passado volta a ela com uma força e nitidez cruéis.

– Você se sentiu um lixo, mas era você quem tinha estado disposta a sair com ele e ele é o mais popular, o cara mais gato e mais legal da escola... Por isso é apenas um encontro ruim, não é estupro. Quantos anos você tinha? Treze? Quatorze? Você não era virgem, por isso não foi estupro? Então você cala a boca sobre o assunto e para de se preocupar com suas notas. Você vê o cara todos os dias e essa é a pior parte, não é? Ele sorria para você, Kate? Foi aí que você começou a se cortar?

Ela cerra os dentes. Está segurando as lágrimas.

Acho isso muito interessante, porra. Eu admito que estava errado sobre

Ryan. Ele conhece sim Kate melhor do que eu.

Ele continua, porque não consegue evitar.

– Sim, você começa a se cortar e isso ajuda. Seus pais nem percebem e é aí que você começa a odiá-los. Você perde o interesse em caras e festas. Quando vai para a faculdade transa com meninas. É mais fácil. Elas não machucam.

Kate faz algo que surpreende até a mim. Ela bate em Ryan. Ela enfia a mão na cabeça dele enquanto ele está dirigindo, e isso cala a boca dele.

Estou rindo disso.

Ela vira o rosto e olha para fora da janela para que ele não veja que ela está chorando.

Vaca orgulhosa, perdida, confusa. Essa é a minha Kate.

O silêncio dura dez minutos inteiros.

Ryan odeia que ela esteja sofrendo. Mas ele não parou, parou?

– Foi estupro – ele finalmente diz. – E você está se punindo porque agora sabe disso.

Ela chora em silêncio, do jeito que eu costumava fazer quando era menino.

– Você se pergunta onde ele está agora? – indaga ele, de olho nela. – Com quantas garotas ele fez isso?

Ela está mordendo o lábio e olhando para baixo.

– Por favor, cale a boca – ela sussurra.

– Seu encontro ruim... – diz ele. – Onde ele está agora, Katherine?

Ela chora.

Ryan está olhando para ela.

– É o Dale – diz ela em voz baixa.

Ryan joga um olhar para Kate.

– Você só pode estar brincando.

Ela está tão envergonhada de si mesma. Kate foge do julgamento como eu costumava fugir de policiais. E ninguém a julga melhor do que Ryan.

Ele balança a cabeça.

Ela tenta explicar e soa ridículo quando diz:

– Durante a faculdade, eu o encontrei em uma festa. Ele me tratou tão bem, ele foi tão bom para mim. Então eu pensei...

– Que podia corrigir tudo se você e ele tivessem um encontro bom. Que conseguiria desfazer o estupro se fossem namorado e namorada.

Ela assente com a cabeça.

– E consegui. Eu consertei por um tempo.

Ryan faz uma curva abrupta para a direita e estaciona em uma loja de conveniência. Ele faz isso de forma bastante agressiva.

– Preciso ficar longe ou vou bater em você – diz ele, e sai, batendo a porta atrás de si. Kate está chorando, enquanto o vê entrar na loja.

Somos só nós dois agora e olho para ela, desejando que recupere estas memórias e que sejam fortes o suficiente para que eu as sinta. Eu adoraria vê-la ser fodida no carro, tão jovem.

Ela desliza a janela para baixo e acende um cigarro, não se importando se vai deixar Ryan nervoso; é o carro dele afinal de contas.

Quando Ryan retorna, fica sentado lá um tempo. Então entrega, sem palavras, uma sacola para ela, com refrigerante e chocolate. Ele liga o motor e volta para a estrada.

Ficam em silêncio pelo resto da viagem.



A primeira coisa que faço é ensiná-la a mexer no alarme. Dou-lhe o código, 2839, e garanto que, se disparar, a polícia local chegará em dois minutos.

Ela permanece em silêncio enquanto isso. Sei que falei demais, sei que a lembrei de coisas ruins.

Nós só temos esta noite antes de eu ir embora, e já estraguei tudo.

Fico na dúvida se deveria ensiná-la a usar minha arma. Mas muitas coisas poderiam dar errado, então opto por não fazer.

Ela quer tomar um banho e eu mostro onde fica o banheiro.

Enquanto ela está no chuveiro, deito no meu sofá e fecho os olhos. Quero pensar sobre a situação, sobre o caso de Jennifer, mas não consigo. Minha mente fica voltando para a mulher no andar de cima e como eu gostaria que as coisas que aconteceram com ela não tivessem acontecido. Eu odeio esse ex-namorado dela, e me pergunto o que faria com ele se o encontrasse. Um desejo me preenche, o desejo de colocá-lo na prisão. Eu adoraria fazer isso, enfiar este menino-bonitinho-almofadinha em uma cela com outro estuprador com um pau grande.

Mas isso não vai acontecer, não é?

Sorrio quando penso, cansado, na imagem que os filmes e os livros tentam pintar de nós, agentes e profilers. Indivíduos frios, reservados, intelectuais e éticos que são capazes de fazer este trabalho e ainda serem tão corretos, e bons pais e maridos. Queria que o mundo soubesse que não é nada assim. Que pegamos esses caras por causa de horas batendo de porta em porta, horas de trabalho de polícia, ajuda do laboratório, ajuda do banco de dados. Nós os pegamos quando é tarde demais para tantas vítimas, os pegamos na maioria das vezes porque eles cometem erros, não porque “deciframos” sua psicologia através dos nossos “métodos”. Na maioria das vezes estamos cegos. O perfil só serve para restringir as opções de suspeitos, para nos dizer que tipo de pessoa procurar. Nós somos humanos, ficamos abalados com o

que vemos, e choramos em nossas camas, enquanto, ao mesmo tempo, somos viciados no sangue e terror do trabalho. Somos em parte serial killers de nós mesmos, quando se trata do que está acontecendo em nossas mentes.

Kate desce as escadas com o cabelo pingando.

Olho para ela por um tempo.

– Não estou com sono – ela diz, suavemente.

– Você dormiu até tarde. – É a minha resposta. – O que quer fazer?

– Desculpa por ter batido em você, no carro. Passei dos limites.

Eu sorrio para ela.

– Eu aguento.

Kate está olhando para seus pés.

– Eu não sou a pessoa que você acha que eu sou.

Sento-me e a estudo.

– Desde que você me conheceu – ela começa –, tudo o que viu foi uma megera chorona que está apaixonada por um idiota machista. Esta não sou eu, Ryan.

– Nunca a vi dessa forma. Fiquei com o pior de você, sei disso. Não importa, Kate. Estou começando a gostar do pior de você.

Ela está calma.

– Só não fala isso de novo, na minha frente, certo? – eu digo.

– Dizer o quê?

– Que você é apaixonada por esse filho da puta do Dale. Nunca diga isso de novo na minha frente.

Ela respira profundamente.

– Eu não sou. Já o superei, não o quero mais na minha vida. Já me puni o suficiente. Acabou.

– Ótimo.

Ela está olhando para mim com olhos tristes.

– Ryan, estou apaixonada por você.

Isso é tudo que eu quero ouvir. Mas não posso ser irresponsável com Kate.

– Eu não quero você machucada.

– O que isso significa? Seja homem e me diga como se sente sobre mim.

Eu me levanto. Aproximo-me dela e sinto o cheiro do sabonete. Toco a mão de Kate e olho em seus olhos.

– Estou apaixonado por você, Katherine. Mas este não é um bom momento para nos apaixonarmos.

Ela apenas se inclina para mim, de uma forma que sua testa está tocando

meu queixo.

– Eu não me importo.

Fecho meus braços em volta de Kate. Queria saber se esta é outra mulher que vou ter que enterrar, ver morrer. Não acho que tenho forças para passar por isso. Alguém a quer silenciada, e não há melhor maneira de calar uma mulher do que colocá-la embaixo da terra.

De repente, o medo toma conta de mim. Temo por ela.

– Você não vai sair de casa – eu digo.

– Talvez precise.

– Você não vai. A não ser que esteja pegando fogo, você está me ouvindo? Tem comida aqui, tem tudo.

– Tudo bem. – Ela só diz isso para me calar.

Kate e eu não fazemos amor esta noite. Mas dormimos juntos, nos braços um do outro, pensando em coisas que não estamos prontos para verbalizar.

Quando amanhece, sei que preciso ir. Ela está num sono profundo. Eu separo suas coxas e começo a lambê-la até que ela acorda, geme e goza sem abrir os olhos. Daí ela flutua de volta para o sono.

Eu arrumo minhas coisas, olho-a dormir por alguns minutos e depois saio.

No carro coloco meus óculos escuros quando o sol bate no para-brisa com força total. Coloco um CD que conheço bem, mas não ouço há algum tempo.

EU: Você foi até o final, na sua educação, quero dizer. É interessante.

BARDEL: Não até o final, eu só terminei o Ensino Médio.

EU: Mas você gosta de livros.

BARDEL: Sim, gosto de livros. Suponho que você vai me perguntar se o meu favorito é O Apanhador no Campo de Centeio.

EU: (risos) Não, Nathan, eu não perguntaria isso. Mas qual é? Estou curioso.

BARDEL: As pessoas que leem muito raramente têm um livro favorito, agente Owen. Tenho diversos que li muitas vezes ao longo dos anos. Eu gosto de Crime e Castigo.

EU: Então, você conseguiu o emprego na Biblioteca de Blessfield? Foi difícil?

BARDEL: Não, parecia um trabalho constante das nove às cinco. Gosto da tranquilidade da biblioteca, eu gosto das pessoas que ela atrai. Preenchi um formulário. Pelo salário, não havia uma grande quantidade de pessoas dispostas a assumir um trabalho como aquele, isso foi bem antes da recessão.

NACIONAIS-ACHERON

Mas eles me chamaram e eu fui. Colocava os livros de volta onde pertenciam, durante o dia inteiro, preenchia as informações no sistema, catalogava. Eu amava aquele trabalho.

EU: E foi lá que você conheceu algumas de suas vítimas. Os livros que elas pegavam emprestados, foram eles que influenciaram as suas escolhas?

BARDEL: Às vezes influenciavam, sim.

EU: Você se lembra de alguma coisa assim?

BARDEL: Sim, lembro. Joan curtia eróticos. É por isso que eu sabia que ela queria o que eu tinha para dar. Eu a via ali, lendo algumas coisas e me perguntava o quanto ela estava molhada. Eu não aguentaria aquilo por muito tempo. Pensei sobre Joan por tantos meses. Então simplesmente não consegui mais me conter. Então comecei a segui-la.

EU: Você tinha fácil acesso ao endereço da casa dela.

BARDEL: Sim. E então eu a peguei.

EU: Como isso aconteceu?

BARDEL: Você sabe.

EU: Sim, eu sei, mas eu realmente gostaria de ouvir o seu lado da história, se não for problema.

BARDEL: (pausa) Ela morava sozinha. Bati uma noite. Ela não abriu. Eu sei que ela me viu pelo olho mágico. Foi quando eu soube que teria que arrombar.

EU: Isso foi arriscado para você.

BARDEL: Mas ela valeu a pena. Esperei e quebrei uma janela. Quando cheguei lá em cima ela estava lá, mas não tinha chamado a polícia. Eu disse que se ela cooperasse viveria. Joan me reconheceu. Ela chorou e implorou, então eu a amordacei, amarrei e falei com ela. Olha, eu queria que aquela noite durasse. Eu estava com muito tesão, mas queria ir devagar. Então disse que eu sabia o que ela queria, que a tinha visto ler a porcaria que ela costumava ler. Ela chorou, sabe? Eu pude ver a vergonha em sua cara. Então tirei a mordaca e pedi a ela para dizer, e ela disse.

EU: Dizer o quê, exatamente?

BARDEL: Que ela era uma puta e que merecia. Eu a fiz dizer isso durante os estupros. Eu a fiz falar: “Sou uma puta, eu quero isso. Me estupre. Me fode e me machuca porque eu gosto.”. Ela disse isso tantas vezes. Ela sabia que era verdade.

EU: Quanto tempo você ficou com ela?

BARDEL: Umas duas horas. Queria ter ficado mais tempo, mas como

você disse, agente Owen, era um grande risco. Então eu a estrangulei e a vi morrer. Aí fodi ela pela última vez, então a esfaqueei.

EU: O que você sentiu depois?

BARDEL: Fiquei triste que ela estivesse morta. Eu queria um lugar onde eu pudesse mantê-las por dias, até semanas, como aqueles caipiras assassinos que construíram um galpão na floresta.

EU: Você a teria mantido? Como uma companheira? Como uma escrava?

BARDEL: Uma escrava, sim. Ela faria qualquer coisa que eu mandasse. Cozinhar, limpar, chupar o meu pau enquanto eu lia livros. Mesmo... Talvez até me ajudar com outras vítimas.

EU: Isso é uma fantasia para você.

BARDEL: Bem, para ser sincero, eu tinha pensado nisso algumas vezes. Pensei sério sobre essa possibilidade depois da última. Se você não tivesse me pegado, talvez eu tivesse feito isso. Construir um lugar, sabe?

EU: Se Coates estivesse indo para a biblioteca para ler, digamos... A Bíblia... Ela teria chamado sua atenção?

BARDEL: (pausa) Bem, sim, agente Owen. Mas, certamente, a noite teria sido diferente, compreende? Eu não teria feito ela dizer tudo o que ela disse.

EU: Mas você a teria estuprado e assassinado.

BARDEL: Certamente. Ler a Bíblia não faz de uma mulher uma santa.

EU: O que faz?

BARDEL: Nada, elas são animais como nós. Cadelas para cães.

Escuto atentamente enquanto dirijo. Já ouvi isso inúmeras vezes antes. Ouço a entrevista da tarde seguinte:

EU: Conte-me sobre sua irmã, Nathan.

BARDEL: Eu não quero, Ryan. Você está risonho hoje. Comeu sua esposa esta manhã?

EU: Desculpe se eu o ofendi, Nathan. Eu não sabia que era doloroso falar sobre Natalie.

BARDEL: Não é doloroso.

EU: Bem, certamente arrancou uma reação de você. Nunca foi agressivo comigo antes.

BARDEL: (pausa) Não é? Aposto que sua esposa é loira.

EU: Minha esposa não lhe diz respeito. Nem a minha vida pessoal. Então,

acredito que você e eu não vamos discutir Natalie hoje.

BARDEL: Vou parar de falar com você se disser o nome dela mais uma vez.

EU: Então por que não mudamos a dinâmica? Você decide sobre o que quer falar.

BARDEL: Por que não falamos sobre você?

EU: O que você gostaria de saber?

BARDEL: Alguma vez já matou alguém?

EU: Devido à natureza do meu trabalho, fui diretamente responsável por dois óbitos. Mas a maioria dos profilers nunca esteve envolvido com isso. Não havia outra maneira de proceder naquelas situações.

BARDEL: Mentira (sorrisos). Você gostou. Quem eram eles?

EU: O primeiro era um viciado em drogas que tinha sido responsável por quatro mortes. Ele estava em uma killing spree, matando pessoas num surto, descontroladamente, era um esquizofrênico paranoico e tinha assassinado sua esposa e seu bebê. Ele disse que o bebê não era seu filho. Em seguida, dirigiu até uma pré-escola e atirou em duas crianças. O cercamos, na época eu era da unidade um, e tentamos negociar a libertação dos reféns, mas ele não estava em condições de negociar. Nós conseguimos entrar na escola e o cara estava armado. Ele não respondeu ao meu pedido para largar a arma e então eu atirei no peito dele. Ele morreu no caminho para o hospital.

BARDEL: O bebê era dele?

EU: Sim.

BARDEL: (sorri) Você gostou.

EU: Quem sabe?

BARDEL: Você sabe. Conta.

EU: Fiquei aliviado por ele não ser mais uma ameaça. Ao mesmo tempo, triste que as coisas tivessem chegado até aquele ponto. Ele só atingiu aquele estado mental porque estava doente e não foi ajudado.

Eu penso sobre isso. Eu estava mentindo. Estou feliz que o matei.

BARDEL: E o outro que você matou, Ryan.

EU: Não, primeiro vamos falar sobre você. Conte-me sobre Natalie.

BARDEL: (Longa pausa 2'13) Ela gostava. Do que meu padrasto fazia com ela. Acho que no início não, então ela começou a gostar.

EU: Eu não acho que gostava, Nathan. Ela foi abusada.

BARDEL: Por que ela não o matou enquanto ele dormia?

EU: Nem todo mundo reage dessa forma. Ela provavelmente estava com muito medo. Ela pensou em você, sua mãe e aguentou a dor do que acontecia com ela em silêncio, porque achava que era melhor para sua família.

BARDEL: Como você sabe que ela não gostou? Perguntou para ela?

EU: Se eu perguntei a uma mulher se ela gostava de ser abusada? Não, não perguntei.

BARDEL: Então você não sabe com certeza.

EU: Eu sei, com certeza, Nathan.

BARDEL: Você não é mulher. Você não foi abusado. Você não sabe com certeza.

EU: Eu sei, com certeza, Nathan. Você a odeia por causa disso?

BARDEL: Não a odeio. Só não sinto nada por ela.



É solitário aqui.

Sim, estou fuçando as coisas dele. Tudo.

Todos os livros têm anotações e isso é maravilhoso. Parece um presente para mim. Abro-os e leio as notas, a maioria são referências a outras citações e outros livros e outros autores.

Acho um par de caixas que dizem “bureau”. Eu as abro e vejo documentos com a insígnia do FBI. Encontro dois prêmios. E me deparo com um arquivo que diz: AGENTE SELENA MARTINEZ: INVESTIGAÇÃO E RELATÓRIO FINAL e me pergunto se posso ler isso. Folheio e pulo para o relatório final, escrito por um cara chamado Anderson Moore, Chefe de Seção. É datado de onze meses atrás:

Este relatório foi elaborado pelo Chefe da Seção do BAU4 Anderson Moore sob a supervisão e requerimento da Vice-Diretora Barbara Sanders.

Sobre o óbito de Selena Martinez: É após uma investigação de quatro meses que concluo que o falecimento da agente especial Selena Martinez não pode ser atribuído a qualquer força ou pessoa além de si mesma. Martinez estava sob tratamento leve para a depressão grave (ANEXO 16: AVALIAÇÕES PSIQUIÁTRICAS), quando ela tirou a própria vida em 7 de maio de 2012, com a ajuda de soníferos adquiridos através de seus próprios meios e não prescritos por psiquiatras do bureau.

Sobre o envolvimento de Ryan Owen com Selena Martinez: Ambos os agentes foram colocados sob vigilância interna, em 23 de fevereiro de 2012, devido a rumores acerca de seu envolvimento. Agente Owen ainda era legalmente casado na época. A vigilância confirmou uma relação, de natureza sexual entre os dois agentes. Quando confrontado, o agente Ryan Owen admitiu essa relação. Ele foi aconselhado a interromper qualquer contato pessoal com a agente Martinez.

Agente especial Martinez também foi questionada sobre o relacionamento e admitiu a natureza do mesmo. Ela foi temporariamente retirada do trabalho de campo e forçada a trinta dias de férias pagas.

NACIONAIS-ACHERON

Sobre o progresso psiquiátrico de Selena Martinez: ao retornar de férias, a condição de Martinez piorou e ela foi submetida a todos os compromissos psiquiátricos e avaliações no âmbito da regulamentação vigente. Durante uma dessas sessões apresentou sinais de depressão clínica.

O agente Ryan Owen também foi entrevistado pela Dra. Annatil Fowler. Nesta entrevista, ele mostrou preocupação com o bem-estar emocional de Martinez e confessou práticas preocupantes executadas pelos agentes, em que Selena Martinez pediu a Ryan Owen a simulação de atos violentos de estupro. Agente Ryan Owen confessou ter participado de tais atos sete vezes, em que ele desempenhou o papel de agressor e Martinez o papel de vítima. Após o confronto, Ryan relatou (ANEXO 17) ter pedido à Martinez para pôr fim a tais práticas, e este pedido foi negado por ela. Ele relatou uma troca de e-mails pessoais com Martinez e esses e-mails foram estudados e arquivados por mim (ANEXO 27). Selena Martinez corroborou os relatos de Ryan Owen dessas atividades sexuais. Ela expressou que ela era a pessoa que insistira em tais práticas (ANEXO 19). Ela também expressou que o agente Ryan Owen não era culpado de quaisquer atos feitos contra sua pessoa e ela o considerava um amigo querido.

Após o suicídio de Selena Martinez, apenas onze dias após esta última entrevista com a Dra. Fowler, outra investigação foi realizada por: Janet Lewis, do Escritório de Integridade e Conformidade, David Crowley da Divisão de Fiscalização e eu. Nossa conclusão final é que, embora as ações do agente Ryan Owen foram irresponsáveis, não constituem crime, nem foram diretamente responsáveis pelos problemas psicológicos de Selena Martinez, ou seu suicídio.

O agente Ryan Owen encontra-se, portanto, em condições de continuar seu trabalho com o Federal Bureau of Investigation sob minha supervisão.

Abaixo o arquivo e mordo meu lábio enquanto penso sobre isso. Pensar sobre a merda na qual Ryan se envolveu está me incomodando. Pergunto-me se estou certa em confiar nele, dormir com ele... e estar apaixonada por ele.

Penso sobre estas simulações, o que isso significa. Penso nele, nessa porra de mulher e sinto ciúmes e fico entristecida. Procuro o relatório pelas palavras usadas por eles: simulação de atos violentos de estupro, no qual ele interpretou o papel do agressor e Martinez o papel da vítima. O que havia de errado com essa mulher? Será que o trabalho mexeu tanto com ela, que tinha essas fantasias? Ou era mais como pesquisa? Eu me pergunto se Ryan gostou.

NACIONAIS-ACHERON

Ele deve ter gostado, se fez isso sete vezes. Mas ele também a delatou, estava preocupado com ela.

Vou para o Anexo 17 e leio a transcrição:

DRA. FOWLER: Quando você a confrontou e pediu-lhe que parassem?

AGENTE OWEN: Depois da terceira vez. Eu não estava mais gostando daquilo. Estava começando a entender que ela estava passando por algo, algo emocional, que eu não compreendia. Eu disse a ela que tínhamos que parar. Ela disse que não queria parar.

DRA. FOWLER: Por que você acha que ela precisava disso?

AGENTE OWEN: Ela queria conhecer a sensação. Ela me disse que se eu parasse, iria atrás da coisa real, que faria algo estúpido como andar na rua sozinha, tarde da noite, em áreas arborizadas, pegar caronas, coisas assim. Eu acreditei nela. Simulei mais estupros com ela.

DRA. FOWLER: O quanto a machucou?

AGENTE OWEN: Ela ficava com raiva, dizia que eu era mole demais com ela. Dei uns tapas nela algumas vezes, esse tipo de coisa. Nunca a fiz sangrar, nunca a queimei, não conseguiria fazer isso.

DRA. FOWLER: Na sua opinião, ela está apta para o serviço?

AGENTE OWEN: Não, na minha opinião, não está. Não mais.

Pulo para o Anexo 27, o e-mail que eles trocaram. Foram impressos em uma folha de papel comum:

De: Ryan Owen

Para: Selena Martinez

Assunto: RE: Olá

Selena, eu não estou tentando foder você. Estou preocupado com você e não relatei nada além da verdade. Eles podem ajudá-la e fazer o que é melhor para você. Você está errada, não acho que esteja doente. Mas não acho que o que estamos fazendo é bom, para nenhum de nós. Acredito que da última vez fomos longe demais. Eu não gosto de fazer isso, entrar de fininho na sua casa e ser brutal com você. Preocupa-me que você queira que eu verbalize essas coisas, e ir mais além e machucá-la. Essa não é minha ideia de sexo saudável. Não posso mais fazer isso.

NACIONAIS-ACHERON

Eu estou mastigando minhas unhas enquanto leio isso. Vejo sua resposta:

De: Selena Martinez

Para: Ryan Owen

Assunto: RE: RE: Olá

Se eles me tirarem desse caso, você sabe o que vai acontecer. Estou perto. Não faça isso comigo agora.

Você gostava de me foder nos seus termos, Ryan. Eu não vejo por que não consegue se entregar pra isso. É o seu lado agente que fica no caminho. Porque no final você goza. Nós dois sabemos disso. Eu odeio o certinho em você. Onde está o Ryan que eu conheci?

Faça o que quiser, só não deixe que me tirem do caso Richardson.

Estou abismada quando leio isso.

Opto por ler o último anexo e acabar logo com minha tortura.

ANEXO 19

(AVALIAÇÕES PSIQUIÁTRICAS)

DRA. FOWLER: Fale-me sobre o agente Owen e as simulações de estupro.

AGENTE S. MARTINEZ: Eu sei que você está se perguntando se Ryan me pressionou para fazer isso. Não. Nós estávamos nos dando bem, o nosso sexo era bom. As coisas entre ele e Melissa estão uma merda há muito tempo. Ela sabe que ele tá transando com alguém e não se importa. Eu percebi que podia confiar nele e pedi pra simular estupro comigo. Ryan concordou, mas estava relutante.

DRA. FOWLER: Quando começaram a fazer isso?

AGENTE S. MARTINEZ: Eu não me lembro a data. Cerca de cinco meses atrás ou mais. Eu queria a coisa toda, então pedi para não me contar quando aconteceria. Eu disse a ele para usar uma máscara e ser agressivo. Eu disse a ele que havia algumas coisas que eu queria que ele fizesse, como me dar um tapa, usar palavras vulgares, falar que me mostraria quem era o chefe, coisas assim.

DRA. FOWLER: Ele cumpriu esses requerimentos?

NACIONAIS-ACHERON

AGENTE S. MARTINEZ: Sim. Ele tinha a chave, e cerca de quatro dias depois de termos conversado sobre isso, ele entrou na minha casa às três da manhã eu estava dormindo e ele me acordou puxando minha camisola para cima. Quando percebi o que estava acontecendo fiquei excitada. Não conseguia vê-lo, ele estava usando a máscara que pedi para usar e me comeu.

DRA. FOWLER: Houve alguma coisa na experiência que você não gostou?

AGENTE S. MARTINEZ: Quando ele me deu um tapa, doeu, mas eu não posso dizer que não foi agradável. Ryan não está apto para isso. Pegou leve demais.

DRA. FOWLER: Ele gostou?

AGENTE S. MARTINEZ: Sim, gostou. No começo, ele realmente gostava.

Guardo o arquivo de volta na sua caixa. Preciso de um cigarro desesperadamente.

Na cozinha, fumo e penso sobre tudo isso.

Nathan

Ryan é todo sorrisos quando entra na sala de conferências pequena no Departamento de Polícia de Miami.

Há três homens e uma mulher aqui.

Ryan estende a mão. O ruivo que já vimos antes, detetive Gambatto, sorri brilhantemente e aperta a mão de Ryan.

– Como você está, Owen? – pergunta.

– Não tão bem quanto você, com certeza. – É a sua resposta. – Mas é bom vê-lo novamente.

– Então, este não é um caso federal, é meu, e você é nosso consultor, estou certo até agora?

– Sim, é isso.

Gambatto aponta ao redor da sala.

– Pessoal, este é o agente federal que vai nos dar uma mão neste caso, Ryan Owen, ex-Unidade de Ciência Comportamental. Trabalhou comigo no caso Nathan Bardel. Ryan, esta é Gina Woods, Philip Hendersen e este é Jay Torres.

Ryan aperta suas mãos. A mulher, Gina, está feliz que ele está no caso. Tem uma pinta de descendente de italianos, está longe da beleza de uma capa de revista, mas gostosa o suficiente para que eu imagine seu rosto contorcido de dor, os olhos aterrorizados mostrando completo respeito por mim. Gina seria uma boa vítima, lutaria até o final, e perderia toda sua dignidade de policial quando fosse posada de pernas abertas por mim, depois de morta. Eu até diria isso a ela, com a certeza de que a deixaria horrorizada saber que seus colegas de trabalho, os machistas que ela tanto odeia, estariam fotografando seu corpo rasgado e nu para analisar cada centímetro dele. Ah, Gina, se eu tivesse conhecido você antes.

Phil Hendersen não tem tanta certeza, ele não é um fã do bureau. Consegue não ser bonito nem feio, gordo nem magro, um homem de aparência sem graça, mas que está nesse momento completamente focado no briefing que vai receber. Jay Torres não se importa, desde que os resultados venham

NACIONAIS-ACHERON

rapidamente. É ambicioso, e sendo latino-americano, acha que tem muito a provar.

Todos se sentam, com exceção de Gambatto, que começa:

– Vamos falar sobre o que temos a princípio. A partir de agora, temos dois casos separados que podem ou não estar relacionados. Temos uma carta de ameaça a uma escritora chamada Katherine Dwyer, que estava escrevendo uma biografia sobre o nosso serial killer celebridade, Nathan Bardel. Livros Sahara, sua editora, pediu para ela interromper a biografia e produzir um outro romance em seu lugar. Algumas semanas depois, ela recebeu uma carta de ameaça, que veremos em breve. Nesse mesmo dia, houve um estupro seguido de assassinato violento no apartamento ao lado do de Katherine Dwyer. A razão pela qual o agente Owen está aqui é porque ele foi o primeiro na cena, e também porque há muitas semelhanças entre este M.O. e o de Nathan Bardel. Na verdade, até a assinatura é a mesma, o que faz com que seja seguro afirmar que temos um imitador em nossas mãos. No material vão encontrar cópias das declarações da companheira de quarto de Jennifer Adkins, Brenda, o relatório do laboratório, e as declarações de Katherine Dwyer também.

Ryan os observa. Torres fala primeiro.

– Então, acho que podemos dizer que a carta de ameaça e o assassinato são obras de alguém que por algum motivo está tentando intimidar a escritora.

– Não podemos dizer com certeza – diz Gambatto. – Pode ser uma coincidência.

– Realmente uma grande coincidência – murmura Hendersen.

Ryan fala pela primeira vez:

– A pessoa que escreveu a carta não é a mesma pessoa que matou Jennifer. Não estou dizendo que não há conexão, porque seria uma grande coincidência, mesmo, mas tenho certeza de que não é o mesmo cara.

– O que o faz ter certeza, profiler? – É Woods que fala agora. O tom é provocativo, mas ela gosta de Ryan. Aposto que já está molhada.

Ryan sorri para ela.

– Vamos olhar para a carta. – E ele se vira para Gambatto.

Gambatto mexe com o computador e uma imagem da carta surge projetada no quadro branco.

Eles levam um momento para lê-la.

Ryan fala:

– Não há raiva aqui. É impessoal, quase indiferente. Um cara que naquela

mesma noite estupraria, estrangularia e esfaquearia uma jovem escreveria de forma diferente, usaria palavras vulgares, ameaçaria de forma mais detalhada. Só lembrando que não há um traço de evidência nessa carta, no envelope ou na caixa.

– Pra que uma caixa se a carta veio dentro de um envelope? Isso não pode sugerir algum tipo de brincadeira de mau gosto? Tipo quando você coloca um presente dentro de uma caixa dentro de outra caixa dentro de outra caixa?

Ryan se vira para Torres, que fez a pergunta:

– Não, foi para conseguir entrar no prédio sem levantar muitas suspeitas, como um entregador.

– Então, são duas pessoas diferentes trabalhando juntas, ou duas pessoas diferentes que não têm nada a ver uma com a outra? – pergunta Hendersen.

– Isso é o que nós temos que descobrir – fala Gambatto.

– O primeiro cara. – Woods se inclina para frente. – Que envia a carta, qual é a sua motivação? Por que incomoda tanto que ela esteja escrevendo sobre Bardel? Quero dizer, ele poderia estar trabalhando dentro da editora.

Torres concorda com isso.

– E o segundo, ele é um assassino serial típico.

– Nós só temos um assassinato – diz Ryan. – Não podemos chamá-lo de serial.

Eles estão em silêncio.

– A primeira pergunta – diz Gambatto, pegando a sua atenção. – Houve outros assassinatos como este M.O. no estado? Isso é algo que puxarão do banco de dados. Segunda pergunta: prospecção, conversando com colegas de Jennifer Adkins, o que isso nos dá em termos de namorados ou outros homens com motivação? Terceira pergunta: por que Sahara está tão interessada em impedir que a senhorita Dwyer escreva sobre Nathan Bardel?

– O que o laboratório diz sobre o assassinato? – É Ryan.

– O laboratório diz que a menina foi estuprada, o agressor usou camisinha porque há típicos vestígios de lubrificante de preservativo dentro dela e nenhum vestígio de ejaculação. A causa da morte foi estrangulamento, embora não tenhamos digitais, mãos grandes. E foram seis facadas, profundas, no seu abdômen e oito na genitália, feitas pouco antes do estrangulamento, que não a mataram, mas seriam a causa de morte se ele tivesse esperado alguns minutos. Ele definitivamente precisava matá-la da forma mais pessoal possível. Encontramos algumas fibras de lã pretas no corpo, mas nada de DNA até agora.

– Quem fez isso estava com raiva, mas confiante, quase... arrogante – diz Ryan.

Gambatto fala agora:

– Então, Woods, quero você no comando da prospecção. Henderson, preciso de você para conversar com editores da senhorita Dwyer, e Torres, você vai procurar o banco de dados por crimes semelhantes. Voltaremos a falar em cinco horas, pode ser?

Eles concordam e se levantam.

Ryan se aproxima de Gambatto.

– Eu vou com Torres.

– Você que sabe.

Estou interessado em tudo isso. Quero ver como funciona.

Torres, um latino baixinho nos seus trinta anos, está na frente de um computador e Ryan atrás dele. Eles estão digitando termos de triagem no sistema para descobrir se meu querido imitador matou antes. Usam um sistema que entrega os cem crimes mais parecidos com o investigado e entre esses cem, os cinco mais semelhantes.

Sob modus operandi, eles digitam apenas: estrangulamento, múltiplas facadas, abdômen, vagina. Ryan fala para Torres ignorar a forma de entrada no apartamento, o uso de preservativo e outros detalhes.

Em Área, digitam o endereço da vítima.

Em Tipo de Vítima selecionam as opções como mulher de vinte e quatro, mas Ryan diz a ele para ignorar os filtros relacionados à aparência física e ocupação. Todos os outros campos são ignorados por eles.

O computador recupera os cem casos. Ryan pede para Torres imprimi-los.

Eles recolhem todos os papéis e depois de pegar mais café se fecham em um pequeno escritório.

Juntos começam a passar pelos resultados, colocando-os em duas pilhas: talvez e não.



Almocei bem à tarde, e agora que a noite chegou, não estou com vontade de comer mais nada. Eu odeio, talvez pela primeira vez na minha vida, estar sozinha. Queria que Ryan telefonasse ou voltasse para casa. Quero perguntar a ele sobre Selena. Quero ouvi-lo falar sobre isso.

Finalmente tenho coragem suficiente para abrir seu computador. Abro a caixa de entrada e encontro os e-mails que enviei a ele. Abro e vejo meu livro. Tenho que continuar escrevendo. Não sei por quê, mas preciso.

Meu telefone toca, de repente, me assustando. Desejo com todo meu coração que seja Ryan, mas vejo que é Savannah. Não sei se quero atender. Mas o faço.

– Alô.

– Kate, onde você está?

– Por quê?

– Por que essa atitude? O que eu fiz para você? Sou sua amiga e sinto sua falta e nós realmente precisamos conversar. Eu passei no seu apartamento.

– Vou passar algum tempo longe de lá, suponho que saiba por quê.

– Sim, e isso está me assustando. Uma menina foi morta. O que está acontecendo?

– Estou com raiva de você. Por falar com Dale sobre mim, por tudo. E eu preciso que você me conte a verdade sobre a Sahara e por que interromperam o meu projeto sobre Bardel.

Savannah fica em silêncio por um tempo.

– Eu não sei, Kate, essa é a verdade. Eles me chamaram para uma reunião e me disseram que esse não é o tipo de material que eles estão interessados em publicar agora. Eles realmente querem outro romance seu e pagaram por isso. Você já começou? Eles estão me perguntando e eu não sei o que responder.

– Sim, comecei – minto sem culpa ou remorso.

– Bom, daqui há quanto tempo posso ver o que você tem?

– Uma semana, talvez.

– Tudo bem, faça isso rápido, qualquer coisa que tiver. Agora, me diga onde você está.

– Eu não posso.

– Eu sinto muito por Dale. Ele me telefona, Kate. O que você quer que eu faça? Ele me liga para falar sobre você e ele é meu amigo, então eu respondo.

– Ele liga para que você fale que estou sofrendo sem ele. Ele gosta disso. Eu preciso que você pare.

– Eu vou, eu prometo a você. Mas estou preocupada com você e quero vê-la.

– Eu realmente não quero ver você agora. – Eu sinto falta dela, essa é a verdade. Ela sempre foi a pessoa com quem eu podia falar sobre tudo. Quero explicar a ela tudo isso, mas algo dentro de mim pede para não fazê-lo.

– Kate, eu amo você. Sou sua amiga.

Eu penso sobre isso.

– Ok, eu sei. – É tudo o que eu digo a princípio. – Tenho que ir, ligo em breve. – E desligo antes que eu fale demais.



Gambatto está no escritório quando eu entro.

Torres e eu nos sentamos, esperamos pelos outros.

Estou morrendo de vontade de falar com Kate e estou surpreso com o quanto sinto falta dela. Quero ouvir sua voz, quero ver se ela está bem. Eu sei que agora ela já deve ter vasculhado a minha casa, e pode ter encontrado algumas coisas sobre Selenia. Mas estou aliviado. Quero que ela saiba de tudo. Eu secretamente desejo que seja madura o suficiente para entender, para ver o verdadeiro eu por trás de toda aquela porcaria. Eu não quero que Kate pense que sou perfeito, mas também não quero que ela se confunda com o que leu, que tenha medo daquilo.

Woods e Henderson entram com xícaras de café e sentam-se.

Gambatto fica quieto, está cansado do seu dia, e acena para Woods.

– Conversei com todos os vizinhos, é um prédio pequeno. Ninguém lembra de ter visto ou ouvido qualquer coisa diferente na noite em que Jennifer foi assassinada. No entanto, sua vizinha da porta da frente, a senhora James, afirma que estava assistindo TV quando ouviu um miado, e conversas no corredor. Ela não se levantou para ver o que era, mas disse que poderia ter sido um homem e uma mulher conversando, possivelmente Jennifer e seu agressor, pouco antes dele entrar no apartamento. E foi só isso que consegui, pessoal.

– Jennifer e Brenda tinham um gato – eu digo. – Não estava no apartamento.

Gambatto pensa sobre isso por um tempo. Ele olha para mim.

– O que você acha?

– Acho que Jennifer não teria aberto a porta para um homem que ela não conhecia, principalmente em casa, sozinha e tarde da noite. Talvez o agressor tenha usado seu gato, de alguma forma, para conseguir entrar, dizendo que o encontrou ou algo assim.

– Bem, eu perguntei se alguém tinha falado com Jennifer ou Brenda

recentemente – diz Woods. – Se tivessem perdido seu gato, quer dizer... teriam perguntado por aí, certo?

– Então, talvez não tenha sido necessariamente o gato delas – diz Torres. – Talvez o cara pegou outro gato, qualquer gato, e quando Jennifer viu uma pessoa com o bicho, ela pode ter esperado algo bom e aberto a porta. Talvez o cara tenha dito que tinha encontrado um gatinho e estava procurando o proprietário.

– Os amantes de gato são amantes de gatos – diz Woods. – Ela poderia muito bem ter aberto a porta.

– Então o infrator a estava observando há algum tempo, pelo menos – diz Gambatto. – Ou a conhecia.

– Sim – concordo com a cabeça. Faz sentido. – Então, estamos lidando com um homem caucasiano, com certeza.

– Com certeza? – indaga Woods.

– Eu não sou racista, Gina, mas é altamente improvável que ela abrisse a porta para um homem negro naquele bairro. Estupros assim, inter-raciais, se é isso que foi, não são tão comuns. Eles já aconteceram e podem acontecer, mas eu sei que foi um homem branco.

Gambatto vira para Hendersen.

– Você, o que você conseguiu?

– Conversei com uma mulher chamada Savannah, uma bonitona. Ela é amiga de Katherine Dwyer e sua editora. Ela me disse que a Sahara não quer que Dwyer escreva sobre Bardel. Disse que ela é inexperiente neste tipo de trabalho e já tem seguidores dos seus romances anteriores. Falou que não há outra razão, além dessas, por ter pedido que ela parasse o projeto. Perguntei se há alguém com quem Kate trabalhou na Sahara, ou em qualquer outro lugar, que tem motivos para não gostar dela. A mulher me disse que Kate não é fácil de gostar, mas que ela não tem inimigos. Conversamos sobre outras coisas, se ela tem algum namorado ou flerte e ela disse que Kate acabou de terminar um relacionamento com um cara legal chamado... – Ele procura suas notas. Antes que ele encontre o nome, eu digo:

– Dale. Seu nome é Dale. Eles se separaram há alguns meses, e, confie em mim, ele não é um cara legal. Ele estava em seu apartamento no dia do crime.

Eu sinto todos os olhos em mim.

– Ryan. – Woods está girando em sua cadeira para me encarar. – O que está acontecendo entre você e Katherine Dwyer? Temos o direito de saber. Você estava em seu apartamento às oito da manhã, quando o corpo de

Jennifer foi encontrado. Jogue limpo com a gente.

– Eu nunca escondi minha relação com Kate de ninguém – eu digo. – Estamos nos vendo. Por isso sei sobre o namorado.

– Espere – Gambatto põe a mão para cima. – Ryan, ele é um suspeito, para você?

Penso sobre isso. Odeio esse idiota com tanta força que quero matá-lo com minhas próprias mãos.

– Eu acho que ele é capaz de escrever o bilhete. Eu não acho que seja capaz de matar daquele jeito. Estupro, sim, assassinato assim... não.

– Você conheceu o cara? – Hendersen levanta a sobrancelha para mim.

– Não. Conversei com Kate sobre ele.

Há olhares trocados entre eles.

– Por que ele escreveria a carta? – Torres pergunta.

– Dale sabia que ela estava no projeto. Eles estavam num relacionamento complicado, e ele está bravo com ela.

– E sua melhor amiga diz que ele é um cara legal – Woods fala. – Talvez eles estejam juntos nessa.

– Não vejo nenhuma verdadeira motivação aqui – diz Gambatto. – Torres, você?

– Encontramos três crimes semelhantes nesta área – diz ele. – O primeiro é Ashley Pierson, vinte e dois, estudante universitária, assassinada em 7 de abril de 2007. Ela foi estrangulada, estuprada e esfaqueada no peito. Sem conexão com Brenda ou Jennifer. Ela vivia com uma companheira de quarto que estava fora do estado na época, e é aí que ela foi atacada. Não há outras semelhanças. Nunca encontraram o assassino.

Gambatto olha para mim:

– Parece nosso cara?

– Dei uma olhada neste caso quando estava investigando Bardel, ele ainda estava vivo naquela época. Havia elementos na cena do crime que descartavam a possibilidade de ser Bardel: móveis revirados, coisas faltando e sêmen. Quando Bardel confessou, ele alegou ignorância neste caso e a amostra de sêmen não correspondia ao seu DNA. No entanto, não estamos lidando com Bardel agora. Eu diria que é um talvez.

– O que mais? – Gambatto está esgotado.

Torres continua.

– O outro talvez é Stephanie Lynn Caverton. Ela tinha vinte e sete, e trabalhava como secretária em um escritório de advocacia. Foi atacada no

estacionamento da empresa onde trabalhava. O atacante a forçou a entrar no carro. Eles dirigiram para uma área arborizada onde foi estuprada e a causa da morte foi traumatismo craniano. Ela foi esfaqueada antes de morrer, uma vez, no estômago. Sem conexão com a nossa vítima, mais uma vez. Isso foi em novembro de 2009.

– Eu acho que esse é um forte talvez. Eu sei que há diferenças, e sei que esta mulher foi mais uma vítima de oportunidade. Pode ter sido sua primeira. Se for, haverá um caso antes de Jennifer com certeza. Esse cara não passou cinco anos sem matar. Se houver outro caso, ele vai ter passado mais tempo com o corpo e mostrado mais agressividade e controle. Mas ainda são muitos “ses”. E só lembrando que haverá um fator estressante na vida desse assassino poucos meses, semanas, ou dias antes dele ter cometido esse crime. Divórcio, problemas financeiros graves, nascimento de alguma criança, briga com pais ou cônjuge, perda de trabalho...

– Encontraram DNA no corpo? – pergunta Woods.

– Não nesta. Lubrificante de preservativo.

Eles ficam em silêncio por um tempo.

Torres fala sobre o nosso último talvez.

– Esta é Teresa Córdoba, trinta anos. Ela era uma dona de casa, o marido estava no Afeganistão. Foi atacada em casa, e havia sinais de arrombamento. O bebê não foi tocado, mas ela foi estuprada e estrangulada com os lençóis. Foi esfaqueada três vezes com a própria faca de cozinha, nos órgãos genitais, post mortem. Sem conexão com a nossa vítima ou sua companheira de quarto. No entanto, havia sêmen em sua garganta. Isso foi em fevereiro de 2011.

Eu me inclino para a frente.

– Em relação à aparência física, não há semelhanças gritantes entre essas três vítimas. Geograficamente falando. – Olho para Torres e ele espalha o mapa da Flórida sobre a mesa, o resto se levanta para visualizar melhor, pego uma caneta vermelha e começo a circular os locais. – Este é o lugar onde nossos três assassinatos ocorreram. Número 1, Coral Gables; número 2, Hialeah Gardens; e número 3, North Miami Beach. Eles estão longe um do outro.

Woods está balançando a cabeça.

– O que significa isso, vamos precisar de outro assassinato para montar um perfil sólido? – pergunta Hendersen.

Eu não quero pensar nessa possibilidade.

– Pode levar anos até que ele mate novamente. Meses na melhor das hipóteses – diz Torres.

– Se ele matar novamente. Se este for um serial killer e não alguém tentando assustar Katherine – eu complemento.

Começo a pensar que é hora de falar com Natalie Bardel novamente. É hora de rever aquele caso. Eu não posso afastar a sensação de que ele está ligado a esse. Ou é a chave para esse. E é hora de pressionar Savannah.

Ela vive em uma grande casa no subúrbio, e é hora do jantar.

Há dois carros estacionados na garagem, um Volvo SUV e um Lexus sedã. Eu saio do carro.

Caminho até a porta da frente e bato.

É um cara alto, bonito, que abre, ainda vestindo seu terno. Ele franze a testa para mim.

– Posso ajudar?

– Sou Ryan Owen com o FBI – digo, observando sua reação. – É aqui que Savannah Buchanan vive?

Ele está alarmado.

– Sim, é minha esposa.

– Ela se encontra? Preciso de algumas palavras com ela.

– Do que se trata? – Ele cruza os braços.

– Ela está?

Ele está intimidado. Dá um passo para o lado e como um cavalheiro, gesticula para eu entrar.

A casa mostra dinheiro e bom gosto. O belo marido estende a mão:

– Sou Jim Buchanan. Vou chamar Savvy, só um momento.

Eu espero. Escuto-a falando com crianças.

Há fotos nas paredes, em molduras caras. Savannah é linda, assim como seus dois filhos.

Ela entra na sala e olha para mim, com elegantes calças pretas, saltos bege e uma blusa de seda laranja.

– Olá...?

– Agente Ryan Owen. – Eu estendo minha mão.

Ela sabe quem eu sou. Ela a aperta, então cruza os braços.

– Por que está na minha casa, agente Owen?

– Preciso de um momento para falar com você sobre Katherine Dwyer.

– Ela está bem?

– Sim, ela está bem, Savannah. Vai ser um longa conversa, devemos nos sentar.

Ela faz uma cara.

– Certo. Bem, vamos para o escritório.

Ela se vira e vou atrás dela, por um corredor escuro, e para dentro de um escritório, onde ela fecha a porta. É tudo carvalho e couro aqui. Um globo sofisticado está em uma mesa gigante. Ela se senta em uma poltrona de couro verde-escuro e gesticula para que eu tome a oposta, o que eu faço. Ela cruza as pernas.

– O que posso fazer por você? – pergunta.

– Fale-me sobre seu relacionamento com Kate. Há quanto tempo se conhecem?

– Há cerca de dez ou onze anos.

– E você a conheceu na faculdade? Você é muito mais velha do que ela.

Isso a desagrada.

– Sim, foi a minha segunda faculdade.

– Qual foi a primeira?

– História da arte.

– Então você sempre teve dinheiro. O que seu pai fazia?

– É cardiologista.

– Como foi estar na faculdade com Kate? Como ela era naquela época?

– Kate era festeira. Ela estudava muito, mas gostava de estar entre amigos, sair, beber... Ela era bem selvagem naquela época.

– Você era igual?

Ela aperta os lábios.

– Sim, eu tinha um monte de amigos, também. Saímos muito.

– Quanto tempo depois de conhecer Kate vocês começaram a ter relações sexuais?

Savannah está olhando para mim como se fosse pular no meu pescoço. Mas responde:

– Quatro meses. Eu não sei o que ela contou, mas foi só uma fase de experiência para mim.

– Tenho certeza. O que mais? Usavam drogas?

– Pode ser que tenhamos fumado maconha um pouco, assim como todo mundo. Mas apenas isso.

– Quais são seus pensamentos sobre seu relacionamento com Dale?

– Dale é um cara legal, mas Kate não é fácil. Ele acabou se cansando dela e

partiu para outras coisas.

– Você deve ser a pior amiga na história, Savannah.

Ela franze a testa para mim.

– Por que estou sendo sincera?

– Porque você é uma traidora, basicamente.

Ela se levanta.

– Eu não gosto de você entrar em minha casa e me ofender.

– Sente, senhora Buchanan, não terminamos.

Ela se senta. A desgraçada está furiosa. Não me importo. Eu a vejo pelo que ela é.

– Você vai me dizer exatamente o porquê da Sahara não querer Kate investigando a vida de Bardel.

– Eu já disse um milhão de vezes, eu não sei. Apenas recebi ordens e as encaminhei.

– Sem questionamento?

– Claro que questionei. Eles não me disseram.

Eu me levanto e me inclino para ela, sentindo o cheiro do seu perfume caro. Ela está intimidada. Ótimo.

– Vou perguntar mais uma vez. De onde veio a ordem?

– Do meu chefe.

– Última chance. De onde veio a ordem?

Ela suspira.

– Eu os ouvi conversando antes de entrar no escritório. Diziam alguma coisa sobre o governador do Estado. Isso é tudo o que eu ouvi. Eu juro.

– O governador. Mathias Rogers?

– Sim.

Eu me afasto e dou espaço para ela respirar. Acho que isso é tudo que vou conseguir.

– Eu quero você longe de Katherine. Ela merece uma amiga melhor do que você.

– Sou sua editora. E cabe à Kate decidir se sou uma boa amiga ou não.

– Ela sabe que você é uma amiga de merda, assim como Dale é um babaca. É por isso que ela mantém vocês por perto. Ela é autodestrutiva.

Savannah apenas me observa.

– Tchau, querida. – Eu saio de sua casa sem falar com o marido. Não me orgulho do meu comportamento, mas alguém tinha que dizer aquilo a ela. Penso sobre Kate e agora é quase física a dor que sinto. Preciso vê-la, e estou

telefonando mesmo antes de ligar o motor no meu carro.

– Alô? Ryan?

– Ei, Kate. Como você está?

– Bem, bisbilhotei sua casa.

– Eu sei. O que você descobriu? – Fecho meus olhos, porque sinto falta dela.

– Sobre Selena. Está tudo bem.

– Kate, sinto sua falta.

Ela não responde por um tempo.

– Então volte para casa.

Decido ir para casa. Pensei em ficar em um pequeno motel em Miami por alguns dias, mas estar longe de Kate me traz uma sensação de medo e falta de controle. Quando chego, as luzes estão acesas.

Pressiono as teclas para o alarme de segurança e o desligo. Ela está em minha sala de estar quando entro, vestindo minha camiseta de dormir e meias brancas.

Ela me cumprimenta com um beijo.

Eu devolvo o beijo e nos abraçamos por um tempo. Queremos fazer amor, mas há muito para dizer.

– Conversei com sua amiga Savannah hoje – digo.

Ela me olha.

– E?

– E a tratei mal, Kate. Sinto muito. Ela me irritou.

Ela sorri.

Sorrio de volta.

– Há muitas coisas que temos que conversar.

– Eu sei. Mas talvez... mas talvez devemos falar sobre elas mais tarde.

– Eu quero você – sussurro em seu ouvido. Ela é tudo que eu quero agora.

Kate me beija como resposta. Então subimos as escadas.

X X X

Ela está dormindo e eu vou até o meu computador.

Eu digito no Google Mathias Rogers + Nathan Bardel. Os resultados servem para confirmar o que já sei sobre ele: republicano com traços de fanatismo, sua campanha foi muito orientada para valores cristãos. Ele é do tipo ame ou odeie, com seus discursos contra homossexuais, contra o aborto, pregando com fervor sobre o caminho de perdição que a “América” está tomando, e apontando os culpados sem remorso. Eu procuro o que ele pode ter dito em relação à execução de Nathan Bardel. Demora um pouco, mas encontro a seguinte citação:

“O grande estado da Flórida não vai tolerar o tipo de criminoso que o Sr. Bardel é. Que fique claro que nenhum homem ou mulher que age contra a família, a honestidade, o progresso e a decência neste Estado ficará impune. Fizemos nossa parte como homens e agora deixemos que Deus tenha piedade da alma do Sr. Bardel. Deixe-O fazer a Sua justiça agora.”

Então ele odeia o cara. Mas se envolver em algo parecido com a publicação de sua biografia parece um pouco demais para mim.

Assusto-me quando sinto seus braços me envolvendo.

Ela beija minha cabeça.

– O que você está fazendo?

– Savannah disse que o governador pode estar envolvido com a Sahara querendo enterrar seu livro. Tem alguma ideia do porquê?

– O quê? Isso não faz sentido algum.

– Sim, bem, é só o que tenho por enquanto.

Ela beija o meu pescoço novamente. Eu toco suas mãos com carinho.

Por um tempo não dizemos nada.

Então eu faço uma coisa idiota.

– Eu vou encontrá-lo para você. O homem que matou Jennifer.

Ela me beija novamente.

– Eu sei que você vai.

Eu não sei se vou. Viro-me e olho para ela. Seu cabelo está caindo

suavemente em torno de seu rosto, e ela está sorrindo.

– Kate...

– Ryan.

– Eu quero falar com Natalie Bardel.

– Deixe-me ir com você.

Estou com tanto medo que ela possa se machucar. Mas eu não posso tratá-la como menos do que ela é.

– Tudo bem.

– Conte-me sobre Selena.

– É o que você leu. Eu estraguei tudo com ela.

– Como foram as simulações? Você gostava delas?

– No começo eu gostava sim.

– Então...

– Então parei de gostar, Kate. É simples assim. Hoje eu sei que não deveria nem ter começado. Mas a verdade é que a princípio eu queria a experiência. A verdade é que, em algum nível, todos os homens fantasiam com estupro. Sobre controle e dominação. Mas o jeito que ela queria as coisas era demais para mim.

Eu me levanto e sento no meu sofá. Kate se senta no chão, a luz da TV está brilhando sobre ela e ela está linda.

–Você a amava?

– Não. Eu gostava muito dela e a admirava. Mas não posso chamar aquilo de amor, Kate. Eu ferrei com ela. Sei disso agora. Não há um só dia em que não pense nisso.

– Por quê? Por que você diz isso?

– Foi por causa das coisas que eu disse que a tiraram do caso Richardson, o caso no qual ela estava trabalhando. Selena era da unidade três, ela investigava crimes contra crianças. Ela estava atrás de um sequestrador de crianças chamado David Richardson. Ela estava chegando perto quando a removeram do caso. A equipe que assumiu simplesmente não sabia o suficiente e ele matou mais uma vez, uma menina de quatro anos chamada Gretchen McKenzie. Foi no dia seguinte que Selena colocou uma foto de seus pais, sua arma, seu distintivo na cama e tomou aqueles comprimidos.

Katherine está olhando para mim. Sinto-me aliviado de ter contado para ela, mas é difícil demais lembrar dessa história toda.

– Ryan...

– Eu sei, Kate. Mas queria saber o que teria acontecido se eu tivesse

mantido minha boca fechada. Pergunto-me se a menina estaria viva hoje. Selenia talvez não, mas Gretchen...

– Porra, isso é alimento para insanidade.

– Sim, eu sei.

Ela toma uma respiração profunda e fica em silêncio por alguns momentos. Em seguida, pergunta:

– Por que Melissa foi embora?

Eu me pergunto se posso contar à Kate. Eu me pergunto se não vou assustá-la.

Talvez não. Talvez Kate seja mais durona do que penso.

– Eu costumava ir fundo na minha pesquisa, Kate. Isso acabou me dando uma reputação de detetive obcecado, daqueles com um parafuso a menos, mas nunca me importei. É por isso que eu era bom. Eu passava horas nas cenas de crime, ouvia o tipo de música que o suspeito escutava, seguia todos os seus passos, montava paredes como a sua. E ajudava. Quanto mais próximo deles, mais fácil era pensar como eles... Nós conversamos sobre isso no seu apartamento. Melissa não gostava. Eu passava horas em silêncio, olhando fotos das vítimas. Via vídeos de mortes reais, assassinatos reais, estupros reais. Tudo. Então um dia eu estava procurando um cara que estuprou e matou uma mulher que tinha um bebê. Os vizinhos disseram que ouviram o choro do bebê por três horas seguidas. Eles não chamaram a polícia ou qualquer coisa porque era esse tipo de bairro, sabe? Bem... Soube que ele ficou com o corpo da mãe por duas horas. Isso significa que ele ouviu o bebê chorar por duas horas inteiras. E ainda assim, foi capaz de se masturbar em seu corpo, cortá-la e molestá-la. Eu precisava entender isso, Kate. Nossos instintos não podem suportar o som de um bebê chorando. Nos faz querer calar a boca dele, ver o que há de errado, o que ele precisa, para que possa estar em paz. Então, consegui uma gravação e me deitei no sofá em casa. E fechei meus olhos e escutei o choro de um bebê por duas horas. Eu não posso começar a explicar essa sensação. Melissa pegou os fones de ouvido de mim e ouviu, naquela época Aidan tinha apenas dois anos.

– Aidan é o seu filho?

– É. Melissa ficou assustada. Ela já estava cansada de mim e do trabalho, mas desta vez se apavorou. E foi embora.

Kate fica tranquila. Eu lhe dou tempo para pensar no que ouviu. Ela pergunta:

– É por isso que você queria que eu desfizesse a parede?

– Sim. Nunca vou voltar a ser a pessoa que eu era, Kate, mas você não precisa ir tão longe. Você não tem que mudar. Você não tem que perder a doçura e inocência que tem.

Ela esboça um sorriso.

– Ninguém nunca me chamou de doce e inocente antes.

– Isso porque eles não sabem o que significa.

Ela está olhando para mim e eu quero beijá-la novamente.

– Eu não me importo – ela finalmente diz. – Se este é o seu pior, eu não me importo, não me assusta.

– Kate, o que eu disse a você... no carro ontem, sobre Dale... Eu estava com raiva, eu não deveria ter...

– Mas você estava certo, Ryan.

– Você merece muito mais do que isso. E eu. Você merece mais do que eu.

– Cala a boca. Vá se foder.

Eu calo a boca porque não quero que ela me deixe.

Nathan

Eu vejo Kate e Ryan.

Estou enjoado desse romance que os dois inventaram para justificar que precisam desesperadamente um do outro. Ela é uma cadela confusa que não se vira bem sem um homem, embora se considere o oposto disso. E ele precisa de alguém para salvar, não é mesmo? Ryan não resiste a uma donzela em apuros, e quem resistiria a uma como Kate, que consegue fazer um excelente sexo oral e desmanchar-se em lágrimas segundos depois?

Então decidiram brincar de casinha, pelo jeito, incorporando com precisão milimétrica os estereótipos de macho protetor e donzela frágil.

Ao mesmo tempo, algo estranho está acontecendo com eles. Não estou falando sobre seu envolvimento com esta história e sua conexão comigo. É com os seus corpos. Vejo Kate e ela está um pouco diferente para mim. Na maioria das vezes eu enxergo pessoas da mesma maneira que enxergava quando estava vivo, apesar de algumas pessoas parecerem um pouco embaçadas. Isso é raro, mas acontece. Agora Kate mudou.

Comecei a observar que, quando ela e Ryan estão juntos, há algo, algo como uma sombra, de uma cor rosada muito leve, que se estende de um para o outro. Como chiclete fantasma.

Agora Kate está muito diferente, e ela tem estado assim há mais de uma semana. Kate está cercada por cores em tom pastel.

Agora que os dois estão na cama trepando novamente, o chiclete pálido está sobre eles. Isso me irrita profundamente e eu tento me concentrar em coisas mais importantes.

A verdade é: algo real está acontecendo aqui. E geralmente eu não daria a mínima, mas a questão é que é sobre mim. É sobre mim. Algum idiota achou que poderia imitar meus assassinatos, copiar o meu jeitinho especial de perseguir, dominar, matar e minha assinatura. A arrogância e a pura audácia disso me irrita.

Eu não estava lá quando aconteceu. Eu comecei a perceber há algum tempo que a minha consciência não está sempre ligada. Às vezes eu sinto

como se tivesse acordado de um sonho. Eu de repente sou. E se eu não lutar e me concentrar em permanecer aqui, vou embora de novo. Não tenho nenhuma ideia de quem matou a vagabundinha no prédio de Kate. Mas nem fodendo que vou permitir que um bosta qualquer fique com toda a atenção.

Tenho medo, porque o meu atual estado de não ser, embora ainda sinta e veja, está me deixando mais e mais confuso. Eu tenho medo porque eu não posso alterar nada. Eu me tornei passivo e estou apenas começando a perceber que não tenho controle sobre nada.

Porque estou morto.

E de alguma forma ainda aqui, testemunhando tudo.

Estou sentado e Kate está deitada sob Ryan. Eles estão se beijando enquanto ele se empurra lentamente para dentro dela e isso não tem nenhum apelo para mim, como eu tenho certeza que tinha apenas um tempo atrás. Isso está começando a me fazer sentir diferente. Eu sou avesso a isso. É o chiclete pálido, está mudando tudo.

Estou tentando odiá-los, e na maioria das vezes odeio. Mas às vezes eu desejo estar vivo, e não para ferrá-los. Eu gostaria que eles pudessem me ver, ouvir, compreender. Porra, eu quero falar com eles.

Então eu decido fazer algo, para testar os meus limites.

Concentro-me no assassino de Jennifer. Desejo, com tudo o que eu sou, estar onde ele está.

E de repente eu estou lá.

Eu sinto dor.

Quando você está vivo e sente dor, você se deita, vomita, caga e acaba, ou pelo menos alivia. Quando você está morto, não é assim que funciona, porque a dor é o que você é.

Mas eu consigo me concentrar no meu ambiente.

Estou em uma casa. Um casa pequena, entediante e comum. Eu vejo o sofá cafona que está gasto e mais escuro no lugar onde o traseiro de alguém tem estado há anos. Há uma televisão, e bem na frente dela, está o assassino de Jennifer.

O assassino está bebendo cerveja e assistindo televisão. O assassino não pensa em nada além de matar. Desde que isso aconteceu, ele está perdido em pensamentos de matança, nadando no prazer que lhe proporcionou. O assassino está olhando para a tela, mas não vê nada. É Jennifer, e apenas Jennifer. E Kate.

Eu observo o assassino e conheço bem demais esse sentimento. A emoção

de saber que você conseguiu se safar dessa vez, o prazer em ver as notícias e ver o seu trabalho descrito com choque e medo. Por dias você não pensa em nada além da matança, você se prende aos seus momentos, fica passando ela na sua mente como um filme. Seu pau fica duro o dia todo. Você carrega o tesouro que pegou. Você o toca. Este assassino pegou um par de calcinhas de Jennifer. Está no bolso dele agora.

Eu absorvo isso com desânimo. A mente do assassino está concentrada em Kate. Kate é a próxima, é tudo o que ele pensa.

E agora que eu sei quem o assassino é, eu sei que Kate não tem a menor chance.

Ela o conhece, e nem desconfia dele.



Estou mais uma vez olhando para Kate enquanto ela dorme. Eu beijo seu ombro e ela sorri, mas não abre os olhos. É hora de ir, mas eu não quero deixá-la sozinha. O quarto está claro com a luz solar e a casa cheira a lar pela primeira vez.

Enquanto dirijo para Miami, penso nas coisas que ficaram para trás. Os brinquedos de Aidan, aqueles que não levaram. A promessa da Melissa de uma cura, um lar para o qual voltar depois de um dia de olhar para aquelas fotos, conversar com aquelas pessoas. Selena deixou tristeza e arrependimento, e nada mais.

Enquanto dirijo, penso nos momentos que tive no trabalho. Os pais das vítimas, com os seus corpos encolhidos e olhos vermelhos. Penso nos assassinos com quem conversei, cara a cara. Penso em Bardel, e estou cansado de tudo isso.

Isso tem a cara da última perseguição.

Eu recebo uma chamada no telefone celular.

– Estou quase lá. – É o que eu digo.

– Ryan, vá para Blessfield. Houve um assassinato.

É cedo demais. Isso é tudo que consigo pensar. Ainda é cedo demais.

– Ryan, você está aí?

– Sim, Mark, estou aqui.

– É... feio. Estou enviando o endereço para o seu telefone. Woods e Torres já estão a caminho.

– Tudo bem. – Desligo.

Cacete.

O sentimento afunda em mim.

E eu piso no acelerador, com medo do que vou encontrar.

É uma área arborizada.

A polícia isolou o acesso. Há pessoas olhando, curiosas. Luzes de veículos da polícia piscam em silêncio. Saio do meu carro e meus pés me arrastam para a frente, pesados.

Woods está andando em minha direção. Ela parece pálida.

– Ryan – ela murmura.

Tenho medo de perguntar.

Olho em volta, mas os espectadores não correspondem ao perfil do assassino. Eu digo a ela de qualquer maneira:

– Tire fotos de todos por aqui. – E não espero por sua resposta enquanto desço pela trilha. Alguns policiais estão olhando para mim com expectativa. Aqui há grama e árvores curtas, mas densas, ao lado da estrada.

Eu ando cerca de trinta passos antes de ver Torres tomando notas, um CSI recolhendo amostras e outro tirando fotografias.

Eu olho para o corpo e cerro os dentes.

As moscas pousando e decolando de sua pele não tornam isso mais fácil.

Ela é jovem, tem talvez dezenove anos. O rosto foi brutalmente espancado e está rasgado e ensanguentado. Muitos dentes se foram, eu posso ver através de seus lábios entreabertos. Seus olhos abertos são cor de avelã, grandes, acusatórios, e mostram que ela está morta há mais de sete horas.

Eu odeio que ela tenha cabelo preto, do mesmo comprimento que Kate. Eu odeio que sua pele seja clara como a dela.

Ela está completamente nua, exceto por meias.

Seus seios foram abertos, não há assinatura.

Foi morta no local, pelo sangue no mato.

Foi posicionada com as pernas abertas, e esfaqueada, não sei quantas vezes, em sua vagina. A faca ainda está saindo dela.

Eu me viro e fecho os olhos. Tudo nesta cena está errado. É cedo demais. Não há assinatura. O M.O. mudou. Então, por que não consigo afastar a sensação de que é o mesmo cara? Meu instinto me diz que é ele, enquanto meus vinte e quatro anos de experiência, toda a literatura, tudo o que sei, está me dizendo que não é.

Torres caminha até mim.

– Não é nosso cara, né? – diz ele. – Mark queria que verificássemos de qualquer maneira. Woods e eu vamos dar uma ajuda para esses caras.

Concordo com a cabeça. Eu não vou dizer a ele.

Torres tenta soar calmo, mas está abalado.

– Jesus, eu não consigo olhar para algo assim por muito tempo.

Eu consigo. Eu não gosto, mas consigo e devo.

Aproximo-me dela. A filha de alguém, a mãe de alguém um dia talvez se isso não tivesse acontecido.

Eu olho para tudo dela. Ela lutou. Há feridas de defesa em seus antebraços e mãos. Foi estrangulada.

Mais uma vez, o meu instinto me diz que é ele. Que ele é novo nisso, que acabou de despertar para a emoção da matança e odeia o suficiente para seguir em frente até que morra. Mas ele está longe de Miami.

Viro-me para o CSI:

– Tem marcas de pneus? De sapatos?

Ela balança a cabeça:

– Trabalhando nisso. Marcas parciais de sapatos.

Eu quero sair dali, mas ao invés disso vou mais fundo na floresta, longe deles.

Em silêncio, fecho meus olhos e tomo o ar em torno de mim, os sons da floresta, os pássaros, o vento através das árvores.

Ele é daqui. Ele é de Blessfield. Ele conhece essa mata, ele sabia que não seria perturbado. Então, Jennifer foi pessoal, ele saiu do seu caminho para ela.

Isso tem a ver com Kate. Ela é de Blessfield, assim como ele, assim como Bardel.

Ela o conhece, isso é tudo que posso pensar.

Eu só preciso de algo, alguma coisa para fazer a ligação, a conexão.



Leio as palavras que escrevi enquanto fumo um cigarro:

Sua vida agora são suas fantasias, sua mente. Ele trabalha na Biblioteca Pública de Blessfield, em silêncio, rodeado por conhecimento. Enquanto empurra esses carrinhos de livros de um lado para o outro, Nathan Bardel está pensando em mulheres, de quanta dor e sofrimento esses indivíduos patéticos e fracos podem causar ao mundo. Ele está pensando, dia e noite, em feri-las. Ele vê algumas na biblioteca quando passa. Uma pode ser uma adolescente que procura um livro para terminar seu trabalho de conclusão de curso. Ela pode estar com uma amiga e elas riem. Ele acha que estão rindo dele, e as observa e as despe com olhos odiosos, pensando no quão patéticas, desagradáveis e falsas são. E ele pensa em ver o terror em seus olhos, terror infligido por ele. Elas vão temê-lo e ele terá o poder de suas vidas ou mortes em suas mãos. Ele vai fazê-las implorar por misericórdia e vai espremer a vida para fora delas. Vai deixá-las nuas e sangrentas para as suas famílias encontrarem. Ele terá tudo.

E consegue. Nathan planeja seus sequestros, tem tempo à noite para vigiá-las. Não é difícil. Blessfield é um lugar seguro e amigável. Então Nathan se aproxima delas, e, de repente, a fantasia é real.

Eu suspiro quando termino.

Quero continuar, mas meus olhos estão doloridos, minhas costas doem. Sinto náuseas hoje e, embora esteja com fome, não sinto vontade de comer.

Por alguma razão que não compreendo, digito Nathan Bardel no Google Imagens e vejo o seu rosto diante de mim, em diferentes tamanhos e cores.

E porque eu sou menininha, digito Ryan Owen no Google e recebo alguns resultados sobre Ryan. Tudo que está sendo dito sobre ele é bom, é elogio. Eu o amo.

Eu preciso sair dessa casa.

NACIONAIS-ACHERON

Dê uma caminhada ou vá a uma loja ou algo assim. Ele me disse para não fazer isso, mas eu sinceramente não acho que estou em perigo.

Ou estou?

Eu pulo quando o telefone toca.

Balanço a cabeça para mim mesma quando corro para atender. O telefone de Ryan tem o som agudo mais irritante que já ouvi.

– Alô?

– Ei, sou eu.

Eu sorrio.

– Oi.

– Olha, houve um assassinato, estou aqui em Blessfield.

Eu penso sobre isso.

– Já?

– Sim, já. Tudo sobre ele me incomoda, Kate. Preciso que você me fale sobre os homens que conhece aqui. Os homens com quem ainda mantém contato, amigos da escola, todo mundo.

– Bem, há muita gente. Mas eu não falo com nenhum deles há bastante tempo.

Ele não responde.

– Você acha que isso tem a ver comigo – eu finalmente verbalizo.

– Sim, eu acho que tem.

– O que vamos fazer, então?

– Com quem falou sobre Bardel e o livro que está escrevendo?

– Só o Dale e a Savannah e minha família.

Ele está quieto novamente.

– Ninguém mais?

– Não. – Busco minha mente, mas sei que não há mais ninguém.

– Conversamos mais tarde. – Ele desliga.

Por muito tempo eu pesquiso na internet por notícias do crime. Finalmente encontro uma no site do G'Day Flórida. Foi escrita por alguém chamado George Ahmad:

“Algum de nós está seguro?

Uma onda de crimes bárbaros, violentos parece estar se espalhando através de nosso estado.

Aqui estão os fatos: Em 13 de setembro uma mulher de vinte e quatro anos foi encontrada em seu apartamento simples em Miami após ser brutalmente

NACIONAIS-ACHERON

estuprada, mutilada e estrangulada. Apenas dois dias depois, na tranquila cidade de Blessfield, que sempre fora desconhecida até os assassinatos do Esfaqueador de Damas, uma mulher de vinte, Shana Hayes, também foi descoberta na região da Floresta Angelsong, vítima de um ataque chocante. Shana, uma garçonete de bar, foi violentada e também esfaqueada. O FBI está envolvido na investigação e minha pergunta para você é: estamos lidando com outro serial killer?”

Faço uma careta para a sua maneira de escrever.

Então a náusea me agarra e me faz dar um impulso para frente. Corro para o banheiro a tempo de vomitar meu café da manhã, odiando a sensação, a forma como arranha minha garganta, o aperto do estômago. Quando acaba, fecho meus olhos e respiro por um tempo. Então lavo meu rosto, minha boca e escovo os dentes.

Isso me faz pensar. Posso estar grávida.

Não quero pensar nessa possibilidade. São coisas demais acontecendo e me pergunto se o problema irá embora se eu simplesmente ignorá-lo. Por outro lado, pode não ser nada.

Mas eu sento na tampa do vaso.

Eu não quero o bebê de Dale dentro de mim. É um pensamento nojento, mas o tenho. Sinto repulsa pela ideia de que ele tenha plantado algo em meu ventre para... não para crescer, mas para apodrecer. Desde que terminamos, tenho sido negligente com a pílula.

Por outro lado, se eu tiver o bebê de Ryan em mim...

É uma noção agradável, quente.

Eu não posso. Não estou pronta para isso. Não agora.

Eu decido ignorá-lo e me sento em frente ao computador de Ryan. Trabalho.

Escrevo por quatro horas seguidas.

Nathan

O assassino não vai caçar hoje.

Mas ele quer sair, deixar as pessoas o verem, lembrar do que fez e ver os outros com os olhos de um novo assassino. Ele caminha com confiança, o impulso em seu ego, a satisfação; nada pode tirar isso dele hoje. Então ele anda, na noite, e está se aproximando de um típico bar de caipira pobre, com placas de néon de cerveja e música country, ele está olhando em volta, lentamente, para todo mundo, e a emoção da matança está sobre ele.

Ele entra no bar e as pessoas o reconhecem. Ele é um frequentador assíduo aqui, onde se sente em casa.

Inclinando-se sobre o balcão, ele murmura um “E aí, Suzie?” a uma mulher que poderia ter sido uma vez bonita.

Toda cabelos descoloridos, unhas compridas e peitos caídos dentro de uma camiseta The Runaways, essa vaca sorri para ele.

– E aí, parceiro. Miller?

Ele apenas balança a cabeça e ela desaparece.

O assassino olha em volta e eu o desprezo. Ele é como a maioria deles. Apenas um vagabundo, um filho da puta idiota sem instrução, inculto e digno de pena que pensa com seu pau e que nunca foi nada na vida. Do tipo que assiste a âncora gostosa do noticiário e a odeia por seu bom emprego e inteligência só porque ela é uma delícia. Eu nunca fui assim. Nunca.

Eu aperfeiçoei meu ofício. Foi a única arte que minha vida de merda me permitiu amar.

Esse cara não é em nada como eu. Ele cresceu frequentando uma escola de merda, mas ele nunca foi abusado. Ele tinha um pai distante que simplesmente não brincava com ele porque estava exausto de trabalhar em dois empregos. Sua mãe o amava.

Eu vejo como ele olha em volta e está pensando em matar, com orgulho de ser um dos caras agora. Ele bebe sua cerveja enquanto tenta imaginar Kate sob seu controle, apavorada e tentando agradá-lo para que ele a liberte.

Quero rir de sua cara e dizer-lhe que ele está completamente errado. Ele

NACIONAIS-ACHERON

talvez consiga pegar Kate. Ele pode espancá-la e estuprá-la, mas ela não ama a vida o suficiente para simplesmente receber e aceitar ordens dele. Não. A minha Kate vai dar a esse cara a luta do século, mesmo que ele a acabe matando.

Estou ansioso para ver isso acontecer.

Surpreendentemente, estou torcendo por ela.



Woods está esgotada quando almoçamos juntos.

O restaurante está lotado e sujo, a comida é gordurosa e estou no meu segundo refrigerante para empurrá-la goela abaixo.

Voltamos aos básicos e focamos no assassino.

– Abundância de tempo livre... Talvez seja autônomo.

– Ou desempregado – acrescento.

– Sim, isso também. Com um veículo próprio. As marcas de pneus não nos deram muito.

– Caucasiano, forte, com mãos grandes.

– Achamos que mede cerca de um metro e oitenta pela pegada na cena do crime.

Concordo com a cabeça. Não é suficiente.

– Temos de começar a pressionar pessoas próximas à Kate. Pessoas na Sahara, seus amigos, seu ex-namorado, todos.

– Talvez isso não seja sobre ela.

– Talvez seja.

– Nossa última vítima não tem nada a ver com ela. Ainda assim, você acha que é o mesmo cara.

– Eu sei que é o mesmo cara. Às vezes você tem que esquecer o que os livros ensinaram.

Woods limpa as mãos com um guardanapo de papel.

– O que aprendi nos livros é a única base que tenho a seguir, Ryan.

– Então, se eu contar que uma vítima de estupro e assassinato foi encontrada com objetos estranhos introduzidos em sua cavidade vaginal, você me diria...?

– Um assassino inexperiente, mais jovem.

– Sim, mas então eu digo que Ted Bundy, que definitivamente não era um jovem e inexperiente assassino penetrou uma de suas últimas vítimas com uma lata de spray de cabelo.

Ela abre os lábios.

– Isso é verdade?

Eu apenas aceno.

Woods suspira.

– Ele não estava curioso, estava apenas sendo um babaca. Mas, calma, no quadro deve haver uma explicação para ter agido assim. Não era sexualmente incompetente, então por que...

Eu dou um sorriso de admiração.

– Sim, verdade. Ele estuprou outras vítimas no mesmo local, então é possível que com essa não tenha conseguido ir até o final por cansaço físico e a atacou dessa maneira.

– Saquei. Nenhuma indicação por si só é definitiva. Só conseguimos algo sólido com uma análise completa do crime e das ações do assassino.

– Exatamente. Vamos encarar a verdade: nós não sabemos tanto quanto o mundo pensa que sabemos. Trabalho policial é o que temos que fazer para pegar esse filho da puta.

– Você é um profiler. Como pode dizer isso?

Estou cansado demais para mentir.

– Se eu sou o profiler que todo mundo acha que sou, eu deveria ter percebido que minha amante estava prestes a cometer suicídio. Que minha esposa levaria meu filho para longe de mim. Que talvez um serial killer fosse destruir uma vida no apartamento ao lado de onde eu estava dormindo profundamente.

– Então você está me dizendo que deveria ter sido inteligente o suficiente para prever que um assassino que você nem sabia que existia atacaria, quem, onde e que horas.

Eu sacudo minha cabeça.

– Estou envolvido demais, Woods. Minhas emoções estão nublando meu julgamento.

– Certo. Você deu um jeito de se apaixonar pela escritora.

– Quando você diz deu um jeito soa como se eu tivesse escolhido.

Ela sorri, cansada, para mim.

– Para onde vamos daqui?

– Eu acho que alguém deveria investigar Kate – digo, as palavras ardendo na minha língua. – Não pode ser eu.

Woods me dá um aceno de cabeça.

– Eu posso fazer isso. E ser imparcial.

Minha mente me diz que eu não deveria, mas vou fazê-lo de qualquer maneira.

Meu carro está estacionado em frente ao escritório de contabilidade onde Dale Chase trabalha. Estou passando por relatórios preliminares da autópsia nas duas últimas vítimas. Não há nada que me diga que foi o mesmo assassino, exceto meu instinto. Meu telefone toca e é Kate, da minha casa.

– Ei – eu digo, surpreso por estar quase em lágrimas ao ouvir a voz dela.

– Eu sinto sua falta.

– Conheço a sensação.

– Tenho trabalhado sem parar, Ryan. Eu acho que o livro está praticamente pronto.

Penso sobre isso.

– É assustador. – Sua voz sai entre risos nervosos. – É como se ele estivesse ao meu lado, ajudando e dizendo o que escrever.

– Tenho certeza que muitos escritores se sentem assim, num frenesi. Como está?

– Bem. Solitária.

Vejo Dale sair do edifício.

– Volto à noite, Kate.

– Está bem.

– Tenho que ir. – Quero acrescentar eu amo você. Decido falar. – Amo você.

Posso ouvir seu sorriso, de alguma forma.

– Que bom – Ela desliga o telefone.

Dirijo, de olho em Dale enquanto ele caminha um quarteirão e em seguida entra em uma lanchonete chamada Almoço Serenata. Encontro um lugar para estacionar, enfio os relatórios sob meu braço e entro no restaurante.

É um lugar acolhedor e está lotado. Vejo Dale sentado em um canto, perto de uma janela, onde dois homens chineses estavam sentados alguns segundos atrás, e agora estão saindo pela porta. Dale está conversando com um garoto magro que anota os pedidos. É um negócio de família e acho que o garoto, com cerca de vinte anos, não tem muita escolha.

Ele anota o pedido de Dale, estilo tradicional: lápis e bloco de papel.

Caminho até ele, tentando dizer a mim mesmo para me acalmar.

Dale olha para cima.

Ele é loiro escuro como eu, mas não poderia ser mais diferente,

fisicamente. Dale parece mais jovem do que é, tem olhos azuis, dentes brancos e perfeitos e está bem barbeado e limpinho. Há um olhar de jogador de futebol americano e posso facilmente vê-lo na capa da revista Men's Health, levantando uma camiseta branca para revelar um abdômen tanquinho sem pelos. Quando ele sorri, o filho da puta tem covinhas.

Eu apenas sento em frente a ele. Revelo meu falso distintivo do FBI, já que o verdadeiro conseguiu um carimbo enorme de APOSENTADO. Não, eu não sou o único agente aposentado que tem um distintivo falso. E sim, parece muito real.

– Ryan Owen, FBI – é tudo o que eu digo, observando sua reação.

Comum: um pouco de apreensão, curiosidade. Mas não com medo.

– Sim? – É tudo o que ele diz.

– Você é Dale Chase?

Ele balança a cabeça.

– Sim, como posso ajudá-lo? – Ele realmente não sabe por que estou ali.

Estou desapontado. Sei que quero que seja ele.

– Onde você estava na noite de 13 de setembro entre onze da noite e oito da manhã do dia seguinte?

Ele abaixa o rosto um pouco e pensa sobre isso.

Eu o imagino com Kate. Meu coração faz um salto mortal e eu engulo para manter a calma.

Dale está olhando para mim agora.

– Bem, nesse dia eu visitei a minha namorada em seu apartamento. Ela vai confirmar isso. Depois...

– Quanto tempo ficou lá? – Estou com raiva de mim mesmo por isso.

Dale sorri.

– Cerca de meia hora no máximo.

Até agora estou indo bem em esconder meus sentimentos. O trabalho fez isso comigo. Então, apenas fito seus olhinhos azuis de bebê e finjo que sua observação não me fodeu completamente por dentro.

– Você é rápido. – É tudo o que eu digo.

Ele ri um pouco. Mas há algo mais lá.

– Bem... depois que saí...

– Que horas saiu?

– Deve ter sido quatro e meia ou algo assim. Uma maneira que eu poderia verificar é que Kate, minha namorada, estava assistindo Seven, no canal cinco. Eu me lembro disso. – E ele mostra um pouco mais de apreensão por

um momento fugaz. – De qualquer forma, fui embora por volta das quatro e meia e depois fui para a praia para um jogo de vôlei com alguns amigos. Tinha um monte de gente lá, e eles podem confirmar isso também. Fui para casa por volta das oito e fiquei lá com a minha... outra amiga até as onze no dia seguinte.

– Então, você tem bons álibis.

– Sim, mas para quê? Estou sendo acusado de alguma coisa?

O jovem garçom interrompe, colocando um copo de suco de laranja e um hambúrguer em cima da mesa. Ele se vira para mim, mas eu o dispensei com um gesto. Ele sai rápido e Dale começa a comer.

– Houve um assassinato no edifício de apartamentos de Katherine Dwyer no dia 13 de setembro.

Ele não demonstra surpresa.

– Eu li. Sua vizinha Brenda.

– Jennifer.

– Sim. Isso é horrível. – Ele parece estar sendo sincero.

– Você a conhecia?

– Jen? Brenda? Kate? Você não está sendo direto.

Eu me inclino para a frente.

– Nós dois sabemos que eu sei que você é ex-namorado de Kate.

– Bom, então você está me perguntando se eu conhecia a vítima, Jennifer? Sim, eu tinha visto ela por lá algumas vezes. Ela era uma menina tímida, reservada. Gostava de gatos.

Eu o observo atentamente, começando a compreender as dimensões de sua arrogância.

– Conte-me sobre você e Katherine. Você me disse há poucos minutos que é o namorado dela, mas quando eu perguntei, ela disse que vocês terminaram meses atrás.

Ele dá uma mordida grande no seu hambúrguer de soja. Engole.

– Kate é... um pouco confusa. Eu ainda tenho esperanças que vamos superar nossos problemas.

– Conte-me sobre sua outra amiga, aquela com quem estava na noite do crime.

– Cara, isso está ficando bem pessoal. – Ele se mexe em seu assento.

– Assassinato e estupro geralmente são, Dale.

Ele suspira e bebe um pouco de suco. Olha para o relógio.

– Olha, cara, eu estou resolvendo as coisas com a minha garota. Enquanto

isso, estou explorando algumas possibilidades. O que você quer de mim? Eu disse onde estava, você pode verificar e aí me riscar da sua lista de suspeitos. Tudo bem?

– Alguma vez você já estuprou alguém, Dale?

Ele quase engasga agora.

– O quê? Não.

Eu o estudo. Ele realmente acredita que não.

– Não? – pergunto novamente. – Nunca foi um pouco longe demais porque alguma vadia disse não quando queria dizer sim?

Ele está me olhando como se eu fosse uma ameaça agora.

– Não, Sr. Federal, como você pode ver eu não preciso desse tipo de coisa.

– Ele está puto agora.

– Você quer dizer que as mulheres se atiram em você, gracinha?

– Isso mesmo.

Eu sei que acabei. Mas pressiono:

– Onde você estava há duas noites?

– Em casa, com Alice. Telefone pra ela e verifique. Verifique as câmeras de segurança no meu prédio, eu não dou a mínima, não fiz nada.

Eu sei que ele não fez.

Eu me levanto e antes que possa me controlar, visto meu policial malvado e olho em seus olhos.

– Fique longe de Katherine Dwyer. – E saio.

X X X

Estou voltando para casa. Tudo em que consigo pensar é em ver Kate, sentir sua pele contra a minha, sentir o cheiro doce do seu cabelo. Escuto minha conversa com Dale outra vez como se a tivesse gravado na memória e a certeza de que ele não é o assassino me bate repetidamente.

O toque quebra o clima. Coloco no viva-voz.

– Owen, é Woods.

– Pode falar.

– Tenho alguns pontos de reflexão para nós. Você estava certo, Deus sabe como: o laboratório encontrou um pelo felino na roupa da Shana. Ele corresponde aos pelos de gato encontrados no apartamento de Jennifer. É o mesmo cara.

Eu sabia. Eu sabia. Eu expiro alto.

– Continue.

– Agora estamos verificando as câmeras de vigilância, aluguel de carros, passagens de ônibus, câmeras de pedágio, tudo entre Miami e Blessfield entre um evento e outro. Vai levar um tempo.

– Vou pedir um favor: faça uma verificação completa nos perfis de Facebook de Jennifer, Shana e Kate. Veja se encontra alguém que é amigo das três.

– Ótimo. Onde você está?

– Indo para casa.

X X X

Quando chego, Kate está encolhida no meu novo sofá, assistindo à TV. Vejo a mídia em um frenesi com os assassinatos em série, porque eles já deduziram, para picos na audiência, que é com isso que estamos lidando. Ela vira o rosto da tela e essa luz a molda em azul-claro. Kate está sorrindo para mim e eu sorrio de volta. Ela joga as cobertas para longe e me abraça.

Sinto quão frágil seu corpo é. Penso em Dale e lembro de Bardel por algum motivo. Então eu a beijo.

O beijo de Kate é combustão imediata e sinto a luxúria queimando sua pele. Quero transar com ela.

Ela ouve o meu pensamento, porque se afasta do meu beijo.

– Vamos conversar depois.

No meu quarto, eu como Kate com força. É o que ela quer. Nos agarramos um ao outro e nos mordemos, mexendo rapidamente. Ela goza primeiro, como de costume, e em seguida começa a sua conversa suja para me excitar e eu gozo também. Tento abraçá-la assim que acaba, mas ela foge e fecha a porta do banheiro. Isso dispara um alarme em mim, e me pergunto o que poderia ter feito de errado. Mas quando ela volta, está sorrindo.

Nós nos beijamos e agora é suave, gentil e feliz. Ela me abraça, aderindo à camada fina de suor nas minhas costas e peito, e pressiona a cabeça contra mim, sobre o meu coração.

Eu sei que conversar vai estragar o momento, mas não temos escolha.

– Conversei com Dale – digo, baixinho.

Ela se afasta de mim e me observa.

– Ele não fez nada de errado.

Isso me irrita. Mas me contenho.

– Eu sei. Mas eu tinha que falar com ele.

– E? Você falou de mim? – Kate está com raiva.

Eu toco seu cabelo.

– Não, apenas perguntei o habitual. Não se preocupe.

Kate acende um cigarro e fuma.

Estou olhando para ela, querendo saber o que está acontecendo em sua mente. Então, ela manda a bomba, sem hesitação:

– Estou grávida, Ryan.

Eu estou pensando sobre essas palavras, e mais importante, seu tom de voz. Ela disse com cuidado, como se fosse uma má notícia. Aos poucos, minha mente está funcionando, processando a informação. É uma sensação boa. De uma maneira machista, horrível, eu me sinto orgulhoso de tê-la engravidado, é uma imagem de um pai grisalho como o meu mordendo um charuto e me dando tapinhas nas costas pelo meu superesperma. Em outro nível, um nível puro, divino, é esmagador e surpreendente que ela tenha um bebê dentro dela. Mas eu preciso saber como ela se sente, e a única maneira é esperar.

Ela finalmente olha para mim e seu cabelo se move de forma mais sexy quando o faz. Ela esboça um sorriso.

– Quer dizer... Eu tinha os sintomas, então fiz um exame de sangue, ontem. Diz que tem cerca de cinco semanas.

Ela diz os sintomas como se fosse uma doença. Mas está sorrindo.

Cinco semanas, a primeira vez em que a vi. Isso significa que fomos descuidados. Significa que é meu.

Eu a beijo e ela começa a chorar.

Tomo o cigarro da mão dela e o esmago em um cinzeiro e então a beijo um pouco mais. Eu a deixo chorar, o que parece levar uma eternidade.

Sorrio. Beijo sua cabeça algumas vezes e então olho em seus olhos.

– Estou feliz, Kate.

Ela sorri, também, o rosto molhado, os olhos inchados. Ela lambe os lábios.

– Eu também.

X X X

Duas horas mais tarde, Kate está sentada no balcão da minha cozinha, lambendo os lábios depois da pizza que acabou de comer. Eu amo como ela está agora, usando apenas calcinhas, balançando os pés ligeiramente, soltando um pequeno arroto e saboreando sua Pepsi. Eu estou de pé, lavando a louça, enquanto conversamos.

– Estou puto que você tenha saído de casa – digo.

– Eu tinha que saber com certeza, Ryan. Eu estava vomitando.

– Eu sei, entendo. Mas você tem que ter cuidado.

– Então, qual é o próximo passo?

– É o mesmo cara. Tenho que estar na delegacia de manhã e vamos ver o que temos. Então preciso pegar todos os meus arquivos do caso Bardel e olhar tudo de novo.

– Por quê?

– Tenho que descobrir quem foi essa sobrevivente. Tenho que chegar ao fundo dessa história, Kate. Há algo sobre tudo isso, esse caso, há alguém que não quer ser encontrado. Foi o suficiente para me despedir, o suficiente para ameaçar você.

Kate está mordendo o lábio.

– E o que eu faço?

Dá pra notar que ela odeia estar trancada aqui. Percebo que não está acostumada a fazer o que as pessoas mandam. Eu suspiro e a encaro.

– Você tem que escrever qualquer coisa do livro da rainha para dar a Savannah. Eles têm que pensar que você está fora da história do Bardel por enquanto. Consegue fazer isso?

Kate apenas balança a cabeça.

– Queria poder estar com você, que nós pudéssemos fazer isso juntos.

Eu me aproximo dela. Encosto minhas mãos em sua barriga e a sensação é incrível.

– Você tem coisas mais importantes para se preocupar. Deixa eu encontrar esse cara, deixa eu resolver isso. Então, eu e você podemos nos concentrar em nós, o que me diz?

Ela assente com a cabeça novamente, e suas mãos se movem sobre a minha.

– Estou apavorada.

– Com o quê?

– Ter um bebê.

Eu a beijo.

– Não fique, vai ser ótimo.

Ela sorri.

– É cedo demais, louco demais, tudo está uma bagunça.

Ela está certa. E eu não posso admitir que também estou com medo, porque alguém está lá fora, alguém que quer nos fazer mal. A coisa é que estou com medo de não ser bom o suficiente para impedir que essa merda aconteça. Meu desejo de proteger Kate é pungente. Não consigo me livrar dele.

Nathan

Estou com Ryan hoje, porque estar perto de Kate tem se tornado mais difícil. Sinto dor e tormento quando ela está com Ryan agora. Ontem à noite me apavorei com o que vi. Ryan e Kate tinham sombras, como duplos de si mesmos, espectros, versões mais pálidas deles, que se moviam de forma diferente. Eles estavam envolvidos no chiclete fantasma e quando se afastavam um do outro, suas sombras permaneciam juntas. As cores pastel em torno de sua cabeça e barriga são mais visíveis agora que Kate está ciente da criança dentro dela. Eu não suporto mais olhar para eles. Nem mesmo quando estavam apenas trepando, o chiclete estava lá, aderindo a ambos. Ela está na casa dele, dormindo, e eu estou aqui na delegacia com ele, na sala de reuniões pequena com o papel na porta que diz FORÇA TAREFA HOMICÍDIOS MIAMI / BLESSFIELD.

Ryan está tentando se concentrar, mas está pensando em Kate e na porra do bebê deles.

Os outros, Torres, Hendersen, Woods e Gambatto, estão entrando, cafés nas mãos, e se sentam ao redor da mesa. Ryan senta com eles, depois de fechar a porta.

– Bom dia. – Gambatto parece estar contando as horas até a aposentadoria.
– Eis o que está acontecendo: é seguro deduzir que o sujeito desconhecido é responsável pelo assassinato de Jennifer Adkins na noite do décimo terceiro, e então pelo assassinato de Shana Hayes dois dias depois, a 270 km dali. Ryan, o que você tem quanto a um perfil preliminar?

Ryan leva um segundo antes de responder, e todos os olhos estão voltados para ele. Ele é o único que não se preocupou em ficar bonitinho hoje. Os outros usam ternos baratos. Ele está de calça jeans e uma camiseta do Ozzy Osbourne.

– Ele é branco, vem de uma família de baixa renda, monoparental, ele bebe, tem entre vinte e cinco e quarenta e cinco anos de idade, pode ter uma parceira que é submissa a ele, tem o seu próprio veículo, provavelmente algo machão como uma caminhonete ou van, mas ele está atualmente desempregado ou trabalhando por conta própria como um trabalhador

NACIONAIS-ACHERON

manual, carpinteiro, pintor... Ele vive em Blessfield. Estudou os crimes de Bardel com afinco e achou que realmente chamaria a atenção da mídia se copiasse a assinatura de Bardel. Ele é sexualmente competente, passa muito tempo em casa, onde assiste ao noticiário e segue a investigação, e também onde ele mantém material pornográfico e lembranças de suas vítimas. Acho que ele matou antes, há alguns anos, mas eu também acho que foi apenas uma vez. Na minha opinião, Shana foi a sua terceira vítima e ele está em escalada rápida. Ele pode matar nos próximos dias ou semanas.

Torres se inclina para trás em sua cadeira.

– Portanto, já não estamos investigando uma conexão entre a escritora Dwyer e esses assassinatos, né?

Ryan sabe que os assassinatos estão ligados, da mesma forma que eu. Mas o profissional nele tem que seguir as orientações e ele diz:

– Não, não há nada de concreto nessa parte. Por ora, temos de seguir o perfil.

Gambatto vira para Henderson:

– Sua vez.

Henderson brinca com a caneta.

– Não foi encontrado DNA nas vítimas. A única coisa que temos é uma pegada parcial no solo e o pelo do gato na roupa de Shana, o que indica que o filho da puta estava usando os mesmos sapatos para ambos os assassinatos. Temos algumas fibras de lã preta e isso é tudo. – Ele se levanta e abre os arquivos. Cuidadosamente, pressiona uma fotografia do cadáver de Jennifer no quadro. – Causa da morte: asfixia, mas ela já estava morrendo devido às múltiplas facadas no baço e em outros órgãos. Estuprada, provavelmente mais de uma vez. Idade: vinte e quatro.

É nesse momento que a porta se abre e Bertelli, o Federal que estava na casa de Ryan naquela manhã, entra, estilo durão, e olha para Ryan:

– Sua namorada já era, Owen.

Ryan se levanta e os policiais observam isso com choque:

– Do que está falando? – O tom de Ryan é mais grosso do que qualquer um esperava.

– Ah, vai! – Bertelli grita. – Seu computador está cheio de pornografia sádica, Ryan! Há detalhes sobre cada homicídio cometido por Nathan Bardel, artigos sobre todos os tipos bizarros de crimes em série! Ela é louca, demente, porra! Ela esperou até que estivesse dormindo e Jennifer abriu a porta para ela e ela matou essa menina! Você sabe disso!

– Você está louco? – Ryan late. – Ela estava fazendo pesquisa para seu livro! Isso é pura besteira de um bosta incompetente como você.

– Ora, vamos! – Bertelli cospe. – Nada de sêmen nas vítimas, Ryan! Ela estuprou as duas com algum objeto que ela levou com ela, então as esfaqueou! Facas são substitutas para pintos e na última vez que verifiquei, havia uma enfiada na nossa última vítima.

– Deus... – Ryan está balançando a cabeça e eu posso ver seu pescoço ficar num tom vermelho brilhante. – Estes são crimes sexuais, Kate não se encaixa no perfil de uma serial killer feminina!

– Temos e-mails sexuais dela para sua chefe Savannah! Kate é uma louca, ela tem tesão pelo Bardel, tinha fácil acesso à Jennifer, ela é praticamente obcecada por assassinatos em série e tem um perfeito álibi: você, dormindo no sofá na noite em que estrangulou Jennifer!

– Isso é um absurdo! – Ryan grita. – Você está falando sério?!

– Pode apostar. Vou levá-la para interrogatório agora, apenas queria contar que você está na merda de novo.

Ryan perde o controle. Os policiais saltam para cima enquanto ele empurra Bertelli contra a parede e o encara. Os outros imediatamente estão entre eles, tentando manter Ryan longe. Bertelli ajusta seu colarinho e está cuspidando fogo.

– Ela está na sua casa, certo? – Ele sorri. – Estou a caminho.

– Woods. – Ryan não tira os olhos de Bertelli enquanto diz. – Vá com ele. Se ele tocar em Kate eu arranco o seu maldito braço do corpo.

Bertelli está prestes a falar, mas Gambatto acena para Woods:

– Vá.

Estou perplexo.

Kate, a assassina? Esses babacas poderiam ser mais burros?

Ou estão tão desesperados?

Ryan senta quando Bertelli e Woods saem da sala. Todos os olhos estão voltados para ele.

– Isso é ridículo.

Henderson assente.

– Eu concordo.

Gambatto está pensando. Então ele pergunta a Ryan:

– O quão ruim? O material em seu computador?

Ryan suspira.

– Eu não vi. Mas ela me contou. Ela estava fazendo uma pesquisa. Mesmo

se ela não estivesse, ver pornô hardcore não faz de uma mulher uma serial killer. O que é isso?

– Uma boa história para a mídia. Um bode expiatório perfeito. Uma festa para um júri. – É a resposta de Torres.

Ryan está esgotado e furioso.

Eu estou lá, assistindo esse desenrolar. Só penso que quero que Ryan Owen encontre o desgraçado.

Muito se tem especulado sobre o que constrói um assassino em série. O que posso dizer, sendo um deles, é que nós temos sentimentos, mesmo se eles são na sua maioria raiva, ressentimento e ódio. Nós não somos inerentemente maus, mas fazemos coisas más, porque nos fazem sentir importantes, excitados e poderosos. Sabemos que o mundo nos fez o que somos, e é por isso que trabalhamos tanto para nos vingarmos dele. Sim, nós odiamos mulheres, porque elas são, sem dúvida, o elo mais fraco na corrente, a causa de todo o mal no mundo, a razão pela qual todos nós sofremos muito. Mas eu ficaria feliz em matar homens também. Eles só não me excitam tanto porque não sou bicha. Eu mataria bichas de bom grado, é que nunca cheguei a fantasiar sobre isso. Mulheres são fáceis, elas merecem, e elas são deliciosas de foder. Elas choram, imploram, e tentam negociar com você. É impressionante a rapidez com que se acalmam e se deixam serem estupradas. É patético o quão pouco elas lutam quando chega a hora.

Mas...

Mas Ted Bundy salvou um menino uma vez. Ele trabalhava em uma linha direta para impedir as pessoas de cometerem suicídio. Porque como eu, Bundy não queria matar todo o mundo. Ele tinha sua mágoa: a jovem noiva que o abandonou. Eu tinha a minha: meninas bonitas que eu sabia que mais cedo ou mais tarde produziriam filhos os quais não tinham a intenção de amar ou cuidar.

Então eu decido que estou gostando da jornada do meu velho amigo Ryan Owen para derrubar uma péssima desculpa para um serial killer. Um homem sem cultura, sem qualquer tipo de educação, finesse, cérebro, estilo. Um homem que tem um pau, um desejo brutal de mostrar quão durão é, e algumas informações de quem assistia Medical Detectives durante suas tardes preguiçosas. Havia apenas um Nathan Bardel.

E estou morto.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Quando eu a vejo, ela está se esforçando para não desmoronar.

Kate encontra-se numa pequena sala de interrogatório, Bertelli em frente a ela, numa cadeira.

Tudo que eu quero é matá-lo com minhas próprias mãos. Essa mulher, minha mulher, não merece isso. Ela está assustada e envergonhada e sendo acusada de algo que nunca seria capaz de fazer.

Eu e os outros observamos do outro lado do vidro.

Kate não está chorando. Ela o está massacrando com suas palavras:

– O que você tem a me dizer sobre os e-mails que trocou com Savannah Buchanan?

Ela suspira.

– Costumávamos trepar, agente Bertelli. Eu pensei que fosse óbvio.

– Então você admite ser bissexual.

– Não. Admito ter dormido com uma mulher na minha vida e mais homens do que você conseguiria contar.

– O ex-agente Ryan Owen é um deles?

– Sim, policial malvado, ele é.

– Um ótimo álibi. Você poderia tê-lo drogado facilmente durante o jantar, certo? Então você foi ao lado, brincou de Bardel com Jennifer para ir mais fundo em sua pesquisa e conhecer a sensação.

Kate esfrega seu rosto.

– Sério? – É tudo o que ela diz.

Ele abre uma pasta e coloca as fotos na frente dela. Prendo a respiração. Kate está olhando para elas, sem tocá-las. Bertelli acha que isso significa alguma coisa, e ele sorri para o vidro. Diretamente para mim.

– A senhora Buchanan me disse que tinha fotos das vítimas em sua parede da sala de estar. Não tem como uma pessoa ser mais doente do que isso, senhorita Dwyer – diz.

– Você sinceramente acha que fico excitada ao ver essas mulheres cortadas

do jeito que estão?

– Está?

Kate morde o lábio inferior.

– Toque em mim e descubra.

Bertelli balança a cabeça.

– Dwyer... joga limpo com a gente. Por que fazer essa cena?

– Isso é uma piada de mau gosto, sabia? Você, um homem crescido, um agente federal, tentando colocar isso nas minhas costas.

Bertelli vira o computador dela para encará-la. Ele aperta PLAY e um dos vídeos baixados por Kate vem à vida. Nele, uma mulher está amarrada e sendo penetrada por dois homens.

Kate balança a cabeça.

– Como isso poderia ajudá-la a escrever um livro, senhorita Dwyer? – ele pergunta.

Ela não responde. Então ela o olha nos olhos.

– Você tem alguma prova real, física, contra mim? Qualquer coisa que me coloca na cena do crime? Qualquer motivo real? DNA, uma arma, talvez?

Bertelli balança a cabeça, irritado.

– Então deixe-me ir. Estou aqui há três horas, eu já disse tudo sobre a minha vida. Você não me ofereceu um copo d’água, estou morrendo de fome e tenho que fazer xixi.

Eu fecho meus olhos.

– É verdade? – encaro Gambatto. – Ela está lá há três horas?

– Sim.

– Tire ela daí. – É tudo o que eu sou capaz de dizer.

– Deixe o Bertelli fazer isso, Ryan.

– Ela está grávida, tire-a de lá – eu digo, quase tonto, percebendo que eu também não comi nada hoje, enquanto saio dali.

Tenho que ficar longe, fora do prédio. Isso está se tornando mais difícil a cada minuto.

Woods sai quando eu acendo o meu primeiro cigarro em quinze anos.

– Eles não têm nada para acusá-la, Ryan, acalme-se – ela me consola.

– O que conseguiu no Facebook?

Ela busca seu bolso de trás e me entrega um pedaço de papel de impressora dobrado.

Eu olho para ele. Kate tem cinco mil amigos no Facebook, Woods circulou a imagem do número com uma caneta de feltro. Jennifer tinha apenas 322, e

Shana 504. As três mulheres têm um amigo em comum. O nome dele é Greg Good Guy e, em vez de uma pessoa, a foto é de uma rosa. Parece uma vulva nesta imagem, e faz os meus cabelos se arrepiarem.

– Eu acho que é ele.

Woods assente.

– Sim. Mas como chegaremos a ele?



Eu quebro assim que estou no banheiro da delegacia. Estou sentada no vaso, fazendo xixi, e começo a chorar, porque eu sou uma idiota fraca e patética que deixou aquele filho da puta do Bertelli me afetar.

Imaginar ele e seus amigos assistindo aos vídeos, lendo minhas mensagens para Savannah em voz alta, passando por meu e-mail e fotografias pessoais de férias com Dale, rindo e simulando punhetas no ar. Eu poderia enlouquecer pensando nisso.

Faço o meu melhor para lavar minhas lágrimas na pia. Quando saio, um jovem com pinta de latino está sorrindo para mim.

– Senhorita Dwyer, venha comigo.

Eu o sigo até uma pequena sala. Ryan está lá, e ele se levanta quando eu entro. Vejo tudo estampado em seu rosto: vergonha, preocupação, seriedade. Eu gostaria de poder descontar toda a minha raiva nele, mas é impossível. Eu não tenho forças. Assim que o outro cara vai embora e a porta está fechada, Ryan me abraça.

Eu o abraço de volta e fecho os olhos. Estar nos braços de Ryan é a melhor coisa que senti durante todo o dia. Talvez toda a minha vida.

– Eu sinto muito. – É o que ele sussurra.

– Eu quero ir para casa. – É a única coisa que consigo responder.

Enquanto ele dirige, o céu é de um laranja escuro e eu estou em silêncio.

Estou profundamente consciente de que estou gestando uma criança. Nunca imaginei que gravidez seria assim. Você está carregando um pacote precioso e não esquece disso por um segundo sequer. Você começa a se mexer de forma diferente, pensa em tudo o que toca, tudo o que cheira e ingere. Você é um prisioneiro desse pacote e você o ama, mesmo sem saber exatamente o que é.

– Preciso perguntar algumas coisas – ele diz, e eu sei que odeia estar fazendo isso.

– Quero que você pegue o desgraçado. Pergunte o que quiser.

Ryan olha para mim. Então volta a concentração para a estrada.

– Como é que você tem cinco mil amigos no Facebook?

– Eu sou uma escritora.– Dou de ombros. – Não sou famosa, mas tenho fãs.

– Alguma ideia de quem é Greg Good Guy?

Balanço minha cabeça. Não me lembro do nome.

– Bem. – Ryan suspira. Ele para, obedecendo ao sinal vermelho. – Ele é amigo de Jennifer, Shana e seu.

Levo um momento para digerir isso.

Ryan fala:

– Assassinos em série precisam do máximo de contato possível com suas vítimas quando estão planejando e fantasiando. No passado faziam isso com perseguição física, que é arriscado e demorado. O Facebook é uma maneira fácil de acessar fotos, ficar atualizado sobre o que estão fazendo, saber onde estão...

– Merda.

– Sim, Kate. O quão pessoal você torna seu Facebook?

– Não muito. Posto algumas fotos, converso com alguns amigos, não compartilho nada íntimo.

– Aposto que as outras meninas compartilhavam.

– Então ele é o nosso cara? Greg Good Guy.

– Acho que sim.

Eu mastigo minhas unhas enquanto a luz fica verde, Ryan dirige. O crepúsculo está em toda parte em torno de nós.

– Seus especialistas em informática do FBI conseguem encontrá-lo? – pergunto, um pouco desesperada.

– Não sei. Vou lidar com isso amanhã.

Estamos novamente em silêncio.

Ryan pega a minha mão. Seu toque é reconfortante, calmante.

– Eu quero que você descanse – diz. – Quero que você deixe isso comigo.

Concordo com a cabeça. De repente, eu não estou com vontade de fazer isso. Eu quero que seja pego, mas não quero estar lá quando isso acontecer. Pela primeira vez na minha vida estou com medo. Realmente com medo.

– Vamos dormir num Holiday Inn – ele diz, agora. – Não posso continuar dirigindo entre cidades e não quero você sozinha na minha casa. Você ficaria bem com isso?

Concordo com a cabeça.

– Sim, estou com fome pra caralho, pare em algum lugar para a gente comer.

– Claro. – Ele beija minha mão. Eu amo Ryan com tudo que sou. Mas olho para fora da janela.

– Kate... Sei como você deve estar se sentindo. Ser julgada daquela forma por um filho da puta como ele.

– Você sabe? – A megera em mim desafia enquanto olho para as ruas de Miami.

– Sim. Fui investigado da mesma maneira, lembra?

Lembro-me do seu relatório sobre Selena Martinez.

– É diferente – a piranha mimada fala novamente. – Você é homem.

– Ela não era.

Eu engulo minhas respostas vazias.

Nathan

É melhor estar com o assassino do que estar com Kate e Ryan.

Isso é algo com o qual eu posso lidar: raiva, ódio, os tons de vermelho de suas fantasias. O sentimento que permanece em todos os lugares ao redor dos dois, mesmo que polvilhado com medo, me desconecta. Vou tentar explicar isso para você:

Algo me mantém enraizado neste lugar. Não tenho dúvidas, agora, que há outros para os quais eu poderia ir. Há lugares mais escuros do que aqui, com certeza, e eu me senti puxado para esses lugares quando estava na casa onde cresci, quando estava lá com Kate. A sensação é de doença física, nojo, ódio. Há lugares melhores com certeza, mas eu não posso identificar os momentos em que os senti me chamando. Eles não puxam, eles convidam. Mas são também locais de lágrimas, lágrimas com as quais não quero lidar.

Estar com Kate e Ryan, embora seja interessante, está começando a me machucar, fisicamente. O chiclete pálido é quase prejudicial para mim. Eu não tenho forças para enfrentar isso.

Então eu sento ao lado dele e o observo.

Eu o conheço bem demais e eu absolutamente o desprezo com todas as minhas forças.

Ele está pensando nela, o tempo todo.

E o que ele tem planejado é tão sombrio e doente que faz até a mim, Nathan Bardel, estremecer.



Ryan já havia deixado nosso quarto de hotel antes de eu acordar.

Agora que tomei um café da manhã me sento diante do computador, com saudades do meu, e preguiçosamente escrevo besteiras por cerca de três horas. Estou espantada com as palavras que derramam de mim para a tela, sobre a história besta da rainha. Estou escrevendo lixo sob demanda, algo que prometi a mim mesma nunca fazer, e agora faço isso com alegria porque pode salvar a minha vida, certo?

Vou enviá-lo para Savannah e depois deitar e fechar os olhos.

Eu esfrego minha barriga suavemente, de repente, apaixonada pela criança dentro dela. Não quero pensar demais. Quero deixar essa criança ir fazendo sentido para mim enquanto cresce no meu corpo. Eu quero dormir de novo, mas me preocupo.

De repente, sento e entro no Facebook. Passo por minhas postagens, escolho as que acho que ele gostaria. Percebo que não posto nada há bastante tempo. Acho uma foto que Dale tirou de mim, na praia. Minha pele ligeiramente queimada nos ombros enquanto ele beija minha bochecha, o oceano atrás de nós, o vento soprando no meu cabelo, quando ele tirou a foto. Há 2.803 curtidas. Foda-se, eu clico para ver a lista, e a leio, leio, leio até que eu vejo: Greg Good Guy.

Imagino-o salvando minhas fotos em seu disco rígido.

Meu impulso é excluir minha conta do Facebook, então eu dou uma respiração profunda, e não faço isso porque acho que pode nos ajudar. Eu faço log off, esfrego as palmas das mãos, e fecho o computador.

Natalie Bardel. Cara, eu quero vê-la. Eu realmente quero vê-la.

Ligo para Ryan.

– Oi – ele diz, parece que está dirigindo. – O que está acontecendo?

– Eu quero ver Natalie Bardel.

– Estarei na casa dela em dez minutos, fica tranquila.

– Eu quero estar lá.

– Mas eu não quero que você esteja lá. Preciso manter a cabeça fria para

chegar ao fundo disto e se estiver preocupado com você, não vai ajudar. O Bertelli está trabalhando em um caso contra você e nós dois sabemos disso. Não há tempo. O assassino está escalando, ele vai matar de novo e meu trabalho é não deixar que isso aconteça. Especialmente com você. Fique tranquila. Não deixe o quarto, Kate, por favor me diga que não vai.

Ele está certo e eu sei que ele está certo. Eu não posso fazer esse papel, o papel da mocinha teimosa que sai para investigar. Fere meu orgulho quando ele me diz para ficar onde estou, mas tenho que ser inteligente. A feminista na minha cabeça grita comigo. A mãe natureza diz pense no seu bebê. Ambas são vadias desgraçadas.

- Você vai me ligar assim que sair?
- Sim. Eu prometo. Eu amo você. Tome um banho. Relaxe.



Eu já conversei com Natalie antes e este é o último lugar onde quero estar.

O bairro é o tipo que você já viu tantas vezes que já não o incomoda. Pequenas casas, desemprego, depressão em cada esquina. Vejo uma pequena bandeira americana na porta de alguém. Ela está soprando ao vento e isso me dá náuseas.

Ela atende a porta, obesa, cabelo escuro, sem brilho até a cintura, liso. Suas bochechas são rosadas e ela me olha como se me reconhecesse instantaneamente.

– Oi, senhora Bardel – digo, debilmente. Estou feliz que não estou vestindo um terno, estou feliz por essa visita não parecer oficial.

Ela franze a testa.

– É senhora Davidson, agente Owen, você sabe disso.

Na verdade, eu tinha esquecido.

– Sinto muito. Podemos conversar?

– Não há nada mais para conversar. Eu não vejo como você pode jogar esses assassinatos em cima do meu irmão morto.

A iluminação reluz na grande cruz de ouro que está aninhada com segurança entre seus enormes seios.

– Eu hmm... preciso de cinco minutos.

Ela considera isto, não gostando. Ouço suas crianças correndo dentro da casa.

– Você tem cinco minutos – ela murmura, abrindo a porta da frente mais amplamente, para mim.

Eu entro e o lugar cheira a nuggets de frango fritos e fraldas.

Ela não oferece café, nem pede para eu me sentar, nada. Entendo. Quer dizer... Tive uma grande parcela de culpa na execução de seu irmãozinho. Não que ela nutrisse qualquer amor por ele.

– Tenho que saber se você esteve em contato, recentemente, com alguém novo em sua vida. Pense em prestadores de serviços, trabalhadores manuais,

peessoas assim. Homem, caucasiano.

Ela pensa. Em seguida, balança a cabeça.

– Não.

Eu apenas concordo com a minha. Percebo brinquedos espalhados, montes de pratos na pia, e...

Uma pilha de panfletos.

Fixo meus olhos nela.

Ela segue o meu olhar.

– O que você está olhando?

Dou alguns passos e vejo que são panfletos para Mathias Rogers, para sua campanha de reeleição. Isso mexe com a minha cabeça. Onde é que este homem se encaixa em tudo isso?

– Hmm... – Eu silenciosamente decido pelo método a seguir. – Vai votar nele também?

Ela orgulhosamente toca na parte superior da pilha com a ponta dos dedos gordinhos.

– Bem, sim, agente Owen, eu quero ordem e valores no meu estado.

– Sim, Rogers parece estar fazendo um bom trabalho nisso.

– Você está sendo sarcástico?

– Não, jamais. – Eu coloco a mão sobre o peito. – Eu só... Acredito que ele está fazendo deste estado um lugar bom. Acredito em seus valores, admiro sua postura.

– Bem... – Ela cruza os braços.

Eu penso sobre a infância terrível dessa mulher e, embora ninguém queira ser lamentado, tenho pena dela. Tenho pena dela porque seu padrasto destruiu tudo o que ela poderia ter sido. Tive acesso a fotos de uma jovem Natalie, uma garota de grande beleza e porte atlético, uma menina cuja psicologia foi adulterada tão cedo.

– Isso é tudo? – ela pressiona.

– Você tem ideia de quem poderia estar imitando os crimes do seu irmão, seu método? Você assistiu ao noticiário? Alguém entrou em contato?

– Eu não vejo mais notícias, agente. Vizinhos falam, eles fofocam sobre as coisas horríveis que essas pessoas fazem umas com as outras, mas eu não tomo parte nisso. Faço as minhas orações, cuido dos meus filhos, e não tenho ideia por que alguém seria mau o suficiente para seguir os passos do demônio.

Eu tomo um panfleto. Ela não me impede.

Eu olho para ele. Estrelas, listras e Jesus.

– Obrigado pelo seu tempo e cooperação, Natalie. – É tudo que eu consigo dizer.

Saio e tudo em que consigo pensar é Mathias.

As peças que faltam são fáceis de ver:

Mathias Rogers e seu envolvimento com a repressão da biografia de Bardel.

Minha demissão do bureau quando descobri que Bardel deixou uma sobrevivente.

Quem é a sobrevivente?

Por que tenho a sensação de que isso não tem nada a ver com os assassinatos em série?

Eu tenho que resolver uma coisa de cada vez.

Telefone para Kate e ela mudou de humor. Agora está carente. Eu prometo-lhe que estarei lá em breve.

Chamo Woods. Coloco-a no viva-voz:

– Os técnicos traçaram o acesso ao perfil de Greg Good Guy no Facebook para a mesma biblioteca onde Bardel costumava trabalhar.

Isso me arrepia. Blessfield. Esfrego os olhos. O que eu peço a faz gemer:

– Consiga imagens da biblioteca no dia do seu último acesso ao Facebook e descrição de cada homem que se encaixa no perfil. Isso não deve ser difícil, sabemos o tempo aproximado que estava on-line. Rastreie pelas linhas de tempo das três mulheres. Veja o que ele gostou ou comentou no perfil de Jennifer. Consiga uma imagem desse cara.

– Vai levar algum tempo.

– Apresse-se.

Eu desligo.

X X X

Faço amor com Kate e a espero dormir após uma descrição breve e decepcionante da minha visita à casa de Natalie. Quando ela dorme, pego o panfleto e acesso meu computador. A tela mostra a página de e-mail de Kate. Eu tento fazer log out antes de ler qualquer coisa, mas Savannah e Dale como não lidas são dois nomes que não posso ignorar. Odiando-me, eu abro o e-mail do Dale primeiro:

“Gata, onde você está? Isso está me preocupando.

Eu realmente sinto sua falta. Sei que este é um momento ruim, mas quero cuidar de você, Kate. Não posso nem imaginar como deve estar assustada por causa do que aconteceu com Jen. Eu sei que você se preocupava com essas meninas. Deixa eu proteger você. Deixa eu ser seu homem agora.”

Eu só quero socá-lo até ele virar polpa. Excluo o e-mail, mentindo para mim mesmo que eu sou a pessoa a protegendo. Abro o de Savannah:

“Isso não está nem perto de ser bom o suficiente, e você sabe disso. Eu sei que escrever sob pressão não é o seu estilo, mas você tem um trabalho e foi paga para isso. Se está com raiva de mim, posso honestamente entender isso, apesar de achar que o ex-agente (Espero que você saiba que este homem foi demitido do FBI) está vendendo mentiras para você. O fato é: eu te amo e nunca pensei que a nossa amizade seria afetada a este nível. Nossa amizade de lado, porém, você precisa me dar mais do que isso, no que diz respeito ao livro.

Olha, eu sinto sua falta.

Sinto falta de nós duas.

Estou estressada, também, o meu casamento não está indo bem. Eu quero minha amiga de volta.

Diga-me onde encontrá-la e eu vou. Eu sinto mesmo a sua falta.

Não sei mais o que dizer.

Basta ligar.”

Meu dedo paira sobre o teclado, desejando eliminar esse monte de lixo, esta declaração de luxúria, esta mensagem manipuladora e desesperada. Mas acho que Kate me odiaria se fizesse isso, então eu a deixo.

Concentro-me no que vim fazer aqui.

E pelas próximas duas horas, leio tudo o que posso sobre o governador Mathias Rogers. Percorro artigos, vejo bandeiras americanas suficientes para durar três vidas, assisto a seus vídeos, eu leio, leio, leio.

Em algum momento empurro o computador de lado e adormeço no sofá.

X X X

Quando acordo, Kate está de pé, xícara de café na mão, sorrindo para mim.

– Uau... Que espetáculo deprimente, agente Owen.

Sento-me e esfrego meu rosto.

– Deus, meu corpo dói inteiro.

Ela levanta um pé do chão e esfrega minha canela com ele, sobre o meu jeans.

– Vá tomar um banho, deitar na cama, deixe-me beijá-lo e massageá-lo, você vai se sentir melhor.

Eu sorrio, cansado.

– Hmm... Abri um e-mail que sua editora lhe enviou.

Kate dá de ombros.

– Está tudo bem. Algo interessante nele?

– Ela não aceitou as merdas do livro da rainha que lhe enviou. E acho que ela quer dormir com você.

Kate considera isso. Então suspira.

– Você realmente acha que o governador Rogers tem alguma coisa a ver com isso?

– E se não estivermos lidando com um caso de assassinatos em série, mas apenas a simulação disso?

– Isso não é o que seu instinto te diz.

– Não, não é, mas é hora de questionar os meus instintos, não é?

– Eu não sei. É?

– Kate, estou sobrecarregado. Sinto que estou perto... – Fecho minha mão em um punho. – Perto de alguma coisa, algum encobrimento ou conspiração ou algo assim. Mas nada se encaixa e não estou conseguindo me concentrar.

– Por causa de mim.

Coloco a mão em sua barriga.

– Porque eu te amo e você está sendo atacada. Porque você e eu vamos ter um bebê.

Ela se senta.

Eu vejo que ela tomou um banho e está usando uma das minhas camisetas. Não é café que ela está bebendo. É apenas suco. Isso me dá uma sensação de conforto, porque ela está tomando decisões pensando em seu corpo, pensando

na criança. Ou talvez ela estivesse apenas com vontade de suco.

– Ryan, eu preciso que a gente converse, sabe? Eu não quero esconder nada de você. Quero me abrir sobre tudo. Sei que é um momento de merda para pedir isso, mas eu quero falar.

– Estou ouvindo.

Ela lambe o lábio.

– Fico confusa quando se trata do bebê. Sei que vou tê-lo, sei que eu não podia me forçar a fazer um aborto ou algo do tipo. Mas há momentos em que... não sei, não tenho certeza, sabe? Somos tão recentes. E nós estamos...

Isso vem a mim como uma maldita revelação. Uma faísca surge. Foi a palavra aborto.

Eu não lhe mostro isso. Deixo que ela continue falando.

– Eu ainda preciso que você me fale a seu respeito e sobre Selena. Preciso que me diga que não vão me colocar na prisão apenas por ter pornografia no meu computador. Tenho que saber que você não acha que sou fraca por causa do que aconteceu com Dale. Estou confusa e preciso de muitas garantias suas.

Eu estou olhando para Kate e não a vejo. Eu estou no caminho certo. Não consigo me concentrar em qualquer um dos dois. Eu pisco algumas vezes.

– Você confia em mim? – É tudo que pergunto.

Ela acena com a cabeça.

– Sim, confio. Você me assusta. Mas eu confio em você.

– De que forma a assusto, Kate?

Ela olha para baixo.

– Sabe Inanna?

O nome é vagamente familiar. Eu me lembro:

– Deusa da mesopotâmia Inanna?

– Sim. – Vejo pelo sorriso dela que ela está curtindo que eu sei disso. – Inanna... – ela continua – tem uma irmã gêmea, que é como sua metade obscura. E a história de Inanna é na verdade sobre ir para o inferno e abraçar seu lado mais escuro, seu lado feio. O meu é grande. É o que se manifesta dentro de mim quando eu escrevo sobre Bardel, é o que me deixa molhada quando vejo pornografia violenta. É a minha autodestruição, é por isso que deixei Dale fazer sexo comigo por anos. Eu desprezo essa parte de mim, e por algum motivo você contribui para ela. Porque você está em comunhão com a sua. Você sabe o que eu quero dizer?

Eu sei o que ela quer dizer. Ela está certa.

– Eu posso lidar com seu lado escuro, sabe? – Toco seu queixo.

– Ereshkigal. Esse é o nome. A irmã de Inanna.

– Bem, é disso que se trata? Apresenta-me para aquela vadia.

Ela sorri, com o queixo para baixo, olhando para mim. Ela tem medo de quebrar, de chorar, de deixar a situação obter o melhor dela.

– Você ainda vai me amar quando ela estiver aqui?

– Eu vou amá-la mais.

Ela acena com a cabeça.

Estou sacando algo que pode resolver este caso, eu acho. Ou poderia ser um beco sem saída. De qualquer maneira, surpreendentemente, eu me concentro em Kate, sobre o que ela está tentando me mostrar, com a comunhão que ela precisa comigo neste momento.

– Você se assusta que as mulheres têm o mesmo efeito físico em mim do que os homens?

Eu balanço minha cabeça.

– Absolutamente não. Eu acho que todos são gays em algum nível.

– Você é?

– Para ser sincero eu me mantive deliberadamente longe de situações em que algo assim poderia se manifestar. Eu nunca senti algo parecido. Mas não sou arrogante o suficiente para acreditar que não poderia acontecer se eu cedesse a uma pesquisa mais profunda nisso.

Ela considera isso. Depois pressiona mais.

– A minha sexualidade te assusta?

– Não, não mesmo. Eu acho que é muito normal.

– Você acha que, em algum nível, eu sou louca?

– Não. Eu acho que você é um milhão de vezes mais sã do que Dale e Savannah. Kate, eu temo as pessoas que se ajustam. Você sabe? O mundo é louco. Somos sete bilhões de pessoas construídas na mesma biologia, as mesmas necessidades básicas, somos feitos para ser uma comunidade e ainda assim fazemos os outros passarem fome, estupramos e assassinamos e torturamos crianças para o ego, por prazer. As pessoas que se ajustam a isso, que dormem tão bem à noite... Os que são bem-sucedidos em uma empresa, porque conseguem seguir as regras, mesmo que essas regras sejam doentes... Kate, você e eu não somos os desajustados. Estamos em sã consciência, amor.

Ela está quase chorando quando olha para mim.

– Por que você está tentando me afastar? – pergunto.

Ela balança a cabeça.

– Estou apavorada.

– Bem, foda-se. Estamos nisso juntos. E vamos ter tempo para nos conhecer melhor quando o bebê nascer.

Ela ri.

– Estou falando sério. – Eu a beijo. – Eu amo você. Eu sou um profiler, eu a conheço.

Ela sorri novamente.

Eu franzo a testa.

– Kate...Você pode me dar alguns minutos?

Ela concorda com a cabeça.

– Vou fazer o almoço.

– Não, pare, vamos pedir algo.

Ela encolhe os ombros. Eu fico longe dela e de suas inseguranças e entro debaixo de um chuveiro de água quente para limpar a minha mente. Acho que tenho alguma coisa, e não tenho certeza do que é.

Nos próximos dois dias, visito o antigo Ryan Owen e visito Nathan Bardel. É uma decisão perigosa, deliberada e consciente que eu tomo. Kate observa enquanto abraço minha Ereshkigal e não se assusta com isso. Eu a amo ainda mais, se isso é possível.

Nathan

Estou lutando para estar aqui.

Isso é fascinante para mim.

Aqui temos Ryan Owen e Kate Dwyer e este casal improvável transformou uma suíte de hotel em um museu de Nathan Bardel.

Você, claro, se lembra da parede de Kate. Bem, injete-a com esteroides e lhe dê os colhões, o conhecimento e a experiência de vinte anos no FBI e você terá uma ideia do que eles fizeram.

Os malucos estão reunindo tudo o que Ryan tinha em seu computador e em sua casa e estão juntando pedaços da minha vida e crimes nesta suíte de hotel. Eles trabalham como formigas, sem pausas para seu sexo entediante e rosa, não param para conversar. Comem enquanto trabalham. Eles quase não falam.

Ela dorme às vezes. Ele bebe café e evita descansar o máximo que consegue. Tudo é papel, de todas as cores, texturas e tamanhos, é fotografia macabra e está me deixando num perigoso nível de euforia.

Exaustos, deitam na cama king size e escutam as entrevistas que Ryan fez comigo. Kate adora ouvir a minha voz. Sua obsessão ainda está lá. Ela fecha os olhos enquanto a escuta.

Ryan não. Ele ouve atentamente a cada palavra que digo e como eu a digo. Muitas vezes, ele franze a testa e balança a cabeça.

Eu olho para a lista que eles fizeram:

1. Candace Wilkins
2. Maria Cabelli
3. Margaret Johnson
4. Martha Smithson
5. Joy West
6. Rita Franklin
7. Mae Lynn Delgado
8. Jordana Connoy

9. Catherine Hills
10. Karen Wakefield
11. Joan Coates
12. Diane Meyer

E eu sei o que está faltando e quero que eles enxerguem. Só não sei o que posso fazer para ajudá-los. Então me lembro de um tempo atrás, daqueles dias quando falei com Kate e, em algum nível, ela me entendeu. Posso fazer de novo se quiser?

É Woods que bate na porta. Ryan abre.

Ela entra na suíte e olha ao seu redor por alguns segundos, um envelope na mão. Ela faz uma varredura rápida no quarto, sem se preocupar em esconder sua surpresa, e depois olha para Ryan. Ela está pensando que estavam certos sobre as coisas que disseram sobre ele. Ela está com um pouco de medo dele.

– Então, hmm... – Ela engole.

Ryan espera, não dando a mínima para o que ela pensa sobre o Museu dos Horrores do Bardel, do qual ele é curador.

– O que você tem?

– Estes são os relatórios do laboratório e o relatório final da autópsia. – Ela entrega os arquivos.

Ele abre e os lê, não muito empolgado.

– Em outras palavras, nada de concreto ainda. Nós, de fato, teremos que esperar que outra menina morra.

Ela não gosta de seu tom.

– Você fala como se isso fosse culpa nossa. É falta de provas, Ryan.

– O perfil geográfico, quem está trabalhando nisso?

– Estamos trabalhando. Mas... – Ela apenas balança a cabeça. – Até agora só temos dois assassinatos com apenas um pedaço de evidência para conectá-los e um perfil básico. Você sabe que não é o suficiente.

– Nada sobre a coisa do Facebook?

– Estamos assistindo às gravações da biblioteca, mas as imagens não são tão nítidas e há dezenas de homens brancos usando aqueles computadores.

– Traga tudo aqui, eu quero que Kate os veja. Talvez consiga detectar alguém que conheça.

Woods está cansada. Ela assente com a cabeça.

– Nós ainda estamos trabalhando. Seria bom se você parasse para conversar com a equipe. Eles acham que você desertou.

– Bem... Estou trabalhando.

Ela concorda com a cabeça novamente.

– Kate está com você?

Ryan hesita, mostrando um pouco de desconfiança.

– Sim.

Woods o fita.

– Você está envolvido demais com ela. Isso é muito perigoso.

– Você encontrou alguma coisa real?

– Não, nada que importe para este caso. Mas eu não acho que ela é alguém com quem você deveria estar envolvido. Eu vi o material em seu computador e li seus romances.

– E como mulher, ou como policial, você chegou à conclusão de que...?

Ela se cala. Então cerra os punhos:

– Pornografia, obsessão por Bardel, desespero por aceitação, seu comportamento e histórico escolar que indicam um possível abuso sexual, família de baixa renda, com tempo livre e oportunidade para matar... Meu Deus, a única coisa que falta para completar o perfil é ter um pênis, Ryan! O perfil elaborado por você!

– Se você não tem mais nada... – ele pressiona.

Ela enfia as mãos nos bolsos e sai sem dizer uma palavra.

XXX

Kate está bebendo uma cerveja. Ela ainda parece não perceber que está grávida. O que foi que eu disse sobre as mulheres e como elas irão, eventualmente, foder tudo como mães? A evidência está bem na minha frente. Ela está sentada no sofá, bebendo cerveja às três da tarde, olhando para o Museu Bardel. Ryan está em silêncio enquanto se senta ao lado dela, com os olhos em tudo, sua mente trabalhando enlouquecidamente. Eu vejo o quão perto ele está.

– A minha primeira pergunta – ele finalmente verbaliza. – Aquela que escapou. Quando?

Kate está imersa em seus pensamentos e a cerveja tem um gosto amargo em sua língua.

– Próxima do fim.

– Sim, Bardel já era experiente e estragou tudo, então foi perto da época em que ele estava perdendo o controle, no final, como eu previ naqueles tempos. Sua última vítima... – Eu entendo que ele faz uma pausa de propósito, para testá-la.

Kate não pisca quando complementa em tom melancólico:

– Diane Meyer, 28 de junho de 2012, dezoito anos. Esfaqueada setenta e três vezes.

– Exatamente. Ele estava surtando. Pegamos ele uma semana depois. A que fugiu deve ter sido logo antes disso. Ele não conseguiu o que queria dela. Deve ter sido bem perto.

– Se você olhar para o que a polícia tem em um intervalo de tempo de, digamos... duas semanas antes de Diane, em termos de sequestros e tentativa de estupro, talvez consiga alguma coisa.

– A menos que o fato tenha sido escondido.

– Então... O que você está pensando, Ryan?

Ele suspira.

– Estou pensando que uma pessoa poderosa foi atacada. Estou pensando que ela deveria estar fazendo algo de errado, dadas as circunstâncias, e é por isso que o caso nunca chamou a atenção de ninguém. Você estava cavando, eles enterraram você. Eu estava cavando, eles me foderam. E Mathias Rogers é uma parte disso.

– Você sabe... – Ela se move em seu assento. – Ele está fazendo um discurso esta noite. É parte de sua campanha de reeleição. Há algum tipo de evento para... – Ela realmente esqueceu. Ela fecha os olhos e o recupera: – Viúvas de veteranos, eu acho...

Os instintos de Ryan estão certos sobre o que realmente aconteceu. Ele só não diz isso porque não tem nenhuma prova ainda. Estou estranhamente cauteloso agora, porque vejo que ele está prestes a descobrir algo sobre mim, algo que nem eu mesmo sei.

Eu não sei quem era a mulher.

E Ryan está certo, filho da puta, como sempre, porque eu estava de fato surtando. Eu posso ver isso claramente agora, e isso não me incomoda, sinto como se estivesse aprendendo algo, algo fundamental sobre a minha própria existência.

Lembro que foi como o desejo por saciedade. Eu precisava matar. Não havia mais lógica para as fantasias, não havia mais prazer na caça. Eu precisava ferir uma mulher, machucá-la até que ela ficasse irreconhecível. Tenho certeza, agora, que quando isso aconteceu foi desencadeado por algo que eu vi no noticiário. Estranhamente, eu não tenho nenhuma ideia do que poderia ter sido. Meu ódio por elas estava no seu auge, e tudo que eu fiz foi pegar uma faca, a minha faca de caça, e saí. Agora que penso nisso, talvez eu quisesse ter sido pego, como Ryan sugeriu.

Lembro-me da conversa:

OWEN: Não houve planejamento em Diane. Você a avistou naquela manhã voltando para casa depois de uma noite na casa de uma amiga.

EU: Sim, agente, isso é verdade. Não houve planejamento. Eu tinha que machucar uma puta.

OWEN: Acho que você queria ser pego.

EU: Por que iria querer isso?

OWEN: Para ver o seu nome no noticiário, para obter o reconhecimento pelo seu trabalho. Então, Natalie poderia vê-lo e pensar: eu sou culpada por isso?

EU: Você sempre a traz para isso. Você tem tesão pela minha irmã, não é mesmo, agente Owen?

OWEN: (longo sorriso). Diga-me uma coisa: Como você se sentiu depois? Quer dizer, foi mais rápido, muito mais rápido do que as outras.

EU: Sim, eu deveria ter tido mais momentos com Diane, mas não houve

tempo. Eu ataquei em plena luz do dia no meu desespero e alguém poderia aparecer, alguém fazendo cooper ou algo assim.

OWEN: Se eu não tivesse pegado você, em quanto tempo teria atacado de novo?

EU: Se você, Owen? E você me chama de narcisista... Você me pegou sozinho?

OWEN: Peço desculpas. Tudo o que fiz foi o perfil. A força policial, o laboratório de crime... fizeram o resto.

EU: Assim é melhor.

OWEN: Por favor, responda à pergunta.

EU: Eu teria atacado naquela noite. E na próxima e na próxima.

OWEN: Até que fosse pego.

EU: Até que fosse pego.

OWEN: Eu trouxe o seu pedido. Foi difícil de fazer. Mas cumpro minhas promessas.

EU: Oh, sim, esse era o acordo. Eu falo e você o dá para mim. Estou morrendo de vontade de ouvir Mussorgsky, agente.

OWEN: Aqui está.

Ele me entregou o CD com as músicas clássicas que eu atribuí às minhas vítimas.

Ryan está sentado no sofá com uma carranca no rosto.

E agora percebo que eu não estava recordando aquele momento compartilhado do nosso passado. Ele estava.

Ryan se levanta e coça a cabeça por um momento, olhando o quarto ao seu redor. Está eufórico. Kate observa em alarme e expectativa.

Ele estala os dedos.

– O CD, o... – Ele estala os dedos novamente. – Porra, o CD com as músicas clássicas.

Ela está em pé, indo diretamente para sua sacola de academia. Ela gravou isso, porque é uma doida, tanto quanto nós dois. Entrega a ele, em um envelope azul.

Ryan puxa-o para fora e o enfia no leitor de DVD do hotel. Ele se atrapalha com o controle remoto como se estivesse usando um pela primeira vez e liga a TV. Empurra alguns botões e espera.

Eu ouço a formalidade do Minuet, de Boccherini, dominar o Museu de Horrores do Bardel. Kate dá de ombros, observando Ryan.

NACIONAIS-ACHERON

– Wilkins – ele diz.

– Sim, eu gravei na ordem.

– Tá... – Ele avança rapidamente pela música, e isso me faz querer estrangulá-lo. O próximo é Debussy, Clair de Lune. Ele estala os dedos, bastante agressivo, na minha opinião, para Kate.

– Maria Cabelli.

Ele salta para Liszt, Liebestraum número 2. Kate diz:

– Johnson.

E eu observo enquanto eles fazem isso, como se fosse um jogo. Só que Ryan não está sorrindo. Ele está apavorado.

Eles passam por minhas músicas favoritas de todos os tempos e cada uma delas tem um significado para mim, cada uma evoca imagens daquela cuja vida eu tomei. As músicas costumavam me encher de orgulho, me davam ereções. Agora o sentimento mudou, estou me sentindo puxar de novo, mas me concentro pra cacete em ficar onde estou porque o agente Owen está fazendo suas coisas.

Ryan para na faixa onze.

– Esta é Coates – ele diz, para si mesmo, em voz alta, olhando para o carpete infestado de bactérias da suíte.

– É... – diz Kate. – Mozart, Número 40.

– OK, então temos o último... – Ele aperta PLAY.

O tema para Diane Meyer, de Romeu e Julieta, de Prokofiev, começa a tocar. É instantaneamente pesado e enche a sala com a porra da tragédia que eu amo. Kate chega mais perto, como se ela fosse a própria senhorita Capuleto.

– Meyer.

– Sim. – Ele desliga, maldito desgraçado, e olha para Kate. – Nada de Mussorgsky.

– Quem é Mussorgsky?

Vadia idiota, eu esperava mais dela.

– Um compositor. Russo, eu acho. Isto é o que ele estava falando. Cara, ele nos deu uma lista das músicas que queria que fossem gravadas no CD. Foi somente durante nossas conversas que eu descobri o que cada uma representava, mas eu realmente não... Caralho, não vi, havia treze músicas.

– Isso não... Isso confirma que havia outra vítima, mas realmente não nos ajuda – ela diz, suavemente.

– Dá um Google nele, o compositor, leia tudo o que puder. Ouça-o. Vou

colocar um fim nessa merda agora.

Ryan pega a carteira e deixa Kate sem um adeus.

Ela engole e olha em volta.

Esfrega as mãos nos jeans.

Não sei se deveria ficar com ela para ouvir Mussorgsky ou ir atrás de Ryan e ver o que ele está fazendo.

Decido ficar com ela.

Ela está sentada no sofá e abre o computador.

Em segundos, ela está lendo sobre Mussorgsky e a primeira peça que encontra é a que eu quero. É a da menina que fugiu.

Night on Bald Mountain.

Basta ouvi-la, cara, ouça-a agora. É uma obra-prima.



Estou prestes a enterrar definitivamente a minha carreira, ser preso ou pior. Não sou um “fodão”, nunca fui. Nunca fui o detetive ousado que arrebenta a cara de um suspeito por chamar minha mãe de puta. Sempre consegui me distanciar emocionalmente, mesmo que por um tempo, e tirar o melhor proveito de uma situação. Eu pirei, isso é fato, com Bertelli, por causa do que ele estava fazendo com Kate. Mas normalmente eu não sou assim.

Bem, eu estou assim esta noite.

É um evento de gala, de prestígio, do tipo com mesas redondas e pessoas elegantemente vestidas, em sua maioria brancos e com mais de quarenta. Carros fazem fila do lado de fora do local, principalmente limusines e carros esportivos, mas alguns são os SUVs e sedãs habituais. Eu caminho por isso vestindo minha camiseta e jeans amarrotado, e os três primeiros guardas de segurança estão com tanta porra de medo de mim que simplesmente se afastam. O quarto me bloqueia na entrada.

– Senhor, eu preciso ver...

Enfio meu distintivo em seu rosto. Ele vê as três letras e dá um passo para o lado.

Continuo andando e de repente estou no salão de baile.

Ele foi projetado para copiar cada lugar como este em cada evento deste tipo que já existiu. Vejo vermelho, branco e azul. Vejo músicos em um canto, organizando suas partituras e montando instrumentos dourados. A festa está prestes a começar e vou acabar com ela.

Vejo uma porta perto do palanque e sei que vai me levar até o homem.

Ao me aproximar, o pesado segurança careca estica a mão para fora.

– Senhor, esta é uma área restrita – ele diz, como se fosse o porteiro da Área 51 e tivesse esperado o dia todo para dizer isso. – Você não pode passar.

Eu ergo o tal distintivo. Ele o inspeciona por mais tempo do que o necessário.

Então fica de lado.

NACIONAIS-ACHERON

Entro em um corredor pintado de bege que me leva para uma sala aberta. De lá, vejo o governador e outras seis pessoas, incluindo um guarda de segurança, um jornalista, sua esposa Gail e outros puxa-sacos. Eles apenas olham para mim. O segurança leva a mão lentamente para sua arma, mas eu exibio a insígnia mágica primeiro. Entro.

– Mathias Rogers, preciso de algumas palavras.

Ele me olha com curiosidade e irritação.

– Sim, agente, do que se trata?

– Ok, então vamos fazê-lo aqui. – Estou cansado demais para brigar, sabe?

E eu adoraria ver a reação dele.

– Sua filha fez um aborto, não é?

Ah, sim, isso chama a sua atenção. A mandíbula de Gail cai e os outros viram o rosto para o governador, como se perguntando o que fazer.

Eu o vejo fechar a boca e as bochechas parecem derreter, lembrando-me que ele está em seus sessenta anos já. Eu apenas continuo.

– Se os eleitores descobrissem... – Balanço minha cabeça. – Isso tinha que acontecer bem na semana antes das eleições, isso tinha que acontecer em seu estado, com sua filha, e cara... ela engravidou. Você não desistiria do quê? Quarenta anos na política por causa de algo assim. Quem estava em seu caminho além de um simples agente federal? Bardel fora enterrado com veneno patrocinado pelo contribuinte em suas veias e eu fui demitido. Kate, então, tornou-se um problema. Você ordenou que alguém a calasse ao apavorá-la.

O silêncio na sala é vibrante.

Gail se afasta de mim, uma mão sobre sua boca e eu a ouço soluçar. O segredinho sujo está boiando na superfície e ele fede.

Ele perde a calma e caminha em minha direção.

– Sim, minha Sarah foi atacada por aquele maníaco e vocês idiotas não fizeram nada para detê-lo, não é? Ele teve que matar uma dúzia de mulheres para que você pudesse encontrá-lo!

A confissão dispara uma reação do assistente do governador, um homem alto e magro, de talvez trinta e cinco anos, que chama o segurança com a mão e remove as outras pessoas da sala, de forma que agora somos apenas eu, Mathias e Gail.

A luz amarelada brilha em sua testa enquanto ele me olha com despeito.

– O que ela deveria ter feito, agente Owen? Sim, eu sei exatamente quem você é. Diga-me, então. Parir outro monstro?

Não respondo.

– Você não vai estragar isso para mim – diz. – Você não tem prova alguma do que jogou na minha cara hoje à noite, e vai se retirar da minha presença. Não pense, por um segundo, que isso vai chegar às primeiras páginas de alguns jornaizinhos de terceira classe, tornando-o o herói que você não teve coragem de ser durante a sua carreira. Saia agora.

– Duas mulheres mortas só para assustá-la?

Agora, sua expressão é de confusão. Eu sei, assim que digo isso, que esta parte não se encaixa. Tivemos dois mistérios separados para resolver e eu só fui inteligente o suficiente para decifrar o primeiro. Há, de fato, um assassino em série lá fora, escalando, imprevisível até para mim, e Rogers não tem nada a ver com isso.

Viro-me e me afasto dele e, quando o faço, posso ouvir Gail soluçar.

Estou andando pelo corredor, minha mente correndo com os pensamentos de Kate e nosso filho dentro dela. Ignoro o que eu sei e sou preenchido pela urgência de encontrar o verdadeiro assassino, mas sou interrompido pela visão da vítima representada por Night on Bald Mountain, de Mussorgsky.

Sarah Rogers está em um vestido de tafetá azul-claro enquanto é escoltada para o salão por dois seguranças. Ela parece nem me ver enquanto passa e eu sigo sua trajetória com o meu olhar e a vejo tomar o seu lugar bem de frente ao palanque, onde seu pai vai falar em breve sobre os valores cristãos e familiares e o direito à vida e a mesma besteira de sempre.

Aqui é onde sou atingido, na parte de trás da cabeça. É a única coisa que entendo enquanto estou caindo nos braços de alguém.



Acordo com o som de alguém batendo na porta.

Esfregando os olhos, percebo que estou cercada pela escuridão e Ryan ainda não está aqui. Então permaneço quieta e esfrego minhas costas e me lembro que estou grávida e que tenho que pensar em parar de fumar e beber em breve. E preciso encontrar um médico. Não sinto vontade de fazer qualquer uma dessas coisas.

Abro e vejo uma mulher parada lá. Percebo que não estava consciente o suficiente para pensar antes de abrir a porta. Eu poderia estar em sério perigo neste momento. Mas ela me mostra um distintivo.

– Sou a detetive Woods, senhorita Dwyer, com a polícia de Miami.

– Ah, sim, você trabalha com Ryan.

– Correto. – Ela me mostra um pacote. – Há alguns CDs aqui, com imagens da Biblioteca de Blessfield nos momentos em que o perfil Greg Good Guy no Facebook mostrou atividade. Owen quer que você preste atenção e veja se reconhece alguém neles.

Eu tomo o pacote.

– Você tem alguma ideia de onde ele está?

Ela franze a testa.

– Não. Pensei que estivesse com você.

Não digo mais nada. Por um tempo, ela só fica ali parada, então dá um passo para trás, se vira e vai embora.

Faço xixi e lavo minhas mãos, então vou para a pequena cozinha e faço um sanduíche. Pergunto-me se vou engordar por causa do bebê, e penso sobre minha irmã e minha mãe e o fato de que sim, eu vou ter que contar a elas, que vão chover conselhos de merda e “eu falei!” em mim e não estou pronta para isso. Ei, pelo menos papai vai ter orgulho que engravidei de uma figura de autoridade, com um salário do governo.

Eu dou uma mordida no sanduíche e abro o computador de Ryan. Rasgo o pacote e enfio o primeiro DVD. Há dois.

A qualidade não é tão boa. Vejo pessoas curvadas de frente para telas de NACIONAIS-ACHERON

computador, a maioria delas no Facebook, algumas fazendo pesquisa. Como enquanto assisto a isso, entediada.

Meu celular toca.

Eu o verifico e é Morris.

– Ei, garoto.

– Tia Kate. O que tá pegando?

– Muita coisa. Estou pensando em ir para Blessfield logo, sabe? Então, podemos fazer algo, podemos sair para comer o que quiser. Você recebeu seu MP3 Player?

– Sim, recebi. É incrível. Liguei para o seu apartamento...

– Não estou lá. Estou num Holiday Inn bem perto. Você precisa de alguma coisa?

– Nada.

– Como está sua mãe?

Ele leva um momento para responder. Acho estranho.

– Ela tá bem. Por que você tá num hotel?

– Eu estou... – Eu piso com cuidado aqui. – Eu vou contar em breve, garoto.

– Você tá bem?

– Eu estou bem. Você adoraria isso: tenho um agente do FBI cuidando de mim. – Eu sorrio quando penso em Morris, eu quero dizer a ele que vai ganhar um primo, mas não digo.

– Ele está aí com você? Posso falar com ele?

– Não, não agora. Prometo que vai conhecê-lo em breve.

– Tudo bem, Kate. Tchau.

Quando desligo, a ligação fora de hora, sem sentido, breve demais começa a me assustar. Eu empurro minha sensação de desconforto para longe e volto para o DVD. Há um contador no canto superior direito, os segundos passam, e então os minutos. Fico sonolenta novamente e amaldiçoo este aspecto da gravidez. Pego o telefone novamente e ligo para Ryan.

Ele não atende e isso me assusta. Louca por companhia e odiando, de repente, estar no escuro, encontro o controle remoto e ligo a televisão. No noticiário local, vejo Mathias Rogers, ao vivo, fazendo um discurso com um grande sorriso no rosto.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Quando abro meus olhos, vejo que isso foi improvisado. Estou em um quarto, que deve ser uma espécie de camarim, talvez para uma noiva ou o que for, porque está decorado em veludo branco e vermelho. Minhas mãos foram algemadas atrás das costas, estou em um divã e não há cadeiras na sala.

Minha cabeça dói, esta é a primeira coisa que percebo sobre a minha condição física. Meus tênis foram removidos e não vejo motivo para terem feito isso, a menos que estivessem procurando por escutas. Meus ombros e pescoço doem, mas além disso, estou bem.

Um outro olhar em volta me mostra: um espelho cobre a parede, um vaso de vidro carnival contendo rosas vermelhas olha para mim de um canto, a janela está fechada, mas um homem do meu tamanho conseguiria sair por ela, se o vidro fosse quebrado da forma correta.

Então Mathias quer ter certeza de que nossa conversa não foi gravada ou está planejando me assassinar para manter seu segredo.

Penso em sua filha e no que ela deve ter passado nas mãos de Bardel. Preciso daquela garota, preciso conversar com ela.

Um pensamento louco passa pela minha cabeça: ela fez isso, ela é a assassina, Bertelli tem razão, poderia ter sido uma mulher. Ela ficou psicótica depois do que passou, e o fato de que foi forçada a esconder seus traumas desencadeou nela uma sede por vingança.

Sim, isso seria esplêndido no noticiário e na tela do cinema, mas reconheço o absurdo da ideia, quando a analiso. Sim, Sarah vai perder uma parte de sua sanidade, talvez fazendo boquetes em estranhos em bares, talvez se exilando na África para ajudar crianças famintas. O que ela não vai fazer é cometer assassinatos em série.

Então, o quão profunda é a merda em que estou?

Ele não assassinaria um agente federal, não é?

Bem, você é um ex-agente, ele o culpa pelo estupro e aborto de sua filha... Sim, talvez ele vá, Ryan.

Quem vai mandar para fazer isso?

Estou decidindo se chuto o vidro da janela até quebrá-lo e tento mergulhar para fora e esperar não quebrar o pescoço, quando a porta se abre e um homem entra.

Pelo olhar em seus olhos, sei que este é o meu assassino.

Como? Você pode perguntar. Bem, ele não está tentando parecer durão, por exemplo. Ele não está se movendo lentamente para me intimidar. Está calmo, alongou os músculos e escolheu sua arma e já fez isso antes e não dá a mínima para quem eu sou.

Eu também sei, porque ele não está dizendo nada. Ele para a dois metros e dá uma olhada ao redor, não esteve aqui antes, enfia a mão no bolso e tira um rolo de plástico preto.

Vejo isso, sem esboçar reação embora esteja apavorado.

Ele desenrola o plástico e começa a colocá-lo no chão, com o cuidado de manter uma certa distância dos meus pés.

Meu coração bombeia sangue e adrenalina por mim e sinto-me suar na testa e nas costas, quase que instantaneamente.

Ele se move atrás de mim e eu viro meu corpo para vê-lo, mas ele está apenas colocando plástico no chão. Eu posso levantar, porém este não é o momento certo.

Permaneço o mais calmo que consigo. Ele fez um bom trabalho, sabendo que depois terá que limpar o lugar de qualquer maneira, mas apenas tentando se poupar do grosso do trabalho.

Ouçõ uma explosão de aplausos vindo do salão onde Rogers dá o seu discurso.

Agora tenho que agir, porque ele enfia a mão no bolso e tira duas luvas cirúrgicas que ele veste, mantendo seus olhos azuis em mim. Ele me faz lembrar do ator Lance Henriksen.

Sua camisa é cor de vinho – babaca espertinho – e as calças são pretas. Luvas cirúrgicas prontas, ele me olha, sabendo que eu vou lutar, avaliando qual será o meu primeiro movimento, e por consequência, qual será o seu.

Ele suspira.

Acho que ele não sabe que eu tive treinamento.

Sim, isso foi há um tempo e ele não está lutando com o Ryan Owen de vinte anos que corria todas as manhãs e nadava todas as noites. Acho que vou descobrir em breve se parte daquele Ryan ainda existe.

Ele enfia a mão para trás, para dentro de suas calças. É uma faca. É uma

faca puta-que-pariu-do-caralho de caça que faria Rambo mijar nas calças.

Não posso demonstrar o medo que agarra na minha garganta quando eu a vejo.

Ele a segura com força e olha para mim por um tempo.

Tudo bem, vamos ver se estou pronto para isso.

Ele arremete para a frente, eu noto a maneira como move o ombro direito para trás para ganhar força e enfiar a maldita faca no meu estômago em um gancho para cima. Ficando em pé no mesmo instante, eu me afasto dele e o faço perder o equilíbrio por um breve segundo, mas não o suficiente para cair.

Separo os meus pés, dobro os joelhos ligeiramente e movo meu torso da esquerda para a direita, de maneira lenta, mantendo meus olhos nos dele. Cara, eu desejo minhas mãos e meus braços. As algemas lembram constantemente meus pulsos doloridos que ainda estão lá.

Ele ataca novamente e eu dou tudo o que tenho, indo em direção a ele, um pé empurrando contra a parede para me dar impulso.

Nós dois vamos ao chão, a faca soltando, eu a escuto tilintar em algum lugar, o som entorpecido pelo plástico. Antes que ele possa avaliar a situação, e antes que eu sinta todas as dores que deveria, eu lhe dou uma joelhada nos rins.

Ele me olha e emite um grunhido. Nossa luta é silenciosa.

Nesta posição, minhas costas pressionam minhas mãos e os punhos machucam minha bunda. Quando ele levanta eu lhe passo uma rasteira, e quando ele cai, seu torso é impactado pelo divã. Essa é a minha chance. Consigo ajoelhar no chão e instantaneamente sinto o cotovelo dele no meu rosto.

É uma centelha de luz e dor e eu caio para trás, sentindo meu rosto explodir em pedaços. Tenho que reagir, mas meus próximos movimentos são lentos. Ele agarrou a faca e estou deitado de costas.

Levanto as minhas pernas, lembrando com consternação que eles tiraram meus calçados.

Ele vem para mim, avaliando, e é rápido. Quando eu percebo, ele enfiou a faca na minha panturrilha, e ela brilha com sangue em suas mãos. Sinto o ferimento queimar, como um agulhão enviando raios por todo meu corpo. Ouço meu próprio gemido de dor e estou tão puto que impulsiono meu quadril e lhe dou um pontapé sem estratégia, apenas raiva. Só é o suficiente para afastá-lo pelo segundo que leva para eu ficar em pé, estremecer com a

queima fria do corte, e me preparar para o impacto que meu próximo movimento terá em mim.

Ele vem para a frente, mais lento desta vez, sentindo seu rim, e eu consigo atingir seu nariz com a minha cabeça com todas as minhas forças. É o suficiente.

Com ele sangrando, o nariz quebrado, dando alguns passos para trás, consigo fazer o resto: finco meu calcanhar no seu pé, sentindo quase tanta dor quanto ele, uso o movimento de sua inclinação para frente para levantar minha cabeça contra seu queixo, e com o meu corpo pressiono seu braço contra a parede, fazendo-o perder o controle sobre a faca.

Desta vez, porém, eu mergulho para ela, deslizando no chão como se esperasse que um juiz de beisebol gritasse “safe!” e arranho, desesperadamente, o linóleo em sua procura, sentindo-me cego com as mãos algemadas, sabendo o quão perto estou.

O mundo fica preto.

Sinto o cheiro do plástico e perco o ar em torno de mim, rápido demais.

Ele não precisa de nada, apenas manter o plástico no meu rosto por mais alguns minutos, até que eu apague para valer.

Mas meus dedos frenéticos tocam metal e eu seguro o cabo da faca enquanto fecho meus olhos na escuridão e cerro os dentes. A única coisa que consigo fazer é enfiá-la no seu pé.

O ar encontra seu caminho para minhas narinas e eu sacudo o plástico de mim como se fosse um inseto. O cara está no chão, segurando o pé com ambas as mãos. A faca é minha e eu luto para me levantar, ofegante.

Eu preciso?

Sim, preciso.

É um movimento desajeitado. Eu seguro o cabo com as duas mãos suadas nas minhas costas, as algemas cavando minha pele. E eu caio para trás em seu torso, sentado, meu peso quebrando algumas costelas enquanto a lâmina perfura seu peito. Eu salto novamente, grunhindo, enfurecido, e depois caio no linóleo frio e tento respirar.

Eu não posso sair daqui pela porta da frente.

Eu tenho que ir.

Sem tempo para descansar, velho. Levante.

Isso é mais difícil do que eu esperava. Minha panturrilha arde e lateja agora, minhas meias sangrentas e escorregadias. Eu não solto a faca, já pensando no DNA que contém. Meus passos são pesados quando me

aproximo da janela. Eu temo o vidro, mas não há outra maneira de abrí-lo.

Então dou um passo para trás e me posiciono para chutá-lo.

Descubro que é mais difícil do que eu previa. Minha perna não está me deixando usar a força suficiente. Eu digo em voz alta:

– Foda-se, vou foder a vida desse cara. – E saio do cômodo.

O grande salão é escuro com luzes focadas, música clássica (Bardel está sorrindo no inferno, eu tenho certeza), cerca de três centenas de pessoas. Eu ouço John Philip Sousa enquanto passo pelo limiar.

Eles estão jantando e homens de terno estão de pé e se cumprimentando. A música é alta, a banda está entusiasmada. Eu tenho apenas uma oportunidade antes que alguém perceba que eu sou mais do que um homem suado e ensanguentado de camiseta.

Tão rápido quanto a minha lesão permite, subo os degraus para a plataforma. Eu já sinto olhos em mim e alguns flashes piscam. Consigo chegar ao púlpito, e tenho segundos antes que os homens que estão correndo em direção a mim, na verdade, me agarrem.

– Mathias Rogers tentou me matar! – grito, escolhendo as palavras por sua simplicidade e impacto. A banda não parou de tocar, mas eu tenho a atenção e o silêncio dos convidados agora. – Eu sou um agente do FBI e descobri que a filha deste homem foi viti...

Caralho, eles estão em forma.

Meu corpo atinge o chão que é forrado com um carpete cinza que fede a carpete cinza. Eles estão em cima de mim e eu ainda não larguei a faca.

Flashes no meu rosto, eu vejo Mathias ali, a cerca de cinco metros de distância e ele está horrorizado. Não tenho tempo para registrar as expressões de Gail e Sarah, e decido continuar gritando, porque pessoas estão perto de mim agora:

– Ele acobertou seu aborto para ser eleito! Sua própria filha!

Sinto uma mão, suada e grande, cobrir minha boca e a mordo ao ponto de sentir gosto de sangue.

Os policiais, graças a Deus, estão correndo em direção a mim com as mãos em suas armas. À medida que a faca é arrancada de mim, eu fecho meus olhos e deixo tudo ser feito.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



É a sensação, num primeiro momento, que o ar foi soprado em meu peito. Parece que está exposto e frio e expandido. A sensação muda rapidamente e acho que vou vomitar. É terror, e isso faz minha mandíbula doer e minha boca ficar seca.

É ele.

Vejo-o sentar-se ao computador da Biblioteca de Blessfield e acessar o Google Maps. Ele toma notas. Em seguida, acessa o que parece ser, pelo que posso ver, o site oficial do FBI. Ele navega por mais vinte minutos, uma de suas pernas dançando nervosamente debaixo da mesa. Então ele acessa o Facebook. Não posso vê-lo bem o suficiente do ângulo da câmera, mas eu não preciso de mais nada, não é?

Tenho que sair daqui.

Tento o telefone de Ryan. Toca mas ele não atende. Aguardo o correio de voz.

– Ryan, eu sei quem é – digo, tentando não soar como uma vadia patética e apavorada. – Por favor atenda, eu realmente tenho que falar com você. Esqueça tudo o que você acha que tem sobre Rogers. Liga pra mim.

Eu fecho meus olhos e pressiono o telefone na minha testa.

Kate, mexa-se.

Eu me levanto e lembro que não tenho carro aqui. Meu carro está na garagem de Ryan. Acho bastante dinheiro na minha carteira para um táxi, calço o primeiro par de tênis que encontro, e saio do chalé do hotel.

Lá fora é noite, a rua, os sinais de néon para cafeterias e drogarias.

Sou grata pelo vento no meu rosto e por estar em público, e começo a andar, meus braços me abraçando, pensando sobre o que eu vi.

A van cor de vinho encosta e a princípio eu acho que é Ryan. Quando eu reconheço o veículo, a porta já está deslizando para o lado.

Ele me alcança muito rápido.

Sou jogada na van, sinto o cheiro do assento, e então um duro golpe no meu rosto.

NACIONAIS-ACHERON

Com dor, minha boca se enche com meu próprio sangue, ouço a porta fechar. Ouço vozes que conheço muito bem:

– Anda, vamos lá.

A outra pessoa obedece, deslocando seu peso dentro do carro.

Disparamos na noite.

Nathan

Eu quero, mas não posso ficar com Ryan por muito tempo.

Ele é empurrado para dentro de um veículo da polícia, enquanto luzes piscam em todos os lugares. Jornalistas estão aglomerados em torno do governador Mathias Rogers e ele se recusa a falar. A festa definitivamente acabou.

Mas eu sei o que está acontecendo com Kate também. É uma habilidade que adquiri e não tenho certeza de quando.

Ele a tem agora e o que eu sinto é MEDO.

Por que eu temo por Kate?

Por que não quero que ela sofra?

Eu desejo estar com ela e estou na van.

Ela está consciente, seu rosto dói onde ele lhe deu um soco e agora o outro está se movendo para o banco onde ela se encontra.

Ela vê o plástico “enforca gato” em suas mãos.

Ela balança a cabeça, com os olhos em lágrimas.

– Por favor, não coloque isso em mim, eu faço o que você quiser, eu juro.

– Então, começa a chorar. – Por que está fazendo isso comigo?

Ele se sente triste por ela, isso é um fato. E demonstra isso através de seus olhos. Mas seus movimentos são determinados quando se aproxima.

A cadela reage e eu a amo por isso. Ela o arranha freneticamente quando ele se aproxima e ele é forçado a lutar contra ela.

– Acalma essa vagabunda! – o assassino grita do banco da frente enquanto dirige.

O mais jovem obedece e pousa um soco seco e sólido no rosto dela.

Ela perde o controle sobre o mundo por alguns segundos e é o suficiente para ele apertar as mãos com tanta força com a presilha que ela grita.

– Fique aí – ele manda e implora ao mesmo tempo. – Eu não quero machucá-la novamente, Kate.

Ela não faz nada agora, além de chorar contra o assento.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

X X X

Na delegacia, Ryan ainda está algemado e à espera de seus amigos.

Ele senta em um escritório bagunçado fechado com o pé em uma cadeira enquanto uma enfermeira limpa o ferimento. Parece que alguém abriu uma xoxota em sua panturrilha. Em breve vai cheirar assim, também.

O que posso fazer para avisá-lo?

Um oficial que ele não conhece está em um canto, com as mãos entrelaçadas na frente da virilha. Ele vigia Ryan, Ryan encara ele, os dois estão se matando através de olhares.

A pessoa que entra é o nosso bom amigo Gambatto. Ele acena para o oficial, que sai, e então puxa uma cadeira.

– O que diabos você fez?

Ryan suspira, construindo paciência para contar a história.

– Descobri que Bardel perdeu o controle sobre uma vítima alguns dias antes de atacar Diane Meyer. A menina está viva e bem, e ela é Sarah Rogers, filha de Mathias Rogers.

Gambatto está surpreso demais para responder.

Ryan engole. De repente, ele faz uma careta quando a enfermeira cobre o corte com uma atadura. Ela dá a Gambatto uma olhada:

– Ele precisa de sutura. Não posso fazer isso aqui. Leve-o para um hospital.

– Calma, querida – Gambatto estende a mão para ela. – Ryan, o que isso tem a ver com os assassinatos?

– Eu não sei. Talvez nada. Mas esta é a razão pela qual Kate foi ameaçada e eu fui demitido, cara. A filha dele foi estuprada, engravidou durante o ataque e fez um aborto. Você sabe a opinião de Rogers sobre o assunto e a opinião dos seus eleitores e o que isso custaria a ele, assim, enterrou a história para nos calar.

– Você acha que as duas vítimas tem algo a ver com isso?

– Não... Eu... – Ryan deseja que tivesse resolvido o caso. Ele sabe que não conseguiu e se sente como um fracassado. – Estou trabalhando nos assassinatos, cara, Kate está verificando a filmagem da biblioteca. Mas esse cara, Gambatto, ele tem que se dar mal. Ele tentou me matar uma hora atrás, olhe para mim!

- Ryan, você deixou um cadáver lá.
- Sim, tenho o sangue dele na minha camisa, faça testes.
- Como a briga aconteceu?

Ryan olha para a mão de Gambatto e vê um gravador. Ele lambe os lábios, sabendo que esta é a sua declaração oficial.

– Confrontei Mathias e quando estava saindo do local, por um corredor que é paralelo ao salão, me distraí com a visão de Sarah. Eu estava pensando em como poderia conseguir que falasse comigo, quando fui atacado por trás. Quando eu acordei tinha minhas mãos algemadas atrás das costas, e estava em um quarto, sozinho, ainda no local. O cara entrou no cômodo e fechou a porta, preparou o chão com plástico e veio até mim com uma faca. Nós lutamos, eu me defendi.

Gambatto pousa o gravador suavemente sobre a mesa e olha para o chão por um tempo.

– Você vai acusar o governador de tentativa de assassinato de um agente federal aposentado?

– E obstrução de justiça, sim.

– Ryan...

– Onde está meu celular?

– Eu não faço ideia.

Ele balança a cabeça.

– Liga para o hotel, liga para o telefone celular, encontre Kate e a traga aqui, eu não posso protegê-la onde estou. E tira essas algemas de mim.

– Dê-me um momento. – Gambatto sai.

Quando ele retorna, Ryan está cochilando.

A enfermeira está com raiva.

– É preciso levá-lo a um hospital, senhor.

Gambatto faz o mesmo gesto, aquele que diz fica tranquila, querida e vai atrás de Ryan para tirar as algemas dele. Ryan abre os olhos e geme de alívio quando traz as mãos para a frente e verifica os danos causados à sua pele.

– Não conseguimos contato com Kate, Ryan.

Ele se perde nos olhos claros de Gambatto enquanto luta contra as possibilidades que a frase evoca.

– Enviei unidades até seu apartamento, sua casa e o hotel onde estão hospedados, devemos ter novidades em breve.

Ryan olha para a enfermeira.

– Você pode me consertar temporariamente?

– O que isso significa? Você precisa de limpeza e de pontos, amigo, isso é...

– Só tampa o buraco para eu não morrer por perda de sangue.

Ela aperta sua mandíbula e começa a preparar um curativo.

Gambatto lambe o lábio.

– Eu não posso deixar você ir, sinto muito.

– Tá brincando comigo.

– Ryan, você sabe como funciona.

Ryan fecha os olhos.

– Apenas envie um de nós para verificar o quarto de hotel por algum sinal de luta, qualquer bilhete que ela possa ter deixado para mim. E tenta rastrear o celular.

– Faremos isso.

PERIGOSAS

PARTE DOIS

A MATANÇA

NACIONAIS-ACHERON

GREG GOOD GUY

Enquanto dirijo, as rodas deslizando no asfalto, o rádio ligado baixo na minha estação de rádio preferida, mal consigo controlar a emoção. A puta é toda minha, finalmente, minha, para fazer o que eu quiser. O garoto está cooperando como deveria, o agente que come ela não está por perto e eu sou uma porra de um mestre.

Foi ridiculamente fácil.

O moleque está brincando com os botões do rádio.

– Que porra tá fazendo? Deixa – ordeno.

– Acho que devemos encontrar uma peça para ela.

– Encontrar o quê?

– Uma peça musical. É o que Nathan Bardel fazia – ele diz. Não vejo arrogância ou atitude nele, só aquela merda dele de parecer perdido dentro de si mesmo.

Eu dirijo, olhando quando ele encontra uma daquelas estações de rádio de música clássica que ninguém escuta. É uma porcaria, me aborrece, mas o garoto está sorrindo.

– Eu gosto desta para Kate, você gosta?

O que há de errado com esse garoto?

– Isso é uma porcaria, Morris. É de menininha, é merda gay. Muda disso.

– Não, essa é perfeita para ela. – Ele fecha os olhos e descansa a cabeça no assento.

– Ah, você é tão esperto, não é? – Eu torço o nariz para esse filho da puta, um garoto que nem tem barba ainda, agindo como se fosse melhor que eu.

– Esse é Pachelbel, Canon em D maior... – ele diz.

– Desde quando...

– Venho estudando Bardel, você sabe disso.

Olho para trás. A cadela está fora, apagada. Eu quero tocar nela, ainda não posso.

Vemos a placa que eu estou esperando. BLESSFIELD. Desligo a música, ela é irritante pra cacete.

Morris olha para mim, mas o merdinha não tem coragem para fazer nada.

Tudo o que consigo pensar é em fodê-la, machucá-la, vê-la chorar, ouvi-la implorar. Preciso mantê-la viva o máximo que conseguir, tenho que estar no controle, para que eu não acabe com ela rápido demais.

MOLEQUE

Kate está no banco de trás, e eu acho que é bom que ela esteja dormindo agora. Acho que ela vai ser mais fácil de controlar quando estiver amarrada. Não estou bravo com ela porque ela me arranhou, eu entendo que deva estar com medo.

Roman está dirigindo e eu estou muito bravo por ele não me deixar ouvir a peça que eu queria. Mas eu não acho que este é um bom momento para discutir com ele, sabe? Ele é mais fácil de lidar quando não está com raiva. Então, estou tranquilo e estou pensando sobre como as coisas vão ser quando chegarmos com Kate em casa.

Eu sei que a mãe está lá, e eu sei que ela deve estar com medo, assim como a tia Kate.

Deixa-me com raiva que minha mãe esteja olhando para mim daquele jeito. Fico chateado que ela não entende que isso foi culpa dela.

Excita-me saber que eu vou poder ver tudo acontecer, o sexo, as coisas que ele vai fazer. Mas estou mais animado com a liberdade. Quando elas estiverem mortas, e Roman se livrar dos corpos, será apenas ele e eu, na estrada aberta. Ele vai conseguir tudo o que precisamos. Vou aprender. E em apenas quatro anos, posso me livrar dele e serei livre. Vou poder dirigir, poder ir aonde quiser e vou ter prática o suficiente para fazer essas coisas do meu jeito. Eu só tenho que ser paciente e inteligente.

KATHERINE

Abro os olhos, imediatamente consciente de que fui sequestrada, consciente de que não consegui identificar a maldade nos olhos de Roman, a extensão dessa maldade, do que ele é capaz. E não era óbvio? Estava tudo lá: as calças camufladas, o tesão por armas e facas, a misoginia, o baixo QI, a percepção que tinha de suas próprias deficiências, de sua posição como “perdedor” nesta sociedade. A violência que ele mostrava em palavras e fisicamente contra a minha irmã, tudo, tudo. Homem, branco, trabalhador manual, entre vinte e cinco e quarenta e cinco anos, ele estava bem na minha frente o tempo todo.

Mas por que Morris? Deus, como, como isso pôde acontecer? Sim, um menino com nenhuma boa figura paterna real, em um bairro pobre com uma mãe distante. Mas eu segurei esse bebê em meus braços. Morris gosta de mim. POR QUÊ?

Estou amarrada com abraçadeiras à cama. Não leva muito tempo para entrar em pânico, porque este é o quarto da minha irmã, eu estou na sua cama. Não posso estar nas mãos deste homem, porque tenho um bebê para proteger. Fecho meus olhos e sussurros saem dos meus lábios contra a minha vontade.

– Por favor, salve-me. – Eu não sei se eu estou falando com Deus ou Ryan.

Minhas pernas estão amarradas aos postes da cama com cordas grossas que parecem nunca ter sido utilizadas. Eu o vejo agora, na porta.

– Ela está acordada, garoto! – ele grita e depois ri. – Olá, Kate.

Eu não sei o que fazer, exceto olhar para ele através das minhas lágrimas.

Ele se aproxima e senta na cama. Isso não é um filme. Eu compreendo isso imediatamente. Ele não vai ficar dialogando sobre o porquê de eu estar aqui, sobre por que ele é quem ele é, sobre o que vai fazer comigo, para que, no último momento, o momento no qual você está se agarrando à borda do seu sofá, Ryan apareça e o mate. Não, vejo imediatamente que essa é a coisa real. Ele coloca as mãos nos meus seios como se não conseguisse se controlar.

– Bem-vinda ao lar. – Ele coloca seus lábios nos meus e tento mexer minha cabeça, mas ele me segura pelo queixo e enfia a língua na minha boca. Chorando, eu o sacudo para longe, e ele estuda meu rosto. Sua respiração é de cerveja, o seu cheiro ácido, pungente e seu rosto não foi barbeado. Grandes olhos castanhos olham para os meus. – Você é minha agora, puta. Não tem nenhuma maneira de encontrarem a gente. Você é minha.

Minha mente procura obter instruções sobre como devo agir. Não há manual sobre como lidar com assassinos em série por uma razão simples: nada vai fazê-los mudar de ideia. Ele tem essa fantasia há anos, se eu for junto estou morta, se resistir estou morta. Não há maneira de escapar. Sou um objeto projetado para uma finalidade, pela sua fantasia, e não há absolutamente nada que eu possa fazer. Vou sentir uma dor inimaginável e vou sofrer antes de morrer.

Então eu tento ganhar tempo.

– Onde está Manda?

A questão o aborrece. Ele provavelmente esperava que eu comesse a implorar.

– Por que você finge ser tão preocupada com sua irmã, Katherine, se nós dois sabemos que você despreza ela?

Eu balanço minha cabeça.

– Eu não desprezo. Amanda e eu nunca conseguimos ser amigas, mas ela é minha irmã e eu a amo e me preocupo com ela. Roman, o que você fez?

– Você vai começar a me chamar de Mestre, a partir de agora, ok?

Concordo com a cabeça.

– Sim, Mestre.

– Sua irmã vai ter o dela. Eu queria que este fosse o melhor que eu já tive, e com irmãs... Você sabe? – Ele sorri. – Nós vamos matar vocês duas juntas.

Sinto uma súbita onda de alívio que Amanda esteja viva. É um arrepiante balde de puro medo na minha cabeça saber que ele tem planos para nós.

– Por que Morris? Como pôde tê-lo arrastado para isso?

– Arrastado?! – Ele bufa. – O moleque é doente até a alma, sua puta idiota! Deixa eu falar sobre Morris... – Ele repousa o cotovelo no joelho e gesticula com a mão. – Ele é um bostinha quieto, sempre foi, e nunca nos demos bem. Você sabe disso. Bem, um ano atrás, o filho da puta começa a agir sinistro e tal. Um dia, sua irmã encontra pornô no quarto dele. Coisa boa, de qualidade. Sadomasoquismo e bondage, esse tipo de merda. Eu fico de olho nele. Um dia alugo uns vídeos e ele fica muito grato, sabe? Eu sei que ele é um doente

do caralho porque ele nem fala muito. Ele só lia o dia todo e andava de skate e assistia aos vídeos. Manda costumava dizer que Morris era igualzinho você, Kate. Ela dizia: esse garoto é como a droga da minha irmã, com esses livros. Bem, sei lá. Eu sempre achei que o Morris era algum tipo de bicha e Manda e eu ficamos aliviados quando encontramos a pornografia, juro por Deus. Então um dia estou puto da vida e sua irmã estava sendo a vadia de sempre e eu decidi fazer alguma merda. Levei o moleque pra floresta e dei um pouco de cerveja pra ele. Ele ficou desconfiado no início, já que a gente nunca se deu bem. – Ele sorri para mim e move a mão do meu seio esquerdo ao direito, apertando, medindo. Lambe os lábios. – Então eu contei sobre a minha primeira, a única cadela que eu tinha matado antes daquela noite. Estava testando o garoto. Pensei, naquela noite, que se ele reagisse de uma maneira ruim eu teria uma desculpa pra matar ele. Mas, Katherine... – Ele se inclina mais perto. – Ele se abriu. Ele gostou da minha história. Ele queria mais detalhes. Contei tudo. E foi quando a gente se entendeu.

Estou horrorizada com isso, lutando contra a verdade que eu vejo nisso, lutando contra o que significa.

– Depois disso a gente era parceiro aqui em casa. Comprei bebida, cigarro e pornografia pra ele, e até mesmo o ensinei a dirigir um pouco. Toda vez que Manda começava com suas merdas a gente trocava um olhar, sabe? Ele sacou, ele me entendeu, nem piscava quando eu tinha que dar uns tapas nela de vez em quando. Então, um dia eu faço um favor pro moleque, porque eu sei que ele é jovem e curioso pra caralho.

Eu estou me perguntando se isso é um pesadelo, se eu posso acordar na suíte do hotel Holiday Inn e ver Ryan lá e falar com ele, e é incrível o quão rápido estou perdendo as esperanças. A situação está afundando dentro de mim, como o vinho em um tapete, centímetro por centímetro, ela é escura e está me dizendo que serei mais uma vítima. Está me dizendo que serei uma das fotos na delegacia. Vou estar no banco de dados, vou estar pálida e rígida em uma maca de metal enquanto evidências são coletadas da minha pele. Serei um pedaço de carne podre no subsolo em questão de dias, o meu filho dentro de mim.

Roman fala:

– Deixei a luz acesa e a porta aberta e eu comi tua irmã, do jeito que ela gostava, puxando o cabelo e tal, e eu deixei o moleque assistir a coisa toda, e quando eu perguntei pra ele no dia seguinte: Tá aprendendo alguma coisa? Ele sorri e diz: Sim, Roman, estou. – Ele ri. – Não é um filho da puta doente?

Eu não posso evitar minhas lágrimas.

– Ah, Kate, não chora. Você não é a fodona, durona, “eu moro sozinha” e “eu não preciso de nenhum homem para cuidar de mim” e “eu sou a favor do direito de escolha” e “eu escrevo” e “sou superior” e “eu ganho dinheiro”...

– Não, Mestre – eu digo, em voz baixa. – Sou fraca e sei disso. Você é mais forte do que eu e eu sei disso também. Eu só não entendo por que você vai machucar minha irmã. Ela é sua esposa e o ama.

– Puta merda, você é uma vadia burra. Manda não me ama, sua puta. Manda ama qualquer pau que vai colocar ela no lugar dela e falar o que ela deve fazer. E Manda não ama você tanto assim, não, Katherine. Ela mete o pau em você todo dia. Então, para com isso.

Eu engulo. Essas palavras doeram.

– Morris, vamos!

Morris está entrando no quarto neste momento. Cara, ele parece pequeno. Sua longa franja está no seu rosto e ele parece um menino, a camiseta grande demais para ele, os jeans muito folgados. Mas em seus olhos eu vejo a falta de compaixão. E ela sempre esteve lá e eu nunca entendi o que era. Eu rotulei tudo errado: confusão, falta de amor em sua casa e timidez. Mas era o fator assassino em série, chame-o do que quiser, seja neocórtex pré-frontal danificado, seja Holden Caulfield, seja fator S.K., o diabo interno, seja monstro. Há algo neles que é como um abismo, e está em seus olhos, nos olhos do meu sobrinho quando ele olha para mim.

– Vamos comer, então, tocar esse show, ok? – Roman diz para Morris.

Morris olha para mim, para as minhas lágrimas.

– A comida está pronta. – Então ele olha para o relógio.

– Ei. – Roman tem olhos de besouro enquanto me estuda. – Eu vou começar com a Katherine aqui, vai pra cozinha e me espera, já estou indo.

Mas Morris não se move.

– Posso assistir?

As palavras me agarram e me abalam e eu fecho meus olhos e por um segundo, não tenho medo de admitir que rezo para o mundo acabar, para morrer rápido, para o tempo parar ou para acordar, porque algumas realidades são simplesmente demais para vivenciar.

Roman sorri.

– Sim, você pode assistir, moleque.

Assim que Roman diz: Sim, você pode assistir, moleque, ele desata a corda que prende meu pé direito ao pé da cama. Abre minha calça e começa a puxá-

la para baixo enquanto viro meu rosto para longe de Morris, que fica em um canto e vê isso, quase sem se mexer. Roman puxa o jeans pelo meu pé direito e mesmo que eu tente chutá-lo para longe de mim, em um estado de choro e soluços de terror, ele é muito mais forte. Ele me agarra pelo tornozelo e segura a minha perna para baixo, enquanto se atrapalha com os próprios jeans com a mão esquerda. Eu começo a divagar porque estou desesperada:

– Por favor, não, por favor, não, Roman, por favor, por favor, não faça isso. – Mas é como se as palavras fossem numa língua estrangeira e ele me ignora.

Ele puxa a calça jeans para baixo para revelar um pênis ereto de tamanho médio e cheio de veias, a ponta já molhada, menos de um segundo antes de empurrá-lo dentro de mim. Arde, e lágrimas deslizam no meu rosto. A dor me faz morder o lábio e soltar uma espécie de gemido triste. Desejo poder cobrir o rosto com as mãos.

Roman solta grunhidos de satisfação e começa a bombear, bem fundo. Em um movimento rápido, ele rasga minha camisa e move meu sutiã para fora do caminho, a boca quente sobre meu peito. Olho para Morris porque preciso de sua ajuda. Seus olhos encontram os meus, mas não há nenhum sentimento neles, apenas curiosidade. Meu choro fica mais alto, impossível de controlar, e estou em lágrimas e gemendo por favor, não, não, por favor, não, não, não, mas eu sei que as palavras não vão adiantar. Roman me cobre, seu peso esmagando minhas costelas, sua respiração no meu pescoço, na minha orelha, sinto suas coxas nas minha, e a invasão, que não é apenas de uma pequena parte do meu corpo, mas de todo ele, de forma que não consigo descrever.

Um grito atravessa neste momento, esse momento que eu desejo que não fosse real, um grito que diz:

– KATE!

Ah, isso me faz desmanchar. É a minha irmã.

Roman para de bombear apenas o suficiente para olhar para Morris:

– Volta lá e cala a boca daquela puta como você deveria ter feito! – ele grita.

Ele é tão pesado que é difícil respirar, seu membro grosso, me abrindo, deixando-me saber que é dono de mim, me infectando com seu ódio. Morris sai e eu ouço minha irmã gritar:

– KATE!

Mais uma vez antes de seu filho cobrir sua boca. Coloco minha cabeça para trás, vejo minhas mãos amarradas aos postes da cama, grito, porque

preciso:

– AMANDAAAA! – E meu peito treme, porque ele está empurrando dentro de mim novamente, desta vez gemendo alto. Ele finalmente para.

O único som na casa agora é do meu pranto impotente contra o tecido da minha camisa, no meu braço.

Quando Roman se puxa para fora, sinto seus fluidos derramarem de mim. Eu não me atrevo a abrir os olhos e vê-lo. Não posso olhar para ele.

Ele está recuperando o fôlego, levantando-se, fazendo as molas da cama chiarem.

Ele sai do quarto.

Quero que ele me mate.

BARDEL

Eu vejo Kate.

Ela me vê.

Está amarrada à cama de sua irmã e esta é a sua segunda noite aqui.

Ela finalmente me vê.

Katherine Dwyer mal está viva e, no estado em que se encontra, ela pode me ver.

Ela entra e sai da consciência. Não beber e não comer a fizeram cair no sono frequentemente. Às vezes, quando acorda, percebe que Roman está em cima dela outra vez, mas ela não emite um som sequer. Fecha os olhos e descansa a cabeça contra o braço e fica imóvel, até que ele atinja o orgasmo, em gemidos desesperados e frenéticos para então sair dela, ir para a sala tomar cerveja e assistir a um pouco de televisão com o pau flácido para fora das calças.

Quando ela está dormindo, Morris entra, silencioso e olha para ela.

Da minha condição atual, posso ver claramente o que esse garoto é. Eu também posso ver exatamente o que Roman é. A diferença entre ambos é pungente e fatal. Mas, neste ponto da história, você realmente não precisa que eu explique, não é? Você sabe o que são. E você sabe qual dos dois é realmente perigoso.

Morris está olhando para Kate. Ela desmaiou novamente. Está fraca não apenas pela privação de alimento, mas também porque apanhou de Roman ontem à noite. Ele a soltou das amarras e a espancou por um bom tempo. Morris observou. Ela tentou correr, gritou por Amanda, que não respondeu (nós vamos chegar à Amanda daqui a pouco, espera), tentou abrir a porta e as janelas, mas Roman é mais rápido e mais forte do que ela. Ele a socou, chutou, bateu sua cabeça na parede, contra o espelho, puxou-a pelos cabelos enquanto ela gritava e gritava e (como eu disse uma vez que ela faria) tentou lutar. Quando ele acabou de descontar sua raiva, a apertou contra o sofá e a estuprou, por trás dessa vez. Ele saiu para fumar um cigarro. Kate, a essa

altura, já tinha desmaiado. Foi Morris quem a arrastou para a cama, não sem dificuldade, e a amarrou novamente. O que Kate não sabe, e o que Roman não sabe, é que tudo isso excitou Morris ao ponto dele ter ejaculado em suas calças.

Amanda está no outro quarto, como tem estado há três dias.

Ela está suando, fedendo, com tanta fome que poderia comer seus próprios dedos, tão sedenta que seus lábios estão rachados, tão cansada que está enlouquecendo. Ela está sussurrando coisas para si mesma para se acalmar. Ela varia entre culpar Kate e se culpar. Quando ouviu Kate na noite passada, sentiu medo e horror por sua irmã, e chorou até que adormeceu. Ela está amarrada à pequena cama de Morris.

No sofá, Roman está acordando de um cochilo vespertino.

Ele sabe que é hora de matar, porque o sexo não é mais suficiente.

– Morris – ele grita, esfregando o rosto.

O menino está acordado há horas, desenhando na cozinha, colorindo a nudez de sua tia, desenhando feridas abertas, facas.

Ele aparece.

– Sim?

– Arrume as coisas, tudo o que falamos. Os sacos, a pá, as ferramentas.

Morris sabe o que isso significa. Isso significa que é hora da sua mãe morrer.

Isso significa que ele finalmente vai ver isso acontecer.

AGENTE OWEN

Vinte e quatro malditas horas.

Vejo Gambatto abrir a cela. Ele tem dois detetives ao seu lado e sei que eles estão lá para me conter caso eu surte.. Estou quase lá.

– O que descobriu? – É tudo o que pergunto.

Eu fiquei detido por vinte e quatro horas, sem motivo, naquela cela. Preciso de um banho e comida e algumas horas de sono. Não quero nada disso até ver Kate.

Gambatto coloca as mãos para cima como que para me acalmar

– Nada de Dwyer, Owen. Nós verificamos o que conseguimos.

Eu fecho os meus olhos e digo para mim mesmo: fique calmo, que é apenas um mal-entendido, que Kate está na verdade dormindo em outro quarto de hotel porque não se sentia segura onde estava. Eu me convenço de que ela está bem e descansando, sorrindo, bem alimentada e que nosso bebê está bem. Eu preciso acreditar em tudo isso para não pegar uma arma do coldre de um desses detetives e atirar na minha própria cabeça.

Gambatto vê isso acontecer em minha mente:

– Owen, tenho certeza de que ela está bem. Precisamos conversar sobre sua situação no momento.

– Você tem o suficiente para me manter aqui por mais um segundo?

– Não, não temos.

– Então saia do meu caminho.

Andar não é impossível, mas quase.

Ontem à noite eles me levaram para um hospital para ter minha perna costurada e me mantiveram algemado o tempo todo, vigiado por três policiais. Então fui levado para a delegacia e colocado em uma cela. Os curativos foram trocados nesta manhã. Eles estão me dando medicação para a dor, mas ela realmente não funciona quando estou andando.

Encontro Woods, sozinha.

– Os outros caras? – pergunto.

Ela não tem certeza se deveria estar falando comigo ou não.

– Eles estão trabalhando no caso. Não estão aqui.

– O que conseguiu?

– Katherine desapareceu de seu hotel. Ela não levou nada além do telefone

celular e carteira, aparentemente. Não havia sinais de luta ou briga. Ninguém na vizinhança a viu.

– Telefone celular?

– O rastreamos e o encontramos perto do hotel, aparentemente lançado de um veículo.

– Procuraram por...

– Digitais, sim, mas nenhuma que combinava com o banco de dados.

Eu corro a mão pelo meu cabelo.

Ela lambe o lábio.

– Eu encontrei seu telefone.

– Dá pra mim.

– Não posso, estava no salão do evento de gala, é evidência.

– Fala que verificou as mensagens.

Ela hesita.

– Woods, juro por Deus, é minha namorada e meu filho, POR FAVOR!

– Estamos trabalhando nisso.

– O que diz?

– Diz que ela sabe quem é, para você ignorar Rogers, que ela queria que você ligasse para ela.

Ah, Kate...

– Eu acho que ela identificou alguém da biblioteca. – Woods verbaliza o que eu já sei. – E por algum motivo não se sentiu segura onde estava.

– Ela recebeu chamadas antes disso?

Woods franze a testa.

– Deus, não me diga que vocês não olharam!

– Ryan, não tivemos tempo, ok? Temos um milhão de coisas para fazer agora!

– Porra, cadê o telefone?!

– Eu não posso nem estar falando com você, você não está neste caso!

Policiais vêm até nós.

Eu coloco minhas mãos para cima.

– Só olhe o maldito telefone! – eu lato para ela.

Ela estende a mão.

– Tudo bem!

Furiosa, Woods entra na sala da força-tarefa. Quando sai, o telefone está envolto em plástico nas suas mãos. Ela o entrega para mim, e agora Gambatto está lá também, estudando essa troca com cuidado.

Levo um tempo para entender o aparelho de telefone de Kate, sem o tirar do plástico, então encontro as chamadas recebidas. A mais recente é de Morris. A ligação durou um pouco menos de trinta segundos.

Sua chamada para o meu celular ocorreu menos de um minuto depois disso, mas não respondi. Em seguida, cinco minutos depois, ela ligou e deixou a mensagem.

Morris.

– É seu sobrinho – digo, pedaços se reunindo em minha mente.

Há olhares.

Eu fecho meus olhos.

– Seu cunhado. Ele se encaixa no perfil. Ele pegou o telefone do filho.

Silêncio entre Woods, Gambatto e os dois detetives.

Sinto bile em minha garganta enquanto meus olhos se cansam e a exaustão toma conta de mim. Eu me forço a falar.

– Estou indo para Blessfield. Liguem passando o endereço exato. É Roman... – Deus, eu não me lembro o nome dele. – É o marido de Amanda Dwyer que queremos, é a casa dela.

– Você não vai levar um veículo oficial sob a influência de analgésicos – diz Gambatto.

Em vez disso, ouço o que ele realmente diz: Eu não vou impedi-lo de ir, embora deveria. Mas você vai ter que levar um parceiro.

Eu também ouço esta é uma apreensão do Departamento de Polícia de Miami. Concordo com a cabeça.

Woods começa a se mover em direção à saída, verificando sua arma.

Eu a sigo, quase sem coragem.

KATHERINE

Acordo com seus gritos.

Adrenalina dispara até minha cabeça e eu movo e sinto meu corpo gritar para que eu fique parada, meus braços dormentes por estarem na mesma posição durante um dia inteiro.

Tento levantar meu corpo, arrastando a minha bunda para cima no colchão, mas está igualmente sedado, sem fluxo de sangue, e tudo o que consigo é levantar os ombros e cabeça o suficiente para ver um corredor vazio. Sinto cheiro da minha própria urina em mim.

Amanda está gritando no quarto ao lado.

Não sei o que fazer a não ser começar a chorar de novo, esperando que seus gritos atraiam a atenção, esperando que os vizinhos chamem a polícia.

É a forma como ela grita. Como se o som estivesse rasgando sua garganta na saída, fazendo-a sangrar como se fosse vidro. Penso sobre o que Ryan disse, sobre ouvir o bebê chorar. Minha mente evoca imagens das vítimas de Bardel, ela vaga por prateleiras de possibilidades, de todas as torturas que podem estar acontecendo com seu corpo enquanto estou deitada aqui. Isso me faz cair mais uma vez em soluços, em desespero, em lágrimas que fazem meus olhos doerem.

Solto um grito quando o vejo entrar no quarto.

Morris está sorrindo, seus olhos cheios de loucura, e está coberto de sangue.

Presto atenção com puro horror enquanto ele pula ao redor do quarto, como um duende macabro, os dedos arranhando o ar como se quisesse assustar uma criança pequena.

As palavras não chegam aos meus lábios. Sua camiseta está colada à sua pele com o sangue da minha irmã. Ele tirou as calças jeans e está lá, sua cueca samba-canção escura agarrada às suas coxas finas, ele está quase dançando. Uma ereção forte, pequena e fina se projeta da cueca molhada e carmesim.

– Isso! – ele grita, com um sorriso no rosto, um brilho nos olhos.

Meus dentes quase rangem enquanto eu tento diminuir o impacto dessa visão. Tento me convencer de que não é real, não pode ser real.

Ele dança. Ela grita mais alto.

– M-Morris... – Eu tento me concentrar. – Mã... – Eu luto contra minhas lágrimas. – Manda é a sua mãe. Pare-o!

Ele continua movendo os dedos.

– Vem pra mim, vem pra mim. – Sai como um sussurro.

– Morris, pelo amor de Deus ... – Eu enrugo meu rosto e estou chorando de novo. – Por favor...

Ele olha ao redor do quarto.

Amanda para de gritar e tudo é silêncio.

Eu quero que ela grite de novo. Se gritar, é porque está viva.

Nada além de Morris olhando ao redor. Ele pula por toda a parte, no estilo duende novamente, e vai até a mesa pequena no canto, onde Amanda mantém seu perfume, contas, cigarros e coisas do tipo. Quando ele se vira para mim novamente, vejo uma faca de cozinha comum em suas mãos ensanguentadas.

Antes que eu possa soltar um grito de medo, ele leva um dedo ereto aos lábios.

– Shhh... – Ele sorri.

Quando se aproxima, vejo seus olhos em meus pulsos. Estou cheia de esperança de que vai me soltar. Ele leva um segundo olhando para mim, minha camisa rasgada, meus seios expostos, o resto de mim completamente nua. Ele esfrega as mãos quentes na minha barriga, e isso me faz tremer. Elas deixam uma faixa vermelha em minha pele pálida.

Então meu braço cai para o lado e percebo que ele está cortando a corda que prende um dos meus pulsos.

Em pavor, também compreendo que não posso mover meus braços. Eles simplesmente não obedecem aos meus comandos. Eu mordo meu lábio com raiva e não adianta.

– Você quer, certo? – Ele está dizendo, mas eu não consigo me concentrar neste diálogo.

– Morris... sua mãe...

Ele corta o outro braço, que também cai e atinge a mesa de cabeceira com tal violência que o cinzeiro fedorento voa ao chão. Imediatamente, ouço:

– Morris, volta aqui, porra!

Roman parece animado.

Morris está me observando, a chama viva em seus olhos.

– Você quer, Kate?

Preciso que isso acabe. Não tenho forças para continuar.

– Eu o quê?

– Eu preciso de um adulto, não tem que ser ele – ele sussurra. – Se você vier comigo, eu posso matá-lo, você sabe?

Eu estou tentando entendê-lo, desesperada para que o sangue bombeie para os meus braços.

Roman entra.

– Mas que caralho você está fazendo?

Morris dá de ombros.

– Ela não vai a lugar nenhum, as pernas ainda estão amarradas e os braços não funcionam mais.

Eu faço um esforço para não olhar para Roman, mas a visão me segura lá. Seus braços estão molhados com sangue até os cotovelos, ele tem um pouco nas mangas da camisa e no queixo.

– Vamos, garoto, você tem que me ajudar com a sua mãe.

Mas Morris balança a cabeça.

– Você disse que me deixaria ser um homem esta noite.

– Eita! – brinca Roman. – Disse, eu disse... mas preciso de ajuda com a sua mãe. Ela tem que desaparecer, Morris, é como tem que ser. Precisamos sair daqui logo, garoto.

Eu não entendo por que, mas é nesse momento, vendo como eles são, como trocam essas palavras, que eu fecho os olhos e começo a rezar, em silêncio. Não rezo para que a polícia chegue, nem para conseguir sair disso viva. Rezo para desver e desescutar e dessentir o que aconteceu naquela casa.

– Eu preciso agora. – A voz de Morris está inebriada, com expectativa, com exaustão, com tudo que move uma pessoa como ele. É pesada e vibrante.

Roman faz uma avaliação silenciosa do estado de espírito do garoto.

– Tudo bem, vá em frente. Come ela gostoso, come ela como macho.

Estou orando neste momento.

A oração não me impede de ouvir o ranger na cama, de sentir Morris sobre mim. Meu rosto está molhado de lágrimas, do meu ranho, da minha saliva, eu simplesmente sou incapaz de parar meu pranto, meu ódio por isso. A criança em cima de mim cheira a sangue e metal. Roman está colocando cuidadosamente a faca sobre a mesa e abrindo suas calças.

Meus gritos saem como um...

– Não, não, não, não, Morris, não...

Mas ele está em outro lugar, as mãos inábeis me sentindo entre as coxas, empurrando dois dedos para dentro de mim, apressado, ofegante, impulsionado pela insanidade total e a curiosidade de um pré-adolescente.

As mãos de Roman mexem com velocidade praticada ao redor de seu pênis, a outra pressionada contra a parede, com os olhos semicerrados enquanto ele vê isso, os lábios entreabertos.

Preciso que minhas mãos comecem a se mexer.

Morris me penetra, tão pequeno que mal o sinto, e convulsiona para cima, rápido, com a boca aberta em meu peito esquerdo. Quando eu sinto seus dentes afundarem na minha carne, a dor se irradia com a força de uma tempestade dentro de mim, faíscas voando, meus nervos queimando. Eu grito e, quando meus braços não se movem, afundo meus dentes em sua bochecha e aperto meu queixo de dor e ódio.

O grito de Morris de – AHHHHHHHHHH! – é quase assustador o suficiente para me convencer a soltar a pressão. Não solto. Aperto com mais força, sentindo algo quebrar sob meus dentes, e o sabor ácido de ferro. Roman puxa o garoto de cima de mim e vejo o rasgo de pele pendendo, colando-se à carne sangrando de sua bochecha, para então balançar novamente. Morris não para de gritar.

– Ahhhhhhhhhh! Ahhhhhh!

– Cristo! – Roman grita quando seu enteado cai no chão com o pênis flácido colado na coxa, com as mãos no rosto, o sangue escorrendo. Seus olhos estão maiores de alguma forma, fitando a parede à sua frente, gritando – Ahhhhhh! – Como uma criança.

Roman está se movendo em minha direção.

– Puta do caralho! – ele está gritando, não sem alguma diversão. Ele está sobre mim, desamarrando as cordas em volta dos meus pés. Dou um passo para deixar a cama enquanto só tenho um deles com quem lutar. Minhas pernas não são fortes o suficiente e eu caio, em pânico, meu queixo batendo nas tábuas de madeira que estão empoeiradas e frias.

– Yeeeeah! – grita Roman. – Tenta fugir, sua puta idiota! – Então ele ri. – Que tipo de tia faria uma merda dessa?

Eu ouço

– Ahhhhhhhhhh, ha... nãaaoooo! – gritos de Morris.

E quase me arrependo do que fiz.

Como pode a polícia não estar aqui, com todo esse barulho? Ocorre-me que a casa deva ser à prova de som, que ele planejou isso.

Eu tento levantar. Consigo. Cambaleando, sentindo o sangue bombear pelos meus membros, alcanço a cozinha, sentindo Roman caminhar atrás de mim, calmo, rindo.

Ele é para mim como um tanque, empurrando-me contra a mesa da cozinha, prendendo meus braços à sua superfície fria e pegajosa. Eu luto, os meus pés pulam sobre a madeira como se fosse brasa, meus braços se recusam a se mover sob seu controle. Sinto Romam contra mim, seu pênis na parte interior da minha coxa. Eu fecho minhas pálpebras para isso, sinto ele me abrir e solto um gemido de dor, decidindo que eu tenho que abrir meus olhos, decidindo aguentar como aguentei antes. E então eu vejo Amanda.

Amanda está deitada ali, no chão do quarto de seu filho. Eu só posso ver sua metade superior, a visão do resto está bloqueada pela parede. Suas roupas foram tiradas dela, e ela está banhada em sangue. Levo um tempo para perceber que ele está empurrando dentro de mim. Sinto vir à minha garganta, implacável e queimando, convulsiono para a frente e vomito na superfície brilhante da mesa de plástico.

Eu tusso, o meu mundo é ácido e meus olhos estão em lágrimas.

Sei que eles a rasgaram. Seus seios foram removidos.

Não consigo vomitar mais, porque não tenho nada dentro de mim. Ele está empurrando.

Romam me solta. O sêmen escorre pelas minhas coxas.

Não posso me mover. Amanda tem os olhos abertos, e, ao mesmo tempo que ela é minha irmã, ela não é. Ela não se move, seus olhos estão abertos, mas ela não está me vendo. Amanda, que esteve lá durante toda a minha vida, Amanda quem eu sempre odiei, odiei, por ter tirado sarro de mim, por suas palavras cruéis, por sua ignorância, por suas escolhas.

Minha irmã Manda.

Ele bate minha cabeça contra a mesa e eu só sinto metade da dor. O mundo é fluido e me vejo cair, minhas mãos tentando agarrar o ar em torno de mim.

Vejo Morris acima, porque estou no chão agora, e ele está correndo para o banheiro, com as mãos sangrentas em seu rosto, para avaliar os danos. Roman está sorrindo para mim.

– Quer dizer adeus à sua irmã? – ele sibila, as calças ainda abertas.

Sou erguida pelo tecido do que costumava ser a minha camisa, meus pés tentando firmar-se sobre as tábuas. Ele me empurra em direção ao quarto e,

quando entendo o que está acontecendo, estamos nos aproximando de Amanda. Tento fugir. Não posso ver minha irmã nesta condição.

Ouçó Morris falando sozinho no banheiro.

– Ei, ei! – Roman grita enquanto eu corro, sem saber para onde ir. – Aonde você vai, princesa?

Chego até a porta, e as minhas mãos suadas só confirmam o que eu já sei: está trancada, assim como na noite passada. Eu já estive aqui antes, isso já aconteceu antes. Isso aconteceu ontem. Meus pensamentos são interrompidos por Morris, que de repente berra:

– Eles estão aqui, eles estão aqui!

Quando me viro, Roman soca meu rosto com um punho pesado.

Estou no escuro e me sinto sendo puxada para longe desta realidade.

Vejo Nathan Bardel.

Tenho certeza de que deve ser ele, mas há algo nele que não me assusta.

Kate, volte, volte para a realidade é minha voz em algum lugar.

Eu já o vi antes, não foi? Quando eu estava dormindo?

Você tem que vir para a realidade, não ouviu o que ele disse? Eles estão chegando.

Bardel está olhando para mim e balançando a cabeça.

Não, não venha para onde estou. Você pode lutar contra eles.

Vozes na superfície, gritos de Roman para Morris.

– Pega o carro, pega o carro!

Vá, Kate, seu bebê está bem e Ryan está a poucos metros.

Eu forço meus olhos a se abrirem. Roman está com os braços em volta de mim me empurrando. Meus calcanhares descalços arrastam nas tábuas de madeira. Não consigo me mover, simplesmente não consigo.

Sou jogada na van mais uma vez.

AGENTE OWEN

A van arranca antes mesmo de encostarmos.

Tenho que fazer uma escolha.

Ela poderia estar na casa, mas poderia estar com eles no carro.

– Woods, vai!

Woods para o carro e sai, correndo em direção a casa, puxando a arma de seu coldre. Eu tomo o assento do motorista e decolo atrás da van. Se alguém estiver na casa e atirar em Woods, então é a morte de outra mulher por minha causa.

Piso no acelerador enquanto minhas mãos apertam o volante. Kate precisa estar bem, ela tem que estar, tem que estar bem. Sinceramente, não tenho ideia do que sou capaz de fazer se Kate não estiver bem. Tento não pensar nisso, tento me concentrar no carro à minha frente, sua placa mostrando números e letras para mim no meio da noite.

E então separo meus lábios e sinto meu coração saltar para a minha garganta com o que vejo.

BARDEL

Posso chamar a ação de Kate de um movimento corajoso? Talvez não, uma vez que ela o fez por puro desespero e sua atitude foda-se em relação à sua própria segurança.

Kate fez isso quando tinha cinco anos de idade.

Seu pai Joe tinha conseguido emprestada uma casa no lago num mês de dezembro de um colega de trabalho que estava viajando em Vermont para as festas de fim de ano. Amanda estava lá e disse: Eu desafio você, um duplo desafio, Kate! E Kate simplesmente saltou para dentro do lago, pegou pneumonia, quase enlouqueceu sua mãe e arruinou as férias da família.

Kate fez isso aos dezessete anos, quando seus amigos a desafiaram a roubar da professora de educação física, Lori Jensen, um pacote de Lucky Strike. Ela não foi pega.

Kate fez isso na faculdade, quando Savannah disse: Eu te desafio a me beijar como se eu fosse um cara.

Kate fez isso agora, e sim, me chame de sentimental, mas eu a amei por isso, porra.

Roman estava dirigindo, Morris ainda estava cobrindo o rosto sangrento com as mãos, e ela apenas se mexeu, antes que sua mente pudesse avaliar os riscos, antes de seu corpo convencê-la a não fazer aquilo. Ela abriu a porta de correr da van e se atirou para fora.

Ela sentiu o primeiro impacto, porque ele quebrou sua tíbia e fíbula direitas, porque ele a arremessou, rolando, por pedras, e asfalto e rasgou a pele de suas mãos, joelhos, cotovelos e rosto. Depois ela não sentiu mais nada, porque seu corpo finalmente desistiu e ela ficou inconsciente.

PERIGOSAS

PARTE FINAL

O ACERTO DE CONTAS

NACIONAIS-ACHERON

AGENTE OWEN

O chefe Anderson Moore parece um pouco mais magro do que há um mês.

Ele entra no quarto com o cuidado de uma pessoa que está com medo que qualquer gesto vá prejudicar a outra. Eu vejo compaixão em seus olhos quando ele dá alguns passos para dentro e estende a mão para mim. Levanto-me e a aperto, Moore dá um tapinha nas minhas costas, olhando em meus olhos.

– Como você está, Ryan?

Balanço a cabeça numa afirmação.

– Estou bem.

Digo isso porque qualquer outra resposta é inaceitável para as pessoas. Elas não querem ouvir mais nada. Ele olha para Kate, ainda em coma, agora respirando sozinha.

– O que hmm... os médicos dizem sobre sua condição?

Cruzo os braços e mantenho a voz firme.

– Eles não sabem muito. Ela poderia acordar agora, ou daqui a dez anos, ou nunca. Mas está respirando por conta própria, e, embora eles não tenham certeza sobre levar a gravidez a termo, o bebê parece bem até agora – eu digo isso tentando não entrar em outro ataque de lágrimas ou violência.

– Entendo. – Ele leva um momento olhando para ela. – Você não estava no enterro de Amanda Dwyer ontem.

Eu simplesmente dou de ombros.

– Ryan, tenho uma notícia, eu gostaria que você se sentasse.

Eu o observo e sei que algo está acontecendo.

Eu só sento porque tenho medo do que poderia ser, com medo da reação que eu poderia ter. Eu tive tantas reações que fui ameaçado pela administração do hospital de perder o acesso a este quarto se acontecesse novamente.

Minhas mãos agarram os braços da minha cadeira.

– O quê?

Se ele disser mais uma vítima, vou arremessar a cadeira pela janela.

– Morris Dwyer Mitchell foi capturado esta manhã, na Geórgia.

Minha reação é difícil de medir, avaliar. Eu sei que Morris estava envolvido no que aconteceu com Kate, mas não posso ter certeza de sua vontade de participar dos atos cometidos contra ela, ou às outras mulheres.

Moore coloca uma mão para cima:

– Estamos executando todos os testes nele e vamos realizar as entrevistas da maneira certa.

– É um caso federal.

– Sim. Até agora, tudo o que ele disse foi que Roman Boyd o largou e fugiu, com a intenção de dirigir até a Carolina do Sul.

– Sim, ele abandonou o moleque, faz sentido. – Eu suspiro. – Vou entrevistá-lo.

Moore não fala.

– Quem você tem melhor do que eu?

Ele balança a cabeça.

– Melhor do que você para este caso? Ninguém.

– Eu estou bem – minto. – Posso manter a cabeça fria.

Ele olha para Kate.

– A sua namorada foi ameaçada, sequestrada, espancada e violentada. Sinto muito, Ryan, não posso deixá-lo perto de um suspeito, mesmo ele sendo apenas uma criança.

– Vamos perder Roman Boyd – digo, lentamente. – Novamente.

Ele fecha os olhos e pressiona o osso do nariz bem entre eles.

– Você acha que tem o controle emocional para fazer isso?

– Sim – minto novamente.

– Precisarei ter dois outros oficiais na sala com você.

– Você sabe o que isso vai fazer com suas respostas.

– Então eu vou algemá-lo à mesa, Ryan, não estou brincando. Ele é uma criança e você ainda está sob investigação.

– Algeme nós dois e deixe-me falar com ele.

TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA DO EX-AGENTE RYAN OWEN COM MORRIS DWYER MITCHELL CONDUZIDA EM 25/09/2014 16h03 – 17h24. SUPERVISIONADA POR: CHEFE ANDERSON MOORE, INVESTIGADOR DE HOMICÍDIOS DA MIAMI PD MARK GAMBATTO, DRA. PHD. ANNATIL FOWLER.

OBSERVAÇÕES: A RYAN OWEN FOI CONCEDIDO O DIREITO À ENTREVISTA PELA SUA EXPERIÊNCIA E CONTRIBUIÇÃO NESTA NACIONAIS-ACHERON

INVESTIGAÇÃO. POR ENVOLVIMENTO EMOCIONAL NO CASO (VER ANEXO 2: RESUMO DA PARTICIPAÇÃO DE RYAN OWEN COM A INVESTIGAÇÃO BOYD/MITCHELL/DWYER) E SURTOS DE RAIVA ANTERIORES CONFORME RELATADO PELA ADMINISTRAÇÃO DE BLESSED VIRGIN HOSPITAL (VER ANEXO 5: CORRESPONDÊNCIA ELETRÔNICA ENTRE ADMIN. CHEFE LAURA THOMPSON E CHEFE DE DEPARTAMENTO ANDERSON MOORE) RYAN CONCORDOU EM ESTAR FISICAMENTE CONTIDO DURANTE A DURAÇÃO DESTA ENTREVISTA, POR ALGEMAS.

OWEN: Você está confortável, Morris?

MITCHELL: Sim, estou, mesmo algemado.

OWEN: Estou algemado também. Nesta sala somos iguais.

MITCHELL: Eles algemaram você para não me machucar, né?

OWEN: Sim, você é muito inteligente. Quantos anos você tem?

MITCHELL: Doze.

OWEN: Quando eu tinha doze anos eu estava apenas começando a perceber as meninas.

MITCHELL: Sim, entendo isso.

OWEN: Antes de começarmos, há alguma coisa que você gostaria de dizer ou me perguntar?

MITCHELL: É namorado da tia Kate?

OWEN: Sim, eu sou. Como isso faz você se sentir?

MITCHELL: Que lhe devo um pedido de desculpas.

OWEN: (hesitação) Nós vamos chegar lá. Posso perguntar sobre você?

MITCHELL: É por isso que eu estou aqui, né?

OWEN: Conte sobre sua vida em casa, sobre o seu padrasto e sobre sua mãe.

MITCHELL: Eu sempre pensei que eles não me entendiam e não se importavam comigo. Minha mãe nunca se importou. Se meu quarto tava limpo e não tinha reclamação da escola, ela não se importava com o que eu fazia.

OWEN: Quando isso mudou?

MITCHELL: Como você sabe que mudou?

OWEN: Algo mudou na sua vida, garoto. Tenho certeza de que foi em casa.

MITCHELL: Você está certo, mudou. Percebi que Roman era como eu,
NACIONAIS-ACHERON

gostava das mesmas coisas que eu. Eu entendi que eu não estava sozinho.

OWEN: De que forma eram iguais?

MITCHELL: Ele gosta de matar, ele precisa, é uma parte dele.

OWEN: Por que você acha que precisa matar, Morris?

MITCHELL: Eu penso nisso toda noite e todos os dias desde que eu tinha oito anos.

OWEN: Quando você pensa sobre a matança, como acontece em sua mente?

MITCHELL: Eu posso fazer o que eu quero, como um homem adulto. Eu sou respeitado.

OWEN: E temido?

MITCHELL: Eu acho.

OWEN: Conte-me sobre as meninas com quem fantasiava, Morris.

MITCHELL: Não são meninas, são mulheres.

OWEN: Da idade de sua mãe.

MITCHELL: Hu-hum.

OWEN: O que você faz com elas?

MITCHELL: Amarro elas para que eu possa ter o controle.

OWEN: Você se importa se eu der uma pausa?

MITCHELL: Não.

OWEN: Dois minutos.

NOTA: Neste momento, Owen abaixa a cabeça e fica em silêncio. Morris o observa. A interrupção leva 00'02'04.

OWEN: Vamos falar sobre Roman, tudo bem pra você?

MITCHELL: Sim, tudo bem.

OWEN: Como ele era, como um pai?

MITCHELL: Eu nunca pensei muito sobre ele, até o dia que ele me levou para beber cerveja. Naquele dia nós conversamos, como eu disse, e ele foi legal comigo. Ele começou a me comprar coisas, e ser mais legal comigo.

OWEN: Sobre o que conversaram, na noite da cerveja?

MITCHELL: Nós começamos a falar sobre as meninas. Ele me contou sobre algumas namoradas que teve quando era jovem, esse tipo de coisa.

OWEN: Ele falou sobre estupro?

MITCHELL: Bem, mais ou menos. Ele me disse que era normal querer

machucar meninas, da maneira que eu queria. Porque é por isso que os homens são mais fortes do que elas. Que seus corpos foram feitos para nos receber, essas coisas.

OWEN: Como é que ele sabia que você tinha essas fantasias?

MITCHELL: Porque ele descobriu as revistas no meu quarto.

OWEN: Pornografia?

MITCHELL: Sim.

OWEN: Do tipo violento?

MITCHELL: Sim.

OWEN: Como você as obteve?

MITCHELL: Eu encontrei elas no lixo, limpei e coloquei plástico nas capas.

OWEN: Você tem o hábito de vasculhar o lixo das pessoas?

MITCHELL: Sim, às vezes. Apenas dos vizinhos.

OWEN: Você espia?

MITCHELL: Não. Quer dizer... algumas vezes.

OWEN: Quem você espionou?

MITCHELL: Duas casas descendo a rua. Sra. Myers. E uma vez, Sra. King.

OWEN: Como você se sentiu quando espionou?

MITCHELL: Bem. Não sei.

OWEN: Então o que mais ele disse naquela noite?

MITCHELL: Sobre uma garota que ele matou.

OWEN: Você se lembra de seu nome, idade, descrição física?

MITCHELL: Não, ele não me disse. Ele só falou como fez isso.

OWEN: Como ele fez isso, você pode me dizer?

MITCHELL: Ele disse que estuprou ela duas vezes. E então sufocou.

OWEN: Ele disse quando ou onde?

MITCHELL: Ele disse que uns dois anos atrás, mas a conversa foi ano passado. Ele disse que foi aqui em Blessfield. Ele disse que ela tinha o cabelo loiro bonito e gritava como uma cadela no cio. Foi o que ele disse.

OWEN: Como você se sentiu quando ele disse isso tudo?

MITCHELL: Especial, porque ele estava compartilhando o segredo comigo, ninguém mais sabia. E animado e curioso.

OWEN: Ele ameaçou você?

MITCHELL: Não, não, senhor. Ele disse que se eu pudesse manter este segredo, ia me levar junto um dia e deixar eu ajudar ele.

OWEN: Qual foi a próxima coisa especial que aconteceu?

MITCHELL: Bem, ele me comprou as coisas que falei. E houve a noite...

OWEN: Que noite?

NOTA: Morris Mitchell olha para as mãos algemadas por alguns segundos antes de olhar para Owen novamente e recomeça a falar.

MITCHELL: Ele me deixou ver o sexo.

OWEN: Sexo entre...?

MITCHELL: Ele e minha mãe.

OWEN: E como você se sentiu sobre isso?

MITCHELL: Excitado, sabe?

OWEN: E nada de especial aconteceu depois disso?

MITCHELL: Não, não por muito tempo. Então, ele me pediu um favor. Para viajar com ele e ver uma garota ter o que merecia.

OWEN: Isso foi... quando?

MITCHELL: Cerca de um mês, um mês e meio atrás.

OWEN: Viajar para onde?

MITCHELL: Miami.

OWEN: Então o que aconteceu?

MITCHELL: Dissemos pra mamãe que era uma viagem de acampamento e empacotamos o equipamento de acampar. Fomos para Miami e esperamos. Ele me deixou no carro por um tempo, depois saiu de uma loja de animais de estimação com um gatinho. Ele me disse que eu tinha que levar o gatinho para casa de uma menina e bater na sua porta, só isso.

OWEN: E você fez isso?

MITCHELL: Sim. Ela abriu e ele entrou e o gatinho fugiu de mim. Eu meio que queria ir atrás dele, mas o Roman me puxou para dentro da casa, e deu um soco na menina tão forte que ela desmaiou. Ele me disse para ficar quieto e não tocar em nada. E essa foi a noite que ele me deixou ver.

OWEN: O que ele fez?

MITCHELL: Teve relações sexuais com a garota, bateu nela e outras coisas.

OWEN: Você entende, Morris, o que ele estava fazendo?

MITCHELL: Sim, entendo.

OWEN: Você sabe que aquilo não era sexo, era estupro, certo?

MITCHELL: Sei lá.

OWEN: O que mais você pode me dizer sobre aquela noite?

MITCHELL: Bem, eu disse que ele não estava fazendo a coisa certa, não como um serial killer real. Eu disse pra ele as coisas que Nathan Bardel costumava fazer. Por um tempo ele ficou com raiva de mim, mas depois comecei a explicar que Kate estava interessada no Bardel. Ele me perguntou o que Bardel fazia com as vítimas e disse que era muito mais esperto, porque Bardel foi preso. Eu disse pra ele sobre o M.O., a assinatura... você sabe, o X no... peito. Eu sabia coisas, porque eu tenho a senha do e-mail da Kate.

OWEN: Você esteve lendo o e-mail dela?

MITCHELL: Sim. Seu livro, que ela enviou para você. Seus e-mails com você, onde você fala sobre coisas. Seus e-mails de sexo com o ex-namorado, com a amiga, também. A senha foi fácil de quebrar. É o meu nome completo.

OWEN: E você ensinou ao Boyd como assassinar como Bardel?

MITCHELL: Sim.

OWEN: Você assistiu tudo isso acontecer?

MITCHELL: Sim, senhor.

OWEN: Como se sentiu?

MITCHELL: Excitado. Poderoso. Adulto.

OWEN: Você sabe que o apartamento da sua tia Kate fica ao lado do apartamento daquela garota? Você sabia que ela estava lá, certo?

MITCHELL: Ele só me disse mais tarde.

OWEN: Morris... Você acha que a menina merecia o que lhe aconteceu naquela noite?

MITCHELL: Eu não sei. Quer dizer, eu não odeio aquela garota. Mas o que aconteceu me fez sentir bem.

OWEN: Dois dias depois, o que aconteceu?

MITCHELL: Nada, senhor.

OWEN: Uma outra menina foi morta.

MITCHELL: Foi coisa dele, eu não estava com ele.

OWEN: Ele não levou você para a outra menina, na floresta?

MITCHELL: Não, eu só soube que foi ele quando ele mostrou no noticiário. Ele me disse que tinha feito aquilo. No começo nem acreditei. Então ele me mostrou a calcinha.

OWEN: E como a coisa aconteceu com Kate, Morris?

MITCHELL: Ele me disse que era a vez dela.

OWEN: Você ama sua tia?

MITCHELL: Ela sempre foi legal comigo.

OWEN: E você já havia tido fantasias com ela?

MITCHELL: Não, na verdade não. Ela era legal, eu sempre gostei dela. Mas os e-mails... me fizeram sentir excitado.

OWEN: Mas quando ele disse que machucaria a sua tia, você não tentou falar com ele sobre isso?

MITCHELL: Não, eu escutei. Ele me contou sobre o que ela fez. Sobre ela ter tentado seduzir ele e outras coisas. Sobre ela dizer que era mais bonita do que a minha mãe, e tentar fazer ele beijar ela e tocar nela quando não tinha ninguém por perto, nos eventos familiares e estas coisas. Ele me disse coisas horríveis sobre Kate.

OWEN: E você acreditou?

MITCHELL: Sim, acho que sim. Quando ele disse que machucaria ela da mesma forma que a primeira garota, eu estava animado para ver isso acontecer.

OWEN: (longa hesitação) Como aconteceu?

MITCHELL: Bem, começou com a mãe. Eles entraram em uma briga e ele começou a bater nela, mais forte do que o habitual. Eu estava ouvindo música, então ignorei. Talvez tenha passado uma hora, ou algo assim, e ele veio até mim e disse que era hora de ir. Arrumei uma mochila com comida e ele amarrou a minha mãe na minha cama e disse que ela merecia isso. Pegamos o carro, e quando estávamos perto da tia Kate, ele me fez telefonar para o celular dela. Ela me disse onde estava e que você não estava com ela.

OWEN: E como vocês pegaram Kate?

MITCHELL: Nós só vimos ela andando na rua, paramos o carro e a jogamos dentro. Eu tive que bater na cara dela, mas eu só fiz isso porque ela estava me machucando.

OWEN: E o que aconteceu então?

MITCHELL: Ela pediu para a gente não fazer isso, você sabe.

OWEN: E depois disso?

MITCHELL: Ela desmaiou, eu acho, porque ela dormiu.

OWEN: E vocês a levaram de volta para Blessfield?

MITCHELL: Ele dirigiu, eu dormi também.

OWEN: Quando chegaram lá?

MITCHELL: Ele estacionou nos fundos e levou ela para dentro. Eu ajudei a amarrar ela na cama, e ele me deixou lá e foi ver a minha mãe. Fiquei com ela por um tempo, enquanto ele estava com a mãe.

OWEN: Como você se sentiu quando viu Kate daquela maneira?

MITCHELL nenhuma resposta.

OWEN: Você... achou que o que estava fazendo era errado?

MITCHELL: Não.

OWEN: Então o que você sentiu?

MITCHELL: Excitado. Ninguém estava olhando, então eu

(Pausa 00'01'07)

MITCHELL (cont.): Eu olhei para ela.

OWEN: Olhou para ela?

MITCHELL: Eu olhei para seu peito. E puxei sua calça para baixo e olhei para as partes de mulher dela. Eu só queria ficar sozinho com ela, eu não queria ele ali, observando.

OWEN: E o que mais você fez?

MITCHELL: Toquei.

OWEN: Mais alguma coisa?

MITCHELL: Não.

OWEN: Você se masturbou?

MITCHELL: Não. Sim, senhor.

OWEN: Você deu a ela substâncias?

MITCHELL: Não, senhor.

OWEN: O que aconteceu depois?

MITCHELL: Roman veio para o quarto e me pediu para sair e ela acordou. Então eles conversaram. Ele me chamou e eu fui e nós jantaríamos, mas então ele decidiu fazer sexo com ela.

OWEN: Morris. Ele não decidiu fazer sexo com ela. Ele decidiu estuprá-la.

MITCHELL: Sim, senhor, sei lá.

OWEN: E?

MITCHELL: E ele fez. E me deixou ver.

OWEN: O que aconteceu depois disso, Morris?

MITCHELL: Jantamos.

NATHAN, O ESFAQUEADOR DE DAMAS DE BLESSFIELD

Ryan tem suas algemas retiradas dele e caminha por um corredor acarpetado até um banheiro masculino. Lá, ele acende as luzes e se tranca em um cubículo. Fecha os olhos, descansa a testa contra os azulejos e começa a chorar.

Eu o vejo enquanto isso acontece. Não sinto o que ele está sentindo, mas em algum nível eu compreendo sua agonia.

Seu peito arfa enquanto ele tenta chorar sem fazer barulho. Seu rosto está avermelhado e ele puxa algumas respirações profundas, tentando se acalmar. Quando olha para suas mãos, ele vê que elas estão tremendo.

Ele abre e fecha os punhos, suando na testa, e olha em frente por alguns segundos.

TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA DO EX-AGENTE RYAN OWEN COM MORRIS DWYER MITCHELL CONDUZIDA 27/09/2014 09h01 – 10h45. SUPERVISIONADA POR: CHEFE ANDERSON MOORE, INVESTIGADOR DE HOMICÍDIO DA MIAMI PD MARK GAMBATTO, DRA. PHD. ANNATIL FOWLER.

OBSERVAÇÕES: RYAN OWEN CONCORDOU EM ESTAR CONTIDO FISICAMENTE DURANTE ESTA ENTREVISTA, POR ALGEMAS.

OWEN: Bom dia, Morris.

MITCHELL: Bom dia, agente Owen.

OWEN: Na verdade, sou um ex-agente.

MITCHELL: Oh.

OWEN: Como está se sentindo?

MITCHELL: Eu tenho dormido muito. Eles estão me tratando bem, estou comendo bem, também. Fiz alguns pedidos. Foram negados.

OWEN: Você pode me dizer quais são? Talvez eu possa ajudar.

MITCHELL: Eu queria alguns doces e música. Também quero visitar a tia Kate no hospital. Eles me disseram que ela está em coma.

NACIONAIS-ACHERON

OWEN: Bem, eu definitivamente não posso convencer ninguém a deixar você se aproximar de sua tia.

MITCHELL: Se você pudesse, convenceria?

OWEN: Não.

MITCHELL: Eu acho que ela me perdoaria.

OWEN: Eu acho que não, Morris.

MITCHELL: Ela estudou Nathan Bardel, certo? Ela entende as pessoas como nós.

OWEN: Não, Morris, ela não entende. Passei minha vida inteira estudando pessoas como você e deixe-me dizer uma coisa: não existem pessoas como você.

MITCHELL: E sobre as outras coisas?

OWEN: Doces e música? Talvez. Conte-me sobre música.

MITCHELL: Eu quero a música clássica que Nathan Bardel ouvia, para suas vítimas.

OWEN: De onde você tirou essa informação? Não me diga que há um aplicativo para a playlist de vítimas dele.

MITCHELL: Não, nenhum aplicativo, eu só descobri isso quando estava pesquisando sobre ele. Não é um monte de gente que sabe disso, sabe?

OWEN: Por que, exatamente, você quer ouvir isso?

MITCHELL: Eu não sei. Acho que Bardel é o único assassino em série com quem posso me identificar. Há uma nova peça para Kate agora.

OWEN: nenhuma resposta

MITCHELL: É huumm, foi no rádio quando estávamos na estrada para Blessfield. Foi Pachelbel, Canon em D maior.

OWEN: Eu vou ver o que posso fazer. Vamos falar hoje sobre Roman e o que aconteceu quando você conseguiu escapar. Como sabiam que eu estava chegando?

MITCHELL: Foi quando Roman e eu cuidamos da minha mãe.

OWEN: Sim, de quem foi a decisão de matar sua mãe?

MITCHELL: Roman. Mas ele tinha tomado essa decisão há muito tempo. Eu sempre soube que ele faria isso. Ele estava planejando fazer na frente de Kate, tinha muitos planos para mamãe e Kate.

OWEN: Ele verbalizou esses planos?

MITCHELL: Bem, sim, quando estávamos comendo, ou assistindo TV e outras coisas, ele falava muito sobre isso. Disse que faria elas terem relações sexuais. Ele disse que nós faríamos um gang bang, disse muitas coisas. Eu

não sei se era sério.

OWEN: Então o que mudou?

MITCHELL: Ele bebeu muito naquela noite, que eu lembre. Ficou trancado no quarto com minha mãe por muito tempo. Então, ele me chamou porque tinha chegado o momento e eu fui. Ele sufocou minha mãe. Então nós começamos a brincar com ela, porque é isso que eu queria fazer, sabe? Essa foi a melhor parte para mim. Mas eu realmente não me lembro de tudo. Lembro de algumas coisas, como o sangue, mas a maior parte é meio confusa. O que eu me lembro é que eu estava muito excitado. Eu queria estar com Kate, ela era tão bonita.

OWEN: E o que aconteceu então?

MITCHELL: Eu pedi pro Roman, e ele deixou, mas eu sabia que ele assistiria.

OWEN: Continue.

MITCHELL: E eu soltei os braços dela para que ela não pensasse que eu ia, você sabe... forçar. E eu fiz sexo com ela.

OWEN: não fala.

[Dra. Fowler entra na sala e pergunta para Ryan Owen se ele precisa de uma pausa da entrevista. Ele recusa e ela vai embora. Ele bebe água, com as mãos algemadas.]

OWEN: Por favor, continue.

MITCHELL: Eu não sei porque ela fez isso. Não sei se ela mudou de ideia, ou se talvez eu machuquei ela, talvez eu tenha feito, mas foi quando ela mordeu minha bochecha.

OWEN: Sim, como está cicatrizando?

MITCHELL: Bem, eu tenho que usar esse curativo nela por mais alguns dias, depois eles disseram que eu posso tirá-lo. Eles me dão remédios para a dor. Eu acho que vai deixar uma cicatriz.

OWEN: Bem, Morris, na verdade, desfigurou parte do seu rosto.

MITCHELL: Eu perdoo ela.

OWEN: Bem, então ela o mordeu. Você se lembra de mordê-la?

MITCHELL: Eu mordi ela?

OWEN: Sim, você mordeu seu seio esquerdo.

MITCHELL: Ah, então eu devo ter feito isso antes dela me morder.

Porque quando ela me mordeu eu fui para o chão e tentei me recuperar da dor. Para punir ela, Roman soltou seus pés e deixou ela passear, da maneira que tinha feito na noite anterior. Ele gosta de ir atrás delas. E eles lutaram, mas eu não vi, porque fui até a pia para olhar meu rosto. Eu vi as luzes brilharem no espelho, olhei para fora da janela do banheiro. Foi quando vi o carro desacelerar. Eu sabia que era vocês.

OWEN: E depois?

MITCHELL: E então eu disse a ele que tínhamos que ir. Corri para o carro, que estava nos fundos e ele levou Kate. Ele pegou a estrada e você foi atrás de nós. Quando senti o vento no meu cabelo, olhei para trás e Kate já estava pulando fora da van.

OWEN: Continue. Como Roman reagiu?

MITCHELL: Ele tava muito zangado, cara. Xingando e me culpando e outras coisas, mas depois disse que encontraria e acabaria com ela.

OWEN: Quando ele viu que eu tinha parado o carro para Kate, qual foi a reação dele?

MITCHELL: Sentiu aliviado, mas então tinham tantos carros de polícia por perto que ele largou o nosso e nós corremos o resto do caminho.

OWEN: Continue.

MITCHELL: Então ele conseguiu um carro.

OWEN: Como e quando ele conseguiu um carro?

MITCHELL: Ele me disse para ficar onde eu estava, estávamos muito perto de uma escola. Eu fiquei lá por muito, muito tempo, porque eu cochilei, você sabe, nos arbustos e tal. Ele me acordou e nós entramos no carro.

OWEN: Descreva o veículo, por favor.

MITCHELL: Ah, eu acho que era um SUV prata de algum tipo. Era um carro agradável, limpo e tudo, e tinha uma cadeira de bebê na parte de trás.

OWEN: Então, ele roubou um carro. Para onde foram dali?

MITCHELL: Ele ouvia muito o rádio. Queria ouvir algo sobre nós. Aí paramos na estrada e tinha um posto de gasolina. Ele trouxe a pizza para o carro e eu comi e ele dormiu tipo... quatro horas e meia. Eu sabia que não podia sair do carro por causa da minha cara, sabe? Então fiquei ali, ouvindo música clássica.

OWEN: Continue.

MITCHELL: Não me lembro muito do resto porque a gente só ficou andando de carro. Ele conseguiu algumas coisas de uma farmácia Walgreens e eu enfaixei meu rosto. Foi só depois que a gente chegou na Geórgia que ele

começou a reclamar, ficar de mau humor e outras coisas. Eu estava quieto a maior parte do tempo. Então ele disse que eu é que deveria ter chamado a polícia, me chutou para fora do carro e foi embora. Então eu pensei que talvez eu pudesse pegar carona e convencer as pessoas a me deixarem em algum lugar e tudo mais, mas um policial me viu e me prendeu.

OWEN: E aqui está você.

MITCHELL: Sim. Mas tudo bem.

OWEN: Você entende que sua mãe está morta e que participou de seu assassinato, certo?

MITCHELL: Sim.

OWEN: E você é acusado de planejar e participar de outros crimes, também, Morris. Sequestro, estupro, você sabe disso, não sabe?

MITCHELL: Sim. Vou receber uma injeção letal?

OWEN: Não, você não vai. Eu ainda não sei como vai ser julgado.

MITCHELL: Tá.

OWEN: Por que você acha que fez todas as coisas que fez, Morris?

MITCHELL: Eu acho que eu sou diferente das outras crianças da minha idade.

OWEN: Você não acredita que isso é algo que você possa mudar?

MITCHELL: Não, senhor. Eu sei disso sobre mim. Não posso mudar isso. Quero todas as coisas que me fazem sentir. Agora que eu comecei, eu não vou parar. É por isso que é bom vocês me manterem trancado aqui. Quer dizer... você sabe? Eu sou ruim.

OWEN: Você não acha que pode crescer e ser diferente? Não há um trabalho que você gostaria de ter? Talvez uma família sua?

MITCHELL: Família, eu não sei. Um trabalho? Sim, eu gostaria de ser médico.

OWEN: Que tipo?

MITCHELL: O tipo que opera as pessoas ouvindo música clássica, sabe?

A PACIENTE NO QUARTO 1407

Vou e volto entre dois estados.

Estou perfeitamente consciente de que estou no hospital, e me lembro vividamente do que aconteceu comigo na casa da minha irmã. Eu não sei o quão grave é a minha condição e eu não sei nada sobre o meu filho. Mas sei que não consigo me mexer.

Vejo Nathan Bardel. Ele me vê, também. Ele está em pé ao lado de minha mãe, a mulher que está olhando para mim com uma cara de cansaço. Ver Bardel perto de minha mãe não me assusta. De alguma forma, eu compreendo que ele não pode prejudicá-la. Também compreendo que o que Bardel é agora não é exatamente quem ele era quando estava vivo, e que, mesmo se pudesse, ele não machucaria minha mãe.

Ryan dá alguns passos lentos. Ele parece tão acabado que é desolador.

Ele olha para mim, antes de olhar para os meus pais. Ele sofre ao ver meus olhos fechados, porque não sabe que eu posso vê-lo mesmo assim. É doloroso para ele ver minhas feridas, mesmo que os danos causados por Roman e Morris sejam relativamente superficiais. Ele agora está se voltando para os meus pais.

– Joe. – Ele aperta a mão do meu pai. Então da minha mãe, sem palavras trocadas. Eu entendo que eles se encontraram antes, mas não me lembro de ter visto isso.

– O que você tem? – É o que minha mãe pergunta.

– Cheguei agora da minha segunda entrevista com Morris. Estamos fazendo o possível para localizar o carro roubado por Boyd. Sua descrição e uma fotografia foram enviados para todas as estações de polícia e agências de aplicação da lei no país.

Minha mãe cruza os braços.

– E o meu neto? O que vai acontecer com ele?

Ryan balança a cabeça.

– Não é decisão minha. Ele provavelmente ficará confinado em uma instituição. Ele poderá sair quando completar... dezesseis ou dezoito anos, dependendo do juiz, de acordo com o seu tratamento, o seu comportamento...

Joe estuda Ryan com os olhos avermelhados.

NACIONAIS-ACHERON

– E ele vai ficar melhor?

Ryan desvia o olhar deles. Ele quer dizer a eles que Morris deveria ser condenado à morte, mesmo que Ryan sempre tenha sido contra a pena de morte. Ele suspira e o ruído é como uma declaração de desesperança e exaustão.

– Não, ele não vai. Se liberado, ele vai matar de novo.

Meus pais trocam um longo e desolado olhar. Ryan senta e esfrega o rosto. Olha diretamente para mim por bastante tempo e em seus olhos eu vejo exatamente o que ele vai fazer. Parte meu coração, isso é tudo que posso dizer sobre o que vejo. Enche-me de tristeza ver o abismo dentro dele, testemunhar o desespero vencer a batalha dentro de sua alma. Bardel está sorrindo.

Não, Kate, deixe-o fazer isso. É Ereshkigal, baby. Deixe ela fazer o que faz.

Não, Nathan, ele não tem que ir por esse caminho.

Mas ele vai. Está nele, tem estado nele sempre. Isto é o que Ryan Owen nasceu para fazer, Kate. Deixe que ele seja Ryan Owen.

Que ele seja Ryan Owen. Eu me perco nas palavras.

INVESTIGAÇÃO “BOYD” DE HOMICÍDIOS SEXUAIS SERIAIS BLESSFIELD/MIAMI E RELATÓRIO FINAL [29/09/2014]

Este relatório foi elaborado pelo Chefe da Seção BAU4 Anderson Moore sob a supervisão e pedido da Vice-Diretora Barbara Sanders.

Sobre os assassinatos em série cometidos por Roman Lee Boyd: Roman Lee Boyd [PARA O ARQUIVO COMPLETO VER ANEXO 1: OFENSOR SEXUAL 0095844-7: ROMAN LEE BOYD] era residente de Blessfield – FL quando cometeu três homicídios sexuais. Sua primeira vítima ainda não foi identificada. Sua segunda vítima foi Jennifer Adkins, assassinada em seu apartamento em 13/09/2014 em Miami [ANEXO 6: INFORMAÇÕES VÍTIMA; ANEXO 7: RELATÓRIO DA AUTÓPSIA; ANEXO 8: RELATÓRIO DE TOXICOLOGIA; ANEXO 9: ENTREVISTAS COM FAMILIARES E AMIGOS; ANEXO 10: RELATÓRIO DO LABORATÓRIO; ANEXO 11: FOTOGRAFIA DA CENA DO CRIME; ANEXO 12: FOTOGRAFIAS DA VÍTIMA]. Sua terceira vítima foi Shana Hayes, em 15/09/2014. Na noite de 23/09/2014 ele sequestrou e manteve em cárcere privado Katherine McGregor Dwyer e sua irmã, a esposa Amanda Dwyer Boyd. As duas mulheres foram mantidas na casa de Boyd [Cicada Street 54, Blessfield – FL] por cerca de vinte e quatro horas, durante as quais ambas foram sujeitas a torturas e atividades sexuais forçadas. Amanda Boyd foi morta em 24/09/2014, aproximadamente às 18h e a causa da morte foi asfixia. Katherine Dwyer escapou jogando-se de um veículo em movimento (2006, Ford Econoline Furgão, vermelho escuro). Ela foi resgatada pelo ex-agente Ryan Owen.

Status atual de Boyd é: procurado.

Sobre a participação de Morris Mitchell nos crimes descritos acima: Morris Mitchell é um menor, filho de Amanda Dwyer e Anderson Mitchell [ANEXO 3: MORRIS DWYER MITCHELL, ver também ANEXO 4: NACIONAIS-ACHERON

AMANDA DWYER BOYD]. Ele é descrito como sendo uma criança quieta, que não causava problemas e teve desempenho médio na escola e esportes. Em entrevistas realizadas pelo ex-agente Ryan Owen [ANEXO 13: OWEN-MITCHELL TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS] Mitchell confessou detalhes de sua participação nestes crimes. Ele está sendo avaliado pela Dra. Annatil Fowler e Dr. Rubens Lamorre.

Status atual de Mitchell é: sob os cuidados do Estado da Flórida, em uma Instituição Federal qualificada e cujo nome está protegido por sigilo, sob avaliação psiquiátrica, aguardando data do julgamento.

NOTA: Os relatórios de Mitchell estão atualmente protegidos por sigilo para os fins deste relatório geral, com exceção do Anexo 13.

Sobre o envolvimento de Katherine Dwyer nesta investigação e inquéritos paralelos: Katherine Dwyer estava anteriormente sob investigação por possível participação nos homicídios sexuais seriais BLESSFIELD/MIAMI. Os relatórios gerados por esta investigação atualmente concluída podem ser encontrados no ANEXO 23. A investigação paralela de AMEAÇA à Katherine Dwyer ainda está aberta. [Ver CASO KATHERINE DWYER-MATHIAS ROGERS e CASO ESTADO DA FLÓRIDA-MATHIAS ROGERS TENTATIVA DE HOMICÍDIO].

Status atual de Katherine Dwyer é: coma. Todas as acusações contra sua pessoa foram retiradas.

NOTA: Ver todos os relatórios sobre Katherine DWYER para mais informações.

Sobre o envolvimento de Ryan Owen com a investigação: Ryan Owen foi considerado inapto para o serviço, em 2013, apesar de sua conduta e carreira impecáveis no bureau. Seu trabalho como profiler criminal foi crucial para a captura de Nathan Bardel, em 2012. Devido às semelhanças entre os crimes BOYD com o histórico criminal de Bardel, Owen trabalhou como consultor no inquérito, apesar do seu envolvimento pessoal com Katherine Dwyer. Durante a investigação, concluiu que as ameaças feitas contra Srta. Dwyer vieram do atual governador do Estado da Flórida, Mathias Rogers. Há três

casos atuais e abertos paralelos contra Mathias: DWYER VS ROGERS (ameaça e formação de quadrilha), ESTADO VS ROGERS (tentativa de homicídio), e ESTADO VS ROGERS (obstrução de justiça).

Status atual de Ryan Owen: em fase de avaliação psicológica informal, livre de quaisquer acusações, auxiliando na conclusão de relatórios e entrevistas com Mitchell.

Sobre Nathan Bardel e conexões com este caso: as conexões de Nathan Bardel com os homicídios sexuais seriais BOYD BLESSFIELD/MIAMI são mera coincidência.

Status atual de Nathan Bardel: falecido

Data: 2, Outubro, 2014

De: Annatil Fowler

Para: Anderson Moore

Assunto: Owen

Coloque vigilância nele.

Vai agir por conta própria.

RYAN, O JUSTICEIRO

Fiquei sentado ali, no quarto de hospital 1407, por vinte e dois dias.

Por vinte e dois dias inteiros, eu a observei deitada lá, imóvel, inconsciente, fora do meu alcance. Nadei em sonhos desde o momento em que parei o carro na estrada e corri até ela, com medo, tanto medo que ela estivesse morta. Segurei-a, verifiquei seu pulso, verifiquei sua respiração. Kate estava viva, havia muito sangue nela. Ao vê-la despida e as implicações das torturas às quais ela tinha sido submetida, aquilo foi quase o suficiente para me tirar do controle e me empurrar para um colapso nervoso. Eu a carreguei até o carro da polícia, liguei para os paramédicos. Reforços já estavam a caminho a partir do momento em que saí do departamento de polícia. Kate e eu tivemos sete minutos sozinhos naquela noite, no carro, enquanto eu a segurava contra mim.

Mesmo naquele momento, eu sabia o que faria.

A ambulância chegou e a levou, como um pedaço de carne, para seu ventre branco brilhante e decolou, sirenes chorando.

NACIONAIS-ACHERON

Eu não podia ir atrás dela. Meu lado agente tinha que ver a cena.

Voltei e os policiais já tinham chegado na casa de Boyd.

Vi o cadáver mutilado de Amanda. Vi sangue por toda parte e vi as roupas de Kate em um canto, calcinha enrolada em seus jeans. Eu vi a cama onde eles a mantiveram. Eu gostaria de poder dizer que me concentrei e encontrei alguma coisa no chão do quarto de Morris, que me deu uma visão a respeito de onde poderiam ter ido. Não. Eu estava enlouquecendo de ódio e medo. Fui para o quintal e perdi o controle.

Sim, o herói quebrou na frente dos policiais e da unidade de laboratório que tinha acabado de chegar. Woods fez a coisa certa e chamou o departamento para enviar alguém para mim. Agarrei-me aos galhos e tentei bloquear os sons de sirenes e tive a porra do meu momento de soluços e lágrimas.

Então era Fowler, ali de pé em seu casaco trench, como se tivesse com frio, cigarro na mão. As luzes da casa brilhavam amareladas em seu sorriso sintético de simpatia quando ela olhou para mim. Estendeu a mão fina e a abriu. Vi dois comprimidos cor de laranja.

– Pegue-os.

Peguei-os porque não conseguia lidar com o que estava acontecendo comigo. Não perguntei o que eram. Eu me lembro como a mão dela era fria contra a minha quando eu fechei o punho em torno das pílulas. Ela estendeu uma garrafa rosa de água que eu costumava ver em sua mesa, em seu escritório, quando ela me entrevistava no ano anterior, sobre Selena Martinez. Engoli as pílulas. Ela se ajoelhou, meias pretas, cabelo escuro soprando no vento.

– Você vai sobreviver a isso.

Parecia um comando, uma ordem calma e distante.

Eu ri.

– Eu não quero.

Ela apenas me olhou.

Deitei-me, meu corpo contra a grama fria do quintal de Boyd. Fechei os olhos.

Acordei na tarde seguinte em um quarto de hospital.

Eles explicaram a situação: Morris e Boyd tinham sumido. Kate estava em coma, respirando com a ajuda de aparelhos. Feto vivo. Amanda morta.

Depois vieram os detalhes do pesadelo, os detalhes que o tornaram real: Kate tinham sido violentada e havia vestígios de dois autores distintos sobre

seu corpo: havia sêmen de Roman Boyd (“grande quantidade”: ninguém tem ideia de como foi ouvir isso, e Morris “quantidade mínima”), havia sangue e tecido epitelial na sua boca com o DNA de Morris. O tecido epitelial que combinava com a amostra de sêmen de Boyd foi encontrado sob as unhas. Ela havia sido espancada durante as duas noites que passou com eles. Ela quebrou dois ossos durante a queda e bateu com a cabeça, o que fez seu corpo desligar. Vi a mordida em seu peito. Foi então que eu me perdi um pouco, e mergulhei “em um ataque que assustou pacientes e funcionários e causou danos ao equipamento médico”, segundo o e-mail da administração do hospital para o bureau.

Eles mostraram preocupação com o meu estado mental. Então me acalmei.

O que eles não estão me dizendo é que o rastro esfriou. O carro roubado por Boyd foi encontrado em Fitzgerald, Geórgia, anteontem. Suas digitais estavam nele, mas não há pistas, não há declarações que ele foi visto em qualquer lugar. Nada nas câmeras.

Eles estão com medo de me dizer que a melhor chance de encontrarmos Boyd é esperar. Esperar, talvez, por anos. Ou até que ele mate novamente.

Então eu sento lá e vejo Kate.

Ninguém tem que me dizer que não fui inteligente o suficiente para enxergar isso, que eu falhei como agente, como homem, e como pai. Você não tem que me lembrar que esta não é a primeira vez que uma mulher sofre por consequência das minhas ações. Eu sei de tudo isso.

Na TV, o meu nome está em toda parte.

Estou ligado a este caso, o meu envolvimento com Kate oferecido ao público para me transformar em uma espécie de “herói” por ter “encontrado” um outro serial killer de Blessfield. Eles exibem fotos de um mais jovem e orgulhoso Ryan Owen dando entrevistas a jornalistas, mostram cenas do julgamento de Bardel e meu testemunho. Mostram cenas de Bardel sendo levado à prisão em um macacão laranja e algemas. Mostram a comemoração do lado de fora da prisão na noite em que foi executado.

Vejo Moore e Gambatto conversando com câmeras e respondendo perguntas. Vejo Savannah chorando para as câmeras, falando de Kate com amor e admiração. As capas dos livros de Kate são expostas e imagino a Editora Sahara lucrando um extra com isso. Sahara anuncia que vai publicar o livro de Kate sobre Bardel, ela sobrevivendo ou não. Sinto bile na minha garganta novamente.

Mas não, isso é apenas metade da história. Meu rosto está em todos os

noticiários, pouco antes de metragem de Mathias Rogers e Sarah Rogers dando declarações oficiais sobre minhas acusações. Eu sorrio, eu realmente sorrio, um pouco, quando vejo uma filmagem feita por telefone celular, de mim, sendo contido por seguranças no jantar de gala do governador.

Tudo isso é seguido de gráficos que mostram um declínio na popularidade de Rogers e entrevistas de rua com republicanos expressando sua decepção.

Eu desligo e caminho para Katherine.

Ela parece serena e pálida sob aquelas luzes. Seu cabelo precisa ser lavado, mas eu amo o jeito que ele brilha, tão negro contra o travesseiro.

Seguro sua mão porque tenho que tocá-la. Está quente. Alguém removeu seu esmalte verde-escuro com acetona. Suas unhas parecem amareladas.

Quero dizer em voz alta, mas não sou idiota. Em algum nível, eu tenho certeza que ela sabe o que eu vou fazer.

Toco sua barriga e sinto o quanto está dura sob o tecido de sua camisola hospitalar. Então eu beijo Kate, uma vez, nos lábios, e digo adeus.

RYAN, O PROFILER

A casa foi cuidadosamente investigada, ou é o que prefiro acreditar.

Eles estiveram aqui, coletaram evidências, tiraram fotos, fizeram seu trabalho para garantir que, quando Roman Lee Boyd for pego, ele será condenado por todos os seus crimes.

Eu sei, como fato, que isso não vai acontecer, porque eu sei que Roman Lee Boyd nunca será pego. Eu sei disso porque vou encontrá-lo antes que o departamento consiga e vou matá-lo. Não há motivo para discutir a moral por trás desta decisão muito lúcida que tomei.

Ando pela casa, sozinho e em silêncio. Sento-me na cama onde Kate passou as piores horas da sua vida. Eles pegaram os lençóis, levaram o travesseiro e o cobertor para analisar cada centímetro deles.

Eu paro no quarto onde Amanda foi morta.

Se Kate tivesse ideia do que sua irmã passou...

Amanda foi espancada brutalmente, torturada por seu próprio filho e violentada com uma escova de cabelo. Com essas feridas, ela foi deixada lá, algemada, para sentir a dor quando vinha à tona da consciência, para ouvir a tortura de Kate no quarto ao lado. Ela foi finalmente estrangulada por Roman, e seu corpo foi aberto para a inspeção de seu filho.

Morris se entregou à curiosidade, quase infantil e brincalhão, enquanto removia seus órgãos e, cuidadosamente, colocou-os no chão ao lado dela. Ele pediu privacidade a Roman e ficou sozinho com o corpo. Foi quando ele cortou seus seios, e mais tarde seu clitóris, que comeu.

Kate nunca poderá saber que isso aconteceu.

Passo duas horas na casa. Sento-me onde Boyd costumava sentar, assisto à TV como ele. Fico olhando para as paredes, as fotos que Amanda pendurou, suas pinturas de cavalos. Não quero continuar vivendo neste mundo.

Decidi abandonar a tecnologia. Meu telefone foi deixado em minha casa em Fort Lauderdale, onde arrumei uma sacola de ginástica com tudo o que vou precisar. Tenho seis camisetas, dois pares de jeans, um par de tênis e uma jaqueta, assim como cuecas e meias. Eu não tenho coldre, só a minha Glock, e três caixas de munição. Tenho uma escova de dentes, um kit de barbear e desodorante. Tenho uma caixa de cigarros e um isqueiro, minha carteira com

NACIONAIS-ACHERON

dinheiro e meu falso distintivo do FBI. Nada mais, fora a foto de Roman. Não, nem mesmo uma fotografia de Kate. Eu não preciso de uma.

Antes de sair tomo um banho e pinto meu cabelo de preto. Você pode estar se perguntando por que eu simplesmente não raspo a cabeça. Bem, na minha experiência, uma cabeça raspada atrai mais atenção do que cabelos pretos. Eu também pinteí minhas sobrancelhas e isso alterou minha aparência muito mais do que eu esperava. Não é uma mudança radical como a de Superman para Clark Kent, mas vai me servir muito bem para o propósito em questão.

Como esperado, o frenesi da mídia fez as linhas diretas de informações ferverem e todas as dicas recebidas, dentro do que fazia sentido, foram checadas. Woods me enviou por fax essas dicas, colocando o cu dela na reta por mim e apenas uma me chamou a atenção:

LINHA DIRETA: Linha de Informações dos Assassínatos de Blessfield.

ANÔNIMA: Sim, eu acho que eu vi o cara que vocês estão procurando, aqui um pouco antes de chegar em Charleston, Carolina do Sul. Nosso grupo estava estacionado em um posto de gasolina na rodovia dezessete quando um dos nossos carros foi roubado.

LINHA DIRETA: Senhora, você pode se identificar?

ANÔNIMA: Ah... Eu prefiro não, posso? Apenas me chame de Meryl.

LINHA DIRETA: Meryl, você pode me dar uma descrição do carro?

“MERYL”: Ah, sim, eu tenho bem aqui, ela está realmente muito nervosa agora, ela é minha prima. O carro era um Toyota Avalon XLS, ano 2009, placa da Geórgia PRTYGRL Cor prata. Pare de rir, Glenn, é sério!

LINHA DIRETA: Meryl? Pode confirmar a placa Papa-Romeo-Tango-Yankee-Golf-Romeo-Lima?

“MERYL”: Sim, é isso. Já chamei a polícia e tal, mas nós tínhamos acabado de ver esse cara no noticiário, tipo, há dez minutos e ela achou que se parecia muito com ele.

LINHA DIRETA: Você pode me dar uma descrição do suspeito?

“MERYL”: Sim, parecia o cara da notícia, da foto, mas ele tinha esse tipo, arranhão na lateral de seu rosto e parecia muito gordo e suado. Ele tinha a barba por fazer e vestia uma camisa de flanela vermelha. Desculpe, isso é tudo o que vimos. Espero que ajude.

Abro o mapa no meu laptop e verifico. Isso aconteceu perto de uma zona

rural, pouco antes de Charleston. É perfeito para ele. E assim, decidi seguir esta pista.

Agora, você deve estar pensando: como ele pode simplesmente decidir por esta, entre centenas de dicas?

Bem, há a explicação que você vai acreditar e a que você não vai acreditar. Ambas são a verdade. Quase 80% das dicas que recebemos eram muito distantes, geograficamente falando, para que fosse ele, de acordo com as leis da física. As outras 20% são da área, mas só metade das pessoas afirmam ter reconhecimento visual de Boyd. De todos que alegaram tê-lo realmente visto, apenas uma pessoa mencionou um arranhão no rosto. As unhas de Kate tinham a pele de Boyd debaixo delas.

A outra explicação? Instinto.

Embora eu realmente não precise da segunda. Se eu fosse ele, sem dinheiro, sem identificação, nada, eu estaria parando em uma área rural perto de um posto de gasolina também.

Haverá mais crimes nesta área até que ele tenha roubado dinheiro suficiente e tido sorte com um cartão de crédito ou algo assim, para ser capaz de pagar por comida e gasolina para seguir em frente.

A coisa sensata a fazer seria pegar um avião e estar lá o mais rápido possível. Mas aviões são impessoais.

Eu decido tomar o mesmo caminho, arrumo meu carro, tranco minha casa e começo a dirigir.

A PACIENTE NO QUARTO 1407

Consciência, mais uma vez, mas desta vez é diferente. É como acordar não de um sono profundo, mas de toda uma vida atrás. Eu pisco, eu consigo piscar. Viro minha cabeça. Percebo que sou capaz de me mover e isso me dá uma leve euforia. Quando olho ao redor do quarto, vejo um vaso de flores que estão começando a parecer murchas e cansadas. Não vejo ninguém lá. Há uma poltrona cinza vazia ali, olhando para mim.

Movo minha mandíbula, minha boca está seca e o movimento dói um pouco. Tentando manter a calma, eu respiro, examinando a sensação de respirar, ciente dela. Então movo meus braços. Surpreendentemente eles se movem. É bom sentir minhas mãos, tocar meu rosto.

A porta se abre e as pessoas estão falando alto enquanto andam. Eles param em frente à minha cama com garrafas de água na mão, eu não as reconheço. Estão falando ainda, olhando um para o outro.

Uma mulher na casa dos quarenta anos, de aparência oficial, está lendo seu visor do telefone celular. Sei que ela acabou de escovar os dentes depois do almoço, porque há um pequeno resíduo de pasta de dente branca em sua mão. Vejo a ausência de uma aliança de casamento, vejo um FBI BAU4 em seu peito. A forma como as unhas são feitas profissionalmente sugere que ela ganha um salário bom e não tem crianças pequenas em casa.

O homem que fala com ela é um agente mais jovem, por suas roupas e identificação; um fumante, pelas manchas amareladas nos dentes e dedos; e recém-casado, pela maneira como sua aliança reluz à iluminação. Seu relógio é pesado e caro, um presente da família rica de sua nova esposa, ou talvez sua própria. Ele não se importa com o dinheiro, ele é um idealista, do tipo que puxa ferro e gosta de dar porrada.

O terceiro é mais velho, talvez alguém na mesma posição que Anderson Moore pela facilidade de seus movimentos e suas bochechas flácidas e o olhar calejado. E eu estou certa, porque é ele quem finalmente olha para mim.

– Ela está acordada – ele sussurra e, de imediato, faz com que os outros se calem. Dá alguns passos para a frente até estar ao meu lado. – Senhorita Dwyer – ele fala, com cuidado. – Você sabe onde você está?

Posso falar? Separo meus lábios e tento. Fora o fato de que minha garganta

NACIONAIS-ACHERON

arranha e minha voz sai rachada e rouca, eu me saio bem:

– Em um hospital.

Ele parece aliviado. Posso ver os outros dois se reunindo em torno de mim, mal respirando. Eles estavam aqui como uma formalidade, ou para obter informações específicas a caminho de algum outro lugar. Eles definitivamente não esperavam me ver acordar.

– Correto. Você se lembra do que aconteceu com você?

– Sim. Onde está Ryan?

Eles trocam olhares. O jovem está morrendo de vontade de impressionar e fala:

– Esse é na verdade um dos nossos problemas atuais, senhorita, e precisamos de você para...

O mais velho o silencia com um gesto de impaciência.

– Katherine, posso chamá-la de Katherine?

– Sim.

– Katherine, você precisa de alguma coisa? – Ele está puto quando olha para os outros dois. – Você pode mover sua bunda e chamar um médico aqui?

É a mulher que vai.

Ele se vira para mim novamente.

– Vou responder a qualquer pergunta que vocês tenham para mim – digo, lentamente. – Mas me diga primeiro: o bebê conseguiu?

Ele tem o prazer de responder:

– Sim, da última vez que verifiquei eles disseram que o bebê estava bem, crescendo.

Sinto-me agradecida e abençoada por ouvir isso. Minha preocupação com Ryan cresce na mesma proporção que o meu alívio.

– Ryan sumiu?

Ele balança a cabeça.

– Ryan ficou com você por quase um mês. Há quatro dias ele se foi. Ninguém tem ideia de onde ele está. Eu estava esperando que você pudesse me ajudar.

– Então você deve se apresentar.

– Eu sou Jack Shapiro, do FBI. O homem que você vê aqui é um agente da BAU Rick Westbrook e a outra agente é Carla Baker.

Carla Baker entra com um médico e uma enfermeira atrás dela.

Ele dá um passo entre Shapiro e eu como se dizendo você pode ser FBI, mas aqui eu sou Deus. Ele sorri para mim e eu vejo o queixo com covinha.

Eu o reconheço, mas não consigo lembrar de tê-lo visto.

– Katherine, estou contente de ver que você está bem e funcionando, como está se sentindo esta tarde?

– Tudo bem.

– Algum desconforto?

– Não.

– Nós vamos fazer alguns testes de reflexo, está bem?

– Tudo bem, faça o que tem que fazer.

Ele olha em volta ao mesmo tempo em que a enfermeira puxa as cobertas de mim.

– Vocês podem nos dar espaço para fazer o nosso trabalho?

Shapiro hesita, mas eles saem.

O médico toca minhas pernas:

– Sente isso?

– Sim.

Ele faz a mesma coisa com a outra. Eu confirmo. Em seguida, ele pisca uma lanterninha nos meus olhos.

– Huh-hmm... bom, bom. – E verifica as máquinas que estão monitorando meu coração e minha respiração.

– Você parece bem, mas nós vamos pedir mais exames, certo? Pode me dizer sobre você?

– Meu nome é Katherine Dwyer e eu sou escritora, nascida em 7 de setembro de 1985, filha de Joe e Roberta Dwyer em Blessfield, Flórida. Há quanto tempo estou aqui?

Ele pega uma prancheta e checa.

– Vinte e sete dias.

– Preciso falar com os agentes lá fora, doutor.

Eles explicam que Ryan partiu, sem comunicação com o FBI, e que suspeitam que alguém de dentro lhe passou informações.

– Portanto, Kate, qualquer coisa, qualquer coisa que você puder nos dar sobre para onde ele poderia ter ido... – o jovem diz, a mão no bolso.

– Por que estão indo atrás de Ryan se Roman Boyd ainda é um fugitivo?

– Estamos fazendo o que podemos com Boyd, Katherine. – É o que a mulher, Carla, tenta me assegurar.

– Ou... vocês não têm nada para pegar Boyd e acham que se encontrarem Ryan, ele vai levá-los a ele, porque... – Eu sorrio. – Porque ele é bom pra

NACIONAIS-ACHERON

cacete nisso.

Eles estão silenciosos. Sentem pena de mim, pelo que passei e eu odeio esse sentimento. Estou começando a entender que vou receber uma boa dose dele por muito tempo.

Carla se aproxima.

– Katherine, Ryan está se colocando em perigo. Se você se preocupa com ele, você deve nos ajudar.

Eu não gosto dela. Não, eu não saí do coma em algum estado de espírito zen. Eu simplesmente não gosto da maneira como ela está olhando para mim.

– Se eu tenho sido um vegetal há quase um mês, como poderia saber onde Ryan se meteu?

– Talvez algo que ele disse da última vez em que se viram? – O cara está mascando chiclete.

– Sinto muito.

Shapiro lhes lança um olhar que eles entendem imediatamente e saem.

Ele olha para mim.

– Ele está agindo fora da lei, Kate. Ele vai se machucar. Ele poderia matar alguém ou ser morto. Por favor, faça algumas reflexões hoje à noite, e me chame se tiver alguma coisa, qualquer forma de comunicação com ele, qualquer coisa.

– Traga Moore aqui.

Ele franze a testa.

– Esta é a minha investigação.

– É. Mas eu realmente quero falar com Moore.

Moore vem no dia seguinte. Eu não sei por que, mas me sinto mais segura com esse cara. Ele conhece Ryan, e Ryan gosta dele, estou feliz que esteja no quarto comigo.

– Senhorita Dwyer, é um alívio vê-la tão bem, não é nada menos que um milagre.

Eu sorrio.

– Sim, eles me fizeram passar por uma tomografia digitalizada ontem e não tenho nenhuma lesão cerebral ou qualquer coisa. E o bebê parece estar bem.

– Isso é... – Ele balança a cabeça repetidamente. – Esta é uma boa notícia.

– Moore, eu preciso que me ajude a compreender o status quo, sem mentiras.

Ele lambe o lábio.

– Morris não vai... cumprir pena de verdade, sabe?

Concordo com a cabeça.

– Eu sei.

– Ele vai ser arrastado para alguma instituição e vai ficar lá por alguns anos, Kate, mas ele vai, mais cedo ou mais tarde, ser libertado.

– Não minta para mim. Como Ryan reagiu a isso? Ao que aconteceu comigo?

Ele respira, fazendo barulho. Agarra o protetor do lado da minha cama com grossos e brancos dedos compridos.

– Ele te viu saltar da van. Pegou você e a segurou até os paramédicos chegarem. Mas ele teve seus momentos, Kate.

– Você sabe... me colocar no noticiário, dizer ao mundo que estou acordada... não vai funcionar, isso não vai trazê-lo de volta. Ele não vai voltar para casa sem o sangue de Roman nas mãos e você sabe disso.

Moore fecha os olhos.

– Sim, sei disso.

– Então não há nada que possamos fazer além de esperar.

RYAN, O JUSTICEIRO

Chove hoje à noite e recebo aquelas gotas com um sorriso no rosto. Estou dentro do carro, ouvindo o som que a chuva faz em minhas janelas e sei que Roman está na mesma situação. Eu sei que ele não tem dinheiro o suficiente para encontrar um hotel. Eu sei que os hotéis todos receberam faxes e e-mails com fotos dele. Ele não pode ir a lugar algum, está dormindo em seu carro roubado, está pensando sobre onde ir e o que fazer.

Eu fico tão confortável quanto possível, sabendo que ele está desejando, como eu, esticar as pernas e dormir em uma cama confortável. Ele está frustrado porque planejou e sonhou com Kate por tanto tempo e ela escorregou por entre seus dedos no último momento. Ele está pensando que vai encontrá-la, quando tiver passado tempo suficiente. Ele vai encontrá-la e terminar o que começou.

Estou ouvindo as notícias no rádio, porque é isso que ele está ouvindo. Ele está morrendo de vontade de ouvir algo sobre ele, sobre nós, sobre os crimes, sobre Kate. Portanto, estamos calmos enquanto deitamos no banco de trás, a chuva bicando o vidro, e a voz suave de Dan Phillips da estação WVGB vem assim: “... e temos aqui uma notícia nova que chegou até nós. Temos a informação de que a escritora de Blessfield, Flórida, Katherine Dwyer saiu de seu estado de coma, e isso acabou de ser confirmado pelo FBI. Katherine é a escritora que foi atacada pelo serial killer Roman Lee Boyd, seu próprio cunhado. A condição de Dwyer é estável nesse momento, e as autoridades ainda estão em busca do assassino em série cujos crimes chocaram o país no mês passado. Mais sobre este assunto daqui a pouco, o que você pensa de tudo isso, Patrícia?”

“Esta é certamente uma boa notícia, Dan, que esta jovem tenha sobrevivido a esta terrível tragédia. Ainda me incomoda a falta de informações do departamento de investigação para a imprensa, pois, como sabemos, este caso pode ficar frio muito rápido. Boyd já está solto há bastante tempo. O assassino foi visto pela última vez na Geórgia e é muito difícil para a população local se sentir segura, de fato.”

“Exatamente, Patrícia. Acabamos de ter notícias sobre um atentado a...”

Fecho meus olhos e penso em Kate.

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

Mas não posso voltar.

NACIONAIS-ACHERON

X X X

Na manhã úmida e cinzenta, caminho até o posto de gasolina, onde ele foi visto pela última vez. O espaço de lojas é amplo e os poucos quiosques estão fechados. Há um Dunkin' Donuts aberto, bem como uma lanchonete de fast food, onde café da manhã é servido. Encontro um bom lugar perto do banheiro masculino, compro dois donuts e um café, e sento ali, observando o lugar o melhor que posso. Decoração de Halloween por toda a parte.

Há um caixa eletrônico em um canto, o lugar perfeito para alguém desesperado roubar um indivíduo de porte menor. Depois de comer, eu saio para encher meu tanque. Converso com o dono da mecânica por alguns minutos e descubro que as bombas funcionam a noite toda, mas o complexo de lojas é fechado à meia-noite. Ele não viu nada fora do comum aqui nos últimos dias e não estava presente no momento em que o veículo da jovem foi roubado. Eu mostro a única coisa que trouxe de casa: uma fotografia de Boyd. Ele balança a cabeça.

Olho para as fotos de pessoas desaparecidas presas à parte externa do complexo de lojas por um tempo. Ninguém que corresponda a uma vítima provável para Boyd. Ninguém desapareceu depois que ele esteve aqui.

Estaciono meu carro e dou um passeio ao redor da vegetação que ladeia a estrada. Eu não penso, apenas observo. Sinto falta de Kate e este é um sentimento que compartilho com ele. Pergunto-me onde poderia ver Kate, onde um homem como ele e um homem como eu poderiam assistir televisão sem chamar muita atenção. Se ele estava em seu carro na noite anterior, se ele estava ouvindo Dan e Patrícia, vai ter que assistir ao noticiário da noite. Ele vai ter que vê-la. Então... onde?

Dirijo por aí e encontro outro posto de gasolina e este não tem uma televisão em lugar algum. Mais adiante, acho um lugar chamado Pollo Compadre. Nenhum carro no estacionamento, exceto por um Taurus e um velho Ford Fiesta. Entro e uma mulher magra olha para cima.

– A cozinha ainda está fechada, senhor.

Eu olho em volta.

– Ah, que horas você abre?

– Às onze, para o almoço. Fechamos às dez.

Vejo uma TV de LCD em um canto. Aponto para ela.

– A TV fica ligada durante o jantar?

Ela acena com a cabeça.

– Geralmente em esportes.

– Notícias?

Ela pulveriza algo na superfície brilhante de uma mesa e passa um pano.

– Se alguma coisa importante estiver passando, com certeza.

– Obrigado. – Eu saio.

Por quê, Ryan? Por que você acha que ele não saiu daqui?

Porque ele é territorial.

Ele permaneceu em Blessfield tanto quanto podia, e saiu de sua zona de conforto especialmente por causa de Kate. E quando conseguiu Kate, não a colocou em um trailer ou um galpão ou em qualquer outro lugar. Ele a levou para casa. Ele a levou para a casa dele, onde ele é chefe, onde ele dirige o espetáculo. Pouco mais à frente há uma cidade, uma praia, encontra-se algo que não é confortável, um lugar onde ele vai ser notado, onde vai ser visto.

Aqui? Ele já cometeu uma transgressão aqui. Botou medo numa mulher. Ele está começando a se sentir poderoso aqui, e não trocaria isso por um local desconhecido. Estamos em um lugar vazio, do qual é fácil escapar, cercado por mata, onde você pode conseguir gasolina, comida, facilmente roubar um carro e talvez até mesmo se deparar com uma mulher viajando sozinha. Não, eu sei que meu instinto está certo. Roman está começando a tornar este lugar dele.

Andar ainda não é fácil, não pense que é.

A ferida morde meus nervos quando estou quase esquecendo de sua existência.

Mas eu caminho ao longo da estrada, preciso de silêncio, preciso me curar.

Penso nela em meus braços naquela noite, mole, sangrenta e pesada. Lembro de ter visto o vermelho em sua boca, na barriga, nos braços. Ela tinha um odor terrível, se eu fechar meus olhos consigo sentir de novo. Era vômito, suor, urina, sangue e sêmen. Lembro-me das marcas roxas de dentes, perfeitamente redondas em seu seio.

Paro de andar e me sento na grama, o sol começando a me queimar. Acendo um cigarro e fumo, e espero. A única coisa que posso fazer é esperar.

Almoço no Pollo Compadre, onde posso verificar as saídas durante a leitura do jornal do dia. Uso o banheiro dos homens e leio todos os rabiscos deixados por chaves e canetas nas paredes de cada cubículo. Nada me chama a atenção, a não ser um rabisco recente, feito num momento de ódio

masculino:

Por que deus crio a mulher?
Pra carregar porra da cama pro banheiro.

Poderia ser ele, ou não. Uma caneta não é uma coisa difícil de conseguir, e ele tem conversado apenas consigo, o desejo de se comunicar é natural. Saio do banheiro e compro uma sobremesa. Quando estou pagando, pergunto:

– Posso hum... Pegar uma caneta emprestada? Gosto de fazer as palavras cruzadas...

– Claro. – Ela sorri para mim e me entrega a caneta que está enfiada no bolso do seu avental. Dou uma piscadela para ela e levo meu sundae para uma mesa onde ela pode me ver.

Faço as palavras cruzadas e termino a sobremesa enjoativa e açucarada demais. Volto ao banheiro. Abaixo da pichação, escrevo:

Falô tudo!

Porque estou me passando por um babaca semialfabetizado e ignorante como ele.

Devolvo a caneta e saio do restaurante.

KATE, A ESCRITORA

Ninguém cuida de nós nesta sociedade. Estamos condenados a ficar sozinhos no momento em que deixamos de ser crianças bonitinhas.

Não há razão médica para eu permanecer no hospital e já custei demais aos contribuintes. O gesso já foi retirado da minha perna, mas tenho que usar um protetor de neoprene. Portanto, estou em casa, e é o lugar mais estranho do mundo para mim.

Ando até meu apartamento, não sem um olhar para o corredor, a porta fechada de Jennifer e Brenda, que ainda se encontra atravessada com fita de cena do crime. É um dia ensolarado aqui em Miami e meu lar está inundado com luz solar. Fecho a porta e a tranco, porque não sou a idiota que já fui, olho ao redor. É estranho para mim. Eu não me sinto confortável, muito menos segura, aqui. Oh, sim, há um carro da polícia estacionado do outro lado da rua. Eu me pergunto se eles estão me observando para encontrar Boyd ou Ryan.

No banheiro, ligo a água quente e tiro as roupas. Não é fácil enfrentar o espelho, mas eu insisto. Meu rosto está bem, com exceção de um pequeno corte na testa, que foi costurado e está cicatrizando bem. Os hematomas no meu corpo se foram em sua maior parte. A única coisa da qual não consigo desviar o olhar é a mordida.

Parece pequena.

Passo para o chuveiro, a água tão quente que queima. Fecho meus olhos e aguento, perguntando se algum dia me sentirei limpa novamente.

O fato é que eu me sinto melhor quando a ducha acaba, em roupas quentinhas e confortáveis. Meu computador e outros pertences estão na delegacia, esperando que eu vá buscá-los. Sinto falta do meu computador.

Como porque estou com fome, porque sinto falta de comer por prazer. Gostaria de me manter ocupada, para não ter que pensar naqueles dois dias.

Não tenho telefone celular, porque ainda é evidência.

Por alguns minutos eu me sento no meu sofá e me pergunto se a TV vai me distrair. Sei que meu rosto está nas notícias, sei que vai ser doloroso, mas isso é apenas algo que eu tenho que enfrentar.

Assim que ligo no canal 7, Florida Direct! está fazendo uma matéria sobre NACIONAIS-ACHERON

serial killers. Esfrego minhas mãos juntas enquanto assisto a um homem em um terno responder a perguntas de uma loira de farmácia:

“Quantos assassinos em série estão à solta hoje em nosso país, Dr. Coltrane?”

“Bem, Wendy, o departamento estima um número perto de quarenta, ativos, nos EUA, embora alguns, eu inclusive, acreditem que este número é perigosamente conservador.”

Eu desligo. Não estou com disposição para isso.

Minha mente anseia por libertação. Coração batendo, pego algum dinheiro, visto um par de jeans e enfio esses dólares no bolso de trás. Pergunto-me se Nathan Bardel está comigo, me olhando, me seguindo aonde eu vá. Desde que acordei do coma, eu o sinto comigo, como uma sombra, como o amigo imaginário de uma criança.

Uma vez na rua, o sol me domina, os carros voando por mim, poucas pessoas andando. Pisco para me concentrar, tudo de repente é muito claro, e por um segundo não sei como devo proceder para atravessar a rua. Então eu me lembro que tenho que atravessar em um lugar específico. Ando e aguardo e, quando os carros desaceleram, os faróis brilhando sob o sol, olhos em mim, sinto medo de seguir em frente. Vejo uma menina gordinha em seus vinte anos caminhando em minha direção e me pergunto se ela vai falar comigo, mas ela apenas passa e vira à direita na calçada. Então eu olho e vejo que os carros não estão se movendo, o sinal de pedestres está verde. Eu cruzo, sentindo-me ansiosa sem saber o porquê. Talvez seja muito espaço em volta de mim, talvez porque ele está solto por aí.

Caminho pela calçada enquanto os carros começam a se mover mais uma vez, na direção oposta. Todos que andam em minha direção me dão a sensação de algo desconhecido, de uma possível ameaça. Eu os sinto olhando para mim, me pergunto se eles sabem.

Estou finalmente no posto de gasolina e entro na loja de conveniências. Ar frio na minha pele e luzes artificiais e brancas. Minhas compras são exageradas: quando percebo que estou no caixa despejo barras de chocolate, chiclete, biscoitos, batatinhas e refrigerantes no balcão. A quantidade parece absurda, como guloseimas de Halloween.

– Quero seis maços de Marlboro vermelho e um isqueiro – digo, suavemente.

Um homem entra na loja, fazendo muito barulho. É um policial. É um dos policiais que estão estacionados em frente ao meu prédio. Ele olha para mim,

mas finge não me reconhecer. Eu pago o homem no caixa e saio com as minhas sacolas. No momento em que piso para fora tenho que acender um cigarro. Eu sussurro:

– Sinto muito. – Para o meu bebê, mas eu tenho que fumar. Simplesmente preciso.

Tragar faz-me sentir quase bem de novo.

Em casa, espio pela janela e vejo o policial voltar para o carro. Ele entrega a seu parceiro algo para comer que não identifico daqui, e provavelmente fala mal de mim por um tempo. O do banco do passageiro olha diretamente para minha janela um microssegundo antes de eu dar um passo para trás. Acendo um cigarro e dou alguns passos pela sala. Quando termino de fumar, atravesso o corredor para a porta da senhora Selznick. Bato, e ela abre depois de um tempo.

– Katherine – ela exclama. Ela sabe. Pelo olhar em seu rosto eu vejo que ela já viu todas as notícias. Isso me faz querer fugir deste lugar. Eu esboço um sorriso.

– Sim, como está?

– Eu estou... todos nós estamos muito, muito chocados e preocupados com a nossa segurança, e muito tristes por Jennifer, e você... querida... – ela me avalia, me mede, me analisa.

– Eu normalmente não pediria, mas acabei de voltar para casa e minhas coisas não estão organizadas ainda, eu realmente apreciaria se pudesse usar o seu computador.

Agora ela está pensando. Sua resposta me surpreende.

– Bem, você poderia pegar emprestado o do Timmy, se quiser. Ele comprou um novo, quando foi para a faculdade no ano passado. Ele diz que é velho, mas funciona.

– Eu ficaria muito, muito grata.

– Por que você não entra?

De repente, não me sinto confortável. Ela percebe.

– Ou apenas me dê um momento. – Ela sorri. Eu a vejo desaparecer dentro do apartamento. Espio e vejo um apartamento organizado, tão diferente do meu, com muitos quadros e fotos nas paredes, um violão e um piano, a TV no mesmo programa que recusei a assistir antes.

Pergunto-me o que ela e seu marido vão dizer sobre mim quando ele chegar em casa à noite.

Quando ela volta, dou um passo para ajudá-la. É um laptop VAIO,

definitivamente não é velho como Timmy disse.

– Obrigada, demais... – digo novamente.

– Ah, use-o durante o tempo que precisar, querida. Katherine, se há alguma coisa que eu possa fazer...

Apenas balanço a cabeça afirmativamente e caminho de volta para o meu apartamento.

Eu o abro e ligo. Leva um tempo para conseguir fazer funcionar o wi-fi, mas quando consigo, me dá vontade de beijar a tela. Esfrego minhas mãos, perguntando-me se estou pronta para a internet, para as imagens e as palavras que irão aparecer sem serem convidadas, tudo o que não pode ser desvisto.

Então eu abro o Google e digito:

Bles

E isso me dá

Blessfield assassinatos

Eu esfrego meu rosto.

E clico.

Meus olhos percorrem cada link e percebo que não quero ler isso, não quero saber. Em vez disso, digito:

lidando com estupro

Não pense que não há vergonha em escrever isto, porque há. Agora eu sou uma daquelas garotas. Então percebo que tenho sido uma daquelas garotas desde que tinha quatorze anos e apenas fingi não ser. Clico no primeiro link e é um blog escrito por uma vítima de estupro.

Leio as dicas com apatia:

Não se culpe.

Não recorra ao álcool ou narcóticos para aliviar a dor.

Concentre-se nas coisas positivas em sua vida.

Converse com pessoas que mostram apoio, procure um grupo ou conselheiro.

Faça aulas de defesa pessoal.

Coloco um cigarro na boca e fumo. Vejo links para linhas diretas, clínicas de psicologia e agências de aplicação da lei. Eu clico em tipos de estupro e obtenho uma lista:

Estupro facilitado por drogas
Abuso sexual ou agressão
Estupro por submissão

Mais uma vez, eu me sinto como uma aberração. O que aconteceu comigo não tem sequer um rótulo adequado, não é? Estupro/incesto cometido por assassino em série. Fumo e fecho o site.

Eu digito Ryan Owen e recebo centenas de resultados.

Não quero ler sobre ele, eu quero vê-lo. Clico em imagens e fito seu rosto. Isso me faz fechar os olhos e sentir meu nariz queimar. Estou muito consciente da criança dentro de mim, de Nathan Bardel ao meu lado. Não me sinto sozinha por um segundo. Limpo minhas lágrimas e fumo enquanto meus olhos encontram muitos de Ryan na tela.

Em seguida, vem a mim (é você, Nathan?) que posso abrir o e-mail de Ryan. Não sou ingênua o suficiente para pensar que não está sendo monitorado (assim como meu telefone está grampeado), mas posso conseguir o meu livro.

Meu livro, Kate.

Vá se foder, Nathan.

NATHAN BARDEL

Estou mais uma vez dividido entre o desejo de estar com Kate – principalmente agora que ela incorporou a Ereshkigal e está escrevendo meu livro de novo – e a necessidade de estar com Ryan porque ele não sabe como está perto de Roman.

Kate mudou um pouco: o foco, sua mente trabalhando como se estivesse realmente funcionando melhor, funcionando à base de doces, cigarros e refrigerantes. Ela conseguiu bloquear as memórias que chegam a ela e se concentrar apenas em terminar o livro. Kate está literalmente trabalhando para não enlouquecer.

Aqui com Ryan as coisas estão confusas. Seus instintos estão certos, mas ele subestimou completamente a necessidade de Roman por uma nova vítima. É Kate quem ele quer, mas nesse momento qualquer mulher que cruzar o seu caminho é Kate.

Ele está a apenas três quilômetros de distância.

Vejo Roman. Ele está dentro de seu Avalon roubado, janelas para baixo, fumando, de olhos fechados. Sua mente vagueia, ele visita seus momentos com Kate e eles o deixam de pau duro. Ele ouve o rádio e toda vez que o caso é mencionado, seu coração bate como se estivesse prestes a explodir. Ele se acalma, então pensa sobre onde poderia ir, o que poderia fazer. Precisa de uma vítima. Imagina o encontro, cada pequeno detalhe, assim como eu fazia, tudo o que ele vai fazer. Roman é uma bomba-relógio, uma que eu desprezo e quero ver explodir.

Ryan está perto, também sentado em seu carro com a janela aberta e fumando, ouvindo a mesma estação de rádio, sabendo que Roman está ouvindo exatamente as mesmas palavras. Ryan sabe que está atordoado psicologicamente. Ryan não consegue parar de pensar em Kate e é angustiante o quanto se culpa. Está pensando em não voltar para ela, sabe? Está pensando que mesmo que sobreviva a isto, e nenhum de nós tem certeza se vai, não pode voltar. Tem medo de encará-la, de vê-la despedaçada. Pensa

agora sobre o que poderia escrever para ela, sabendo que se enviar qualquer coisa para seu filho ela vai queimá-lo com ódio. Ryan está desistindo, rapidamente.

Mas não da caça.

São sete horas e Ryan está entrando no Pollo Compadre. O lugar está meio cheio de pessoas que pararam na estrada para fazer uma pausa em suas viagens rodoviárias. A TV está ligada na CNN e ele não tem certeza se vai ao ar qualquer matéria sobre o caso esta noite, mas ele toma seu lugar em um canto e lê um menu de plástico.

Ryan estuda tudo, desde os relógios de pulso nos braços dos homens, o tempo que as mulheres passam no banheiro, as queimaduras de sol nos narizes das crianças, sapatos, tudo isso. Ele coleta informações, sem preconceito ou medo, e as armazena, e isso acontece naturalmente.

Mas Roman não vai ao Pollo Compadre esta noite. Ele esteve lá, Ryan está totalmente certo sobre isso, mas esteve lá há três dias. Esta noite Roman está se sentindo confortável e seguro o suficiente para tentar algo mais intenso.

A NAMORADA

Ao cair da noite estou melhor equipada, emocionalmente, para assistir ao noticiário. O apartamento tem cheiro de fumaça de cigarro, então abro a janela e me sento com uma lata de coca-cola e ligo a televisão. O foco do show desta noite, vejo de imediato, é Mathias Rogers.

É um “escândalo” que Rogers, um homem guiado por valores cristãos, um homem com uma carreira política “impecável”, tentaria conspirar para silenciar uma escritora, um agente federal, e, em seguida, contratar um assassino para matar este mesmo agente, e tudo isso para encobrir o sequestro de sua filha, o estupro e o aborto subsequentes. O termo “hipocristão” jorra das bocas de muitas pessoas nas ruas quando são questionadas sobre sua opinião acerca do assunto.

Mathias negou as acusações de Ryan, o que fará o julgamento ser ainda mais emocionante para a imprensa e o público. Sei que Ryan não se importa com nada disso, neste momento. A grande notícia da noite é que Rogers desistiu da campanha e não vai concorrer à reeleição como governador. Isso me dá orgulho e coloca um sorriso fraco no meu rosto.

Há uma matéria sobre o desaparecimento de Ryan também. Era só uma questão de tempo até que as pessoas notassem que ele está longe de ser encontrado. Isso é ruim, eu acho. Isto diz a Roman para ter cuidado. Isto lhe diz que Ryan está atrás dele.

Eu desligo e penso em telefonar para meus pais.

Não há maneira de medir o impacto que isso deve ter tido neles. É preciso coragem, mas pego o telefone e disco. Percebo que não tenho noção alguma do que dizer, e que tenho medo do seu julgamento. Mas continuo com o receptor pressionado à minha orelha, e é o meu pai que atende no terceiro toque, agressivo e cansado.

– Alô?

Meus olhos enchem d’água.

– Pai?

Há um momento, mas antes que eu possa especular sobre o que significa, ele desaba.

– Katherine.

Fecho meus olhos e balanço a cabeça.

– Estou em casa. Estou bem.

– Por quê, por que você não voltou para nossa casa?

Eu não sei. Eu não acho que consiga me sentir segura em Blessfield.

– Eu só queria ficar só – eu finalmente sussurro.

Há sons que não consigo distinguir, então é minha mãe falando:

– Filha... – Ela está chorando, e isso faz com que seja mais difícil. – Nós ficamos com você no hospital...

– Eu sei, eu sei, por dias, eu sei. Está tudo bem, mãe. Você não podia ficar lá para sempre.

– Voltamos porque há coisas que precisamos resolver, coisas... da sua... irmã.

Concordo com a cabeça. Deus, Amanda. O que posso dizer a eles? Como posso lamber minhas feridas quando eles estão passando por algo além da minha compreensão, uma dor que eu não consigo entender? Meu coração se parte pela minha mãe. Eu nunca senti tanta empatia por ela. Perdão, é o que é, deságua sobre mim como uma onda. Eu a perdoo por tudo que ela fez e não fez. Eu a amo com tudo o que sou, mas sinto que não tenho esse direito.

– Katherine, seu bebê ... – Ela chora. – Estou tão feliz.

Concordo com a cabeça novamente, meus olhos borrados de lágrimas.

– Sim, eu também.

– Conversamos com Ryan, sabe? Ele foi gentil.

– Mãe, eu o amo.

– Sim, sim... – Ela soluça. – O amor é algo para ajudá-la agora. Kate, eu decidi ver Morris.

– Não, mãe... – Pavor me preenche. – Mãe, Morris não é... ele não é quem você acha que ele é.

– Kate, ele é meu neto. Eu tenho que vê-lo, tenho que tentar falar com ele, entendê-lo.

– Mãe, você não pode – digo, mais alto do que eu esperava. – A pessoa que você é não é capaz de compreender a pessoa que ele é, confie em mim, uma única vez! Por favor, não o veja, ele só vai magoá-la mais.

– Não há mais, Kate. Eu não posso ser mais ferida, você não vê? Nada neste mundo poderia ser pior do que isso. Eu estou em um estado, Katherine,

onde nada mais pode me machucar. Nada.

Limpo as minhas lágrimas.

Estamos em silêncio.

Ela precisa ouvir. Eu engulo e falo.

– Ele matou Manda.

– Não, foi Roman! – Ela chora. Ouço seus soluços. – Isso foi Roman.

– Mãe, ele estava lá. Ele olhou, ele ajudou, ele brincou com seu sangue, eu estava lá! Eu estava lá! Ele me estuprou!

Ela está chorando.

Fecho minhas mãos em um punho e tento manter o controle sobre meu corpo, minhas palavras, minhas emoções. Não contei à minha mãe sobre Dale quando eu era adolescente. Tenho que ter cuidado para não fazer isso agora, de uma forma errada.

– Eu sei que você o ama – digo, baixinho. – Eu também amava. Nós não enxergamos. Mas, mãe, agora sabemos. Não faça isso.

Ela entrega o telefone para o meu pai. É demais para ela.

– Katherine, venha para casa – ele diz com uma voz pesada.

– Não sei se tenho forças, pai.

Por um momento, nenhum de nós fala. Então, meu pai diz:

– Você ainda duvida de sua força, após os acontecimentos recentes?

Sinto gosto de uma lágrima salgada na minha língua. Não tenho resposta.

– Venha para casa, Katherine – ele implora.

RYAN, O PROFILER

Estou aqui na estrada há cinco dias e não tive qualquer sinal de Roman ainda. Minha teimosia me diz para ficar parado, que ele está aqui, que não quer mais correr. Estudo um mapa da região e percebo que enquanto meus instintos podem estar certos, eu negligenciei que a dois quilômetros daqui tem uma área rural com pequenas fazendas, isoladas umas das outras, rodeadas por mato em todos os lados. Comida, abrigo, talvez algumas vítimas. Tenho que estar lá quando ele atacar.

Estou de volta ao trabalho de polícia, prospecção. Dirijo pelo local e me acostumo com a cidade pequena, seu comércio, suas ruas tranquilas. Falo com os habitantes locais, eles me falam das fazendas, da cidade. Eu lhes mostro fotos de Roman e alguns parecem familiarizados com a história. Leva o dia inteiro. Dirijo pelas ruas, árvores altas em ambos os lados, e estudo as fazendas de longe. Faço um mapa delas, anoto suas características. Vou preencher com mais detalhes amanhã.

Hoje à noite estou ouvindo o rádio, fumando, as luzes acesas no meu carro, ao lado da estrada. Estou escrevendo tudo o que sei de Roman, fazendo uma lista de ações que podem desencadear reações violentas dele, circulando lugares no mapa onde ele pode se esconder para roubar dinheiro, alimentos, cigarros. Eu gostaria de ter a mão de obra para forçá-lo a vir até mim. Desejo que não estivesse apaixonado por Kate para poder usá-la como isca. Penso sobre suas necessidades e onde ele tem que ir para satisfazê-las. Eu gostaria de ter tempo para comprar cada pacote de cigarros na área para forçá-lo a procurá-los aqui na cidade e pegá-lo. Planos de todas as naturezas, desde idiotas a possivelmente brilhantes, mas impossíveis, vêm a mim.

Quando estou cansado, a voz de Kate no rádio me traz de volta à realidade.

Sento-me, pressiono o botão do volume, e escuto:

“(...) Tudo que eu preciso é ser deixada em paz neste momento. Quero estar com a minha família para me curar.”

“Qual é a sua opinião sobre Mathias Rogers?”

“Acho que ele é um ser humano e, portanto, tem de ser responsabilizado por suas ações com a mesma misericórdia que demonstrou aos outros no passado.”

NACIONAIS-ACHERON

Eu a amo.

“Está em contato com Ryan Owen?”

“Nesse momento estou. Estou usando vocês para lhe dizer que eu o amo e que eu vou estar em casa quando ele decidir voltar.”

Kate... Ela está em Blessfield. Ela está sendo a isca.

Digo a mim mesmo para me acalmar.

“O que você tem a dizer para Roman Boyd? Para Morris Mitchell?”

“Eu não vou discutir Morris Mitchell. Para Roman... Acho que tenho que dizer que ainda estou aqui.”

Desgraçada! Eu soco o banco de passageiros repetidamente até meu braço arder. Kate desgraçada! Estou no controle disso, ela vai piorar as coisas!

Ele está ouvindo no momento.

Como se sente?

Tão puto e impotente como eu, é claro.

Ele está se perguntando o que fazer.

Seu impulso é ir até ela, como o meu. Mas haverá muitas pessoas ao redor de Kate, protegendo Kate, e ele não pode arriscar isso.

Como eu, neste momento, ele não tem recursos.

Então Ryan, o que ele vai fazer?

Saio do carro e descanso as costas contra ele. Olho para cima e vejo as estrelas.

Ele terá que dizer à Kate que ela não tem poder sobre ele, que é mais esperto do que ela pensa, e que ele é o chefe. Ele vai matar, vai matar hoje à noite ou amanhã para enviar-lhe uma mensagem, e fazer com que seja culpa dela. Se ele fizer, vai abandonar este lugar.

Então, estou em apuros, tenho pouco tempo.



Então chegou a hora para o meu depoimento oficial, para a minha entrevista, para ser lançada aos lobos. Imagine minha surpresa quando entro no pequeno escritório da Delegacia de Polícia de Blessfield e vejo o lindo e amável agente Bertelli.

Tento mostrar a ele que não estou incomodada com sua presença, mas a verdade é que o meu coração está batendo mais rápido e me sinto tão ansiosa e nervosa que estou com náuseas. Ele não se parece com o babaca misógino que me entrevistou pela primeira vez e me acusou de ser uma estupradora e assassina. Ele parece sério e quase se desculpando.

Sento-me e uma policial feminina me pergunta se preciso de alguma coisa, se ela pode me pegar um café ou água. Peço água.

Quando ela fecha a porta, ele começa.

– Senhorita Dwyer, está totalmente recuperada?

– Fisicamente? Sim, agente Bertelli.

– Estou contente por ouvir isso. Por favor, sinta-se à vontade para levar o tempo que precisar e interromper o interrogatório a qualquer momento que se sentir incapaz de continuar.

Eu apenas aceno.

DECLARAÇÃO OFICIAL DE KATHERINE DWYER SOBRE OS ACONTECIMENTOS DE 23 E 24 de Setembro/2014 CONDUZIDO PELO AGENTE DOUGLAS BERTELLI EM 22/10/2014

BERTELLI: Conte-me sobre o seu rapto, senhorita Dwyer.

DWYER: A detetive Woods foi para o Holiday Inn onde eu estava hospedada com o ex-agente Ryan Owen e me entregou, sob suas ordens, DVDs com imagens da Biblioteca Pública de Blessfield, já que ele acreditava que eu poderia talvez reconhecer a pessoa que era, na época, o sujeito desconhecido. Eu o fiz, eu reconheci o meu cunhado, R-Roman Boyd, e

NACIONAIS-ACHERON

decidi sair do hotel.

BERTELLI: Entre o momento em que o reconheceu e o momento em que deixou o hotel, quais foram as suas ações?

DWYER: Calcei um par de tênis, liguei para Ryan, mas ele não atendeu. É importante dizer que um pouco antes de ver o DVD, meu [pausa e hesitação] meu sobrinho, Morris, me telefonou e me perguntou onde eu estava e se estava com Ryan. Eu respondi que estava sozinha, e em um hotel perto da minha casa, porque eu não tinha ideia de que ele estivesse... envolvido.

BERTELLI: Então você deixou o hotel.

DWYER: Sim, eu queria ir a algum lugar público, talvez uma lanchonete, e tentar entrar em contato com Ryan ou talvez um outro oficial.

BERTELLI: E então o que aconteceu?

DWYER: Eu não tinha andado por mais de três minutos mais ou menos, quando sua van parou e ele me jogou dentro. Lutei, mas fui atingida, e fiquei inconsciente depois de um tempo. Quando acordei, já estava presa por meus pulsos e tornozelos.

BERTELLI: Quem estava na casa?

DWYER: Roman, Morris e minha irmã, Amanda.

BERTELLI: Falou com Amanda?

DWYER: Não, só ouvi os gritos dela.

BERTELLI: Alguém saiu da casa enquanto você estava lá?

DWYER: Eu não saberia dizer. Eu perdia e retomava a consciência com frequência. Eu não estava me alimentando.

BERTELLI: Alguma pessoa foi até a casa?

DWYER: Não posso dizer com certeza, mas creio que não.

BERTELLI: Você permaneceu amarrada o tempo todo ou era autorizada a levantar-se e caminhar?

DWYER: Ele me soltou, duas vezes. Acredito que queria me perseguir, me ver mais desesperada do que estava, me ver tentar escapar. É uma casa pequena. Tentei as janelas e portas, mas nada se abriu. Acredito que era à prova de som, porque eu e Amanda gritamos por horas.

BERTELLI: Você se lembra de quantas vezes sofreu agressão sexual?

DWYER: ... não. Quer dizer. Acredito que pode ter sido cinco ou seis. Talvez mais.

BERTELLI: Que informações você pode me dar sobre as feridas infligidas em você?

DWYER: Roman me bateu várias vezes quando eu estava presa, mas ele

ficava mais violento quando eu estava andando pela casa. Recebi socos e chutes e fui jogada ao chão diversas vezes. Mas ele não usou nenhum objeto contra mim.

BERTELLI: Quais foram as ameaças feitas a você como pessoa?

DWYER: Só que eu teria o que merecia, que ele me machucaria e me mataria.

BERTELLI: Ameaças foram feitas contra a polícia ou outras agências da lei?

DWYER: Eu não... não me lembro de nenhuma.

BERTELLI: Ameaças foram feitas contra o governo, outras pessoas, a nação?

DWYER: Não.

BERTELLI: Você ouviu qualquer conversa de qualquer outro lugar onde Boyd ou Mitchell poderiam ter visitado ou considerado como uma casa segura ou base de operações, qualquer coisa dessa natureza?

DWYER: Não.

BERTELLI: Eles falaram de vítimas anteriores ou outros crimes não declarados?

DWYER: Não.

BERTELLI: Você pode me dizer sobre a noite em que foi encontrada pela detetive Woods e o ex-agente Owen?

DWYER: Eu estava em pé, tinha acabado de morder Morris

BERTELLI: Por favor, volte. Quando você atacou Mitchell?

DWYER: [pausa] Eu não o ataquei. Ele estava em cima de mim. Mordi sua bochecha.

BERTELLI: Claro. Peço desculpas. Ele a estava violentando e você o mordeu.

DWYER: Sim. Ele estava temporariamente ocupado com a ferida, e foi quando Roman me soltou para me seguir novamente. Eu vi Amanda e ela já estava morta.

BERTELLI: Você se lembra do horário?

DWYER: Não, eu não tenho ideia. Estava escuro lá fora, isso é tudo que eu sei.

BERTELLI: Então, o que aconteceu depois?

DWYER: Então as coisas são nebulosas em minha mente, porque houve gritaria e fui atingida. Acho que fui arrastada para o carro. Senti o movimento familiar e ouvi os ruídos do motor de um carro e foi um reflexo. Eu

simplesmente me movi para a porta e tentei abri-la, eu não planejei isso, e fiquei tão surpresa que estava aberta que pulei sem olhar para onde. Não me lembro de nada além disso.

BERTELLI: Qual foi a última vez em que viu o ex-agente Ryan Owen?

DWYER: No Holiday Inn na noite em que foi atrás de Mathias Rogers e eu fui levada.

BERTELLI: Por favor, não deixe o estado, Katherine, talvez seja necessário fazer mais perguntas.

DWYER: Eu não deixaria, agente Bertelli.

BERTELLI: Há alguma coisa que você gostaria de dizer para os registros?

DWYER: Sim. Ryan sabe que você recebeu ordens de alguém para pedir a ele para não divulgar qualquer informação sobre Nathan Bardel para mim na ocasião da minha pesquisa. Ele mencionará isso no tribunal.



Roman está vigiando a casa.

O carro está em seu lugar preferido, uma estreita estrada de terra próxima ao local, que é praticamente deserto à noite. Ele observa esta casa há dois dias, e não consegue esperar mais. Contou cinco pessoas que vivem nela, uma mãe, um pai e seus três filhos.

Ele espera.

Enquanto isso, o nosso bom amigo Ryan Owen finalmente está tomando um banho. Ele alugou um quarto em uma pousada nessa cidadezinha. Vestiu-se e verificou sua Glock. Enfiou-a nas suas calças nas costas e caminha pela estrada.

Chega na primeira casa às sete. Bate na porta e fala com o dono da chácara, que lhe assegura não ter visto o suspeito. Ryan diz a ele para avisar sua família que um criminoso perigoso pode estar na cidade, e o homem em questão responde que eles vão estar à procura e não abrirão as portas.

Ryan vai até a próxima casa.

Deixem-me explicar o que é, do ponto de vista de alguém que está aqui agora: Ryan sabe que vai levar horas para percorrer as primeiras seis fazendas. As outras cinco, neste lado da cidade, ele tem a intenção de checar amanhã durante o dia. No dia seguinte, ele ainda tem o outro lado, e isso é muito chão para cobrir. Ele prefere fazer isso a pé, porque ainda está tentando encontrar Roman por aqui.

Roman está na sexta casa.

É absurdo como estão perto um do outro.

Estou com Roman agora, e com ele eu me lembro da sensação.

Ele é um caçador esta noite, como eu era há tanto tempo, por tantas noites.

A noite caiu sem piedade e ele está andando por esse grande pedaço de ruralidade.

O imóvel é composto de uma bela casa verde-clara e branca, árvores solitárias e um celeiro. Roman dá uma corrida para o celeiro, na esperança de encontrar qualquer coisa lá, desde alimentos a água ou possíveis armas.

NACIONAIS-ACHERON

Está fechado e ele se senta na grama, de costas para a madeira, feliz por estar descansando e pensando sobre o que vai fazer. Eu o vejo tomar uma decisão rápida. Ele vai esperar até que as luzes se apaguem na casa e arrombá-la. Vai dominar o homem primeiro, em seguida, cuidar da mulher. Então vai tomar um banho, comer, arrumar comida, água, dinheiro, roupas e sair. Ele sabe que ficou aqui por muito tempo, mas não tem a intenção de ir longe ainda. Ele gosta daqui.

Ouve passos.

Roman está assustado, mas não deveria. A pessoa caminhando da casa para o celeiro é uma mulher.

Estou surpreso ao entender que temo por ela, mas que já conheço seu destino.

Ela está andando descuidadamente, como fez muitas vezes no passado, uma dona de casa com um monte de bunda e coxas, cabelos castanhos na altura dos ombros e olhos grandes. Ela é o tipo de mulher que cheira a sabonete e comida, tem um pingente de unicórnio de prata na corrente em volta do pescoço e, provavelmente, uma Bíblia em sua mesa de cabeceira.

Roman é um filho da puta rápido quando pula nela, cobre sua boca e a empurra contra a parede de madeira. Ela está chocada demais para reagir, a princípio.

– Não grita, não grita – ele sussurra. – Mostre nos dedos, quantos na casa?
– Ele só quer ter certeza.

Ela leva um momento para entendê-lo, em seguida, mostra-lhe quatro dedos delicados.

– Quantas crianças?

Ela abaixa um dedo.

– Tem três filhos lá dentro?

Ela acena com a cabeça, com os olhos em lágrimas, porque está pensando neles, seus três meninos.

– Escuta, vadia – ele sussurra, e ela pode ouvir a emoção em sua voz. – Vou descobrir sua boca e você não vai gritar, entendeu? Porque se gritar, isso vai ser como matar os seus filhos. Sacou? Você fica quieta, e eu deixo eles em paz.

Ela acena com a cabeça.

Ele descobre sua boca, só agora avaliando sua aparência, já ereto.

– Abra o celeiro.

Ela lambe o lábio.

- Escute... – ela sussurra, a voz vacilante, como uma chama de vela.
- Faz o que eu mandei.

Ela abre o celeiro e ele a empurra para dentro.

A luz que vem através das portas abertas é suficiente para ele ver o interior. Roman empurra a mulher para baixo sobre o feno, violentamente, com o rosto pressionado contra o chão, e monta em cima dela. Ela está chorando tão silenciosamente quanto consegue, porque acredita no que ele disse. Sua esperança de que o marido e as crianças vão passar por esta noite ilesos é tragicamente maior do que seu medo neste momento. Isso é algo que me impacta. Isso é algo do qual eu sempre ouvi falar, mas nunca realmente acreditei ser verdade.

Roman é rápido quando puxa as botas dela e depois as calças jeans, para expor uma bunda branca e gorducha que ele cobre com seu corpo instantaneamente. Ele remexe com a calça jeans enquanto ela choraminga, e coloca-se dentro dela com a mão. Está silencioso no celeiro quando ele se move para cima contra ela. Os gemidos e pequenos gritinhos dela são contidos um pouco. Tudo o que ele pensa é o controle, a assertividade de sua masculinidade, o medo que inflige, e Kate, porque ela está sempre lá.

Os pensamentos da mulher variam rapidamente entre não, isso não está acontecendo comigo para ele vai embora e as crianças e John vão ficar bem. Ele termina, o momento de clímax desconectando-o do agora, e toma algumas respirações profundas para acalmar-se, já puto que acabou muito rápido. Ele vira a mulher para encará-lo e ela tem feno em sua camisa e no ninho de pelos púbicos. Dá um soco nela, uma vez no rosto, o suficiente para deixá-la quase inconsciente, e então coloca as mãos em torno de sua garganta.

É preciso resistência e força de vontade para estrangular uma pessoa, mesmo uma mulher. Ninguém fica parado ao ser sufocado. Os braços reagem, normalmente no seu rosto, e as pernas se contorcem como peixes. Ele aguenta enquanto ela se debate e aperta com mais força, os braços, os punhos e as mãos queimando, observando com prazer mais elevado, enquanto as veias dela parecem inchar, seus olhos se arregalam, seu rosto muda de cor.

Pela primeira vez, eu vejo o outro lado disso. Posso sentir o que ela sente, porque consigo entender seus pensamentos. Ela sente vertigem em primeiro lugar, em seguida, formigamento nos membros, zumbidos nos ouvidos, então, finalmente, seus movimentos perdem a força, ela tem convulsões sob

ele, e eu a vejo perceber que está morta. E se eu disser que ela morreu acreditando que seus filhos ficariam bem, você acreditaria em mim?

Bem, quando ela de fato morreu, e isso é algo que você sabe, você sabe quando uma pessoa se foi, eu não a vejo. Não me pergunte o porquê, porque eu não sei nada da minha condição atual. Apenas vejo uma mulher morta, um pedaço de carne, algo que estava lá e não está mais. Eu não sei se ela tinha uma alma, ou para onde foi, ou se eu não a enxergo porque ela não pertence ao mesmo lugar que eu. Para ser sincero, eu não poderia me importar menos. Eu me concentro no agora, porque uma merda ruim está prestes a acontecer, e o fodão de todos os tempos Ryan Owen não está por perto.

Putá que pariu!



A cidade pode ser tão solitária quanto o interior ou a praia quando você está tendo uma noite, um mês ou uma vida ruim. Mas não há lugar mais solitário do que a estrada. As luzes brancas sobre bombas de gasolina, o vento soprando, os caminhões, as pessoas que interrompem suas jornadas e seus veículos em algum lugar entre origem e destino.

Esta noite está quente, mas ventilada.

Ouçõ cigarras enquanto ando até a última casa.

A escuridão é tudo ao meu redor, o mato expectante, as estrelas acima.

Ouçõ a grama macia ser amassada sob meus pés enquanto faço o meu caminho para a casa de campo verde-clara com as luzes acesas.

Subo três degraus, bato.

Suspiro, o jovem teimoso dentro do meu corpo cansado, mais velho, me dizendo para ir embora, para ir para casa e deixar que a polícia e o FBI façam o seu trabalho.

É quando percebo que ninguém abriu a porta.

Toco a campainha, mas não alarmado, apenas exausto.

Meu estômago se vira e eu sei que vou para Pollos Compadres novamente, desta vez não para explorar, mas para comer, usar o banheiro, para me sentar.

Agora estou no limite.

Toco de novo e vou até a janela.

Através das cortinas, não vejo nada, exceto um conjunto de mesa de jantar com pratos sujos sobre ela.

Não é nada. Talvez eles tenham comido, as crianças estão dormindo, e eles estão assistindo à TV na cama.

Será que deixariam a mesa assim?

Eu conto cinco pratos, três são de plástico decorado das crianças.

Estou paranoico, não estou? E se eu arrombar, cometendo um delito, e descubro que as crianças estão dormindo. Talvez esse cara esteja apenas comendo a esposa e eu assuste os dois, e acabo não apenas indo para a prisão,

mas fodendo toda essa perseguição?

Nada ali está revirado, não há sinais de luta. Roman é um cara grande, mas ele não pode subjugar dois adultos sem uma arma, sem deixar sinais.

Eu tento a porta da frente e está trancada.

Coma. Durma. Volte pela manhã.

Afasto-me, olhando ao redor. Não há nada além de mata escura e estrelas brilhantes. Sem lua. Tenho que voltar para o meu carro, a quilômetros de distância. Pergunto-me se eu não superestimeei a minha condição física quando me propus a fazer isso.

Chego ao restaurante quase na hora de fechar.

Peço uma refeição de coxas de frango, milho, arroz e salada cole slaw. Mastigo e engulo tudo como se pudesse estrelar o programa Maior Homem do Mundo, bebo uma cerveja grande e me sinto muito melhor.

Morrendo de vontade de dormir, vou ao banheiro enquanto o pessoal do Pollo está começando a limpar.

Faço xixi, e olho no espelho enquanto lavo minhas mãos. Ainda é difícil me reconhecer com este cabelo de Speed Racer e sobrancelhas agressivas. Então eu paro.

Eu viro meu corpo lentamente e caminho até o cubículo do meio dos três que existem. No interior, vejo o diálogo que alguém criou e respondi:

Por que deus crio a mulher?

Pra carregar porra da cama pro banheiro.

Falô tudo!

E abaixo, a mensagem:

Agente Owen, se tá aí, saiba que nunca vou deixar a Kate em paz

Meu coração faz um salto mortal.

A verdade é que não é de todo ruim. Parte é bom, porque eu sabia, eu sabia que estava certo, eu sabia que esse era o lugar perfeito para ele e que ele ainda está aqui. Mas a ameaça. A maldita ameaça é difícil de engolir.

Ver o nome dela escrito ali, nesse lugar imundo...

Fico olhando para a frase por Deus sabe quanto tempo.

NACIONAIS-ACHERON

Não consigo deixar quieto. Física e emocionalmente esgotado como estou, eu nunca estive mais perto e simplesmente não posso deitar e dormir sabendo, sabendo com certeza agora, que Roman está aqui.

A casa. Ela fala comigo. Ela diz seu babaca idiota, não há nada acontecendo, mas você não será capaz de relaxar até saber. Então venha, meus braços estão abertos.

Tenho que ir de carro. Não posso andar todo o caminho até lá, especialmente da cidade. Eu nem conseguiria, mesmo se tivesse dezoito anos de novo, mesmo se eu não tivesse sido esfaqueado na perna.

Pego o carro e dirijo pelas ruas desertas deste pedaço de ruralidade, tão sereno, tão isolado, quase puro.

Decido não estacionar muito perto.

Deixo o carro com o pisca alerta ligado, no acostamento da estrada e atravesso a pé, penetrando na fazenda, a cada passo, até ver a casa. As luzes ainda estão acesas. É meia-noite, em ponto.

As cigarras cantam em torno de mim e sinto sombras que rastejam quando me aproximo e algo me faz sacar minha arma.

Esta é uma daquelas situações: se eu estiver certo, tenho que encontrar uma maneira de entrar que não avise o filho da puta que estou aqui. Se eu estiver errado e fizer isso, posso apavorar essas pessoas, talvez até mesmo leve um tiro de um homem de família honesto, e na melhor das hipóteses, ser acusado de invasão de domicílio.

Mas...

Mas eu sei que estou certo.

Ouçó Bardel:

e você me chama de narcisista.

Cale a boca, Nathan.

Percebo que estou suando. Espero um segundo com os olhos fechados, as duas mãos sobre a Glock. Mais uma vez tento a porta, só para ter certeza.

E, porra, está aberta.

Isto me faz hesitar.

Dou um passo para dentro, meu corpo tenso, mas lento e silencioso. Uma agradável sala de estar, o mobiliário feito de algaroba texana, estofado florido, cortinas brancas e macias. Vejo molduras de três meninos e sinto o medo me morder com dentes de piranha. Afasto pensamentos do meu filho Aidan e do meu filho que vai nascer.

Absorvo o que posso da sala ao meu redor: a foto de família na parede me

mostra um casal branco em seus trinta e tantos anos com meninos com idades entre três e onze. Bandeira americana, Jesus Cristo.

Eleitores do Rogers, hein?

A abundância de porcelana herdada exibida em uma cristaleira.

Mochilas e tênis infantis em um canto.

Vejo uma prateleira com uma dúzia de livros, no máximo; são romances do tipo açucarado e completamente irreais. É ela quem lê nesta casa, mas é esporádica, portanto, ocupada. Vou para a cozinha em frente, vendo a mesma mesa que vi antes. Eles terminaram a refeição com a família, mas não tiveram tempo de limpar as coisas. A julgar pela limpeza do resto da cozinha eu diria que isso não é normal aqui.

Comiam bolo de carne moída e purê de batatas, ervilhas e brócolis. Beberam suco de laranja. Estudo o balcão da cozinha e vejo uma lancheira aberta e uma bombinha. Posso jurar que vi um maço de cigarros na sala de estar. Dele ou dela, Ryan? Com um membro da família com asma é altamente improvável um pai ou mãe fumarem dentro da casa. E é altamente improvável que ela continuaria a fumar, dependendo da gravidade da asma. Acredito que o pai é o fumante.

Pego a bombinha e a coloco no bolso do meu jeans. Não tenho ideia da condição na qual esta criança pode estar, mas tenho certeza de que ser refém não está fazendo muito bem para a asma. Fazendo o mínimo de barulho possível, abro uma gaveta à prova de crianças e pego uma boa faca de carne. Eu a colo contra o exterior da minha perna usando plástico filme em torno dela. Abaixo a barra das calças jeans sobre esta medida improvisada de desespero e começo a sair da cozinha.

Não ouço nada neste íterim.

Há um quarto neste piso. Dou passos lentos em direção a ele, minhas mãos suando no punho da minha arma. A porta está aberta e espio dentro. Nada.

Só resta o andar de cima.

Minha subida pelos degraus acarpetados é longa e árdua. Não tenho ideia se alguma tábua faz ruídos, as luzes estão apagadas lá em cima. Eles estão dormindo e vou dar-lhes ataques cardíacos, ou estão mortos.

Cale a boca, Ryan, eles estão bem.

Então eu ouço.

Plástico esmaga sob os meus pés. Do tipo duro, prateado de um pacote que envolve algo comestível. Eu olho e vejo um saco vazio de salgadinhos de queijo.

Isto não deveria estar aqui, deveria?

E imediatamente sinto o cheiro de fumaça.

É Roman, e acabou de acender um cigarro, posso sentir o cheiro de fósforo queimado. Se ele acabou de acender um cigarro, deve tê-los encontrado no quarto dos pais. Se ele acabou de acender um cigarro, não ouviu o som da embalagem, Ryan.

Estou finalmente no patamar, e olho ao redor para ver quatro quartos e um longo corredor que leva ao principal, onde as luzes estão acesas. O cheiro de fumaça é pungente. O tapete permite que eu me mova silenciosamente, e o faço, a minha Glock apontada à minha frente.

Mas agora congelo.

O quarto se abre para mim, quando vejo a tragédia dentro.

O local foi palco de uma luta, objetos da mesa de cabeceira no chão, um abajur aceso em cima da cama, a colcha amassada. Um homem encontra-se no chão, e me encho de medo quando vejo os ferimentos de bala: dois perto do peito. Não há como Roman ter uma arma pela maneira como saiu de casa, e também porque ele já a teria usado para conseguir comida. Não, este homem provavelmente tinha uma arma e lutou para pegá-la. Agora Roman está armado.

E atrás de mim.

Não há tempo para virar. Sou chutado, com força, na parte inferior das costas e caio na cama. Eu me viro de costas e atiro contra a sombra vindo em minha direção, mas a bala atinge a parede atrás dele e ele se aproxima (perto demais?). A Taurus 1911 9 milímetros do dono da casa está apontada diretamente para o meu rosto, e está pronta para disparar.

Coloco minhas mãos para cima.

Roman sorri para mim.

– Se livra da Glock, babaca.

É, ele ouviu o pacote de salgadinho.

Lentamente, empurro a Glock para longe até que a ouço cair atrás da cama.

Eu nunca estive cara a cara com ele.

– Como me encontrou? – ele pergunta.

Ele tomou um banho, trocou de roupa, mas não descansou. Sua barba cresceu, ele tem bolsas muito flácidas sob seus olhos. Vejo que a pele está machucada nos nós dos dedos direitos.

– É meu trabalho, Boyd.

Não tenho dúvidas de que ele vai me matar. Isso não me assusta, mas me

deixa triste que vá ganhar.

– Agente Owen. Cabelo preto.

– Sim, sou eu.

Ele está pensando sobre o que fazer. Se fosse sábio, atiraria no meu rosto. Mas seu narcisismo e orgulho machão estão puxando a perna dele.

– Viu a puta no celeiro?

Não, eu não vi. Então ele matou a mãe lá fora.

– Vi sim – eu digo.

– Ela não foi tão boa quanto a Kate, agente Owen.

Apenas olho em seus olhos. Eu não vou. Eu não vou deixar isso me atingir.

– Mariquinha – eu digo.

Ele esboça um sorriso.

– Que foi?

– Não estou armado. Por que você está? Não encara uma briga de verdade?

Ryan... você foi esfaqueado, você está exausto e velho.

Cale a boca, Nathan, pelo menos tenho uma chance.

Orgulho machista. E está mordendo a parte de trás do seu pescoço, nublando seu julgamento.

Ele joga a arma.

Eu não vou esperar. Chuto-o primeiro, surpreendendo-o, e consigo levantar.

Ele quer a luta, ele não tem uma boa briga há anos e eu sou bom para seu orgulho, porque sou uma figura de autoridade, sou o homem da Kate, sou bem-sucedido, eu recebo um salário do governo.

Até onde ele sabe?

Cala a boca, Nathan!

Aqueles dois anos de boxe na academia voltam para mim. Relaxo meus punhos e olhamos um ao outro nos olhos. Ele faz o primeiro movimento. Golpeia o ar em um gancho de direita do qual me esquivo, o que me dá o ângulo perfeito para um soco nos rins. Fecho meu punho no momento do impacto e sinto uma costela quebrar. Sua reação já está em mim, me surpreendendo, enquanto ele vira de uma vez o cotovelo, que encontra o meu queixo.

Minha mandíbula arde e estou contente de ser mais alto do que ele, caso contrário teria sido o meu nariz. Mas é o suficiente para ele me agarrar pelos cabelos e me jogar no chão. Eu acabo caindo sobre o homem morto, nas pernas, e a sensação me desconecta da luta por um segundo no qual sou puro

horror insaturado. A bota pesada de Roman está em mim na mesma hora. Consigo fazer um movimento evasivo, por isso me pega no peito, e não no rosto, mas causa seu dano. Perco o fôlego e reajo, agarrando sua perna num ângulo que não é suficiente, uma força que não é suficiente, torço seu pé.

Roman perde o equilíbrio e cai, mas usa a posição para me chutar de novo. Atinge meu braço, queimando-o, antes de eu ser capaz de me mover para trás, afastando-me do cadáver, e com espaço suficiente para me mexer e conseguir me levantar. Eu sempre lutei melhor em pé.

Mas não neste momento, porque ele caiu de cara com a minha Glock. Tempo insuficiente, é tudo que penso, e meu próximo passo é simplesmente estúpido, estúpido, cruel e patético, mas é a única coisa que tenho antes que ele atire em mim.

Calculando o peso que preciso levantar, invisto toda a minha força em meus braços e puxo o pai de família sem vida para mim, abraçando-o, empurrando meu rosto contra as costas dele, e ouço os tiros, sabendo que as balas o atravessarão, mas esperando que seus órgãos, e músculos e ossos as façam perder velocidade, esperando que esta não seja minha hora de morrer.

Elas o perfuram, e sinto uma em mim. Gritando, aperto meus dentes e empurro o cadáver para a frente com tudo o que sou. Caímos sobre Roman, ele grita, e vejo que vai conseguir liberar seu braço. Ele acidentalmente aperta o gatilho enquanto tenta, e há dois tiros. Eu tenho apenas espaço e tempo suficientes para pousar um, apenas um soco em seu rosto, e esse é o meu movimento de pugilista, esse é o meu movimento Ali-Leonard, esse é o meu soco, meus dedos sentindo o impacto, dois de seus dentes quebrando. Ouço o clique seco da Glock.

Olho em volta, em busca da Taurus, mas não a encontro.

Levo um soco no queixo e ele me desorienta.

Roman está se movendo debaixo de mim, sob o cadáver. Levanta-se e corre para a porta. O meu cérebro me vê indo atrás dele e o empurrando escada abaixo, mas meu corpo não obedece.

Eu olho para baixo e vejo o porquê.

Uma bala na minha coxa, outra no meu antebraço.

Ah, não, mas eu tenho que ir.

Eu me agarro na cama e me forço para cima. Sei que a dor só vai piorar, mas tenho que ir.

Você está morto, meu velho. Tão morto quanto eu.

Ainda não.

Vou atrás dele, fingindo que estou correndo, porque correr vai ser uma merda de agora em diante. Eu penso na arma e em voltar para ela.

Então eu paro.

As crianças.

Ryan, vá atrás dele!

Não posso.

Porra!

Fecho meus olhos. Só tenho que verificar. Tenho que verificar.

Eu cuspo.

– Merda! – E viro. Mancando, fazendo algo que deveria se parecer com correr, minha perna esquerda arrastando mais do que pisando, entro no primeiro quarto que vejo. Nada.

Indo para o próximo, posso sentir o meu suor, minha coxa ardendo, e ouvir os meus gemidos.

Eu paro e puxo uma respiração profunda. É respiração que escuto também. Coitados.

Abro a porta do guarda-roupa, fazendo-os gritar e gritar de horror, de medo. Eles estão sentados lá, abraçando-se.

Merda. Roman está fugindo.

– Vocês três estão bem? Tenho que ir, tenho que ir agora mesmo!

O mais velho está em lágrimas, ele concorda.

– Ele tem outra bombinha?

Eu sei que a maldita coisa está no chão do quarto dos seus pais, mas...

Ryan, ele está fugindo!

Não posso correr o risco de verem seu pai daquela forma.

– Ele tem?!

– Sim... – Ele chora. – Sim, senhor.

– Não vão para o celeiro! Não vão para o quarto dos seus pais!

– Sim, senhor.

– Chame a polícia, garoto – eu lato, antes de virar para ir embora.

Enquanto tento descer a escada, percebo duas coisas de imediato: Ele vai fugir porque eu levei muito tempo, estou lento demais agora. E...

Ele deixou um rastro de sangue para trás.

Sangue de verdade, fluido mesmo. Nada de gotinhas, mas uma faixa.

Aperto o passo, mesmo isso arrancando gemidos de dor de mim, e, finalmente, chego ao térreo. Eu ainda tenho a faca, me lembro, mesmo tendo perdido a arma.

Lá fora é noite encarnada. Escuridão, silêncio, cigarras e a mata.

Posso rastrear o sangue, minhas próprias feridas começando a pulsar, queimar, enviando faíscas de morte por mim. Então escuto um carro sendo ligado. Não é o meu, está mais próximo.

Você tem que correr, Ryan.

Bem, sim, eu tenho que correr.

Meu carro está a uns cem metros de distância.

Duzentos passos talvez, na minha situação atual?

Não, menos que isso.

Então eu corro. Parece que meus joelhos estão se despedaçando, meu recente ferimento de faca, cortesia do governador, acolhedor e familiar, meu queixo doendo, meu coração bombeando sangue que está correndo delicadamente pela minha coxa e meu braço. Passos são dor, simples assim, e estou chorando por isso, eu realmente estou, e pelo contato com aquele cadáver, e pelos gritos daqueles meninos e por ser capaz de imaginar vividamente demais o que a mãe deles passou.

Ele está disparando na estrada, eu ouço, mas não me atrevo a parar para olhar.

Porra, se eu tivesse chegado àquela Taurus poderia pelo menos atirar.

Quando chego ao meu carro, não ouço mais Roman. Entro, e por um segundo eu apenas fico sentado lá, porque minha mente vira um clarão. Chaves, chaves...

Enfio a mão no bolso e as chaves conseguiram permanecer lá. O carro treme com vida quando viro a chave e arranco. Puxo meu cinto de segurança, porque é um hábito e filhos da puta velhos como eu mantêm os seus hábitos. Eu piso no acelerador, ganhando velocidade, meu coração batendo, porque não o vejo.

O asfalto liso, árvores em ambos os lados, aperto o pé no pedal com tanta força que quase posso ouvir minhas feridas berrarem.

O Avalon vem à vista.

Está instável. Imagino que ele estava tentando aplicar pressão sobre a ferida e dirigir com apenas uma mão.

– Onde está ferido? – percebo que estou gritando, meu corpo se inclinando para a frente, o pé no acelerador. – Sangra, filho da puta!

E então acontece.

Está acontecendo com ele a princípio, e menos de um microssegundo depois, comigo.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Quando vejo o primeiro acidente, não me surpreende da forma como uma pessoa fica aturdida, no sentido de que eu não tenho uma reação física a isso: dar um pulo, me encolher, fazer uma careta. Medo manifesta-se em mim agora.No corpo inteiro. Da cabeça aos pés. É um sentimento que se dissipa através de tudo o que sou, lentamente, quase com ternura.

Havia um carro parado no acostamento. Estava vazio, porque sua proprietária, Dra. Kimberly Sawyer, entrou no mato para urinar, uma vez que não aguentava mais segurar, e parar no posto de gasolina próximo faria com que ela se atrasasse para o café da manhã com sua filha Gláucia.

O Avalon roubado de Roman bate contra o carro dela, por trás depois de escorregar no asfalto. O impacto vira o carro, todas as janelas quebrando imediatamente, enquanto a parte traseira traça um compasso e o carro finalmente capota. Não há cantada de pneus ou algo do tipo antes do carro de Ryan se encontrar com o Avalon em um beijo ensurdecador de metal e inércia.

O Rover de Ryan é jogado sobre o Avalon que ele esmaga e pousa em sua parte superior, ambos os veículos enviando faíscas ao redor deles enquanto deslizam (sim, eles DESLIZAM) pelo asfalto.

O barulho que faz é excessivo, cruel, exagerado.

Então só há o barulho de vidro.

Eu vejo a mulher, Kimberly, correndo para fora das árvores em direção ao seu carro, completamente horrorizada. Suas mãos se movem para os cabelos num primeiro momento, os lábios entreabertos e os olhos esbugalhados. Então ela começa a correr para o carro mais próximo a ela: o Avalon.

No Avalon, Roman está vivo.

Ele está sangrando intensamente pelo estômago, onde acidentalmente atirou em si mesmo durante a briga. O airbag explodiu em seu rosto e quebrou seu nariz, ele tem uma costela quebrada e ombro deslocado. Kimberly se ajoelha e vê que ele está inconsciente.

– Ah, meu Deus – ela está gritando, apavorada. – Senhor!

NACIONAIS-ACHERON

Ela ouve metal arrANHAR o asfalto e vira a cabeça loira por cima do ombro para ver a porta do Rover se abrindo.

Ryan engatinha para fora do veículo, braços sangrando, cheios de vidro.

Ela se levanta e corre até ele.

– Cristo! – ela grita. – Você está bem?

Ele não consegue falar.

Ele apenas se empurra para fora, tentando avaliar o dano causado ao seu corpo.

– Ah, desculpe! – Ela ainda está gemendo. – Ah, meu Deus, eu só parei por um segundo...

– Ele está vivo? – ele arfa.

Kimberly olha para o outro carro.

– Não sei, senhor, mas por favor, fique parado, deixe-me examiná-lo, por favor, deite-se e fique parado!

Ryan quer apenas fechar os olhos e dormir. Ele acha que vai.

– Senhor, por favor, deixe-me ajudá-lo! – ela diz novamente.

– Celular.

Ela está um pouco desorientada, como se não se lembrasse do que essa palavra significa. Então procura em seu bolso de trás e tira um iPhone.

– A polícia – ele resmunga.

Ela aperta 9-1-1.

Ele não ouve sua descrição do que está acontecendo. Ele se ajoelha, então tenta se levantar. Percebe que não tem forças. Então Ryan rasteja, sentindo pequenos cacos de vidro pressionarem contra as palmas das mãos, até estar olhando para Roman Boyd, desmaiado dentro do carro, com a cabeça para fora, seu corpo numa posição desajeitada, de cabeça para baixo. Ele tateia a perna atrás da faca e a encontra.

Puxa-a em um único movimento doloroso.

A voz de Kimberly está em algum lugar no fundo de sua mente.

– ... do nada, e um deles está vivo, o outro não tenho certeza, bem paralelos à rodovia dezessete...

Mas Roman está vivo.

Ryan espera um momento.

Ele solta uma gargalhada, uma risada que me assusta, e em seguida, fecha os olhos e geme algo que se transforma em uma espécie de rugido. Acho que ele está ficando louco.

Mate-o, Ryan.

Mas ele suspira, e começa a chorar, e toca a testa no asfalto. Coloca a faca para baixo em um movimento lento, e se levanta com toda a força que consegue reunir.

Só quer ficar longe de Roman, da estrada e dormir.

Cai na grama e fecha os olhos, afundando na escuridão, em um sono sem sonhos, em absolvição.



Não há finais felizes.

Mas há esperança.

Eu sou a mesma idiota de sempre, porque quando Ryan acorda no hospital depois de ser operado, choro como se fosse a única coisa que soubesse fazer. Seguro sua mão, amando sua mão, odiando seu cabelo e sobrancelhas escuros, e choro, e não estou lá grandes coisas para um homem que acabou de acordar; tenho olhos vermelhos e ranho perto da minha boca e ombros tremendo. Ele sorri para mim, mas ele está detonado.

Roman está vivo devido ao agente que se recusou a matá-lo, e a uma mulher, Kimberly, que conseguiu controlar a hemorragia até a polícia chegar. Ele foi julgado, onde alegou insanidade, mas no final, foi condenado à morte. Ele permanecerá no corredor da morte enquanto apela da sentença. Ryan e eu testemunhamos no tribunal e eu não posso explicar o quão difícil isso foi. Abraçamo-nos no meio da noite, recuperando-nos de nossas feridas, silenciosos, compartilhando apenas o calor do outro. Nós quase não falamos nessas semanas.

Morris será solto em quatro anos. Está recebendo tratamento e recebe visitas semanais da minha mãe. Meu pai se recusa a vê-lo. Papai chora por Amanda quando vai à igreja sozinho às terças-feiras, geralmente depois do almoço. Falo mais com o meu pai hoje do que durante a maior parte da minha vida. Ele não me pede desculpas por não ser um pai perfeito, e eu não me desculpo por ser uma filha de merda. Eu sou a única pessoa que ele tem agora, e suponho que nossas lentas, pausadas e superficiais conversas sobre o tempo, sobre Ryan, sobre política, é o melhor que podemos fazer, e isso não é ruim.

Ryan teve que testemunhar no tribunal contra Mathias Rogers. Este foi surpreendentemente o momento mais difícil para ele, porque acredito que o pior já tinha passado e os acontecimentos recentes estavam apenas começando a ser analisados por ele. Ele está sendo forçado a fazer terapia com a Dra. Annatil Fowler, e topou porque o FBI quer tê-lo de volta como

NACIONAIS-ACHERON

consultor. Ryan finge que está fazendo um favor para eles, quando, na verdade, sei que ele precisa disso. Mathias Rogers foi condenado a treze anos em uma instituição federal de segurança máxima. Ryan recebeu e-mails de ameaça. Ele simplesmente os ignorou.

Ele acompanhou o caso dos meninos da fazenda. São filhos de Trisha e John Kingsley, seus nomes são Rafael, Benjamin e Dennis. Eles morarão com Gemma, a irmã de John, no Missouri.

Eu escrevi e publiquei o livro.

No início, eu disse que não o faria. Odiei o frenesi da mídia sobre o assunto, odiei a bajulação e dinheiro que a Sahara jogou na minha cara. Odiei como eles não se importaram o suficiente para lê-lo, como só o queriam enquanto as histórias estavam em todos os noticiários, e quando o aniversário de um ano da execução de Nathan Bardel estava chegando. Com raiva, disse a Ryan, enquanto ele saía do banho:

– Não vou publicar o livro. Foda-se a Sahara.

Eu me lembro dele de pé, toalha na cintura, cicatrizes em seu braço, coxa e perna, olhando para mim, e perguntando:

– Então por que o está escrevendo, Kate?

Ponderei sobre isso por um longo tempo. Sim, eu descia as escadas furtivamente para clicar no teclado, para terminar a maldita coisa, para incluir a história de Sarah Rogers. Eu ainda ouvia as músicas clássicas. Então pensei sobre isso. E quando o livro Eu vejo Nathan: A História de um Serial Killer estava terminado, Ryan o leu em quatro horas. Em seguida, tirou os óculos de leitura e olhou para uma carente Kate ao lado dele na cama e disse:

– Está magnífico.

Eu desabafei:

– Precisei escrevê-lo. Não para eles, mas para mim. Sinto Nathan comigo. Não me diga que é estresse pós-traumático, porque não é. Tudo começou no momento em que decidi escrever o livro, Ryan. Por favor, não olhe para mim como se eu fosse louca. Mas eu precisava escrever. Acho que agora com sua história contada aqui, ele vai se sentir ouvido. Eu acho que ele vai me deixar em paz.

Ele não me respondeu. Como poderia? Ele se perguntava se estava apaixonado por uma porra de uma lunática, é claro que não respondeu. Apenas sorriu e disse que eu poderia ganhar um milhão a mais se ele escrevesse a introdução. E ele escreveu, porque ele é Ryan. Nunca dei a mínima para o milhão adicional. Na verdade, não sei quanto dinheiro o livro

gerou. Doei quase todo para três diferentes instituições que apoiam vítimas de estupro. Não porque sou uma boa menina, mas porque eu nunca senti que o dinheiro era meu, e nunca me senti confortável com ele.

Nós não vamos nos casar ou algo assim. Ele me pediu para morar com ele. Hesitei, não tinha certeza sobre Fort Lauderdale. No final, ele me convenceu. Eu me mudei, mexi um pouco na casa, ele montou um escritório para mim. Passo a maior parte do meu tempo lá, escrevendo.

Ryan me faz um lanche, às vezes, beija minha cabeça, então senta-se para fazer as coisas dele: sua pesquisa, sua própria escrita, suas coisas. Nós não precisamos falar, sabe? Nós nos curamos com o silêncio compartilhado, nos curamos apenas por estarmos próximos.

Nós temos um menino de um ano. Seu nome é Jack.



Vejo Kate e ela está sorrindo. Talvez ela até consiga mesmo ser uma boa mãe.

Ryan está lecionando, escrevendo e seguindo em frente. Kate compartilha sua vida entre as palavras que ela semeia em seu computador e o bebê que toma demais o seu tempo e energia.

Nem sempre falam de mim, mas quando o fazem, não importa onde eu esteja, posso ouvi-los. Faço isso com algum tipo de carinho, suponho.

Eu ainda estou aqui.

Visito Morris, visito Roman, estou por perto, até que eu entenda porque ainda estou aqui, até entender quem eu sou. Devo admitir que está me mudando, ver o mundo e ver as pessoas da maneira que agora posso. Talvez essa seja a finalidade, talvez não haja nenhuma.

Peço que me mantenha vivo, sabe? Pense em mim às vezes, quando ouvir música clássica, Mussorgsky, Chopin, Beethoven... Pense em mim quando puder.

Talvez eu possa ver você, também.

PLAYLIST DO NATHAN

Boccherini – Minuet
Debussy – Claire de Lune
Lizst – Liebestraum n. 3
Beethoven – Symphony n. 5:1
Bach – Toccata and Fugue em D menor
Chopin – Nocturne op 9
Orff – Carmina Burana: O Fortuna
Chopin – Requiem: Lacrimosa
Vivaldi – Four Seasons: Winter
Brahm – Lullaby
Mozart – n. 40
Mussorgski – Night on Bald Mountain
Prokofiev – Romeo and Juliet

Bônus: Pachebel – Canon em D maior.

FACEBOOK EMPÍREO
INSTAGRAM EMPÍREO

Table of Contents

[ebook](#)